

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES**

RENATA GARCIA SENLLE

Conversas de Mães em Rede

**Um percurso netnográfico, dos blogs maternos até a Bancada de Mães Ativistas
nas eleições de 2018 no Facebook”**

São Paulo

2020

RENATA GARCIA SENLLE

Conversas de Mães em Rede

**Um percurso netnográfico, dos blogs maternos até à Bancada de Mães Ativistas
nas eleições de 2018 no Facebook**

Versão Original

Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes,
da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de
Mestre em Ciências da Comunicação.

Área de Concentração: Interfaces Sociais da Comunicação

Orientador

Prof. Dr. Paulo Roberto Nassar de Oliveira

Coorientadora

Prof.^a. Dr.^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti

São Paulo

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Senlle, Renata Garcia

Conversas de Mães em Rede: um percurso netnográfico, dos blogs maternos até a Bancada de Mães Ativistas nas eleições de 2018 no Facebook / Renata Garcia Senlle; orientador, Paulo Nassar; coorientadora, Vanessa Cavalcanti. -- São Paulo, 2020. 288 p.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação - Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo. Bibliografia
Versão original

1. Maternidade – Redes Sociais 2. Maternidade - Feminismo 3. Maternidade - Política
4. Ativismo digital materno 5. Novas Narrativas I. Nassar, Paulo II. Cavalcanti, Vanessa III. Título.

CDD 21.ed. - 302.2

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

Nome: Renata Garcia Senlle

Título: Conversas de Mães em Rede: um percurso netnográfico, dos blogs maternos até a Bancada de Mães Ativistas nas eleições de 2018 no Facebook

Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes,
da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de
Mestre em Ciências da Comunicação.

Aprovado em: ____ / ____ /2020

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Para meu filho Bernardo, que inaugurou a coragem e os questionamentos que me trouxeram à vida acadêmica. Para minha mãe Yvette Leda (em memória) e minha avó Maria Dulce (em memória), pela inspiração ainda viva.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente ao meu orientador, o professor Dr. Paulo Nassar pela oportunidade de ingressar na vida acadêmica, realizar essa jornada e concluir este trabalho.

À minha professora da adolescência, Vanessa Cavalcanti, que iluminou meu desejo pelos saberes a partir do feminino muito antes de eu saber sobre questões de gênero e feminismos, e que hoje tenho a honra de contar como coorientadora.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento e Pesquisa (CNPQ) pelo apoio fundamental para a realização dessa pesquisa, que se faz mais relevante nesses tempos em que estamos.

Aos filhos das 10 integrantes da Bancada de Mães Ativistas que entrevistei e que me permitiram interromper a atenção que suas mães lhes dedicavam, às vezes por mais de hora, para assuntos que eu espero que estejam à altura desse precioso tempo confiscado.

Às integrantes da Bancada de Mães Ativistas: Alessandra Minadakis, Andrea Werner, Anne Rammi, Ilka Teodoro, Lana Paula Luna, Laura Muller Sagrilo, Ludmila Suaid, Polly do Amaral, Raquel Marques e Thais Ferreira por atenderem tão prontamente ao meu pedido para partilharem suas jornadas em longas entrevistas.

Aos professores Luiz Alberto Bezerra de Farias e Ana Torezan por contribuições imprescindíveis a este trabalho desde a qualificação. Às amigas Heloisa Righetto, Natália Tamura e Tayná de Paula, pela amizade e colaboração fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa. A Tato Carbonaro e Mariana Della Barba, por tudo isso e pela “doulagem intelectual”.

A todos que colaboraram em maior ou menor grau para o desenvolvimento e conclusão deste estudo: meus sinceros agradecimentos.

“Todos os pretextos são bons para as mulheres se encontrarem. Nos reunimos para refletir juntas sobre a origem do patriarcado, do trabalho doméstico, do aborto, do estupro, da homossexualidade, do desejo, do prazer, dos ciúmes, da violência. Nos reunimos por bairro. Nos reunimos por afinidade. Para tocar música, costurar, cuidar das crianças. Nos reunimos para falar de nós mesmas, de nossas experiências e de nossos problemas, como se os grupos de mulheres possuíssem as chaves para aquilo que cada uma de nós não pode encontrar sozinha. Os grupos se formam e se desfazem, no tempo de uma rosa, de um inverno ou de um ano...Eles mudam de assunto ou de nome, em função do caminhar de cada uma” (PICQ, Françoise. 1993, p.121-2)

Senlle, Renata Garcia. **Conversas de Mães em Rede: um percurso netnográfico, dos blogs maternos até a Bancada de Mães Ativistas nas eleições de 2018 no Facebook.** 2020. 288 f. Dissertação de Mestrado – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2020.

RESUMO

Este trabalho se propõe a estudar a interação de mães no ciberespaço, desde o início das redes sociais digitais, para compreender como esse ambiente proporcionou novas conexões e articulações para esse grupo, além de tensionar o papel de mãe e da maternidade na contemporaneidade, utilizando o ciberfeminismo e as ondas feministas como referência. Por meio de levantamento bibliográfico a investigação propõe uma sistematização das conversas das mães em rede, a partir das plataformas de redes sociais utilizadas por elas, dos modos, objetivos e temáticas que se sobressaem nessas interações. Como recorte, a pesquisa trata do uso do Facebook na campanha política das 11 integrantes da Bancada de Mães Ativistas e do envolvimento dessas candidatas com as redes sociais, ativismos, feminismo, maternidade e política, apoiada em metodologia netnográfica e entrevistas em profundidade para identificar a jornada dessas mulheres frente a sistematização proposta. O estudo visa contribuir com o entendimento das novas mídias como espaço que propiciam novas relações de poder para as mães, com características específicas de articulação, conexão, ativismo e envolvimento político.

Palavras-Chave: Maternidade e Redes Sociais; Maternidade e Feminismo; Maternidade e Política, Ativismo digital materno; Novas Narrativas.

Senlle, Renata Garcia. **Mom's Digital Network Conversations: a netnographic journey, from the maternal blogs to the Activist Mothers Bench in the 2018 elections on Facebook.** 2020. 288 p. Master's Dissertation – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2020.

ABSTRACT

This work proposes to study the interaction of mothers in cyberspace, since the beginning of digital social networks, to understand how this environment provided new connections and articulations for this group, in addition to stressing the role of mother and motherhood in contemporary times, using cyberfeminism and feminist waves as a reference. Through a literature review, this investigation offers a systematization of conversations between mothers embedded in digital space, based on social media platforms they use, the ways they utilize it, and the objectives and themes that stand out in these interactions. The research focuses on the use of Facebook during the political campaign of the 11 members of the *Bench of Activist Mothers* and the involvement of these candidates with social networks, activism, feminism, motherhood and politics, supported by netnographic methodology and in-depth interviews to identify their journeys towards the proposed systematization. The study aims to contribute to the understanding of new medias as a space that provides new power relationships for mothers, with specific characteristics of articulation, connection, activism, and political involvement.

Key-words: Motherhood and Social Networks; Motherhood and Feminism; Motherhood and Politics; Maternal Digital Activism; New Narratives.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1: N° de seguidores *fanpage* Mamatraca_____ p.68
- Figura 2: N° seguidores *fanpage* ‘Cientista Que Virou Mãe’_____ p.68
- Figura 3: N° de seguidores *fanpage* ‘Lagarta Vira Pupa’_____ p.68
- Figura 4: Post de grupo secreto do Facebook com troca de informações de mães candidatas às eleições 2018_____ p.72
- Figura 5: post do Facebook de Andrea Werner com informações sobre as candidatas da Bancada de Mães Ativistas às eleições 2018_____ p.73
- Figura 6 – troca de informações grupo ReHuNa indicando divulgação de candidatas às eleições_____ p.73
- Figura 7: troca de informações no grupo da ReHuNa indicando divulgação de candidatas da Bancada de Mães Ativistas_____ p.74
- Figura 8: Post do Twitter da candidata Manuela D’ávila com a hashtag #MãesNaPolítica_____ p.86
- Figura 9: Grafo de termos relacionados à hashtag #MãesNaPolítica_____ p.87
- Figura 10: Gráfico de cor/raça das candidatas das Mães na Política nas eleições 2018_____ p.89
- Figura 11: Gráfico dos partidos políticos das mães candidatas nas eleições 2018_____ p.90
- Figura 12: Imagem de fundo do grupo da Bancada de Mães Ativistas no WhatsApp_____ p.101

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1 - Lista de mães candidatas com as pautas da maternidade e infância na Política - Eleições 2018_____p.78
- Tabela 2 - Dados sociodemográficos de mães candidatas com as pautas da maternidade e infância na Política nas Eleições 2018_____p.79
- Tabela 3 - Relação das Redes Sociais utilizadas nas eleições 2018 pelas candidatas _____p.81
- Tabela 4 - Dados do uso do Facebook nas campanhas políticas das candidatas da Bancada de Mães Ativistas_____p.92
- Tabela 5 - Dados sociodemográficos e eleitoral das candidatas da Bancada de Mães Ativistas em 2018 _____p.93
- Tabela 6 - Dados de ‘autodefinição’ das candidatas sobre feminismo, maternidade e ativismo_____p.96
- Tabela 7 – Uso das redes sociais e ativismos das candidatas da Bancada de Mães Ativistas_____p.98

SUMÁRIO

Introdução	p.14
1. Ciberespaço, cibercultura e ciberfeminismo	p.17
1.1. Ciberespaço	p.17
1.2. Ciberfeminismo	p.20
1.3. Novas Narrativas no ciberespaço	p.23
1.4. Das redes sociais digitais	p.25
1.5. Das redes sociais digitais no Brasil de 2018	p.26
1.6. Mídias, política, liberdade e as eleições de 2018 no Brasil	p.27
2. A maternidade – uma breve introdução sob uma perspectiva feminista	p.33
2.1. Primeira e Segunda Ondas Feministas	p.34
2.2. Terceira Onda Feminista	p.37
2.3. Feminismo Matricêntrico ou um feminismo para as mães	p.43
2.4. Uma Quarta Onda Feminista?	p.47
3. Novas narrativas para as mães– modos de usar o ciberespaço	p.49
3.1. Modo 1: O Pessoal é Público - uma história social de mães brasileiras e os seus diários maternos em rede	p.50
3.2. Modo 2: O pessoal é privatizado - mães blogueiras e influenciadoras digitais	p.53
3.3. Modo 3: O pessoal é político e digital - ativismo digital materno nas ruas, na rede e na academia	p.56
3.3.1. Movimento pelo Parto Humanizado	p.59
3.3.2. #MãesNaPolítica: um percurso pela metodologia netnográfica	p.65
3.4. Modo 4: O pessoal é político, digital e partidário - #mãesnapolítica	p.82
3.4.1. Das campanhas políticas maternas e o perfil de mães em campanhas políticas	p.88
4. A Bancada de Mães Ativistas	p.91
4.1. Da ‘autodefinição’ das integrantes da Bancada de Mães Ativistas	p.94
4.2. Das entrevistas com as integrantes da Bancada de Mães Ativistas	p.97
4.2.1. A criação da Bancada de Mães Ativistas	p.100
4.2.2. Da organização do post da Bancada de Mães Ativistas	p.104
4.2.3. O Pessoal é Público – falas de representação da Bancada de Mães Ativistas dentro desse modo de interação	p.106
4.2.4. O pessoal é privatizado – falas de representação da Bancada de Mães Ativistas dentro desse modo de interação	p.107
4.2.5. O pessoal é político e digital - falas de representação da Bancada de Mães Ativistas dentro desta fase de interação	p.108
4.2.6. Sororidade em rede	p.110
4.2.7. Sementes de Marielle Franco	p.111
4.2.8. Do feminismo	p.112
Considerações Finais	p.114

APÊNDICES _____ p.127

APÊNDICE A: Seção ‘Sobre’ da *fanpage* de Alessandra Minadakis no Facebook

APÊNDICE B: Publicação de Alessandra Minadakis sobre a Bancada de Mães Ativistas no Facebook

APÊNDICE C: Seção ‘Sobre’ da *fanpage* de Andrea Werner no Facebook

APÊNDICE D: Publicação de Andrea Werner sobre a Bancada de Mães Ativistas no Facebook

APÊNDICE E: Seção ‘Sobre’ da *fanpage* de Anne Rammi no Facebook

APÊNDICE F: Seção ‘Sobre’ da *fanpage* de Ilka Teodoro no Facebook

APÊNDICE G: Publicação de Ilka Teodoro sobre a Bancada de Mães Ativistas no Facebook

APÊNDICE H: Seção ‘Sobre’ da *fanpage* de Lana Paula Luna no Facebook

APÊNDICE I: Publicação de Lana Paula Luna sobre a Bancada de Mães Ativistas no Facebook

APÊNDICE J: Seção ‘Sobre’ da *fanpage* de Laura Muller Sagrilo no Facebook

APÊNDICE K: Publicação de Laura Muller sobre a Bancada de Mães Ativistas no Facebook

APÊNDICE L: Seção ‘Sobre’ da *fanpage* de Ligia Moreiras Sena no Facebook

APÊNDICE M: Seção ‘Sobre’ da *fanpage* de Ludmila Suaid no Facebook

APÊNDICE N: Seção ‘Sobre’ da *fanpage* de Polly do Amaral no Facebook

APÊNDICE O: Publicação de Polly do Amaral sobre a Bancada de Mães Ativistas no Facebook

APÊNDICE P: Seção ‘Sobre’ da *fanpage* de Raquel Marques no Facebook

APÊNDICE Q: Seção ‘Sobre’ da *fanpage* de Thais Ferreira no Facebook

APÊNDICE R: Publicação de Thais Ferreira sobre a Bancada de Mães Ativistas no Facebook

ANEXOS _____ p.143

ANEXO A Roteiro de Perguntas Bancada de Mães Ativistas

ANEXO B Transcrições de entrevista com Alessandra Minadakis

ANEXO C Transcrições de entrevista com Andrea Werner

ANEXO D Transcrições de entrevista com Anne Rammi

ANEXO E Transcrições de entrevista com Ilka Teodoro

ANEXO F Transcrições de entrevista com Lana Paula Luna

ANEXO G Transcrições de entrevista com Laura Muller Sagrilo

ANEXO H Transcrições de entrevista com Ludmila Suaid

ANEXO I Transcrições de entrevista com Polly do Amaral

ANEXO J Transcrições de entrevista com Raquel Marques

ANEXO K Transcrições de entrevista com Thais Ferreira

Introdução

A pesquisa “Conversas de Mães em Rede: um percurso netnográfico¹ do ativismo digital materno à Bancada de Mães Ativistas nas eleições de 2018” se dedica a investigar os modos de usos das redes sociais pelas mães e de como um grupo de mães passam de ativistas digitais maternas a candidatas às eleições em 2018, fazendo uso do Facebook para divulgar sua campanha conjunta. O ponto de partida são as relações entre redes sociais digitais, maternidade, feminismo e política. A investigação visa contribuir com os estudos que interseccionam essas temáticas.

No primeiro capítulo, a pesquisa traz um levantamento bibliográfico de referência com questões que circundam o tema, como: os conceitos de ciberespaço e cibercultura (LEVY, 2010) e do ciberfeminismo (HARAWAY, 2009), que organizam o arcabouço teórico e permitem analisar o contexto contemporâneo da formação de grupos e comunidades online, mais especificamente para o encontro e conexão entre mulheres-mães. Somam-se os impactos dessas tecnologias nas democracias avançadas (SUSSKIND, 2018) e de que forma elas proporcionaram novas narrativas e representatividades para indivíduos no ciberespaço.

Segue-se com uma breve conceituação das redes sociais digitais e de seu funcionamento no Brasil de 2018, com desdobramentos na mídia, na política e na liberdade, diante das eleições do ano em questão, marcado por polaridades estimuladas pelo próprio uso das novas mídias em campanhas políticas.

Entendendo a maternidade como um papel social e cultural construído e que reflete o tempo em que se insere, foi preciso se debruçar sobre a construção da mãe e as exigências sociais que elas reivindicaram para si e de como isso se desdobra na contemporaneidade. Desse modo, o capítulo 2 se dedica a essa questão utilizando como referência as perspectivas históricas da maternidade em cada onda feminista (GARCIA, 2015), dado que o movimento feminista é comumente conhecido por enxergar a maternidade como sinônimo de opressão; até chegar numa concepção de um feminismo próprio para as mães (O'REILLY, Andrea). Por ser um movimento de emancipação da mulher, o feminismo, a cada onda, é uma medida de compreensão das opressões, das reivindicações e das mudanças sociais pelas quais passaram as mulheres, e aqui, mais

¹ Metodologia utilizada para pesquisar comunidades online, que dá conta de analisar campos interativos à partir da evolução das TIC e suas novas possibilidades de interação social (KOZINETS, 2014).

especificamente, as mulheres-mães, desde o final do século XVIII. Sabendo que há várias maternidades e vários feminismos, a análise intenciona trazer contrastes entre o feminismo branco e o feminismo negro, com reflexos na atualidade, e corroborando até mesmo ao anseio de Collins (2019), que incentiva feministas brancas a investigar “as semelhanças e as diferenças entre seus próprios pontos de vista e o das afro-americanas” (2019. p.17). A referência direta a essa autora logo na introdução é relevante pois o pensamento feminista negro de Collins (2019) forneceu a este trabalho tanto uma metodologia de pesquisa que permite fazer parte do grupo pesquisado e teorizar a partir de experiências pessoais que promovem novos significados, quanto uma teoria crítica para pensar grupos oprimidos em prol de justiça social e uma análise da maternidade que proporcionam uma sólida estrutura para pensar a atuação das integrantes da Bancada de Mães Ativistas. Sua dialética de opressão e ativismo, encontra ecos para analisar a atuação dessas mulheres-mães. Ela traz um outro ponto de vista, diferente do feminismo branco, que historicamente diminui hierarquicamente a ação política das mães, ou das teorias maternalistas, que colocam as mães num lugar moralmente superior apenas por serem mães. Utilizar do feminismo também é importante na atualidade dado que esse movimento social se beneficiou do fenômeno das redes sociais digitais para ganhar novo fôlego na construção e desconstrução dos papéis sociais da mulher e da mãe e da articulação delas com vieses políticos, como se pretende mostrar na investigação sobre a quarta onda feminista.

Reconhecendo os inúmeros impactos que as redes sociais digitais trouxeram na contemporaneidade, o capítulo 3 avalia e sugere uma sistematização de como as mães utilizaram esses ambientes e de como eles promoveram um campo fértil para desenvolvimento de outras subjetividades manifestadas em narrativas e conversas em rede. Apoiada em levantamento bibliográfico de referência, são definidos quatro momentos, que pretendem contribuir com importantes trabalhos anteriores que relacionam a maternidade e as mídias.

São eles: “O Pessoal é Público”: uma história social de mães brasileiras e os seus diários maternos em rede; “O pessoal é privatizado: mães blogueiras e influenciadoras digitais”; “O pessoal é político e digital - Ativismo Digital Materno nas ruas, na rede e na academia”, e, por último, “O privado é político e partidário - #mãesnapolítica”. Cada momento descrito levou em conta: os comportamentos e objetivos de interação delas em rede, as plataformas de redes sociais que utilizavam e as temáticas que se sobressaem ao

desenvolver suas narrativas no ciberespaço, com rituais particulares (NASSAR; FARIAS, 2018); fazendo as interligações com os movimentos de emancipação feminina.

A análise se faz mais detidamente no período em que as mães utilizam as redes sociais para fins de ativismo digital materno (SOARES, 2019), com grande ênfase no Movimento da Humanização do Parto e na utilização da hashtag #MãesNaPolítica, com descritivo das candidatas que em 2018 fizeram uso desse recurso de comunicação para divulgar suas candidaturas políticas voltadas às pautas das maternidades e infâncias. A escolha de aprofundar nessas temáticas se dá, porque tanto o movimento de humanização do parto quando a hashtag #MãesNaPolítica trazem vínculos profundos com o objeto de estudo analisado: a campanha política das integrantes da Bancada de Mães Ativistas nas eleições de 2018.

O capítulo 4 chega ao objeto em si, primeiro explicando a metodologia netnográfica (KOZINETS, 2014), que juntamente a abordagem de Collins (2019) e Haraway (2009) possibilitou o desenvolvimento do trabalho a partir da experiência de uma pesquisadora e mãe em rede social, cuja imersão em grupos de mães me situa num lugar de observação que permite identificar nuances e movimentos que marcam as subjetividades desse grupo, além de trazer a possibilidade de acessar mais facilmente as demais participantes desse espaço. Nesse capítulo estão descritas as etapas do percurso netnográfico que possibilitaram ir da observação de três mães blogueiras que em 2018 se candidataram pela primeira vez às eleições com as pautas da maternidades e infâncias, até o encontro do post da *Bancada de Mães Ativistas*, com 11 mulheres-mães divulgando suas campanhas políticas em *fanpages*² do Facebook. São elas o corpus da pesquisa: Alessandra Minadakis (candidata a deputada federal pelo PSOL/GO), Andrea Werner (candidata a deputada federal pelo PSOL-SP), Anne Rammi (candidata a codeputada estadual pela Bancada Ativista-PSOL/SP), Ilka Teodoro (candidata a deputada distrital pelo PSOL-DF), Lana Paula Luna (candidata a deputada federal pelo PSOL/GO), Laura Muller Sagrillo (candidata a deputada estadual pelo PSOL/PCB -MG), Ligia Moreiras Sena (candidata a deputada estadual pelo PSOL-SC), Ludmila Suaid (candidata a deputada distrital pelo PSOL/GO), Polly do Amaral (candidata a deputada estadual pelo PSOL/MG), Raquel Marques (candidata a codeputada estadual pela Bancada Ativista-PSOL/SP), Thais Ferreira (candidata a deputada estadual pelo PSOL /RJ).

^{2 2} Uma *fanpage* é uma página criada especialmente para marcas, empresas, blogs etc. Diferente de uma conta pessoal comum, é um espaço que reúne fãs e seguidores e não amigos ou pessoas próximas, para criação de comunidade.

Estão delineadas também: a seleção do material analisado, a escolha de identificar como essas candidatas fazem uso do poder de autodefinição (COLLINS, 2019) em suas biografias nas *fanpages*, de como divulgaram o post da campanha da Bancada de Mães Ativistas, até as entrevistas em profundidade com cada integrante (à exceção de Ligia Moreiras Sena) para compreender os usos que fazem das redes sociais digitais e as jornadas de cada uma delas nesses ambientes em relação aos outros três pilares deste trabalho: maternidade, feminismo e política. Com isso, foi possível identificar as trajetórias pessoais que se conectam aos quatro modos de interação das mães em rede, sistematizados e descritos anteriormente, além de identificar o *modus operandi* da organização em rede para criar e divulgar o post conjunto da campanha da Bancada de Mães Ativistas.

1. Ciberespaço, cibercultura e ciberfeminismo

É consenso que as tecnologias da informação e comunicação (TIC), surgidas com a internet, trouxeram diversos e profundos impactos na sociedade. Deram margem para a manifestação dos indivíduos em uma escala global, criando brechas narrativas e de conexão entre as pessoas de modo inédito. As TIC transformaram em realidade o potencial da sociedade em rede e promoveram a oportunidade de criação de novas comunidades de modo incomparável, com consequências que não se esgotam. Proporcionaram um amplo alcance para as mensagens de grupos minoritários que por sua vez puderam contestar as vozes hegemônicas, organizar suas próprias questões, enunciá-las à sua própria maneira numa nova configuração de espaço: o ciberespaço, com potencial para novos modos de interação em comunidade, de participação social e de cidadania. Para as mulheres, em especial as mães, as TIC também trouxeram um potencial de emancipação social e política. Esse capítulo perpassa essas transformações para trazer o contexto em que foi possível criar comunidades de mães online e, a partir daí, aprofundar nas particularidades desse grupo.

1.1. Ciberespaço

Com a interconexão mundial de computadores, surge o ciberespaço (ou rede) como o novo meio de comunicação (LEVY, 2010. p.17) e novos modos de habitar a contemporaneidade. Para Levy (2010), o termo ciberespaço seria tanto a infraestrutura material da comunicação digital, como todas informações que ela abriga, bem como os

seres humanos que navegam e alimentam esse universo. “Quanto ao neologismo “cibercultura”, ele especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LEVY, 2010. p.17). Segundo ele, o ciberespaço é orientado por três princípios: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva (LEVY, 2010). “A conexão é um bem em si” (LEVY, 2010. p.129) e na cibercultura permite o contato interplanetário pela internet. Assim, amplia o de forma exponencial o acesso entre as pessoas, com impacto no desenvolvimento dos novos grupos e comunidades virtuais que podem extrapolar as barreiras. “Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais” (LEVY, 2010. p.130).

Na cibercultura, os grupos e comunidades virtuais dão nova forma à opinião pública, tensionando a própria questão entre público e privado. Abrem espaço para participação aberta em debates coletivos, assim como se transformam em espaços de contra narrativa diante das mídias tradicionais. “Podemos sustentar, portanto, que as chamadas ‘comunidades virtuais’, realizam de fato uma verdadeira atualização (no sentido da criação de um contato efetivo) de grupos humanos que eram apenas potenciais antes do surgimento do ciberespaço” (LEVY, 2010. p.132).

No caso deste trabalho, a comunidade de mães já existia, contudo, o modo e o alcance de conexão desse grupo tomaram rumos novos, atualizados, com novas características, e não opostos aos já existentes. De acordo com Castells (2018. p.441), essas “comunidades virtuais” na internet, não precisam opor-se às ‘comunidades físicas’: são formas diferentes de comunidade, com leis e dinâmicas específicas, que interagem com outras formas de comunidade”. Assim, “a expressão ‘comunidade atual’ seria, no fundo, muito mais adequada para descrever os fenômenos de comunicação coletiva no ciberespaço do que ‘comunidade virtual’.” (LEVY. 2010. p.132).

A cibercultura é a expressão da aspiração de construção de um laço social que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre as relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de colaboração. O apetite para as comunidades virtuais encontra um ideal de relação humana desterritorializada, transversal, livre. As comunidades virtuais são os motores, os atores, a vida diversa e surpreendente do universal por contato (LEVY, p.133)

Esse ambiente traz novas oportunidades de vínculos sociais a despeito dos concomitantes processos de individualização e rupturas cívicas da sociedade, aproximando pessoas “que, caso contrário, viveriam vidas sociais mais limitadas, pois seus vínculos estão cada vez mais espacialmente diversos” (CASTELLS, 2018. p.443). Pode-se ressaltar que é usualmente o que acontece com as mães em puerpério³, que quando usufruem de licenças-maternidade, acabam socialmente mais isoladas nos primeiros meses de vida do bebê, restritas aos contatos familiares, como será tratado adiante.

Já o “terceiro princípio da cibercultura, o da inteligência coletiva, seria sua perspectiva espiritual, sua finalidade última” (LEVY, 2010. p.133). O autor reforça que esse é um campo aberto de problemas a serem solucionados, justamente devido à sua extensão de possibilidades, que abre muitas frentes inéditas de questionamentos ainda sem resposta. Se há um ideal de compartilhamento de saberes, de conexões potentes, de criação coletiva, sua realização ainda está em curso, com todas as ambivalências do desconhecido. O ciberespaço é o que permite a organização das comunidades virtuais e suas múltiplas articulações que inauguram novos laços sociais, inclusive laços cívicos e práticas democráticas. Quando pensa a respeito das cidades digitais e da democracia eletrônica no ciberespaço, Levy (2010) destaca a inteligência coletiva como forma de escolher novamente a democracia e atualizá-la explorando o potencial dos sistemas de comunicação à disposição das comunidades auto organizadas pelos cidadãos.

Assim, a organização de pessoas em comunidades digitais para fins de conexão interpessoal, participação social, ativismos, cidadanias eletrônicas, entre outros, poderiam ser modos de estar no ciberespaço realizando o terceiro princípio: da inteligência coletiva. Com isso trazem uma diversidade de formas de habitar o ambiente digital que não seguem fórmulas prontas e nem trazem respostas facilmente replicáveis.

Aqui, para compreender os modos como as mulheres podem se organizar de modo político em comunidades digitais, é preciso se debruçar sobre alguns conceitos como o ciberfeminismo. Aqui, ele serve como contexto para a análise do potencial das interações das mulheres em rede com uma base ideológica socialista e feminista.

³ Puerpério é o período pós-parto em que a mulher experimenta modificações físicas e psíquicas.

1.2. Ciberfeminismo

Para imaginar o potencial das tecnologias na emancipação das mulheres, vale retomar o pensamento de Donna Haraway (2009). Partindo de uma perspectiva socialista-feminista, Haraway propõe em seu ensaio *Manifesto Ciborgue, - Ciência, Tecnologia e Feminismo-Socialista no Final do Século XX*, cuja versão original foi publicada em 1985, que o empoderamento político das mulheres acontecerá pela tomada dos meios de produção correspondentes com o tempo em que vivem. Ou seja, não mais as máquinas industriais, mas as emergentes TIC. O pensamento, do início da década de 90, é considerado o marco teórico do ciberfeminismo e cabe aqui como uma correlação entre os usos das redes sociais digitais pelas candidatas analisadas, como exemplos de ciberfeministas que a partir do ambiente digital se empoderaram para uma atuação ativista e política.

O ciberfeminismo encontra eco no feminismo contemporâneo, chamados por alguns de Primavera Feminista ou Feminismo de Quarta Onda – e que será detalhado adiante –, mas que ganha relevância e recoloca o feminismo como movimento social de destaque a partir do amplo compartilhamento das narrativas pessoais por meio das temáticas feministas nas redes sociais.

A coabitação entre as tecnologias e os movimentos sociais é um fato que marca a contemporaneidade, como por exemplo, o hacktivism, as rádios comunitárias, dentre outras manifestações. De fato, a tecnologia é apenas uma perspectiva para se olhar para os movimentos sociais e, ao fazermos o uso desta lente, devemos pensar em que medida as novas tecnologias redimensionam esses movimentos. No caso do feminismo, e mais especificamente do Ciberfeminismo, é preciso termos em conta as diferentes camadas e diferentes temporalidades que as tecnologias utilizadas por esses movimentos perpassam (Lemos 2009).

As teorias de Haraway oferecem um grande espectro de análise das relações entre feminismo e novas tecnologias. A expansão da teoria foi favorecida pelo momento em que foi criada, num “período de excitação em torno da expansão das TIC, principalmente dos computadores pessoais nos ambientes acadêmicos e domésticos” (AZZELINI; MARTINO, 2017).

O termo “ciberfeminismo” é atribuído original e simultaneamente à filósofa britânica Sadie Plant e ao coletivo artístico australiano VNS Matrix, em 1991 (SOLLFRANK, 1998). Independentemente da origem do termo, é consenso que o marco

teórico do pensamento ciberfeminista vem da noção de ciborgue cunhada pela bióloga e filósofa, Donna Haraway (2009), em seu ensaio Manifesto Ciborgue.

Para Wilding (2006), ao vincular as palavras “cyber” e “feminismo”, o ciberfeminismo cria uma formação crucial na história do feminismo e da mídia digital, pois uma modifica e potencializa a outra. O termo ciberfeminismo foi apropriado por inúmeros centros e ONGs de apoio às causas feministas que passam a se organizar e a se articular a partir da popularização da Internet na década de 1990 (LEMOS, 2009). A primeira onda do ciberfeminismo foi pautada em torno das artes, da expressão e liberdade, sem cunho político, necessariamente (AZZELINI; MARTINO, 2017). O Ciberfeminismo foi objeto de intensas discussões durante a década de 1990 e início dos anos 2000; tendo diminuído sua visibilidade como movimento, mas ainda com destaque no cenário das artes, das transformações estéticas, táticas e organizacionais que reverberaram em outros trabalhos de artistas, ativistas, grupos que atuam na Internet e em outras mídias eletrônicas.

Haraway, apesar de nunca ter usado diretamente o termo Ciberfeminismo, teve suas ideias eleitas entre grupos como a base teórica ao sugerir uma análise do feminismo sob a ótica das novas tecnologias, incluindo os meios de comunicação, propondo a organização em rede e apropriação dessas tecnologias como forma de ativismo político. As teorias da autora oferecem um grande espectro de análise das relações entre feminismo e novas tecnologias. A expansão da teoria foi favorecida pelo momento em que foi criada:

O Manifesto Ciborgue é um dos poucos textos que falam sobre feminismo e que foram abraçados tanto pela comunidade acadêmica quanto pelos agentes da cibercultura em geral, sendo citado tanto por feministas quanto por não feministas. O texto foi difundido rapidamente, uma vez que dialogava diretamente com o momento em que foi produzido, ou seja, um período de excitação em torno da expansão das TICs, principalmente dos computadores pessoais nos ambientes acadêmicos e domésticos (AZZELLINI; MARTINO, 2017).

Pode-se dizer que o ciberfeminismo, a partir do Manifesto Ciborgue, aparece como uma das formas de cibercultura, trazendo um “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores” (LEVY, 2010. p.17) desenvolvidos a partir do crescimento do ciberespaço. Um feminismo que explora o potencial ativista, político e artístico das novas tecnologias para e pelas mulheres.

Mas o pensamento de Haraway é ainda mais complexo. O ciborgue seria a possibilidade de pensar as consequências mundiais das novas tecnologias, a partir do

gênero, apontando, entre outras consequências, para uma “feminização da pobreza”. Ou seja, o fato de que mulheres ficam mais pobres econômica e socialmente por conta do que a autora define como a ‘Informática da dominação’, que substitui o “patriarcado capitalista branco”. Para a autora, a luta para dirimir essas consequências é que demanda uma política-feminista socialista:

A feminização da pobreza – gerada pelo dismantelamento do estado de bem-estar, pela economia do trabalho caseiro, na qual empregos estáveis são a exceção, e sustentada pela expectativa de que os salários das mulheres não serão igualados aos salários masculinos – tornou-se um grande problema. O fato de que um número crescente de lares é chefiado por mulheres está relacionado à raça, à classe ou à sexualidade. A generalização desse processo deveria levar à construção de coalizões entre as mulheres, organizadas em torno de várias questões. O fato de que o sustento da vida cotidiana cabe às mulheres como parte de sua forçada condição de mães não é nenhuma novidade; o que é novidade é a integração de seu trabalho à economia capitalista global e a uma economia que progressivamente se torna centrada em torno da guerra. (HARAWAY, 2009).

Apesar de uma visão utópica e ficcional de uma política feminista-socialista possibilitada pelo ciborgue, Haraway também tece outras críticas às consequências das novas tecnologias e a contribuição para a feminização da pobreza. Para ela, as novas tecnologias de comunicação são fundamentais para a erradicação da “vida pública” e facilitariam o florescimento de uma instituição militar high-tech permanente, com prejuízos culturais e econômicos para a maioria das pessoas, mas especialmente para as mulheres.

Outras vozes adicionam críticas a esse movimento, como a artista ciberfeminista Sollfrank (1998) para quem o ciberfeminismo cria o mito de uma identidade política sem forçar ninguém a lutar por isso; e Stacy Gillis (AZZELINI; MARTINO, 2017) para quem o ciberfeminismo precisa prezar mais pela ação sem deixar de lado aspectos materiais da realidade na qual as mulheres estão inseridas. No mesmo sentido, Fernandez e Wilding (2006) indicavam que o ciberfeminismo deveria focar nas potencialidades das redes para a integração entre mulheres e no acesso à informação, uma vez que o conhecimento é agente fundamental no processo de empoderamento, especialmente no caso de jovens mulheres. Vale mencionar que Haraway situa o contexto das mulheres, levando em conta as intersecções de raça e classe ao avaliar quem sofre as consequências do sistema de ‘Informática da Dominação’. A análise permanece atual para a contemporaneidade em que grupos minoritários lutam por fazer visíveis suas identidades, narrativas e contextos de desigualdade:

Um dos grandes riscos sociais e políticos é o constituído pela formação de uma estrutura social fortemente bimodal, na qual uma grande massa de mulheres e homens pertencentes aos grupos étnicos, e especialmente as pessoas de cor, ficam confinadas à economia do trabalho caseiro, aos diversos analfabetismos, à impotência e à redundância gerais e são controladas por aparatos repressivos high-tech que vão do entretenimento à vigilância e ao extermínio. Uma política socialista-feminista adequada deveria se dirigir às mulheres nas categorias ocupacionais privilegiadas e, particularmente, na produção daquela ciência e daquela tecnologia responsáveis pela construção dos discursos, dos processos e dos objetos tecnocientíficos (HARAWAY, 2009)

A autora questiona o papel das feministas em produzir conhecimento, imaginar e praticar ciência em consonância aos movimentos sociais e políticos progressistas, ou em como se construir alianças políticas que reúnam as mulheres ao longo das hierarquias tecnocientíficas que nos separam. Os questionamentos propostos em Manifesto Ciborgue ainda seguem atuais, 30 anos após a publicação. E para o trabalho em questão, as redes sociais são os meios para avaliar o ciberfeminismo contemporâneo enquanto movimento social, que permite às mulheres mães fazer a conexão entre o ciberespaço urbano e o espaço público (CASTELLS, 2017), criando narrativas e articulações ativistas e políticas a partir dessas tecnologias. Com isso, realizam parte das teorias de Haraway para quem essas novas narrativas redefinem a política e a estética dos discursos feministas, na medida em que têm potencial para modificar a realidade político-social das mulheres.

1.3. Novas Narrativas no ciberespaço

Com o crescimento da internet e a proliferação de plataformas de comunidades online, as redes sociais digitais, surgem um novo espaço para a expressão de vozes até então pouco representadas pelas mídias tradicionais, minorias que encontram aí novos canais para requer reconhecimento e protagonismo social:

Esses novos atores sociais se incluem nas novas tecnologias de comunicação digital, criam interconexões, geram e dão visibilidade social aos seus conteúdos e a si próprios, questionam e negociam com o Estado e com as empresas, com outras organizações, com outros indivíduos e grupos segmentados a partir de suas etnias, gênero, orientações sexuais e outras possibilidades. (NASSAR, 2008. p.194)

Neste trabalho, se considera o grupo de mães como uma desses grupos, tanto pelas opressões que sofrem por serem mulheres, quanto pelas opressões que sofrem por serem mães, numa dupla categoria de cargas que serão descritas no capítulo de Maternidade e Feminismo. E, pertencentes a esses grupos, passam a se reconhecer e defender suas

“políticas de identidade”⁴ (HALL, 2006). Assim, a internet permite “a expressão das singularidades e dos saberes, as diferenças de interpretações, os ativismos diferentes que não são ações políticas (que ocorrem num espaço determinado como aquele da praça, dos partidos ou dos sindicatos), mas experiências que se dão nos fluxos interativos das redes sociais digitais” (TORRES, 2008).

A internet parece oferecer meios de democratização de processos de produção e veiculação de conteúdos discursivos para seu/suas usuários/as, trazendo à cena uma inumerável diversidade de novos/as enunciadores/as e representações sociais das mais diversas ordens – do fascismo ao anarquismo – que se beneficiam da relativa ausência de regulamentação e custo de produção dos conteúdos a que estão sujeitos os meios de comunicação de massa (MCM). (BRAGA, 2008. p.263).

O ciberespaço propicia novas formas de organização da sociedade em rede que trazem modos inéditos de “articular mentes, criar significados e contestar o poder” (CASTELLS, 2017). E essa possibilidade de expressão de diferentes experiências aponta

...uma prática mais participativa, mais aberta a manifestação de ‘várias vozes’, que problematizava, inclusive, as próprias noções de “público”, “território”, “cidadania”, “política”, “democracia”, “economia” etc., incentivando a circulação de informações e saberes nunca antes vista e possibilitando novos processos de elaboração coletiva de questões sociais, políticas ou econômicas através de redes de grupos e de indivíduos em constante interação e debate com as instituições. (TORRES, 2008)

Contudo, nem todos os autores são completamente otimistas a respeito das possibilidades de enfrentamento dessas novas vozes pelas TIC diante das mídias tradicionais e das forças políticas que também fazem uso desses meios. Assim, antes de adentrar nas relações entre TIC, política e democracia representativa, é preciso contextualizar o cenário das redes sociais digitais em 2018, por serem os meios comumente utilizados pelos indivíduos, como no caso do grupo de mães, para se interconectarem, criar comunidades e produzir inteligências coletivas, realizando os três princípios do ciberespaço (LEVY, 2010).

⁴ Hall (2006) trata da mudança estrutural que transforma as sociedades modernas a partir do final do século XX, provocando um deslocamento dos sujeitos como indivíduos sociais, a partir de políticas de identidade que revisam as paisagens culturais e estão em constante deslocamento de acordo com classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade.

1.4. Das redes sociais digitais

Com pouco mais de uma década de existência, as redes sociais digitais perpassam o comportamento e o dia a dia das pessoas. É certo que essas tecnologias impactaram irremediavelmente o modo de habitar a contemporaneidade e são um espaço fértil para pesquisas de todas as áreas, incluindo a da comunicação. Comumente conhecidas pelos nomes das plataformas tecnológicas, como Facebook, Instagram, YouTube etc., cabe aqui uma descrição conceitual a respeito, num levantamento bibliográfico de autores que pensaram o potencial desses meios para articulações de empoderamento cidadão, participação e mobilização social.

As redes sociais digitais

são o resultado das interações entre indivíduos, tecnologias e fluxos informativos, e nelas ocorre a manifestação de uma sociedade planetária que se expressa em um espaço público desterritorializado, estabelecendo uma interconexão interpessoal universal, sem mediação governamental, com liberdade de expressão e de associação com base em parâmetros partilhados por todos (TORRES, 2008).

As redes de pessoas existentes no mundo offline podem ser transpostas para o ambiente virtual. Também “podemos relacionar as comunidades de bairro, comunidades de interesse, redes culturais, redes universitárias, além das redes de ações ciberativistas e das caravanas de protesto virtuais que muitas vezes terminam, também, por ganhar as praças e as avenidas das metrópoles” (TORRES, 2008. p.257).

...o usuário, que pode, por meio de alguns cliques, encontrar nas mensagens postadas em rede as respostas para suas angústias, para suas inseguranças e para seus questionamentos. E, por outro lado, é inquestionável que, para satisfazer essas novas necessidades de convívio e relacionamento, os usuários das redes sociais acabam por promover transformações radicais na infraestrutura produtiva – digitalizar, postar, compartilhar, difundir –, utilizando para isso os equipamentos cotidianos de comunicação como o telefone celular, a máquina fotográfica, o tablet ou o notebook, uma prática comum que vem alterando definitivamente as formas de produção e consumo simbólico. (COSTA, 2012. p.98)

Para CASTELLS (2018 p.554), proeminente sociólogo reconhecido pelo otimismo em relação ao potencial democrático das redes, elas são “estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho)”.

As redes sociais digitais inauguram uma nova possibilidade de interação, desterritorializada, permitindo à prática humana da socialização em rede (cujos conceitos

sociológicos e antropológicos não cabem neste trabalho) alcance e formas inéditas de conexão, por meio de plataformas tecnológicas de comunicação que podem ser entendidas como

tecnologias de inteligência, não tanto porque elas projetam ou exteriorizam a riqueza e a complexidade dos processos cognitivos, mas porque elas revelam o quanto a sua complexidade é derivada não somente da riqueza de nossos sentimentos e faculdades, mas também dos objetos, suportes, ferramentas e tecnologias que nos cercam e criam uma rede sociotécnica de grande complexidade (LATOURE, Bruno *apud* TORRES, Juliana Cutolo. 2018. p.256).

Desse modo, vale entrar em alguns dos impactos dessas redes no Brasil de 2018, ano do objeto deste trabalho.

1.5. Das redes sociais digitais no Brasil de 2018

As redes sociais digitais se popularizaram com a chegada dos blogs e se proliferaram em plataformas desde 2004 com o Orkut⁵ e depois com Facebook⁶, YouTube⁷, Twitter⁸, Instagram⁹ e WhatsApp¹⁰. E em 2018, 62% da população brasileira usavam as redes sociais ativamente, sendo que YouTube alcançava a marca de 60% de acesso, o Facebook com 59%, o WhatsApp com 56%, o Instagram com 40% e o Twitter com 27%¹¹. Em 2018, o Facebook possuía mais de 2 bilhões de usuários ativos no mundo, o Twitter tinha mais do que 313 milhões, dos quais 80% acessavam apenas via mobile, e o YouTube tinha mais de 1 bilhão de usuários ativos. (SUSSKIND. 2018. p.45, tradução nossa).

Apesar do alcance e capacidade de conexão inéditos para grupos nas redes sociais e das promessas de democratização de acesso à informação trazidas pela internet, vale frisar que as próprias redes ainda têm acessos dissimétricos. Elas não se constituíram integralmente como um espaço público realmente aberto a todos, realmente democrático e com base na igualdade absoluta de ‘cibercidadãos’ (ABRANCHES, 2017). De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2018, o Brasil tinha 116

⁵ O Orkut foi uma rede social filiada ao Google, criada em 24 de janeiro de 2004 e desativada em 30 de setembro de 2014.

⁶ O Facebook foi criado no EUA em 2005 e chegou ao Brasil em 2010.

⁷ O YouTube foi criado em 2005 e chegou ao Brasil em 2007.

⁸ O Twitter foi lançado em 2006 nos EUA e no Brasil chegou em 2009.

⁹ O Instagram foi criado em 2010 no EUA, já com acesso para os brasileiros.

¹⁰ O WhatsApp foi lançado nos EUA com acesso para brasileiros em 2009.

¹¹ Dados do relatório Digital in 2018. Fonte: <https://hootsuite.com/pt/pages/digital-in-2018> Acesso em 20/05/20.

milhões de usuários de Internet, sendo que a região Sudeste mantinha o maior índice de habitantes conectados (72,3%), seguida do Centro-Oeste (71,8%) e Sul (67,9%), enquanto o Nordeste e Norte traziam os menores totais, com, respectivamente, 52,3% e 54,3% de cidadãos online. Enquanto isso, o Facebook, plataforma que será utilizada na análise deste trabalho, atingiu no Brasil o total de 127 milhões de usuários mensais ativos no ano em questão¹².

O fenômeno que permitiu essa ampla utilização das redes sociais digitais foi a popularização do smartphone, que barateou o acesso a essas tecnologias de informação e encapsulou as plataformas de redes sociais, inaugurando a era de acesso permanente a esses ambientes com impactos no comportamento de consumo e produção de informação pelas pessoas em escala global. O uso de smartphones tornou-se um hábito incorporado na rotina e difícil de ser superado:

Estima-se que mais de 90% das pessoas mantém seus dispositivos cerca de um metro de distância de si mesmos, vinte e quatro horas por dia. E 63% dos americanos checam seus smartphones a cada hora. Aproximadamente 10% checam a cada cinco minutos. É difícil acreditar que esses aparelhos estejam nas nossas vidas há apenas pouco mais de década (SUSSKIND, 2018. p.42, tradução nossa).

Assim, “a onipresença das redes muito mais do que nos dar certeza de ser uma nova mídia, impõe novas práticas, estratégias e linguagens, que definem possibilidades inaugurais de conexão em crescimento contínuo” (PEREZ, 2010).

1.6. Mídias, política, liberdade e as eleições de 2018 no Brasil

As possibilidades inaugurais de conexão se expressam para além dos indivíduos e seus grupos de interesses pessoais. Elas estabelecem novas relações de poder e liberdade entre mídias tradicionais, novas mídias e política. Se as redes sociais possibilitaram a organização e conexão entre as pessoas em um nível inigualável, também trouxeram novos alcances e métodos que impactam instituições sociais. É o caso da divulgação de informações de campanhas políticas entre candidatos e eleitores.

A massiva utilização desses ambientes trouxe uma promessa de democratização de acesso à informação e de distribuição de novas narrativas. De fato, as novas TIC deram à sociedade os meios para obterem informações de fontes não oficiais e de deixarem de ser meros espectadores ao expressarem suas opiniões de forma autônoma, também a

¹² Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/07/facebook-chega-a-127-milhoes-de-usuarios-mensais-no-brasil.shtml>. Acesso em 05/10/2018

respeito das campanhas políticas (PANKE, 2016). Essa é a razão de entender o panorama de 2018 para ter como pano de fundo para a análise do uso do Facebook como plataforma de campanha política entre as integrantes da Bancada de Mães Ativistas.

Muitos autores proclamaram a democratização das novas mídias como capazes de dar espaço inédito para a vocalização de grupos minoritários, articulação de pessoas em comunidades, criação e organização de movimentos sociais e fazer frente às mídias tradicionais por meio do potencial de liberdade de expressão.

Visões do futuro da liberdade tendem a tomar duas formas: otimistas dirão que a tecnologia nos libertará, libertando nossos corpos e mentes das gargalhadas dos velhos tempos. Os pessimistas preveem que as tecnologias se tornarão mais uma maneira de os fortes pisotear as liberdades dos fracos. (SUSSKIND, 2018, p.164, tradução nossa)

Jenkins (2009) faz uma ponderação a respeito:

As poucas barreiras existentes para se entrar na web facilitam o acesso a ideias inovadoras e até revolucionárias, pelo menos entre o crescente segmento da população com a acesso a um computador. Os que são silenciados pelas mídias corporativas têm sido os primeiros a transformar o computador em uma gráfica. Essa oportunidade tem beneficiado outros, sejam revolucionários, reacionários ou racistas. Também tem provocado medo nos corações dos velhos intermediários e seus aliados. A diversidade de uma pessoa é, sem dúvida, a anarquia de outra (JENKINS, 2009, p.290)

Para Jenkins (2009) “a mídia contemporânea está sendo moldada por tendências conflitantes e contraditórias: o ciberespaço substitui alguns *gatekeepers* culturais, mas há uma concentração de poder inédita dos velhos meios de comunicação”. Aqui vale uma atualização, já que nove anos separam a análise de Jenkins sobre a convergência entre as novas mídias e os mecanismos de divulgação das eleições americanas de 2004, das eleições de 2018 no Brasil, que são parte da análise proposta aqui. Nesse período a concentração de poder dos meios de comunicação tradicionais no Brasil pouco se alterou, mesmo com o crescimento da internet e a chegada das redes sociais: em 2019, os 50 veículos de maior audiência pertencem a 26 grupos de comunicação¹³.

E as quatro grandes plataformas de redes sociais que surgiram a partir de 2004, e que ganharam ampla relevância, permanecendo entre as mais utilizadas pelos brasileiros em 2018, como visto anteriormente, também pertencem às grandes corporações de tecnologia: Facebook, WhatsApp e Instagram pertencem ao grupo empresarial do Facebook; e o YouTube é de propriedade do Google.

¹³ Dados do relatório da ONG Intervezes. Disponível em <<https://intervezes.org.br/intervezes-e-reporteres-sem-fronteiras-lancam-novo-estudo-sobre-concentracao-nos-meios-de-comunicacao/>> Acesso em 20/05/20

À ocasião do seu livro *A Era da Convergência*, Jenkins (2009) destacava que a “diversificação dos canais de comunicação é politicamente importante porque expande o conjunto de vozes que podem ser ouvidas” (2009. p.288). Contudo, a percepção de que essas novas mídias seguem “princípios diferentes daqueles que regiam a mídia de radiodifusão que dominou a política americana por tanto tempo: acesso, participação, reciprocidade e comunicação ponto a ponto, em vez de um-para-muitos” (JENKINS, 2009. p.288), juntamente com as inflamadas possibilidades democráticas da tecnologia, podem soar simplistas diante das complexas e dissimétricas relações de poder entre as corporações detentoras dessas plataformas de redes sociais digitais, o acesso da população brasileira a elas e o uso político desses novos meios – muitas vezes até antiéticos, que desvirtuam a liberdade de expressão em uma prática de criação de desinformação e de disseminação de notícias falsas, comumente conhecidas como *fake news*.

O que tem sido chamado de *fake news* popularizou-se, principalmente, ao longo a disputa pela presidência dos Estados Unidos em 2016, quando o termo foi usado pelo então candidato Donald Trump contra seus adversários na mídia para desqualificar as informações que desfavoreciam sua candidatura¹⁴. Ao mesmo tempo, o eleitorado estadunidense e o público mundial sofriram uma enxurrada de desinformação, que favoreceu a vitória de Trump. Esses conteúdos circularam na forma de textos, vídeos e áudios, especialmente por plataformas como Twitter e Facebook, assim como por aplicativos de troca de mensagens, dos quais o WhatsApp é dos mais populares. O mesmo fenômeno ocorreu durante a realização de referendos sobre a saída do Reino Unido da União Europeia, o chamado Brexit¹⁵, e acerca do acordo de paz na Colômbia¹⁶, ambos em 2016) – e à luz das eleições brasileiras de 2018, realizada em um contexto de desmonte do jornalismo profissional, da polarização ideológica e do crescimento de páginas antidemocráticas em redes sociais e que lucram com a desinformação.

Em *Futuro da Política – Convivendo em um mundo transformado pela tecnologia*, Susskind (2018), destaca que desde a massiva adoção da internet na década de 90, houve uma importante diferença no modo de funcionamento de democracias avançadas,

¹⁴ Dados da cartilha ‘Desinformação: ameaça ao direito à comunicação muito além das *fake news*’, da ONG Intervezes Coletivo Brasil de Informação. Disponível em <<https://intervezes.org.br/publicacoes/desinformacao-ameaca-ao-direito-a-comunicacao-muito-alem-das-fake-news/>> Acesso em 26/05/20.

¹⁵ Brexit é o apelido dado para a saída do Reino Unido da União Europeia.

¹⁶ O acordo de paz foi assinado entre o governo da Colômbia e as Farc (Forças Armadas da Colômbia) encerrando um conflito de 52 anos.

como três modos particularmente significativos. “O primeiro é no campo das campanhas políticas. Em todas as eleições majoritariamente, as ferramentas online agora são usadas para arrecadar fundos, organizar apoiadores, reforçar diretrizes, disseminar informação, e monitorar os ativistas” (SUSSKIND, 2018. p.220, tradução nossa).

Um dos exemplos foi a bem sucedida campanha de reeleição de Barack Obama, em 2012, que levantou informações de eleitores a partir de bancos de dados combinando com outros extraídos de mídias sociais e que conseguiram prever o quão dispostos cada eleitor estava para apoiar a campanha dele (SUSSKIND, 2018. p.220, tradução nossa). Outro exemplo foi a campanha de Donald Trump em 2016, quando

a consultoria política *Cambridge Analytica* (cujos serviços eram prestados para Donald Trump) supostamente reuniu uma base de dados de 220 milhões de pessoas - aproximadamente toda a população de eleitores dos EUA - com perfis psicológicos de cada eleitor baseados em 5 mil pontos de dados distintos. Isso permitiu a campanha de Trump utilizar de *bots* (sistemas de inteligência artificial) e propagandas em mídias sociais para focar nos eleitores com grande precisão. O resultado foi o “santo graal” das campanhas políticas: uma mudança de larga escala na opinião pública (SUSSKIND, 2018. p.220, tradução nossa)

No Brasil, as eleições presidenciais brasileiras de 2018 também são um exemplo de como a novidade das novas mídias foi utilizada com finalidade de propaganda eleitoral. Em meio a uma intensa polarização entre os eleitores alinhados ao pensamento de esquerda dos de direita, e juntamente com uma crise econômica, política e financeira somada a uma crise de comunicação, ficou exposta a fragilidade da comunicação tradicional, como a imprensa, diante da ascensão dos novos meios, como as redes sociais propagando informação (COSTA, 2019. p.17). A polarização por meio das redes sociais se acirrou ainda mais no segundo turno com o enfrentamento dos candidatos à presidência: Fernando Haddad (PT) e Jair Bolsonaro (PSL). O acirramento se valeu do ambiente das redes sociais para circular notícias falsas, memes, charges e vídeos caseiros contendo informações que prejudicavam os candidatos concorrentes criando, com as ‘*fake news*’, uma área chamada de infoentretenimento. (COSTA, 2019. p.17).

Percebe-se uma predominância de notícias que pressupõem um ideário de direita, no qual a esquerda está sempre associada à defesa de criminosos e à destruição de valores tradicionais da família. Não que a esquerda também não tenha suas *fake news* e teorias da conspiração, como as especulações de que Jair Bolsonaro teria forjado a facada que recebeu no início da campanha— porém, as *fake news* de direita têm sido detectadas em maior número pelos sites que as monitoram. (PETROLA, 2019. p.119).

Em junho de 2020 está em julgamento no Supremo Tribunal Federal ações que denunciam supostos ataques cibernéticos em benefício da chapa Bolsonaro-Mourão na

campanha presidencial de 2018, financiadas por empresários para impulsionar *fake news* contra o candidato do PT, e que denunciam um esquema de impulsionamento de notícias falsas organizado pelo que se convencionou chamar de ‘Gabinete do Ódio’¹⁷. A possibilidade de impulsionar uma propaganda eleitoral nas redes sociais durante o período eleitoral em 2018 foi uma das grandes novidades admitidas pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) no ano em questão, no Brasil. E foi a única modalidade de propaganda eleitoral paga na internet permitida no processo¹⁸. Por serem mais acessíveis, especialmente a candidaturas que não receberam nenhum apoio financeiro do partido e nem dependem de decisões executivas deles, como é o caso de campanhas de TV e rádio, as ferramentas de redes sociais passam a ser mais utilizadas também em campanhas políticas e são novas variáveis importantes de análise.

Os modos como essas redes passaram a ser utilizadas para fins de campanha eleitoral em 2018, indicam como se alterou a análise de Jenkins, quando em 2004 descrevia que, “a internet atinge os militantes, a televisão, os indecisos” (2009. p.293). De lá para cá as redes sociais ganharam força como meios de divulgação eleitoral e as mídias tradicionais perderam espaço. Os políticos passaram a ter de lidar com esses novos meios de comunicação de duas vias simétricas (PANKE, 2016) que reorganizou a divulgação das campanhas políticas.

A internet é uma poderosa plataforma de comunicação, mas sozinha não faz a participação política’. A participação pode começar na militância que está conectada, tendo em conta que nenhuma eleição se ganha com o voto exclusivo dos que já são fãs. Esse grupo é fundamental, justamente, para viralizar as mensagens, contagiando novos eleitores. Aqui também estão os formadores de opinião, os líderes e os jovens. Com o diálogo fomentado e a presença online, as chances de visibilidade aumentam, mas reitero que estar online é uma das formas de comunicação, não a única (PANKE, 2016. p.111)

Nesse cenário, os recursos das redes sociais digitais se provam de extrema relevância para alcançar eleitores e trazem à tona reflexões éticas em torno da liberdade de expressão, financiamento de campanha, credibilidade de imprensa e manutenção da democracia.

¹⁷ Termo utilizado em referência a um grupo de servidores do governo federal, articulados em um esquema de disseminação de notícias falsas e ofensas contra inimigos políticos. Conforme matéria da Folha de S.Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/decisao-de-moraes-para-operacao-contra-fake-news-cita-gabinete-do-odio-e-assessores-de-bolsonaro.shtml>> Acesso em 06/06/20.

¹⁸ Fonte: Internetlab. Disponível em: <https://www.internetlab.org.br/pt/informacao-e-politica/um-balanco-da-propaganda-eleitoral-paga-na-internet-em-2018/> Acesso em 13/07/20.

Voltando ao raciocínio de Susskind (2018. p.220, tradução nossa.) a segunda diferença significativa das redes foi o impacto provocado na relação ente cidadãos e governo a partir da internet, que trouxe a possibilidade de ambos trabalharem em conjunto por políticas públicas. E em terceiro a internet teria alterado o modo de um cidadão se relacionar com outros cidadãos, por meio do aparecimento de facilitadores online para associações e movimentos, como as redes sociais, a exemplo da organização dos ativistas da Primavera Árabe¹⁹ ou mesmo das integrantes da Bancada de Mães Ativistas, como veremos adiante.

Embora as possibilidades desse terceiro modo de habitar as redes sejam férteis, para o grande arco da história democrática o desenrolar desses movimentos são impressionantes, mas não revolucionários, já que não alteraram o que uma campanha é ou o que um governo faz. As “campanhas online atualmente reforçaram o modelo democrático de elitismo competitivo que dominou o século XXI” (SUSSKIND, 2018. p.221, tradução nossa) no qual quem tem dinheiro se diferencia e mantém maiores chances de ganhar eleições do que os candidatos que não têm. A análise está em consonância com as considerações do relatório ‘Democracia e representação nas eleições de 2018: campanhas eleitorais, financiamento e diversidade de gênero’, cuja hipótese original era a de que a possibilidade de utilização da rede social do Facebook para campanha eleitoral, poderia tornar a disputa mais democrática, justamente pela possibilidade gratuita de criar uma página ou perfil. Todavia, ao analisar o Facebook das 528 candidatas a câmara federal de São Paulo em 2018, o relatório não aponta necessariamente para uma democratização da campanha das candidatas no Facebook.

Os dados indicam que variáveis como a quantidade de recursos de campanha, o pertencimento a uma classe social mais abastada, a idade, o grau de instrução e a raça/cor das candidatas podem estar relacionadas com a adesão às ferramentas e a manutenção, intensidade e foco de seu uso. Esses indícios podem significar que as ferramentas das redes sociais contribuem para a reprodução das desigualdades já existentes na sociedade, em vez de servirem como equalizadores de oportunidades, pelo menos durante o processo eleitoral (AFLALO, 2019).

Desse modo, as aspirações de liberdade de expressão de uma sociedade em rede mais democrática ficam mais comprometidas, afetando nosso sistema político

Para a liberdade de expressão, confiaremos na restrição das plataformas de mídia social e comunicação; para a liberdade de pensamento, dependeremos da confiabilidade das notícias e dos algoritmos de busca,

¹⁹ Nome com o qual se convencionou chamar os levantes populares propagados por redes sociais e ocorridos no Oriente Médio e Norte da África ao final de 2010 e início de 2011, e que demandavam a renovação da região, historicamente dominada por regimes não democráticos.

para a autonomia moral, confiaremos no julgamento de aqueles que determinam o que podemos e o que não podemos fazer com o sistema digital (SUSSKIND, 2018. p.23, tradução nossa.)

Tomando emprestado o lema ‘o pessoal é político’, do movimento feminista da década de 60 (HANISCH, 1970), e que retomaremos no capítulo de Feminismo e Maternidade, há uma atualização para o século 21: “o digital é político” (SUSSKIND, 2018. p.6, tradução nossa). Com esse lema, criam-se elos entre política, ambiente digital – ou ciberespaço – e feminismo, grandes eixos temáticos que estruturam este trabalho, para situar as possibilidades que se abriram para as mulheres-mães em termos de articulações ativistas e políticas a partir das redes sociais. Desse modo, se faz necessária uma análise de como elas fizeram uso desses meios desde o início dessas plataformas digitais e mais detidamente durante as eleições no Brasil em 2018.

2. A maternidade – uma breve introdução sob uma perspectiva feminista

Antes de adentrar nos modos de usos da internet e das redes sociais para as mães, é preciso contextualizar a maternidade e a mãe como papéis sociais.

Historicamente, nas mais diversas sociedades, o espaço da política, da discussão, do debate entre pares, tem sido reservado preferencialmente ao gênero masculino. Esse estado de coisas tem se deslocado na estrutura social contemporânea, principalmente desde meados do século passado, quando as mulheres, organizadas, começaram a questionar seu lugar subordinado a partir de movimentos sociais vultuosos que permitiram avanços significativos em direção a emancipação. (BRAGA, 2008. p.59)

Diante disso, este capítulo traz um levantamento bibliográfico sobre como a maternidade é retratada a partir dos movimentos sociais de emancipação femininos, no que se convencionou chamar de ondas feministas. O objetivo é o de elucidar como se desenvolveu a construção social da figura materna e da maternidade em cada fase, entender e compreender os lugares sociais das mães e os desdobramentos nas reivindicações feitas por elas na contemporaneidade.

Para este trabalho, foi eleita a proposta de Carla Cristina Garcia (2015), que embasa a organização de cada onda, detalhando suas mudanças de pensamento e as correntes teóricas que surgem com elas. A autora divide a história do feminismo em quatro partes:

o feminismo pré-moderno: em que podemos encontrar as primeiras manifestações da *polêmica feminista*; o feminismo moderno ou a primeira onda: que começa com a obra de Poulain de La Barre e o movimento das mulheres da Revolução Francesa que ressurgem com toda a força nos grandes movimentos sociais do século XIX chamado também de segunda onda e o feminismo contemporâneo - ou a terceira onda - que

abarca o movimento dos anos 60 e 70 e as novas tendências que nasceram no final dos anos 80 (GARCIA, 2015. p.24).

Aqui, iniciaremos já com as reivindicações da primeira e segunda ondas do feminismo.

2.1. Primeira e Segunda Ondas Feministas

O marco teórico da primeira onda se dá com a obra do filósofo francês, Poulain de La Barre, enquanto seu marco prático é o movimento das mulheres na Revolução Francesa (GARCIA, 2015).

Foi um momento de abandono às diferenças entre homens e mulheres, das “*querelle*” ou guerra dos sexos e o início do entendimento de reivindicar os direitos das mulheres perante os direitos dos homens (GARCIA, 2015. p.39). As principais reivindicações práticas vêm com os ideais propostos pela Revolução Francesa de “Igualdade, Liberdade e Fraternidade”, nos quais as mulheres passam a questionar o homem universal e solicitam um lugar próprio como cidadãs. Condorcet, um deputado da Assembleia Legislativa na França que clamava pelos direitos políticos das mulheres, faz, em 1790, uma menção irônica aos princípios democráticos da época: “porque os seres expostos a gestações e a indisposições passageiras não podem exercer direitos dos quais nunca se pensou privar os seres que têm gota todos os invernos ou que se resfriam facilmente?” (MARTINO; BRUZZESE, 1996 apud GARCIA, 2015. p.48).

Nesse momento, a luta comumente mais conhecida é a do direito cidadania e à educação das mulheres, justificado pelos benefícios que trariam à educação dos filhos e ao bem-estar da família. As pautas fazem parte do contexto social das mulheres brancas dos Estados Unidos, França e Reino Unido, e que têm entre os destaques Olympe de Gouges, pseudônimo da dramaturga, ativista política, feminista e abolicionista francesa Marie Gouze, e a escritora Mary Wallstonecraft, autora de ‘Reivindicação dos Direitos das Mulheres’, de 1793, considerado um marco da primeira onda e publicado logo após a Revolução Francesa. De Gouges ficou conhecida por reivindicar o lugar da mulher entre os cidadãos de direitos da revolução, e entre suas demandas, exigia um sistema de proteção estatal aos menores, para que as mães pudessem realizar seus trabalhos em todos os planos, para de fato alcançar igualdade. Ela levava em conta a situação das mães abandonadas pelos pais de seus filhos, criados como bastardos e sem apoio do Estado “e convocava as mães e outras fêmeas a acordarem – é essa a palavra que ela lança, *réveille-toi* – para exigir, de uma vez por todas, usando os imperativos racionalistas, tudo o que a

revolução devia a elas” (MERUANE, 2014.p.43). Para Wollstonecraft: “para ser uma boa mãe, uma mulher deve ter senso, e aquela independência de intelecto que poucas mulheres possuem quando ensinadas a depender inteiramente de seus maridos” (2015. p.217), que poderia ser alcançado pelo acesso à educação formal.

Ou seja, as mulheres na França, país que é fonte recorrente de bibliografia feminista, não eram consideradas cidadãs. E sofreram restrições ainda mais severas às suas reivindicações após a Revolução, com o Código Napoleônico, sem direito a cidadania ou educação formal e com leis que trazem desdobramentos até os dias de hoje, com rígidas restrições jurídicas relacionadas a aborto e matrimônio (GARCIA, 2015. p.50).

O século XIX seria marcado pela permanência das lutas pelo direito ao voto e educação formal, porém, também pelas lutas abolicionistas contra escravidão que marcariam a segunda onda feminista. Diversas autoras do pensamento feminista negro ressaltam como o feminismo tem sido um movimento anglófono, frequentemente associado às mulheres brancas de classe média: “o movimento feminista têm suas raízes históricas mergulhadas na classe média branca, o que significa maiores possibilidades de acesso e de sucesso em termos educacionais, profissionais, financeiros, de prestígio, etc.” (GONZALES, 1981, p.8 apud RATTS; RIOS, 2010. p.104). Com isso sinalizam da importância de contextualizar a luta das mulheres negras, tanto para dar visibilidade às disparidades socioeconômicas entre negras e brancas, quanto para alertar sobre como o feminismo branco se construiu também às custas da opressão das mulheres negras (RATTS, RIOS, 2010).

Neste período entre ondas do século XIX, a maternidade ganhou uma exaltação ideológica para as mulheres brancas à medida que a industrialização capitalista fabril reordenava os papéis sociais.

O lugar das mulheres era mesmo em casa - mas não apenas porque elas pariam e criavam as crianças ou porque atendiam às necessidades do marido. Elas eram trabalhadoras produtivas no contexto da economia doméstica, e seu trabalho não era menos respeitado do que o de seus companheiros. Quando a produção manufatureira se transferiu da casa para a fábrica, a ideologia da feminilidade começou a forjar a esposa e a mãe como modelos ideais (DAVIS, 2016. p.45)

Já as mulheres negras escravizadas,

...aos olhos de seus proprietários, elas não eram realmente mães; mas eram apenas instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escrava. Elas eram “reprodutoras” - animais cujo valor monetário podia ser calculado com precisão a partir de sua capacidade de se multiplicar. Uma vez que as escravas eram classificadas como “reprodutoras”, e não

como mães, suas crianças podiam ser vendidas e enviadas para longe, como bezerras separadas das vacas. (DAVIS, 2016, p.19-20).

Nos Estados Unidos, de acordo com DAVIS (2016, P. 24) essa nova era do capitalismo industrial conferia menos importância às donas de casa, deteriorando sua condição social e introduzindo a ideologia da feminilidade por meio de revistas e romances que separavam as mulheres brancas do mundo do trabalho produtivo no imaginário popular. Houve a cisão entre a economia doméstica e a economia pública e “a mulher” se tornou sinônimo de “mãe” e “dona de casa”, termos que carregavam a marca fatal da inferioridade (DAVIS, 2016, p. 24-25). Pouco a pouco a metáfora da escravidão passou a ser usada pelas mulheres de classe média branca para expressar a opressão do matrimônio, fazendo ressoar entre elas a possibilidade de se aliar à luta pela libertação negra. O envolvimento na luta abolicionista fez essas mulheres descobrirem que o sexismo, que parecia inabalável no casamento poderia ser questionado e combatido na arena da luta política, e que havia um caráter dialético entre as causas da libertação feminina e da libertação negra (DAVIS, 2016, p.52-56).

A tentativa de aliança entre os dois movimentos perduraria pelo século XIX, com a constante hierarquização de prioridade da luta pela emancipação feminina pelas mulheres da classe média branca. E a ideia de que o “direito ao voto remediaria quase todos os males da população negra pode ter encorajado o severo racismo das feministas em sua defesa do sufrágio feminino” (DAVIS, 2016, p.93). A ideologia burguesa, e seus componentes racistas de superioridade da raça anglo-saxã, crescia com a chegada do século XX em que o capitalismo monopolista buscava expansão, e selavam o casamento entre racismo e sexismo com os ideais de supremacia branca e supremacia masculina. E

...as mulheres brancas - eram rigorosamente representadas como figuras maternas cuja *raison d'être* [razão de ser] fundamental era nutrir os machos da espécie. Mulheres brancas estavam aprendendo que, como mães, elas carregavam uma responsabilidade muito especial na luta para salvaguardar a supremacia branca. Afinal elas eram as “mães da raça”. Embora o termo raça supostamente se referisse à “raça humana”, na prática - especialmente quando o movimento eugenista cresceu em popularidade - fazia-se pouca distinção entre ‘a raça’ e a ‘raça anglo-saxã’ (DAVIS, 2016, p. 127).

Sexismo e racismo trouxeram as bases de exploração de mulheres e minorias étnicas para a manutenção do capitalismo industrial que conteve os direitos das mulheres ao voto até as primeiras décadas do século XX, no EUA²⁰, na França²¹, na Inglaterra²² e

²⁰ As americanas alcançaram pleno direito ao voto em 1919.

²¹ As francesas alcançaram pleno direito ao voto em 1945.

²² As inglesas alcançaram direito ao voto em 1918.

no Brasil²³, para citar alguns países. Aqui, cabe mencionar a vertente do feminismo socialista na figura de Aleksandra Kollontai, única mulher na liderança da primeira geração bolchevique na Rússia, e que a pós-Revolução em 1917, antecipava demandas que seriam levantadas também pelo feminismo negro, de que há diferentes vivências e desigualdades entre as mulheres. Kollontai também clamava pelos esforços de cuidados coletivos para gestantes e bebês, entendendo a família para além do ideal burguês nuclear e socializando os cuidados entre todas as pessoas e o Estado (BIROLI, 2018).

2.2. Terceira Onda Feminista

Fechando a primeira e a segunda onda, Garcia (2015)²⁴ considera que a Revolução Francesa deixou dois filhos bastardos: o feminismo e os movimentos negros, que seriam potencializados a partir da década de 60.

Após o período de guerras, o século XX se formou como o espaço de maior transformação das mulheres em seus papéis sociais. Nunca antes na história as mulheres conseguiram tanta visibilidade em suas petições e, mais que isso: nesse momento foi quando se colocou, na maioria dos países latinos, a questão do sufrágio feminino. Embora o machismo seja predominante na região (da América Latina), podemos afirmar que estão se abrindo oportunidades cada vez mais frequentes para buscar a equidade entre gêneros e para pautar a sociedade a fim de ver mais além da polaridade feminino/masculino (PANKE, 2016. p.195).

Na década de 60, de acordo com o teórico cultural Stuart Hall (2006), o feminismo emerge com revoltas estudantis, movimentos juvenis contra culturais e antibelicistas, as lutas pelos direitos civis, os movimentos revolucionários do ‘Terceiro Mundo’, os movimentos pela paz e tudo que está associado com o ano de 1968,

apelando para a identidade social de seus sustentadores. Assim, o feminismo apelava às mulheres, a política sexual aos gays e lésbicas, as lutas raciais aos negros, o movimento antibelicista aos pacifistas, e assim por diante. Isso constitui o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como política de identidade - uma identidade para cada movimento. (HALL, 2006. p.43)

Ainda de acordo com Hall (2006), o feminismo das décadas de 60 e 70, abriu para a contestação política, arenas inteiramente novas de vida social: a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças etc. Ele

²³ As brasileiras tiveram acesso ao voto em 1932, através do Decreto nº 21.076 instituído no Código Eleitoral Brasileiro, e consolidado na Constituição de 1934.

²⁴ Informação verbal fornecida por GARCIA, Carla Cristina durante o curso Fronteiras do Feminismo - Pós-Colonialismo, Teorias e Práticas Latino-americanas, 7 de dez de 2019.

também enfatizou, como uma questão política e social, a forma como somos formados e produzidos como sujeitos generificados. Isto é, ele politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (como homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas).

Muito reconhecido como marco inaugural desse período do movimento feminista, o livro *O Segundo Sexo*, de autoria de Simone de Beauvoir (2016), havia sido lançado em 1949 e trazia problematizações sobre condição da mãe e a impossibilidade de liberdade para as mulheres dentro dos parâmetros sociais exigidos à época:

Há uma má-fé extravagante na conciliação do desprezo que se dedica às mulheres com o respeito que são cercadas as mães. É um paradoxo criminoso recusar à mulher toda atividade pública, vedar-lhe as carreiras masculinas, proclamar sua incapacidade em todos os campos e confiar-lhe o empreendimento mais deliciado, mais grave que existe: a formação de um ser humano. (BEAUVOIR, 2016. p.327)

É nesse momento que o tema da maternidade passa a ser teorizado e analisado pelas feministas brancas. A maternidade é vista como questão-chave do feminismo, mas como uma condição que impunha às mulheres a opressão e a dominação pelo sexo oposto, uma vez que a mulher é vista apenas como reprodutora e cuidadora das crianças, limitando a ação das mulheres à esfera do privado. Rich (1995) mostra a divergência nos valores de maternidade apontados por autoras negras e autoras brancas, sinalizando vertentes dentro do feminismo.

Para Diner e Davis, a mulher como mãe naturalmente leva para uma ginarquia: para sociedades chefiadas e marcadas com profunda reverência pelas mulheres. Outras escritoras, incluindo Simone de Beauvoir e Sulamith Firestone, negam que tanto uma ordem “matriarcal” ou uma “ginocracia” sequer existiram, e percebem a função materna das mulheres como, de maneira simples e precisa, a raiz de nossa opressão. Qualquer que seja a conclusão, existe uma correlação inevitável entre a ideia de maternidade e a ideia de poder (RICH, 1995. p.72. Tradução nossa).

O movimento feminista desse período iniciou um debate acerca da maternidade que pode ser dividido em três principais momentos: primeiro, enxergava a maternidade como defeito natural (*handicap*), recusando esta condição como forma de afastar a dominação masculina e apoiada pelas novas formas de contracepção (SCAVONE, 2001). A luta política das mulheres francesas, nos anos 1970, para obter a pílula contraceptiva e o aborto como direito político, possibilitou a efetivação desta recusa. A máxima deste movimento era “*un enfant, si je veux, quand je veux*” [“uma criança se eu quiser, quando eu quiser”], que reivindicava o direito à livre escolha da maternidade (SCAVONE, 2001).

É também quando se dá o lema “o pessoal é político” de autoria da jornalista Carol Hanisch, em texto com título homônimo (e que será subvertido nos quatro momentos de análise do uso das redes sociais pelas mães no capítulo 3), que trata dos grupos de conscientização de feministas ativistas de inclinação radical, que socializavam experiências constatando que seus problemas cotidianos tinham razões sociais estruturais e deveriam ser solucionados de modo coletivo (SARDENBERG, 2018).

Num segundo momento, novas reflexões levaram a ideia da constituição de um poder a partir da maternidade e dos saberes que a envolvem, compreendendo os regimes de produção de verdade do discurso biológico e as relações de dominação que atribuem significados específicos à maternidade.

Do ponto de vista foucaultiano todo saber tem sua gênese em relações de poder, isto significa que, ao resgatar o saber feminino associado à maternidade, esta segunda etapa da reflexão feminista dá visibilidade ao poder que as mulheres exercem na sociedade mediante este fenômeno bio-psíquico-social que é a maternidade. Esta abordagem situa-se na corrente do feminismo diferencialista, refletindo suas lutas pela afirmação das diferenças e da identidade feminina (SCAVONE, 2001).

O feminismo diferencialista ou feminismo da diferença, como destaca a filósofa francesa Elisabeth Badinter (BADINTER, 2011) dá as costas para Simone de Beauvoir, e sua obra filosófica *O Segundo Sexo*, que preconizava igualdade política e de coeducação em virtude das semelhanças entre homens e mulheres. “O feminismo da diferença reivindica a igualdade entre mulheres e homens, mas nunca a igualdade com os homens porque isso implicaria aceitar o modelo masculino” (GARCIA, 2015. p.97). Para essa vertente tudo que corresponde ao feminino e a feminilidade não é apenas essência, mas também uma virtude, na qual o centro está a maternidade, “a experiência crucial da feminilidade a partir da qual se pode construir um mundo mais humano e mais justo” (BADINTER, 2011). Elas pretendiam usar essa diferença como arma política e moral. Essa perspectiva se uniu a duas teorias procedentes: a da sociobiologia, que afirma que a biologia determina a divisão de trabalho entre os sexos, e a do maternalismo, que reiterava as qualidades femininas decorrentes da experiência maternal. Na década de 80, a *filosofia feminista do care* (também traduzido como “solicitude”), retoma a ideia darwinista de que a mulher tem probabilidade de cuidar de outras criaturas, por conta dos filhos, apontando uma moral diferente da dos homens:

A mulher parece diferir do homem por sua maior ternura e seu menor egoísmo. A mulher, em razão do instinto materno, dá testemunho em alto grau dessas qualidades para com seus filhos; logo, é provável que ela com frequência o estenda a outras criaturas (BADINTER. 2011. p.74).

A filosofia do *care*, marcada pela edição do livro *Uma voz diferente: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta* de Carol Gilligan, em 1982, faz da preocupação das mulheres com os outros uma forma de moral superior, que desenvolve uma ética de cuidado:

Mais preocupadas com a vida e com as relações concretas entre si e os outros, mais dispostas a consertar do que a decidir, a proteger mais do que punir, as mulheres trazem para a humanidade uma doçura e uma compaixão que renovam a moral social. Consequentemente, a maternidade, até então tida como uma relação privada - deve ser pensada como um dos dois modelos da esfera pública. Somente ela pode enfrentar o mundo individualista, egoísta e cruel do macho liberal (BADINTER, 2011. p.76)

A abordagem focada na moral, na biologização e no essencialismo, condena e exclui não apenas os homens, mas as mulheres trans, as mães adotivas, bem como todas as mulheres que não desejam e/ou não podem ser mães. Essa filosofia também acaba por contribuir com a sobrecarga das mulheres como cuidadoras na esfera pública e privada, e forja padrões de gênero e os estereótipos ideais da mãe sacralizada e abnegada que pensa sempre nos outros antes de si mesma, assumindo uma divisão sexual do trabalho.

Já num terceiro momento, com a introdução do conceito de gênero nas ciências sociais que pretendia dar conta de explicar as desigualdades persistentes entre os homens e as mulheres, se alcança uma compreensão relacional da maternidade, respondendo pela construção social das diferenças entre os gêneros. A maternidade passa a ser possível de ser analisada como organização institucional familiar, como um símbolo construído histórico, cultural e politicamente, resultado das relações de poder e dominação de um sexo sobre o outro, permitindo uma compreensão da maternidade no contexto cada vez mais complexo das sociedades contemporâneas (SCAVONE, 2001).

Nas décadas de 80 e 90, as reflexões acerca da maternidade “passaram a estar mais centradas nas políticas de saúde e nos direitos reprodutivos, deslocando as questões da maternidade do âmbito privado para o âmbito público” (2018). As pesquisas do período centraram-se nas questões mais específicas dos direitos e usos das tecnologias reprodutivas, bem como de suas consequências à saúde das mulheres (2001). Nesse período alguns grupos de estudos passaram a analisar a questão da maternidade sob a perspectiva da parentalidade. A abordagem leva em conta a construção dos laços parentais a partir do envolvimento dos cuidadores com a criança e refletindo uma mudança na organização social, com mais participação masculina, ainda que a maior parte do trabalho

de cuidado e do trabalho invisível estejam sob responsabilidade das mulheres, como perdura até os dias de hoje²⁵.

É preciso considerar que grande parte da literatura acadêmica, muito calcada no feminismo branco (RATT; RIOS 2010) com sua reivindicação por direitos iguais aos dos homens, refletem as demandas e realidades de um grupo de mulheres de classe média, desvalorizando ou ignorando outros sentidos, vivências e valores sobre as relações entre maternidade e o trabalho.

Quando dirigimos a atenção para as comunidades de mulheres afro americanas e latinas e outras mulheres de cor, somos forçadas a rever nossa compreensão de trabalho comunitário, ativismo político, maternidade, e por consequência, nossos conceitos de trabalho (NAPLES, 1992, tradução nossa).

Tais temáticas refletem a natureza de raça e classe que não podem deixar de ser consideradas dentro ou fora do movimento feminista. Um exemplo do que ficava ausente do debate eram a relação das mulheres negras com suas maternidades e com o fato de historicamente sempre terem trabalhado fora, desde escravizadas, até o serviço doméstico remunerado e subvalorizado: “mães negras que ainda limpam a casa de outra pessoa, [...] ainda cuidam dos idosos e dos doentes de outras famílias” (COLLINS, 2019. p.292).

Infelizmente, ainda que o feminismo continue a ser um dos poucos discursos a desenvolver análises importantes sobre a maternidade, a combinação de branquidão que ele transmite com a defesa de políticas aparentemente contrárias à família acaba limitando sua eficácia. No contexto de uma sociedade racialmente segregada, na qual as mulheres brancas se beneficiam histórica e contemporaneamente da subordinação de mulheres negras, as afro-americanas que desconfiam do feminismo não são nem exageradas nem demonstram falta de consciência feminista. Ademais, quando esse quadro se combina à noção de que o feminismo adota uma postura contrária à família e, por consequência, à maternidade, a relutância coletiva das mulheres negras estadunidenses em desenvolver análises críticas da maternidade negra se torna ainda mais compreensível (COLLINS, 2019. p. 294-295)

Para Collins (2019), é preciso “uma análise feminista negra revitalizada a respeito da maternidade”, que desconstrua “imagens de controle” para as mães negras que têm o

²⁵ As mulheres que trabalham fora de casa dedicam 18,5 horas semanais às tarefas de casa, filhos e idosos. Os homens que trabalham fora dedicam, 10,4 horas (Dados da PNAD continua 2019).

Homens dedicam 11 horas semanais, contra 21 horas, em média, das mulheres em relação aos afazeres domésticos, considerados trabalho invisível (Dados da PNAD contínua de 2019).

Entre 2005 e 2015, o número de famílias compostas por mães solo subiu de 10,5 milhões para 11,6 milhões. (Dados do IBGE, 2017).

De 10,3 milhões de crianças brasileiras com menos de 4 anos em 2015, 83,6% (8,6 milhões) tinham como primeira responsável uma mulher (mãe biológica, criação ou madrasta). (Dados da PNAD, 2015)

Há 5,5 milhões de crianças brasileiras sem o nome do pai na certidão de nascimento, segundo (Dados do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), com base no Censo Escolar de 2011).

intuito de oprimir e “moldar a maternidade negra em benefício de opressões interseccionais de raça, gênero, classe, sexualidade e nação” (2019. p.296). Collins aponta que a maternidade pode ser espaço de autovalorização e empoderamento para a mulher negra, com possibilidades de promover o “crescimento pessoal, elevar o *status* nas comunidades negras e servir de catalisador para o ativismo social” (2019. p. 296).

Outro padrão identificado por Collins (2019) na maternidade negra é a da mãe de criação. São mulheres negras que se envolvem e cuidam da comunidade, que por sua vez reconhece nela uma liderança. Mulheres que desenvolveram um ativismo comunitário buscando sanar as necessidades dos seus próprios filhos e dos vizinhos.

Chamados negativamente de “política maternal” pelo feminismo de influência norte-americana e europeia, os padrões de ativismo político das mulheres negras, associados às tradições das mães de criação da comunidade, assim como o poder e o reconhecimento público que os afro-americanos oferecem a essas mulheres, foram muitas vezes depreciados (COLLINS, 2019. p.320).

A política maternal, ancorada no pensamento de Carol Gilligan, são exemplificadas pelos movimento políticos em que as mães saem em defesa de seus filhos, no qual essa é a força principal para se envolver em questões políticas e ativistas; como o exemplo das mães da Plaza de Mayo, na Argentina a partir de 1977²⁶. Collins (2019) aponta a hierarquia menor que o feminismo branco atribuiu a esses movimentos:

Políticas maternais não podem ser confundidas com feminismo. As mulheres que participam de movimentos de mães não estão lutando por seus direitos pessoais como mulheres, mas por seus direitos de custódia como mães. Uma vez que conceitos como a santidade da maternidade são tão profundamente arraigados no tecido social da maioria das sociedades, essa estratégia parece eficaz em áreas em que outras tentativas de gerar transformação social já falharam. O discurso tradicional sobre a maternidade é tão poderoso que maridos, famílias e membros do governo costumam reconhecer e respeitar relatos comoventes proferidos por mães, dando às mulheres um espaço onde se organizar. É fácil encontrar aliados e reforçar o poder político desses movimentos. Entretanto, é preciso reconhecer que esses movimentos têm escopo, duração e sucesso limitado na busca por seus objetivos e, acima de tudo, não devem ser reconhecidos como maturidade política. (WELLS, 1998 apud COLLINS, 2019.p321).

Para Collins (2019),

esse tipo de pensamento estabelece uma hierarquia de feminismos, atribui um status secundário às práticas de mulheres negras nos Estados Unidos e na África, e não reconhece a maternidade como símbolo de poder. Ao contrário, a maternagem ativista associada ao trabalho comunitário das mulheres negras é retratada, em sintonia com o feminismo ocidental,

²⁶ A ‘Mães da Plaza de Mayo’ é uma associação argentina de mães que tiveram seus filhos assassinados ou desaparecidos durante a ditadura militar que governou o país entre 1976 e 1983.

como um veículo “politicamente imaturo” utilizado por mulheres incapazes de desenvolver uma análise supostamente radical da família como espaço de opressão. Quando as feministas afirmam que a “política maternal” representa uma forma imatura de ativismo político, isso põe em questão a maternidade como símbolo de poder nas comunidades afro-americanas. O trabalho comunitário das mulheres negras pode ser compreendido por meio da retórica maternal como um sistema estático de ideias passível de ser avaliado por critérios externos e supostamente feministas. Porém, uma abordagem diferente vê o entendimento de maternidade das mulheres negras como um símbolo de poder e a maternagem ativista decorrente dela como um tema duradouro que politiza as mulheres negras (COLLINS, 2019.p321).

A longa citação de Collins (2019) é importante porque recupera o potencial da maternidade para envolvimento ativista e político, sem recorrer ao maternalismo e faz frente ao que se convencionou pensar da maternidade nas teorias feministas, principalmente do feminismo branco, proporcionando um arcabouço teórico que se articula com a atuação da Bancada de Mães Ativistas.

Nesse sentido, ainda dentro da terceira onda feminista proposta por GARCIA (2015), é possível incluir uma vertente feminista própria para as mães que se aprofunda nas potências da maternidade ao mesmo tempo que a entende como uma forma de opressão.

2.3. Feminismo Matricêntrico ou um feminismo para as mães

Defensora de um ativismo, de uma teoria e de uma prática próprias para as mães no feminismo, a pesquisadora canadense Andrea O’Reilly destaca que o feminismo vem ignorando a maternidade nos últimos 40 anos. E as mulheres mães continuam oprimidas duplamente: porque são mulheres e porque são mães. Desse modo ela teoriza por um feminismo que contemple as mulheres-mães, e que ela nomeia de Feminismo Matricêntrico (2016). E sinaliza a rejeição às temáticas da maternidade dentro das linhas de pesquisa das Teorias Feministas e dos Estudos de Gênero.

O desenvolvimento da terceira onda feminista, mais especificamente em 1990, considerando os Estados Unidos da América, cresceu a partir do senso de alienação das jovens mulheres em relação aos objetivos do feminismo das décadas de 60 e 70 (O’REILLY, 2016. p.19. Tradução nossa).

A autora discorre sobre as autoras americanas feministas, como Betty Friedan²⁷ e Shulamith Firestone²⁸, para as quais a maternidade e a família seriam das instituições patriarcais que causam opressão às mulheres, encorajando-as a buscar a igualdade com os homens e a satisfação no trabalho remunerado. Para essas autoras, a solução era a rejeição e a denúncia da maternidade como sinônimo único de sobrecarga e desigualdade, como visto anteriormente. Esse momento do feminismo teria causado o efeito colateral de uma insatisfação sentida pelas mães em tempo integral e a ignorância sobre as vivências de mulheres para as quais a maternidade e o trabalho têm outros sentidos e valores.

No caso de O'Reilly, ao descrever o Feminismo Matricêntrico, o distingue do maternalismo e do essencialismo de gênero, abrindo um diálogo com o pensamento de Collins (2019). O maternalismo afirma que as mães sabem melhor, sugerindo que “as mulheres são (e deveriam ser) a consciência moral da humanidade e sustenta o legítimo investimento em políticas públicas por meio desta ênfase” (O'REILLY, 2016, tradução nossa). Ela argumenta que algumas perspectivas ativistas do Feminismo Matricêntrico podem ser consideradas maternalistas. No entanto, entende que a maternidade é construída social e historicamente e posiciona a maternagem mais como uma prática do que como uma identidade. Contrário ao maternalismo, essa vertente não posiciona a maternidade como essencial ou como base da identidade feminina e desafia a afirmação que a maternidade é natural da mulher e que toda mulher nasceu para ser mãe. O Feminismo Matricêntrico proposto por O'Reilly (2016), sustenta uma perspectiva matrifocal e insiste que a maternidade importa, mas não corrobora com a agenda ou argumentos maternalistas.

Para O'Reilly, em relação à diferença de gênero, as feministas das décadas de 60 e 70, colocam a maternidade como central das opressões. Desafiar o determinismo biológico e outros essencialismos têm sido uma política crucial das estratégias feministas dessa época. E a maternidade, enquanto processo biológico realizado apenas pelas espécies fêmeas, figuraria como um dos principais marcadores da diferença de gênero

²⁷ Betty Friedan foi uma proeminente feminista estadunidense, autora do livro 'A Mística Feminina', lançado em 1971, que marcou a geração da década de 70 que sinaliza o vazio existencial das mulheres de classe média branca dos EUA.

²⁸ Feminista radical, Shulamith Firestone ficou conhecida pelo seu manifesto feminista *A Dialética do Sexo: Razões para a Revolução Feminista*. No livro lançado em 1970, a autora aponta a gravidez como principal fonte de opressão para as mulheres.

que estrutura a dominação masculina (MENDONÇA, 2017). E, portanto, rechaçado pelo feminismo da igualdade a partir do gênero masculino.

O feminismo das décadas de 60 e 70, majoritariamente branco, assumiu uma aliança entre participação econômica das mulheres com emancipação, glorificando o mercado de trabalho masculino, desvalorizando o trabalho doméstico e ignorando o trabalho de mulheres pretas e pobres, por exemplo, que sempre conciliaram maternidade e trabalho remunerado. Essa narrativa naturaliza uma oposição entre feminismo e formas de subjetividade maternas, à exemplo da análise de Collins (2019) que vão ao encontro com as forças e agendas da política neoliberal, que culminam no pensamento Pós-Maternal desde 1990. O materno é constituído em debates públicos, na cultura popular, em narrativas pessoais de modo pouco desejável.

Assim como o materno foi ativamente esquecido na narrativa feminista, atualmente ele está sendo ativamente ignorado. Eu argumento que o apagamento do maternal na teoria feminista é menos a respeito das questões relacionadas ao essencialismo de gênero do que acerca da necessidade de mascarar e negar o materno - nutrição, dependência humana, cuidado e emoção - nas nossas vidas. Reconhecer o materno é lembrar que a existência humana não é autossuficiente, completamente livre e sem necessidade de proteção - o tipo que é recompensado pelo neoliberalismo e celebrado na contemporaneidade feminista (O'REILLY, 2016, tradução nossa).

Assim, as mulheres precisariam de um feminismo centrado na perspectiva da mãe – a partir da prática da maternidade e não assumindo que ela é a base da identidade de uma mulher – como um outro marcador social de opressão, porém com suas particularidades de empoderamento.

Me incomoda que as feministas são capazes de entender a interseccionalidade quando se refere a opressão de gênero, de raça, de classe, de orientação sexual e localização geográfica, mas não o fazem em relação à maternidade (O'REILLY, 2016. Tradução nossa).

Diversos problemas enfrentados pelas mães não acontecem porque elas são mulheres, mas porque são mães. A opressão e a resistência ao patriarcado são moldadas pela identidade materna, assim como a opressão e a resistência das mulheres negras é moldada por sua identidade racializada (O'REILLY, 2016) pela sociedade. A autora articula sete itens de uma lista que considera parcial e provisória para a realização do Feminismo Matricêntrico. A saber:

1. O tema das mães, da maternagem e da maternidade é merecedor de sérias e consistentes investigações acadêmicas.

2. Considera a maternidade como um trabalho que é importante e valioso para a sociedade, mas enfatiza que a tarefa essencial da maternidade não é, e não deveria ser, a única responsabilidade e dever das mães.
3. Contesta, desafia e sinaliza a instituição opressiva da maternidade patriarcal e busca imaginar e criar uma prática e uma identidade para a maternidade que empodere as mães.
4. Foca em corrigir a centralização da criança que define muito dos estudos acadêmicos e do ativismo sobre a maternidade e busca desenvolver pesquisa e ativismo a partir da experiência e da perspectiva das mães.
5. Compromete-se com a mudança e a justiça social e considera a maternidade como uma empreitada de engajamento social com seu próprio lugar de poder, em que as mães podem e realmente criam uma mudança social através da criação de filhos e de seu ativismo.
6. Compreende que a maternidade e a maternagem são culturalmente determinadas e variáveis, e se compromete em explorar as diversas experiências existentes de forma interseccional, de acordo com raça, classe, cultura, etnia, orientação sexual, capacidade física, idade e localização geográfica;
7. Se esforça para estabelecer uma teoria materna e estudos sobre a maternidade como uma disciplina autônoma, independente e legítima entre as disciplinas acadêmicas.

Desse modo, O'Reilly (2016), juntamente com Collins (2019), fornecem bases mais sólidas para teorizar a respeito das mães no feminismo e avaliar a atuação de mulheres como as integrantes da Bancada de Mães Ativistas que, com uma perspectiva de agenda política alinhada a um partido socialista, trazem uma narrativa que disputa narrativa frente a visão auto suficiente da visão neoliberal. Sua teoria permite observar de um ponto de vista que considera tanto a carga opressiva da maternidade como instituição patriarcal, quanto a carga potente da maternidade como experiência.

Contudo, é preciso terminar a contextualização da maternidade dentro dos feminismos contemporâneos. Afinal, existe a quarta onda feminista e como a maternidade se situa nela?

2.4. Uma Quarta Onda Feminista?

Ainda não há consenso em relação à existência da quarta onda feminista, ou “Primavera Feminista”, como o senso comum chama o feminismo contemporâneo que ganhou novo alcance com a internet e as redes sociais digitais com suas diversas plataformas: blogs, Facebook, Instagram, Twitter etc. Elas trouxeram a possibilidade de criação e publicação de novas narrativas autônomas para as mulheres e, conseqüentemente, fontes alternativas de informação para esse assunto até então dificilmente pautado nas grandes mídias de massa. Para Costa (2018. p.53) essa fase “chegou mesmo a ser batizada ironicamente como ativismo de sofá, minimizando a importância que a rede teve nessa mobilização insurgente”. Para a autora, a rede digital potencializou uma estratégia feminista histórica, que se baseia justamente na força agregadora do privado e das narrativas pessoais.

É próprio do feminismo esse compartilhamento das ideias. Apenas o instrumento que mudou e as mulheres mais jovens foram as protagonistas dessa mudança. Nas décadas anteriores isso era feito por meio de grupos de apoio, mas a internet propiciou não só que esses relatos fossem distribuídos de forma mais ampla, mas reforçou as características de cada mulher (RIZOTTO; MEYER; SOUZA, 2017)

Apesar de ampliar o alcance do movimento feminista, quem discorda da terminologia justifica que a internet não trouxe reivindicações novas que poderiam marcar uma nova onda, posto que as fases do feminismo seriam definidas por mudanças de pensamento ou de correntes teóricas com demandas particulares. Para Garcia (2019)²⁹, ainda temos que resolver muitas questões anteriores, não resolvidas, antes de pensar em uma quarta onda.

Contudo, se não houve proposição nova, houve a inédita e exponencial possibilidade de visibilidade para as demandas de diversas vertentes de teorias e práticas feministas que antecedem esse momento, momento que faz jus a uma nova fase com articulações atualizadas para uma dimensão global, a partir de recursos tecnológicos. Desse modo, neste trabalho se considera que esse período merece a categoria de Quarta Onda Feminista.

Vale retomar que se convencionou pensar nesse momento desde a Marcha das Vadias, em 2011, um movimento criado em Toronto, no Canadá, em resposta ao

²⁹ informação verbal comentada durante o curso Fronteiras do Feminismo - Pós-Colonialismo, Teorias e Práticas Latino-americanas, em 7 de dezembro de 2019.

comentário de um policial que disse que para se evitar estupros, as mulheres deveriam parar de se vestir como vadias. A partir de então, as mulheres foram às ruas protestar contra o discurso que culpabilizava a vítima pela violência sexual sofrida e contra qualquer forma de violência contra as mulheres (LANGNER; ZULANI; MENDONÇA, 2015).

O movimento contou com ampla cobertura das temáticas feministas e uma consequente proliferação de blogs e iniciativas de mobilização na internet sobre feminismo (RIZOTTO; MEYER; SOUZA, 2017). Isso culminou na pulverização de mulheres a partir do compartilhamento de suas experiências particulares de violências de gênero manifestadas junto a hashtags³⁰ como #metoo ou #primeiroassédio, em 2015. Elas ajudaram a reunir relatos, mostrar o volume das ocorrências e assim, apoiar a desconstrução da naturalização da violência contra a mulher e recolocar os holofotes sobre a relevância da agenda feminista a partir das desigualdades sofridas pelas mulheres.

É uma clara mudança nos rituais de produção e circulação das ideias na qual as mulheres passam a organizar suas narrativas, entender opressões estruturais a partir delas, se organizar e se conectar online para reivindicar seus direitos em rede. Bogado (2018.p.26) destaca que desde o Movimento Passe Livre (MPL) em 2013, as redes sociais foram usadas para difundir informações a respeito de protestos, manifestações e marchas de rua. “Testemunhávamos a emergência de uma nova linguagem tecnopolítica que superava o ‘clickativismo³¹’, mas que claramente nasceu nas redes sociais” (BOGADO, 2018. p.26). O ponto alto foi a movimentação das mulheres contra o retrocesso que significava o projeto de lei (PL) 5069/2013, apresentado pelo deputado Eduardo Cunha, que dificultaria o atendimento das vítimas de violência sexual nos serviços públicos de saúde e estabelecia a punição aos profissionais que incentivassem aborto ou auxiliassem quem o fizesse. Os protestos, que ficaram conhecidos como Primavera das Mulheres, ocorreram em diversas cidades do país, a maioria mobilizados através da internet (BRITO, 2017), muitos usando de hashtags específicas para marcar e agregar as narrativas individuais expressas com mais liberdade e tornando a presença física dispensável (RIZOTTO; MEYER; SOUZA, 2017).

³⁰ Hashtags são termos utilizados juntamente ao símbolo cerquilha (#) antes de uma palavra, uma frase ou uma expressão e que funciona como indexador de discussões nas redes sociais digitais, nas quais, ao clicar em cima, é possível visualizar todas as postagens publicadas com elas

³¹ ‘clickativismo’ pode ser considerado todo o ativismo realizado apenas no ambiente da internet, fazendo uma alusão ao “clik” do mouse.

As mães não ficam de fora desse novo contexto. Desde o início da internet e das primeiras redes sociais, elas se apropriam desses meios para desenvolver suas próprias narrativas e identidades, registrar suas histórias, se conectar com outras mulheres, monitorar discursos a respeito de si mesmas e da maternidade dentro ou fora do movimento feminista, organizar ações de protesto e até mesmo, se lançar politicamente.

Desse modo, é preciso entender como as mães se organizaram em rede para, mais adiante, entender o impacto da chamada quarta onda feminista entre esse grupo.

3. Novas narrativas para as mães– modos de usar o ciberespaço

O ciberespaço trouxe uma nova possibilidade de tensionar a maternidade enquanto uma instituição, a partir da criação de grupos e comunidades virtuais de mães em rede.

Tudo se transforma rapidamente nas relações das mulheres com o trabalho, com os recursos tecnológicos, com o entorno sociocultural, mas uma coisa permanece constante: a maternidade, como uma instituição remota e fundante da própria humanidade, continua na pauta e na prática das mulheres atuais. Na pauta de mulheres que utilizam ou trabalham no computador cotidianamente e fazem do acesso aos blogs espaço próprio, espaço de expressão. (BRAGA, 2008. p.61)

É possível identificar quatro momentos de análise do uso das redes pelo grupo de mães, marcados pela chegada de algumas plataformas digitais e dos comportamentos interativos com rituais particulares entre esse grupo. Vale pontuar que os rituais, de acordo com NASSAR; FARIAS (2018, p.348), são as narrativas construídas por meio de elementos simbólicos (corporais, orais ou não orais) que são marcados pela repetição e pela intenção retórica, e que conceitualmente pode-se enquadrar em narrativas da experiência, que estão presentes em todas as culturas, como processos de identificação e afirmação delas mesmas e de seus integrantes. Como processo comunicacional o ritual é uma narrativa que traz para o cotidiano do grupo que opera um porquê transcendente, uma narrativa de causa, que no caso, organiza a ação das redes sociais digitais de mães.

Os rituais têm impactos sociais e psicológicos nos indivíduos em suas atuações grupais e no âmbito da sociedade. A suas narrativas em ação, que configuram as experiências, canalizam e expressam emoções, promovem a orientação de comportamentos, consolidam ou questionam o status quo (NASSAR; FARIAS; POMARICO, 2019. p.219).

Também é possível destacar o papel social do ritual com ênfase na comunicação e nas mídias, já que

o ritual é um sistema culturalmente construído de comunicação simbólica. É constituído de sequências padronizadas e ordenadas de palavras e atos, muitas vezes expressas em múltiplas mídias, cujo conteúdo e arranjo são caracterizados em graus variados pela formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). (TAMBIAH, 1979, apud NASSAR; FARIAS; POMARICO, 2019)

Assim, em cada fase analisada, há rituais que constituem as narrativas das experiências das mães no ambiente digital. A primeira é com o início dos blogs maternos, que trazem uma possibilidade de diário da maternidade e troca de desabafos e experiências. A segunda fase vem com a chegada das redes sociais digitais como Facebook e Instagram em que as mães se tornam influenciadoras maternas para divulgarem marcas e produtos. A terceira, em que os problemas pessoais relatados pelas mães em rede passam a ser compreendidos como estruturais da sociedade com efeito de empoderamento cidadão, resultando num ativismo digital materno com potencial de ação pública, política e coletiva, e que é concomitante a eclosão do feminismo contemporâneo. E a quarta, com o uso das redes para manifestação e divulgação de candidaturas políticas de mulheres-mães.

Cada título dos quatro momentos de análise subverte o lema “o pessoal é político”, dos grupos de conscientização feministas da década de 70, também entendendo que as redes sociais digitais possibilitaram às mães formar novos grupos de troca e conscientização.

3.1. Modo 1: O Pessoal é Público: uma história social de mães brasileiras e os seus diários maternos em rede

Para pensar a utilização das redes sociais pelas mães, é preciso voltar para os primeiros modos de utilização das plataformas digitais por esse grupo em seus primórdios: os blogs, que chegaram ao Brasil em 1998³². Um dos estudos mais relevantes no Brasil, citado por Tomaz (2015) e que inaugura a articulação temática das mulheres mães em rede, analisando o início dos blogs pelas mães, é o de Braga (2008). A pesquisadora analisou as interações comunicacionais do “livro de visitas” (LV) de um dos blogs expoentes da temática da maternidade, o Mothern - As incríveis aventuras de

³² O primeiro blog brasileiro escrito em português surgiu em 1998. Fonte: Revista Época. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG74942-5856,00.html> Acesso em 25/03/2020.

duas garotas que já pariram. Reconhecido como um dos primeiros blogs brasileiros de autoria de mulheres que são mães a ter grande destaque ao utilizar os novos processos de comunicação por computador (CMC) disponíveis com a internet, ganhou espaço em diversas reportagens de mídias tradicionais e virou livro, que serviu de base para a série de ficção homônima no canal fechado GNT, em 2006. Criado em 2002 e considerado um fenômeno, o blog tratava de temas da maternidade do início do século XXI a partir da visão de duas jovens mães de classe média.

Em sua tese de 2007 e que virou o livro: *Personas Materno-Eletrônicas - Feminilidade e Interação no Blog Mothern*, Braga destaca que as interações entre as criadoras do blog, que compartilhavam relatos pessoais da maternidade, e as visitantes (analisada no período de abril de 2002 a agosto de 2006), se transformou em uma prática que ela denominou “teorização informal da feminilidade”, no que chama de “espaço público contemporâneo”. Nesse espaço, elas questionavam a “coerção social sobre o comportamento das mulheres ao se tornarem mães” (BRAGA, 2008. p.271).

O ano de 2004 parece ter sido o ano da dispersão do Mothern pela internet. Nesse mesmo período surgiu a comunidade Mothern, no Orkut³³, criada pela blogueira Laura Guimarães em junho de 2004. E a interação entre as participantes e as leitoras do blog Mothern motivou a criação de diversos outros blogs e *fotologs*³⁴ com a temática da maternidade (BRAGA, 2008) e que configuram a ‘blogosfera materna’. Esse momento sinaliza a utilização da internet como facilitadora e mesmo possibilitadora de relações e articulações entre pessoas que nem mesmo se encontrariam não fosse aquele ambiente. As trocas entre elas eram complementadas por outras ferramentas de comunicação, como “e-mails, outros blogs, telefonemas, *instant messenger*³⁵, e lista de discussão³⁶, além de encontros presenciais” (BRAGA, 2008).

Essas interações trazem um modo mothern de ser mãe que seria, principalmente, o de uma mulher que lida com as dificuldades de conciliar maternidade e trabalho formal e que relatam uma inadequação em relação ao papel social exigido da mãe (Braga, 2008).

³³ O Orkut foi uma rede social filiada ao Google, criada em 24 de janeiro de 2004 e desativada em 30 de setembro de 2014.

³⁴ Fotologs foram sites de fotografias, onde usuários possuíam a ferramenta de carregar e armazenar todas suas fotografias e compartilhar com os amigos ou outras pessoas de seus círculos. Com o tempo, foi perdendo espaço para outras redes sociais, especialmente Facebook e Instagram. Em 2019 o site foi desativado e saiu do ar. Fonte: Wikipedia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fotolog>. Acesso em 27/04/20.

³⁵ *Instant Messenger* são serviços de troca de mensagens instantânea.

³⁶ Lista de discussão é uma ferramenta gerenciável pela Internet que permite a um grupo de pessoas a troca de mensagens via e-mail entre todos os membros do grupo. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_discuss%C3%A3o Acesso em 27/04/20.

Entre os temas abordados pela “teoria” do *Mothers* em torno da feminilidade contemporânea, estão: aborto, ingestão de álcool na presença de crianças, aleitamento materno, opções sexuais femininas, consumo de drogas, etc., porém, desvinculado de “de qualquer posição política que vise a um encaminhamento coletivo das questões ali refletidas” (BRAGA, 2008. p.202). A presença das mães blogueiras em rede reflete uma dinâmica de diário pessoal muito característica dos primeiros blogs, em que são compartilhados relatos íntimos do dia a dia em que as mães discutem, experimentam e teorizam a feminilidade como questão privada.” (BRAGA, 2008. p.258), ou seja, que reflete a respeito do que se passa em foro íntimo.

Vale ressaltar que BRAGA (2008) assume que a maternidade³⁷ é parte da feminilidade³⁸, quando diz que, ao discutirem suas experiências como mães essas participantes do blog *Mothers* criam uma “teoria informal da feminilidade”, ao invés de destacar uma teorização informal da maternidade. A questão do feminismo também é pouco mencionada na tese, levando em conta que à época do blog *Mothers* esse movimento social ainda não havia ganhado o alcance visto com a explosão das mídias sociais, que encontrou seu ponto de eclosão em 2015, embora já desse sinais de força em manifestações públicas desde 2010 (BOGADO, 2018). Mesmo sem analisar as interações entre as mães participantes do blog à luz das teorias feministas, Braga (2008) traz em suas considerações a identificação de que há um preconceito generalizado em relação ao feminismo entre as participantes do blog:

as referências a esta teoria social vêm acompanhadas por uma justificativa, que sistematicamente nega a afiliação das participantes a seus quadros, como na frase de uma das frequentadoras, ‘não quero parecer feminista, mas...’ Assim, entre as participantes, o termo ‘feminista’ é pejorativo, vinculado a um discurso considerado rancoroso e ultrapassado (BRAGA, 2008. p.276).

A recusa aponta para uma certa despolitização da maternidade e a um esvaziamento das questões de gênero e suas relações de poder que necessita ser enfrentada de forma coletiva para alcançar justiça social (BRAGA, 2008. p.277).

³⁷ Vale destacar a dificuldade de elaborar uma conceituação fechada para a ‘maternidade’. “Que estatuto atribuir à maternidade? Responder a essa questão envolve uma tensão que atravessa a história dos movimentos feministas, mas também a de numerosas mulheres, que se encontram diante de contradições frequentemente insuperáveis. A maternidade constitui, ao mesmo tempo, uma especificidade valorizada – o poder de dar a vida -, uma função social em nome da qual reivindicar direitos políticos ou direitos sociais, e uma das fontes da opressão. Operadora de divisões, ela estrutura as oposições teóricas das feministas.

³⁸ “Na sociologia e antropologia dos sexos, masculinidade e feminilidade designam características e as qualidades atribuídas social e culturalmente aos homens e às mulheres. Masculinidade e feminilidade existem e se definem em sua relação e por meio dela. São as relações sociais de sexo marcadas pela dominação masculina, que determinam o que é considerado “normal” – e em geral interpretado como natural – para mulheres.

Para contextualizar, em 2008, quando a tese foi publicada em formato de livro, o primeiro smartphone da Apple, o iPhone, tinha sido lançado há um ano (COUTINHO, 2014). O Facebook também tinha um ano de vida no país. E o feminismo não havia ganhado o alcance e a visibilidade em diversos setores da sociedade, proporcionado pela popularização das redes sociais (BOGADO, 2018) com a popularização pelo acesso via smartphones. À época do *Mothern*, a grande maioria dos acessos ao blog era feita a partir do local de trabalho das frequentadoras, mais restrito a quem tinha acesso à tecnologia (BRAGA, 2008), indicando um recorte importante de classe para situar quem eram as mulheres que tinham acesso a essas ferramentas.

Os blogs com as temáticas maternas também ganharam espaço em mídias tradicionais brasileiras. Em 2015: a página da internet do jornal Folha de S.Paulo abriga o blog *Maternar*, escrito por duas mães. Em O Estado de S.Paulo, o blog *Crianças em desenvolvimento* mostra em seu slogan o lugar compartilhado pelos responsáveis e peritos: “o saber dos pais e o conhecimento dos especialistas. Já o site *Bebê.com.br*, da editora Abril, hospeda uma gama de blogs escritos por mães, por meio dos quais elas compartilham experiências distintas na tarefa de ser mãe.” (TOMAZ, 2015).

O ambiente das novas mídias se prova relevante para ampliar o alcance das temáticas da maternidade por meio das interações que possibilita e pelas novas oportunidades de produção de sentido e de subjetividades para as mães. Se com o início dos blogs elas conseguiram espaços de projeção e de articulação de desafios cotidianos da maternidade, com destaque até mesmo nas pautas das mídias tradicionais, com as redes sociais digitais alcançaram um novo modo de se relacionar, passando de mães blogueiras para influenciadoras digitais.

3.2. Modo 2: O pessoal é privatizado - mães blogueiras e influenciadoras digitais

Em 2017, os blogs maternos do início da década passada ainda existiam, mas já haviam perdido a força para as novas mídias sociais proporcionadas pelas plataformas como Facebook³⁹, YouTube⁴⁰ e Instagram⁴¹. À época, o site *WebInformado*⁴² trouxe uma lista com dicas de 100 links ainda na ativa. Contudo, o termo mães blogueiras⁴³, mesmo

³⁹ Facebook foi criado no EUA em 2005 e chegou ao Brasil em 2010.

⁴⁰ O YouTube foi criado em 2005 e chegou ao Brasil em 2007.

⁴¹ O Instagram foi criado em 2010 já com acesso para os brasileiros.

⁴² Disponível em: <https://webinformado.com.br/blogs-de-maternidade/> Acessado em 09/02/2020

⁴³ Do inglês *mum/mummy blogger*- tradução nossa.

com menos de 20 anos de existência, já “passou a ser visto como “fora de moda”, até mesmo “arcaico”, no limite do ofensivo, abarcando qualquer mulher que tenha escrito sobre parentalidade, ou mesmo aquelas que nunca escreveram a respeito, mas que são mães”, (WILEY, 2018 apud ARCHER, 2019. Tradução nossa). Havia chegado o tempo dos influenciadores digitais e com ele o das mães influenciadoras.

O termo influenciador digital recebeu atenção especial a partir de 2015, quando os que eram “apenas” blogueiros, vlogueiros⁴⁴ e afins passaram a serem denominados como influenciadores digitais e Youtubers, respectivamente (TERRA, 2019). Eles poderiam ser descritos como os que “(...) têm algum poder no processo de decisão de compra de um sujeito; poder de colocar discussões em circulação; poder de influenciar em decisões em relação ao estilo de vida, gostos e bens culturais daqueles que estão em suas redes” (TERRA, 2019). Ou

“podem ser definidos também como: usuários de internet do dia a dia, que acumulam uma quantia considerável de seguidores em blogs e redes sociais que narram suas vidas e seu estilo por texto ou imagem, engajando seus seguidores em ambientes físicos e digitais, e que monetizam esses seguidores integrando ‘tutoriais patrocinados’⁴⁵ em seus blogs ou posts nas redes sociais” (ARCHER, 2019, tradução nossa).

Seguindo esse raciocínio, podemos considerar como influenciadoras digitais todas as mães que narram suas experiências de maternidades por meio de texto ou imagem para muitos seguidores, engajando essas pessoas em ambientes físicos e digitais, e sendo remuneradas por isso. O potencial de influência das narrativas dessas mulheres impacta outras mães de forma genuína, pelo senso de comunidade e de pertencimento que geram. “Um estudo de Moran et al concluiu que aproximadamente 90% das mães de primeira viagem que tinham dado à luz recentemente, sentiam que se beneficiariam por receber mais informações de técnicas parentais” (O’CONNOR; MADGE, 2001, tradução nossa). Essa abertura e confiança nas narrativas das mães no ambiente digital, capaz de gerar potentes grupos de conexão entre as mães, não passou despercebida pela dinâmica neoliberal, como analisa Archer (2019) no artigo ‘Influenciadores Digitais, Pós-Feminismo e Neoliberalismo: como o trabalho/lazer das mães blogueiras está remodelando as relações públicas’⁴⁶. A autora investiga a conexão e o relacionamento entre profissionais de relações públicas e influenciadores de mídias sociais (com foco

⁴⁴ São considerados ‘Vlogueiros’ quem produz conteúdo de vídeo em Vlogs.

⁴⁵ Livre tradução, do original “*advertorials*”

⁴⁶ Livre tradução, do original *Social Media influencers, post-feminism and neoliberalism: how mum bloggers ‘playbour’ is reshaping public relations*

específico nas mães blogueiras da Austrália), usando a lente do neoliberalismo. A análise é passível de ser replicada para a dinâmica das mães influenciadoras digitais do Brasil.

No contexto neoliberal, no qual o valor de um indivíduo é determinado pela capacidade de competir no mercado, as mulheres, na qual a identidade é, em parte, determinada pelo papel de mães, são entendidas pelos profissionais de relações públicas como uma “oportunidade” significativa de gerar valor” para produtos e marcas. Assim, por conta de sua ampla audiência e credibilidade nas redes essas mulheres passam a ser assediadas para atuarem como garotas-propaganda, divulgando itens de mercado num contexto que se mistura ao da narrativa de relato íntimo e pessoal da maternidade. Para muitas, a exposição e a monetização de suas vidas particulares e de suas maternidades se tornaram uma possibilidade de renda, apontando simultaneamente para a “comoditização e a despolitização da maternidade” (ARCHER, 2019, tradução nossa). É o processo do “eu como commodity, do sujeito como mercadoria” (KARHAWI, 2016) que alcança diversos grupos no ambiente digital, entre eles o das mães, entre as quais as práticas e temáticas de cuidado com os filhos e família tornam-se fontes de renda. Isso só é possível pela sociedade em que estamos inseridos.

Enquanto o neoliberalismo encoraja as famílias a considerarem suas vidas como pequenos negócios liderados pelas esposas e mães que proveem uma liderança forte e demonstram o jeito certo de gerenciar as competências (MCROBBIE, 2013 apud ARCHER, 2019), mães influenciadoras têm o potencial de prover atividades que monetizam dentro dessa doutrina, enquanto “permite” que elas continuem sendo majoritariamente responsáveis pela criação dos filhos (ARCHER, 2019, tradução nossa).

Por meio dos profissionais de relações públicas, empresas e marcas adentraram esses espaços dos blogs maternos, os antigos parquinhos virtuais da época de *Mothers*, onde as mães tinham suas vozes ouvidas e podiam formar conexões e comunidade, principalmente durante os primeiros meses de vida dos filhos. O estado liminar das mães de filhos pequenos,

“traz uma ruptura na identidade. E, na busca por uma nova identidade, elas tendem a buscar comunidade, às vezes via blogs e demais redes. Blogar, enquanto uma empreitada solitária, também pode ser um jeito de diluir os problemas de isolamento ao se fazer ouvida e formar conexões” (ARCHER, 2019, tradução nossa)

Assim, as mães influenciadoras digitais, blogueiras ou que utilizam outras redes sociais, ainda usam as novas mídias para compartilhar relatos pessoais e cotidianos e se conectar com outras mulheres na mesma situação. Contudo, enquanto reveem sua identidade em transformação nesse estado liminar, são cada vez mais convocadas pelo

neoliberalismo a fazer uso de suas maternagens como uma fonte de renda e aperfeiçoamento constante de responsabilidade individual, privatizando a maternidade para publicizar produtos e marcas associadas às narrativas de suas vidas. Evidenciam-se discursos que impõem moral, rotinas, especialidades e dinâmicas intensas acerca da experiência da maternidade e que atribuem à mãe a responsabilidade pela implementação das melhores práticas em busca da pretensa garantia de sucesso dos filhos. Dentro dessa racionalidade neoliberal de maternar

o corpo, os comportamentos, as habilidades e os sentimentos maternos se tornam alvo principal de vigilância – em um movimento que continua atribuindo especialmente à mãe a responsabilidade de gerar e criar seres humanos perfeitos (MEYER, 2005)

Seria valioso olhar para as mães blogueiras, ou influenciadoras, “cujas motivações principais não se conformem às normas neoliberais, como as ativistas pelas causas de direitos dos animais, LGBTQI, ou de necessidades especiais” (ARCHER, 2019, tradução nossa). Esse é o ponto do terceiro modo de uso das redes pelas mães.

3.3. Modo 3: O pessoal é político e digital - Ativismo Digital Materno nas ruas, na rede e na academia

Se a internet trouxe uma nova organização das subjetividades e do cotidiano de grupos de mulheres mães por meio de relatos em estilo diário pessoal e de narrativas do cotidiano da maternidade patrocinados por empresas e marcas, ela também proporcionou o uso das TIC para o empoderamento cidadão e ativismos, nos contextos individuais ou dos movimentos sociais:

As mulheres têm se organizado em movimentos contra-hegemônicos para enfrentar violências no próprio meio em que ela é propagada. Em campanhas, exposições de fotografias de corpos “reais”, organizações para incentivar o acesso e também o trabalho das mulheres na área das tecnologias, criação de aplicativo, entre outros exemplos, são várias as vertentes e vozes emergentes na cibercultura (MENEZES; CAVALCANTI, 2017)

As redes sociais se provam muito férteis para trocas e relatos pessoais sobre maternagem, organização de ativismo digital em vistas de justiça social para temas relacionados a maternidades e infâncias.

Estudando o papel da internet na vida de um grupo de novas mães heterossexuais, brancas, socialmente privilegiadas e tecnologicamente proficientes, Madge e O'Connor (2006), procuraram explorar em que sentido tais comunidades poderiam realizar seu louvado potencial de capacitação e ativismo feminista. Elas afirmaram que o contato

comunitário online definitivamente fornecia um senso de apoio social e fontes alternativas de informação que aumentaram o senso de capacitação das mulheres na transição crucial à maternidade. Entretanto, elas também sugerem que os estereótipos tradicionais da maternagem e dos papéis de gênero persistem nas comunidades dedicadas a isso. Elas descrevem um paradoxo que tanto liberta quanto limita a vida dos participantes dessa comunidade de prática (KOZINETS, 2014. p.41e 42).

Um dos primeiros eventos digitais que marcam a atuação ativista das mães em rede foi a organização de “mamaços”, que se estabeleceram no país desde 2011. O movimento surgiu como resposta ao caso de uma mulher impedida de amamentar em público durante uma exposição no Itaú Cultural, em São Paulo. O caso foi relatado no Facebook pela doula Ana Cristina Duarte, gerando a organização do ‘mamaço’ coletivo no local, que contou com mais de 50 mulheres mães amamentando e defendendo o aleitamento materno e o direito a amamentar em público⁴⁷

...esses protestos se espalharam pelo país, ganhando as páginas dos impressos e espaço no mundo virtual. As manifestações chegaram a mobilizar as casas legislativas, que atentaram para as recorrentes reivindicações e criaram leis que protegem as mães e as crianças de abordagens impróprias. A partir das manifestações populares, os eventos ganharam tanta visibilidade que, já em 2012, foram incorporados ao calendário da Semana Mundial da Amamentação (Smam) – promovida pela *World Alliance for Breastfeeding Action (Waba)* e, no Brasil, organizada pelo Ministério da Saúde (MS) -, sob o título de a “Hora do Mamaço” (KALIN; RODRIGUES, 2018).

Amamentar em público, mesmo sendo um direito inquestionável e já previsto no Estatuto da Criança e Adolescente de 1990⁴⁸, em 2016, vários municípios e estados brasileiros ganharam legislação específica sobre o direito de amamentar em público, gerando multa para empresas que o desrespeitem (KALIN; RODRIGUES. 2018).

Outro modo de usar as redes sociais com fins de ativismo, foi pelo uso das hashtags para organizar postagens sobre um mesmo assunto. A estratégia ganhou força com a eclosão do feminismo contemporâneo, como visto anteriormente, que estimulou as mulheres a contarem suas experiências relacionadas a violências de gênero na internet

⁴⁷CAMARGO, Heloiza. Mamaço coletivo no Itaú Cultural ganha o apoio da direção do local. Revista Crescer. 9 Jun. 2011. Disponível em: <<http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EMI232979-10590,00-MAMACO+COLETIVO+NO+ITAU+CULTURAL+GANHA+O+APOIO+DA+DIRECAO+DO+LOCAL.html>>. Acesso em: 30/06/20.

⁴⁸ Art. 9-A. É assegurado à lactante o direito de amamentar a criança em todo e qualquer ambiente, público ou privado, ainda que estejam disponíveis locais exclusivos para a prática. Disponível em https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1225751#:~:text=Alterar%20a%20Lei%20n%C2%BA%208.069,O%20Congresso%20Nacional%20decreta%3A&text=%C3%89%20as%20segurado%20%C3%A0%20lactante%20o,locais%20exclusivos%20para%20a%20pr%C3%A1tica.

com hashtags específicas para agregar todos os relatos. Elas passam a “utilizar as tecnologias de rede para a modificação da realidade político-social das mulheres” (HARAWAY, 2009) e usam as novas plataformas de mídia social para articulação com fins cívicos e de ativismo, fazendo frente às normas neoliberais citadas por Archer (2019) e organizando levantes, protestos de rua e mobilização social com fins de incidência política.

Tais questões resgatam velhas reivindicações e apontam para uma reconfiguração da postura da mulher-mãe, ou seja, para a ressignificação de sua identidade via ativismo digital. Agora, não somente como consumidora de informações e notícias. A figura materna utiliza-se dos meios digitais para produzir, ela mesma, conteúdos voltados, indistintamente, para o público feminino e masculino numa visão inter/pluri/multi/transdisciplinar (CANANÉA; ROCHA; TARGINO, 2018).

Um exemplo do uso das hashtags pelas mulheres-mães aconteceu durante o movimento contra o projeto de lei (PL) 5069/2013, apresentado pelo deputado Eduardo Cunha, e citado anteriormente.

No Rio de Janeiro um grupo de jovens mães se destacava nas ruas. Mobilizadas pelas hashtags #MãeseCriasContraCunha e #MãeseCriasNaLuta, elas abriram as passeatas com suas “crias” presas a seus corpos por slings, transformando-os em corpos políticos que acrescentavam às reivindicações o direito de serem mães, de amamentarem e estarem com seus filhos em todos os lugares, incluindo uma nova pauta aos protestos dos direitos civis (BOGADO, 2018).

Outro caso emblemático desse tipo de ativismo que se utiliza de múltiplas plataformas, é a luta pelo parto humanizado. Em 2012, as mães se valeram do expediente das marchas de rua, à exemplo da Marcha das Vadias de 2011, e organizaram, via redes, a Macha do Parto em Casa. Ocorrida em junho de 2012 e organizada por ativistas, ela foi realizada em cerca de 30 cidades por todo o país, com cobertura da imprensa e divulgação em redes sociais, em defesa pelo direito à liberdade de escolha do local de parto, pela melhoria das condições da assistência obstétrica e neonatal no país, pautadas no modelo de humanização do parto e nascimento, além da denúncia às altas taxas de cesáreas (MENDONÇA, 2013).

As lutas pelo parto humanizado culminaram no Movimento pelo Parto Humanizado (LUZ; GICO, 2016), que visa alcançar incidência política para diminuir as taxas de cesáreas realizadas no País e ajustá-las em linha com as diretrizes da Organização

Mundial da Saúde⁴⁹ (OMS), além de dar visibilidade e eliminar um tipo específico de violência sofrida pelas mulheres: a violência obstétrica, garantindo a humanização do parto.

3.3.1. Movimento pelo Parto Humanizado

Mais do que uma prática médica, o parto é um evento e uma narrativa de grande poder simbólico e que no Brasil se organizou a partir dos profissionais de saúde na década de 70. E, para este trabalho, é relevante aprofundar na questão, uma vez que ela perpassa grande parte da vivência pessoal, digital e política das integrantes da Bancada de Mães Ativistas (como será descrito no desenvolvimento da análise netnográfica e na pesquisa qualitativa), bem como está bastante relacionada ao ativismo digital materno.

Desse modo, vale destacar a fundação e atuação da Rede pela Humanização do Parto e do Nascimento (REHUNA) em 1993, que congrega centenas de participantes, entre indivíduos e instituições, e que como documento fundador traz uma carta que denuncia

as circunstâncias de violência e constrangimento em que se dá a assistência, especialmente as condições pouco humanas a que são submetidas mulheres e crianças no momento do nascimento. Considera que, no parto vaginal a violência da imposição de rotinas, da posição do parto e das interferências obstétricas desnecessárias perturbam e inibem o desencadeamento natural dos mecanismos fisiológicos do parto, que passa a ser sinônimo de patologia e da intervenção médica, transformando-se em uma experiência de terror, impotência, alienação e dor. Desta forma, não surpreende que as mulheres introjetem a cesárea como melhor forma de dar à luz, sem medo, sem risco, sem dor (Rehuna, 1993, apud DINIZ, 2005).

Grande parte dos integrantes dessa rede é composta de profissionais de saúde (médicos e enfermeiros) da área de obstetrícia ou saúde pública, trabalhando em serviços públicos ou em ONGs, usuárias, psicólogas, fisioterapeutas, terapeutas alternativos e profissionais liberais, além da participação dos movimentos das mulheres e movimentos feministas (DINIZ, 2005). A Rehuna sempre promoveu encontros presenciais que ajudaram a fortalecer a comunidade e, ao final da década de 90, conforme se amplia o acesso à internet, passaram realizar encontros virtuais, “através de listas eletrônicas como Parto Natural, Amigas do Parto, Rehuna, Materna, Parto Nosso, Mães Empoderadas,

⁴⁹ Dados da OMS apontam que, com uma taxa de 55%, o Brasil ocupa a segunda posição no ranking de países com maior porcentagem de cesáreas no mundo, atrás apenas da República Dominicana. A recomendação pela comunidade médica internacional é que a taxa ideal de cesárea fique entre 10% e 15%.

entre outras” (TORNQUIST, 2004 apud DINIZ, 2005), “a maioria criada por consumidoras organizadas de classe média – uma novidade política de enorme potencial de mudança” (DINIZ, 2005). Ao pensar sobre a humanização da assistência ao parto no Brasil, DINIZ (2005) não chega a um conceito fechado, mas sim, a uma série de propostas que, tanto

no SUS como no setor privado, têm o mérito de criar novas possibilidades de imaginação e de exercícios de direitos, de viver a maternidade, a sexualidade, a paternidade, a vida corporal. Enfim, de reinvenção do parto como experiência humana, onde antes só havia a escolha precária entre a cesárea como parto ideal e a vitimização do parto violento (DINIZ, 2005).

É esse potencial de imaginação e de exercício de direitos que pode ser visto nos relatos de parto que ganharam força com a união de mães em blogs e redes sociais digitais, divulgando exemplos de cesáreas realizadas de forma desnecessárias e violentas, bem como com experiências bem sucedidas de partos humanizados. “Como as mulheres deram à luz, quem as ajudou, e como e por quê? Essas não são simples questões da história da ginecologia e obstetrícia: essas são questões políticas” (RICH, 1995. p.128, tradução nossa), no livro *Of Woman Born*, em que analisa a experiência da maternidade como uma instituição patriarcal opressiva em comparação à experiência potente da maternidade. Rich (1995) perpassa a trajetória histórica que retirou das mulheres o protagonismo dos saberes sobre a gestação, o parto, o nascimento e sobre seu próprio corpo, e o associou à nova profissão médica, surgida a partir do século XVII, dominada pelos homens, que trouxeram um novo “status” à obstetrícia, ao mesmo tempo em que passavam à atribuir às tradicionais práticas femininas o caráter de “sujo, ignorante e supersticioso” (RICH, 1995.p 135, tradução nossa.), na famosa caça às bruxas.

Desde então, a experiência do parir na contemporaneidade está muito associada a hospitalização, à alienação compulsória da dor do parto como processo natural e à dominação dos saberes e processos de gestação e do ato de parir aos médicos e não às mulheres. Um outro episódio que epitomiza essa sujeição social histórica das mulheres é o caso Adelir:

Na madrugada de 1o de abril [de 2014], dois poderes, a Medicina e a Justiça, produziram uma cena histórica no Brasil. Nela, uma mulher em trabalho de parto, Adelir Lemos de Goes, 29 anos, foi arrancada de sua casa, na zona rural do município gaúcho de Torres, por um oficial de justiça e policiais armados. Em seguida, ela foi obrigada a entrar numa ambulância. Se não entrasse, prenderiam seu marido, Emerson Guimarães, 41 anos, técnico em manutenção industrial. Apavorada, com contrações a cada cinco minutos, preocupada com o susto dos filhos pequenos, Adelir foi escoltada até o Hospital Nossa Senhora dos

Navegantes. Lá, mais uma vez, foi obrigada por ordem judicial a deixar-se cortar. Contra a sua vontade, tiraram do seu útero, por cesariana, seu terceiro filho, uma menina. Naquela madrugada, Adelir descobriu que dois espaços que considerava privados, invioláveis, tinham sido invadidos no meio da noite: sua casa, seu corpo. Ao amanhecer, Adelir não pertencia sequer a si mesma (BRUM, 2014).

O caso gerou mobilizações em todo o país, nas ruas e nas redes.

A hashtag #SomosTodasAdelir fortaleceu a discussão sobre a violência obstétrica e encorajou outras mulheres a denunciarem este tipo de violência. Um exemplo foi a vigília que ocorreu em frente à Universidade de Direito no Largo de São Francisco, SP. Diversas ativistas estiveram presentes na manifestação que denunciavam a violação que Adelir sofreu por parte do Estado (GALVÃO, 2014)

Nesse sentido, a luta pelo parto humanizado é um retorno ao protagonismo da experiência das mulheres, que é narrado e organizado com grande ênfase a partir das redes sociais. “O movimento rumo às parteiras e que se distancia da obstetrícia masculina e da despersonalização dos hospitais tem sido um aspecto crucial para “tomarmos nossos corpos de volta”, bem como para o movimento da saúde das mulheres” (RICH, 1995. p.173, tradução nossa). “Mudar a experiência do parto significa mudar a relação das mulheres com o medo e a impotência, com os nossos corpos e nossos filhos, e tem implicações psíquicas e políticas de longo alcance” (RICH, 1995.p. 182, tradução nossa).

São essas implicações que parecem estruturar a luta do Movimento pela Humanização do Parto. E diante dele, a organização das mães no ambiente digital pode perpassar e/ou sobrepor os dois modos de interação analisados anteriormente. Começa com os relatos individuais de caráter íntimo em estilo diário, registrando a experiência de parto de cada mãe em seus blogs. Depois, extrapola para as demais plataformas digitais como Facebook, Twitter e Instagram. E une as mães em torno das temáticas relacionadas ao parto humanizado em seus canais e engajando outras mulheres nessa causa que também se convencionou chamar de o ‘Renascimento do Parto’, por conta da trilogia de filmes-documentários lançados a partir de 2013, que tratam do assunto. Juntas, lançam mão das ferramentas disponíveis e

agindo coletivamente, as ativistas pela humanização do parto formam uma esfera pública mais forte e visível, e com mais probabilidade de desafiar o discurso dominante. Nesse sentido, destaca-se, em específico: as *postagens coletivas*, textos autorais publicados nos espaços pessoais em data pré determinada, geralmente celebrativa, para alcançar uma maior mobilização em torno do assunto; o *compartilhamento fácil e virtualmente sem custo de informações*, o que pode possibilitar uma disseminação de conteúdos de longo alcance e instantânea; e *os canais para troca de mensagens entre pessoas ou grupos*, possibilitando a fácil articulação e a organização de mobilizações. (LUZ; GICO 2016)

Assim, blogs e redes sociais digitais foram e continuam sendo,

canais alternativos de comunicação e informação para facilitar ações coletivas e engajamento civil na busca pelo renascimento do parto, garantindo uma assistência obstétrica mais humana e menos violenta, baseada em evidências científicas (LUZ; GICO 2016)

Uma mãe blogueira e ativista que exemplifica as diversas fases de uso das redes sociais digitais perpassando todas elas, é a ativista Lígia Moreiras Sena, do antigo blog e atual plataforma digital *Cientista que virou mãe*⁵⁰, e que também foi candidata e integrante da Bancada de Mães Ativistas:

A autora do referido espaço virtual, a bióloga paulista Ligia Moreiras Sena, é doutoranda em Saúde Coletiva na UFSC, onde pesquisa aquela que considera uma das formas mais simbólicas, opressoras e cruéis de violência: a violência obstétrica institucional, cometida contra a mulher no momento do nascimento dos filhos. Em 2009, quando engravidou de sua filha Clara, encontrou apoio para sua opção de tentar um parto domiciliar planejado nos SNS, tornando-se ativista pela humanização do parto e redirecionando seu antigo blog à temática e a outras questões relacionadas à maternidade (LUZ; GICO, 2016).

Luz; Gico (2016) descrevem outras ações ciberativistas que exemplificam a atuação dessas mulheres. É o caso da primeira blogagem coletiva com o tema *Violência Obstétrica é Violência Contra a Mulher*, realizada em 25 de novembro de 2011, Dia Internacional de Combate à Violência Contra a Mulher. Muitas blogueiras publicam, cada qual em seu espaço virtual, textos autorais livres sobre a questão.

Outro exemplo de ciberativismo coletivo registrado por Luz; Gico (2016), foi a pesquisa informal *Teste da Violência Obstétrica*, lançada no Dia Internacional da Mulher, de 2012, pelos blogs *Cientista que virou mãe*, *Parto no Brasil* e *Mamíferas* e divulgada por outros 74 blogs, com intuito de levantar dados sobre o tema, problematizar a questão e dar visibilidade a ela. As 1996 respostas dão o tom das experiências violentas de parto:

... quase a metade das mulheres relataram terem sido vítimas de uma forma de violência; menos da metade se sentiu segura durante seu parto; 356 mulheres se sentiram ameaçadas pela equipe de saúde; 466 tiveram seu períneo cortado; 420 não puderam se movimentar, mesmo querendo; o médico ou o enfermeiro subiu em cima da barriga de 382 mulheres, para empurrar o bebê para baixo; e 1.029 mulheres não puderam segurar seus filhos no colo depois do nascimento (LUZ; GICO, 2016).

A atuação de Ligia elucidada o uso das redes para compartilhar narrativas pessoais públicas com potencial catalizador de ativismo digital materno e de produção acadêmica sobre as mães e as violências sofridas por elas. Os exemplos também apontam para a

⁵⁰ <http://www.cientistaqueviroumae.com.br>

abrangência do Movimento pelo Parto Humanizado e de como ele materializa esse modo particular de ativismo.

Desse modo, vale descrever o que se entende por Ativismo Digital Materno. Para SOARES (2019) ele seria a prática de um movimento social que usa as novas mídias para uma contraposição às ideias tradicionalmente idealizadas pela sociedade em relação à maternidade, se apoia em preceitos feministas e se apropriam das mídias digitais para falar da condição da mulher mãe. As mães ativistas digitais buscam respostas e soluções coletivas para as questões, dores e violências que vivenciam individualmente, se conectando a outras mulheres e mães em rede e desafiando as políticas neoliberais para tornar políticas as lutas que travam. A partir de suas dores e sentimentos pessoais, pelo reconhecimento de diversas violências vivenciadas e identificadas nas trocas de relatos digitais, se articulam num processo de conexão e comunicação e se colocam ativamente no processo de perseguir uma mudança social.

De fato, a mudança social envolve uma ação individual e/ou coletiva que é, em sua essência, emocionalmente motivada, da mesma forma que todo comportamento humano, segundo recente pesquisa em neurociência social. No contexto das seis emoções básicas identificadas por neuropsicólogos (medo, aversão, surpresa, tristeza, felicidade e raiva), a teoria da inteligência afetiva em comunicação política argumenta que o gatilho é a raiva, e o repressor, o medo. A raiva aumenta com a percepção de uma ação injusta e com a identificação do agente por ela responsável. O medo desencadeia a ansiedade, associada à evitação do perigo. Ele é superado pelo compartilhamento e pela identificação com outros no processo de ação comunicativa. Então a raiva assume o controle, levando ao comportamento de assumir riscos.

Quando se desencadeia o processo de ação comunicativa que induz a ação e a mudança coletivas, prevalece a mais poderosa emoção positiva: o entusiasmo, que reforça a mobilização societária intencional. Indivíduos entusiasmados, conectados em rede, tendo superado o medo, transformam-se num ator coletivo consciente. Assim, a mudança social resulta da ação comunicativa que envolve a conexão entre redes de redes neurais dos cérebros humanos estimuladas por sinais de um ambiente comunicacional formado por redes de comunicação. A tecnologia e a morfologia dessas redes de comunicação dão forma ao processo de mobilização e, assim, de mudança social, ao mesmo tempo como processo e como resultado (CASTELLS, 2017. p.190).

Aqui, para as mães, a raiva pelo reconhecimento da violência obstétrica sofrida pode ser um dos gatilhos para o envolvimento ativista que acontece pela troca de relatos em rede. De acordo com Soares (2019) há algumas características para que as mulheres que publicam histórias em redes sociais sejam consideradas ativistas digitais maternas. Ele seria composto da necessidade de, em suas narrativas digitais: apresentar o lado político da maternidade; apropriar-se do meio digital para formação de frentes de ação e

informação; alinhar-se ideologicamente ao feminismo enquanto crítica teórica e movimento social, e enxergar e abordar a maternidade como forma de militância.

Atuando desse modo, essas mulheres aproveitam da possibilidade de articulação e do amplo alcance e audiência que possuem em suas redes e tornam políticas as suas questões majoritariamente atribuídas à responsabilidade individual e de cunho privado. Proporcionam novas visibilidades para as questões da maternidade e passam a colocar em âmbito público, coletivo e político, das redes às ruas, e mesmo no ambiente acadêmico, questões como: parto humanizado e erradicação da violência obstétrica, família, sexualidade, conciliação de família e trabalho, divisão sexual de tarefas domésticas e de cuidado, oferta de creches, transporte público, infância livre de publicidade, inclusão de crianças com capacidade reduzida, aborto, etc., colocando essas e outras questões em pauta para o debate social.

Outro exemplo da potente relação entre redes sociais digitais, ativismo digital materno e política foi o encontro com transmissão ao vivo realizado em outubro de 2017, pela então vereadora Marielle Franco (PSOL-RJ) em sua própria *fanpage* no Facebook, junto a oito mulheres, mães e ativistas. Com o tema: *Maternidade 2.0*, a socióloga e política, conversa sobre diversos temas, entre eles o acolhimento em grupos de internet e o uso das redes sociais pelas mães. Carolina Brulher, atriz, doula, advogada à época atuando no mandato do deputado federal Jean Willys, dá um depoimento que sintetiza a jornada das mães, das redes para o ativismo digital materno:

a maternidade significou pra mim, foi um marco importante na minha vida como um todo, claro, mas principalmente na minha militância política, porque ela me transportou para um lugar de negação de direitos tão grande que foi impossível evitar que isso se tornasse a pauta principal das minhas lutas, ações, nas redes, nas ruas. Quando a Antônia nasceu eu tinha uma página grande onde eu falava de parto, sexualidade, mas principalmente parto natural, e quando eu engravidei eu percebi que o buraco era bem mais embaixo do que eu mesma imaginava nos meus estudos e que para parir a gente precisava de muita informação e precisava de muita luta considerando o estado do nosso sistema obstétrico. E aí depois que a Antônia nasceu eu percebi que muitas outras questões da maternidade precisavam ser pautadas. E aí as redes sociais acabam sendo um caminho muito interessante porque a gente consegue atingir muitas pessoas e consegue ali também ser tocada pelos recortes que nem sempre estão presentes em nossos grupos. A gente acaba se fechando em grupos e aí não dialogando com recortes diferentes dos nossos. Então, eu acabei abrangendo e falando muito mais sobre maternidade de uma maneira geral do que exclusivamente sobre parto (BRULHER, 2017).

Como destaca a teórica feminista Nancy Fraser,

ao insistir em falar publicamente sobre necessidades até então despolitizadas, ao reclamar para estas necessidades o estatuto de questões políticas legítimas, essas pessoas e grupos fazem várias coisas ao mesmo tempo. Primeiro, contestam as fronteiras estabelecidas separando a 'política' da 'economia' e do 'doméstico'. Segundo, oferecem interpretações alternativas das suas necessidades enraizadas em cadeias alternativas de relações instrumentais. Terceiro, criam novos discursos públicos a partir dos quais tentam disseminar as interpretações das suas necessidades por uma vasta gama de diferentes discursos públicos. Finalmente, canalizam, modificam e/ou deslocam elementos hegemônicos dos meios de interpretação e comunicação (FRASER, 1989:171, apud SILVEIRINHA, 2001).

Fazendo um paralelo ao que Braga (2008) denominou como “teorização informal da feminilidade”, no espaço público contemporâneo pelas mães *Mothers* do início dos blogs, as mães ativistas digitais fazem uma teorização e uma prática informais da maternidade com fins de mobilização social, tanto no espaço público digital quanto na esfera pública e na ágora política tradicional. Elas “revelam a necessidade de discutirmos a sobrecarga e opressão sofridas pela mulher com filhos na cadeia produtiva da sociedade de consumo, questionando se esta está ou não preparada para o deslocamento da condição materna do âmbito privado para um âmbito público e político” (MEDRADO; MULLER, 2018).

Com isso, passamos a verificar um outro movimento nas relações das mães em rede: a passagem do ativismo digital materno para a entrada na vida política partidária, com ampla utilização das redes sociais digitais para divulgação de suas ações e campanhas em prol das maternidades e infâncias. Contudo, antes de esmiuçar os modos de uso das mães ativistas na política nas redes sociais digitais, é preciso explicar o método netnográfico que tornou possível essa etapa da pesquisa.

3.3.2. #MãesNaPolítica: um percurso pela metodologia netnográfica

Para essa pesquisa o levantamento bibliográfico de referência acompanha a metodologia netnográfica e, posteriormente, as entrevistas qualitativas em profundidade. Com a netnografia foi possível aderir ao princípio epistemológico de conhecedora situada, fazendo uso da abordagem de Collins (2019), Haraway (2009) e Kozinets (2014). Ser uma conhecedora situada é o que permite ao pesquisador ser a um só tempo, observador e participante de comunidades online as quais investiga. Assim, a prática denominada na netnografia/etnografia on-line como *lurking*, literalmente, ficar à espreita (BRAGA, 2008), foi a condição que permitiu a imersão na comunidade pesquisada e a

observação de comportamentos com finalidade de investigação acadêmica, porém de forma participativa, quando necessário.

A netnografia é uma pesquisa observacional participante na qual os dados podem assumir três formas: dados coletados diretamente pelo pesquisador; dados gerados pela captura e registros de eventos e interações comunitárias online; e dados que o pesquisador inscreve (KOZINETS, 2014 p.25)

Esses passos da metodologia permitem observar os grupos e comunidades online e verificar que “o modo como cultura e tecnologia interagem é uma dança complexa, um entrelaçamento e um entretenimento” (KOZINETS, 2014. p.28). Por permitirem a expressão social, participação ativa e formação de relacionamentos (KOZINETS, 2014. p.30) as redes sociais digitais são um campo fértil para observar fenômenos sociais alternando dois modos de presença: anônima e acessível, que permitem encontrar os atores dessa dança, verificar os passos dela, observar os laços que formam os vínculos e os nós da repercussão que causam e que são causados com esses comportamentos em rede.

É preciso lembrar que esse ambiente também traz a peculiaridade de os participantes compartilharem informações que não seriam possíveis nas relações presenciais. No caso das mães, isso se verifica nos momentos de puerpério, em que usualmente as puérperas em licença maternidade ficam mais isoladas socialmente e, conseqüentemente, mais solitárias, o que as faz buscar conexão e trocas com outras pessoas que estão passando pela mesma situação por meio das redes sociais digitais. Do mesmo modo, é o que se verificou na massiva quantidade de mulheres publicando pela primeira vez suas narrativas de experiências sofridas por violência de gênero em hashtags como #primeiroassédio, que antes disso eram pouco mencionadas nas interações presenciais. Esses recursos permitem expressar e combater sentimentos liminares que tendem a ser mais difíceis de serem abordados em interações presenciais, dando uma perspectiva de abordagem única nesses espaços virtuais, com novas perspectivas de subjetividade para os indivíduos (KOZINETS, 2014).

“As comunidades eletrônicas estão mudando as noções de *self*, os sistemas de apoio social, as relações pessoais e de trabalho, o poder institucional e o ativismo social” (KOZINETS, 2014. p.44), como se pode verificar a cada modo de interação das mães em rede analisados neste trabalho. E o que torna possível essa análise é a combinação de observação e participação da comunidade pesquisada, que faz das abordagens metodológicas netnográficas “sinceramente parciais” (Kozinets. 2014. p.66). Dito de

outro modo, essa pesquisa foi possível também pelo fato de a pesquisadora ser uma mãe envolvida em comunidades de mães ou que tratam de maternidade.

Diferente da etnografia, a netnografia se relaciona a algum fenômeno social geral que tem algum aspecto de grupo na internet ou fenômeno diretamente relacionado a um grupo e cultura online. Para este trabalho, o fenômeno social é a organização das mães em comunidades online que permitiram novas identidades, relacionamentos e ativismos dentro do contexto da cibercultura e do ciberfeminismo. Neste momento de análise, a gênese do grupo de “#MãesNaPolítica” é a combinação da organização em uma comunidade online (independentemente da plataforma ou rede social digital utilizada), juntamente ao ativismo digital materno, que levam as mães ao envolvimento político.

No caso das mães em rede, percebe-se que a utilização e interação no ambiente digital é menos um meio e mais um modo de estar no mundo, que está imbricado no dia a dia. A “comunidade online e a mediação tecnológica não são mais uma forma de comunicação e de comunidade, mas passaram - ou em breve passarão - para a esfera do *status quo*, o modo como nossa sociedade simplesmente é’ (KOZINETS. 2014. p.68).

Neste momento de análise, o percurso de investigação netnográfica das #MãesNaPolítica seguiu cinco momentos distintos: o primeiro, com a observação e identificação do possível fenômeno de três mães ex-blogueiras e ativistas digitais se candidatando politicamente pela primeira vez. No segundo, com a busca em rede de outras candidatas com perfil correlato, para ter uma amostra mais representativa e para ter conhecimento do contexto em que estavam inseridas. No terceiro, com a organização dos resultados encontrados. No quarto momento, com a definição do corpus para entrevistas qualitativas em profundidade e a realização delas. E no quinto momento, com a análise do material coletado, em sinergia ao levantamento bibliográfico para aporte teórico e considerações.

Diante da abordagem netnográfica, ser pesquisadora e estar inserida na comunidade de mães blogueiras e/ou mães ativistas digitais foi a razão de ter sido possível perceber o movimento de mulheres-mães-ex-blogueiras/influenciadores-ativistas digitais maternas, se engajando na política partidária, filiando-se a partidos políticos e lançando suas candidaturas em 2018, bem como utilizando com frequência a hashtag #MãesNaPolítica.

Inicialmente, a identificação aconteceu com três delas, as quais acompanho há quase uma década pelo conteúdo sobre maternidade que compartilham nas redes sociais: Anne Rammi, autora do antigo blog *Super Duper* e *Mamatraca* e hoje *fanpage*

*Mamatraca*⁵¹, que foi candidata a codeputada estadual (Bancada Ativista-PSOL-SP), Andrea Werner do blog e da *fanpage Lagarta Virou Pupa*⁵², candidata a deputada federal (PSOL-SP), e a já mencionada Ligia Moreiras Sena, do antigo blog *Cientista Que Virou Mãe*⁵³, agora plataforma digital de jornalismo independente e também *fanpage*, que foi candidata a deputada estadual (PSOL-SC).

Referências da chamada blogosfera materna tanto pela ampla audiência que alcançam com seus relatos sobre suas maternidades, quanto pelos seus ativismos digitais em rede (que serão detalhados nas entrevistas em profundidade), essas três mulheres lançaram suas candidaturas políticas isoladamente, porém todas com pautas relacionadas à maternidade e infâncias com viés feminista, alinhadas às políticas progressistas de esquerda. Aqui, um exemplo do número de seguidores em suas *fanpages* no Facebook sobre maternidade:

Figura 1: N° de seguidores *fanpage* Mamatraca



Fonte: Facebook - <http://facebook.com/mamatraca> Acesso em 29/02/2020

Figura 2: N° seguidores *fanpage* ‘Cientista Que Virou Mãe’



Fonte: Facebook - <http://facebook.com/cientistaqueviroumae> Acesso em 29/02/2020

Figura 3: N° de seguidores *fanpage* ‘Lagarta Vira Pupa’



Fonte: Facebook - <http://facebook.com/lagartavirapupa>. Acesso em 29/02/2020

⁵¹ Mamatraca: https://www.facebook.com/search/top/?q=mamatraca&epa=SEARCH_BOX acesso em 28/02/20

⁵² Lagarta Vira Pupa <http://facebook.com/lagartavirapupa> acesso em 28/02/20

⁵³ Cientista Que Virou Mãe:

https://www.facebook.com/search/top/?q=cientista%20que%20virou%20m%C3%A3e&epa=SEARCH_BOX acesso em 28/02/20

O acompanhamento das postagens delas no Facebook permitiu observar o uso da hashtag #MãesNaPolítica. Assim, com intuito de complementar a busca de candidatas com esse perfil (de mulheres-mães ativistas digitais maternas com pautas relacionadas à maternidade e infância) e ter uma amostragem mais relevante, foram utilizadas as hashtags #mãesnapolítica no Facebook e Twitter, além de uma busca na imprensa online e em sites e blogs por matérias e artigos relacionados a temática “mães na política”.

Os 13 resultados encontrados na imprensa online⁵⁴ levaram a descoberta de mais duas candidatas mães e ativistas (que assim se autodefiniam): Laura Muller Sagrilo

⁵⁴ DINI, Aline. 2018. #MãesnaPolítica: elas querem lutar pelo direito de outras mulheres e mães. Revista Crescer. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2018/09/maesnapolitica-elas-querem-lutar-pelos-direitos-de-outras-mulheres-e-maes.html> Consultado em 29 de fevereiro de 2020.

DINI, Aline. 2018. #MãesnaPolítica: Os políticos não têm ideia da epidemia de abandono paterno que as crianças com deficiência sofrem. Revista Crescer. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2018/09/maesnapolitica-os-politicos-nao-tem-ideia-da-epidemia-de-abandono-paterno-que-criancas-com-deficiencia-sofrem.html> Consultado em 29 de fevereiro de 2020.

ESTEVANS, Gabrielle 2018. Maternidade e eleições: candidatas querem mais mães na política. Revista AzMina. Disponível no endereço: <https://azmina.com.br/reportagens/maternidade-e-eleicoes-candidatas-querem-mais-maes-na-politica/> - Consultado em 29 de fevereiro de 2020.

FERREIRA, Lola. 2018. Cinco pontos fundamentais para conhecer Thais Ferreira, pré-candidata no Rio de Janeiro. Gênero Número. Disponível em: <http://www.generonumero.media/novos-nomes-cinco-pontos-fundamentais-para-conhecer-thais-ferreira-pre-candidata-no-rio-de-janeiro/> Consultado em 29 de fevereiro de 2020.

FORCIONI, Giovanna, 2018. #MãesNaPolítica: "Já falei que eu usava o meu filho para me promover, porque ele é uma criança fofa". Revista Crescer. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2018/09/maesnapolitica-ja-falaram-que-eu-usava-o-meu-filho-para-me-promover-porque-ele-e-uma-crianca-fofa.html> Consultado em 29 de fevereiro de 2020.

FORCIONI, Giovanna, 2018. #MãesNaPolítica: "Já tive que ouvir, na tribuna, que eu não tinha moral para falar porque eu tinha dois filhos, um de cada marido". Revista Crescer. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2018/09/maesnapolitica-janaina-riva.html> Consultado em 29 de fevereiro de 2020.

LISAUSKAS, Rita. 2018. Lute como a minha mãe que é candidata nas eleições desse ano. Blog Ser Mãe é Padecer Na Internet. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/blogs/ser-mae/lute-como-a-minha-mae-que-e-candidata-nas-eleicoes-desse-ano/> Consultado em 29 de fevereiro de 2020.

MALACARNE, Juliana. 2018. #MãesnaPolítica: A morte de Marielle projetou mulheres negras para a esfera política deste ano. Revista Crescer. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2018/09/maesnapolitica-taina-de-paula.html> Consultado em 29 de fevereiro de 2020.

MARQUES, Raquel. 2018. Por mais mulheres na política já. Cientista Que Virou Mãe. Disponível em <https://www.cientistaqueviroumae.com.br/blog/textos/Por-mais-mulheres-na-politica-ja-Como-podemos-tornar-isso-possivel-> Consultado em 29 de fevereiro de 2020.

MELO, Aline. 2018. #MãesNaPolítica: "Talvez não exista um ato político tão contundente quanto criar seres humanos". Revista Crescer. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2018/09/maesnapolitica-talvez-nao-exista-um-ato-politico-tao-contundente-quanto-criar-seres-humanos.html> Consultado em 29 de fevereiro de 2020.

n.d. 2018. Em São Paulo grupo discute a importância de mães ocuparem a política. Rede Brasil Atual. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2018/07/em-sao-paulo-grupo-discute-a-importancia-de-maes-ocuparem-a-politica/> Consultado em 29 de fevereiro de 2020.

n.d. 2018. Lígia Moreiras: acredito mais do que tudo no poder da educação e do acesso à informação. Catarinas. Disponível em: <https://catarinas.info/ligia-moreiras-acredito-mais-do-que-tudo-no-poder-da-educacao-e-do-acesso-a-informacao/> Consultado em 29 de fevereiro de 2020.

(candidata ao cargo de deputada estadual pelo PSOL-MG) e Marina Helou (candidata a deputada estadual pela Rede-SP), e a mais três mães não ativistas, mas que traziam em suas campanhas as pautas relacionadas a maternidades e infâncias: Alexya Salvador (candidata a deputada estadual pelo PSOL-SP), Janaina Riva (candidata a deputada estadual pelo MDB-MT) e Tainá de Paula (candidata a deputada estadual pelo Pcdob-RJ).

A busca por #MãesNaPolítica no Twitter trouxe 44 posts com a hashtag em 2018 e levou ao encontro dos posts de autoria da candidata à vice-presidência da República, Manuela d'Ávila (PT/Pcdob), e ao post de autoria de Raquel Andrade (candidata a deputada estadual pelo PCdoB-CE) cujo perfil de perfil de candidata, mãe e militante feminista foi confirmado em biografia publicada no site Campanha de Mulher. E das entrevistas em profundidade realizadas numa segunda etapa da pesquisa, foram mencionados os nomes de Hellen Frida (candidata a deputada distrital pelo PT-DF) e Tati Picanço (candidata a vice-governadora pelo PSOL-PA). Uma busca posterior por menções à atuação dessas três candidatas, resultou na confirmação do envolvimento na militância feminista e na luta contra as violências contra as mulheres na biografia das três⁵⁵.

Como segundo exemplo do cargo mais alto almejado entre todas as candidatas encontradas, depois de Manuela d'Ávila, destaca-se a fala de Tati Picanço, que figurava na legenda partidária como vice-governadora do Pará, mas que na campanha política aparecia como candidata a co-governadora⁵⁶. A defesa da candidatura no arquivo de Divulgação de Candidaturas e Contas Eleitorais do TSE nas eleições 2018 demonstra bem o perfil buscado neste trabalho:

PORTO, Dayse. 2018. Laura Muller – Campanha de Mulher'. Campanha de Mulher. Disponível em: <https://medium.com/@dnporto/laura-muller-campanha-de-mulher-3240073c59e3> - Consultado em 29 de fevereiro de 2020.

⁵⁵ Helen Frida no Jornal DaquiDF. Disponível em: <http://jornaldaquidf.com.br/hellen-frida-quer-levar-voz-de-mulheres-da-periferia-a-camara-distrital/> Acesso em 13/6/20.

Post no Twitter com a candidata Raquel Andrade. Disponível em: <https://twitter.com/65RaquelAndrade/status/1042218194398789632> Acesso em 13/6/20 Matéria com a candidata Raquel Andrade no site Campanha de Mulher. Disponível em <https://campanhademulher.org/raquel-andrade/> Acesso em 13/6/20 Post no Twitter com a candidata Manuela D'Ávila. Disponível em <https://twitter.com/ManuelaDavila/status/1045703375344619520> Acesso em 13/6/20.

⁵⁶ Embora só haja o cargo de vice-governador, na proposta de candidatura para o governo do Pará no Tribunal Superior Eleitoral consta como co-governadora, na chapa de Fernando Carneiro, do PSOL-PA. Disponível em: http://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2018/BR/PA/2022802018/140000604419//proposta_1533911873728.pdf Acesso em 13/6/20.

Ser mãe de três meninas, dona de casa, doula, ativista do parto humanizado e mulher indígena da Amazônia é um exercício diário de militância política; todos os dias enfrento as mais variadas adversidades e faço do meu cotidiano uma revolução, da minha casa e da relação com minha família uma escola da libertação (PICANÇO, 2018)

A sequência do caminho investigativo foi realizada no Facebook e trouxe o resultado de um post publicado em um grupo secreto de mães, do qual faço parte, que sinaliza a candidatura de duas mães ativistas, Cristina Bertoni Machado (candidata a deputada estadual pelo PCdoB-RS) e Polly do Amaral (candidata a deputada estadual pelo PSOL-MG). Esse pode ser considerado um exemplo de dado gerado pela captura e registro de eventos em interação que se deu dentro de uma comunidade privada do Facebook (onde somente membros podem ver quem está no grupo) e oculta (somente membros podem encontrar o grupo pela busca). É também um exemplo dos três princípios do ciberespaço (LEVY, 2009): a possibilidade de interconexão, a criação de comunidades e a produção de inteligência coletiva, no caso de informações sobre a rede de mães na política candidatas em 2018, além de sinalizar a fertilidade das redes sociais na criação de vínculos fortes entre estranhos, a ponto de eles se envolverem em política (Kozinets 2014), como é o caso da articulação de mães em rede. O resultado também mostra o potencial da netnografia como método de coleta.

Aqui, para manter a privacidade dos membros, considerando ser um grupo secreto, optou-se por ocultar o nome e imagem do grupo e dos demais integrantes que postaram comentários, com exceção das candidatas Ligia Moreiras e Cristina Bertoni Machado:

Figura 4: Post de grupo secreto do Facebook com troca de informações de mães candidatas às eleições 2018



Fonte: Facebook. Acesso em 29/02/20.

O resultado da busca pelos dados coletados no Facebook também levou ao encontro de um post específico de uma foto com as três primeiras candidatas que motivaram a pesquisa (Andrea Werner, Anne Rami e Ligia Moreiras Sena) e mais outras oito mulheres, com o título *Bancada de Mães Ativistas espalhadas pelo Brasil*, apoiado em um texto que destaca os perfis do Facebook de cada integrante, com nome, estado pelo qual concorreram e o número de candidatura. Além das três integrantes já mencionadas, também faziam parte desse grupo: Alessandra Minadakis (candidata a deputada federal pelo PSOL/GO), Ilka Teodoro (candidata a deputada distrital pelo PSOL-DF), Lana Paula Luna (candidata a deputada federal pelo PSOL/GO), Laura Muller Sagrillo (candidata a deputada estadual pelo PSOL/PCB -MG), Ludmila Suaid (candidata a deputada distrital pelo PSOL/GO), Polly do Amaral (candidata a deputada estadual pelo PSOL/MG), Raquel Marques (candidata a codeputada estadual pela Bancada Ativista PSOL/SP), Thais Ferreira (candidata a deputada estadual pelo PSOL /RJ).

Figura 5: post do Facebook de Andrea Werner com informações de apresentação das candidatas da Bancada de Mães Ativistas às eleições 2018



Somos um levante de mães ativistas. Para nós, Mulheres e crianças estão em primeiro lugar e também pautamos a saúde, defendemos o SUS e a Educação Pública de qualidade, laica, gratuita, inclusiva, democrática, crítica, sem Mordaça. E estamos espalhadas pelo Brasil e precisamos de teu apoio e do teu voto para ocuparmos as Assembleias Legislativas, Câmara Distrital, Câmara Federal.

Nos acompanhem nas redes sociais, divulguem as nossas ideias.
 @ligiamoreiras @bancadaativista @lagartavirapupa @pollydoamaral @Lauramullers @lanalunapsol @alessandraminadakis @itcandidata @ludmilasuaid @sou_thaisferreira

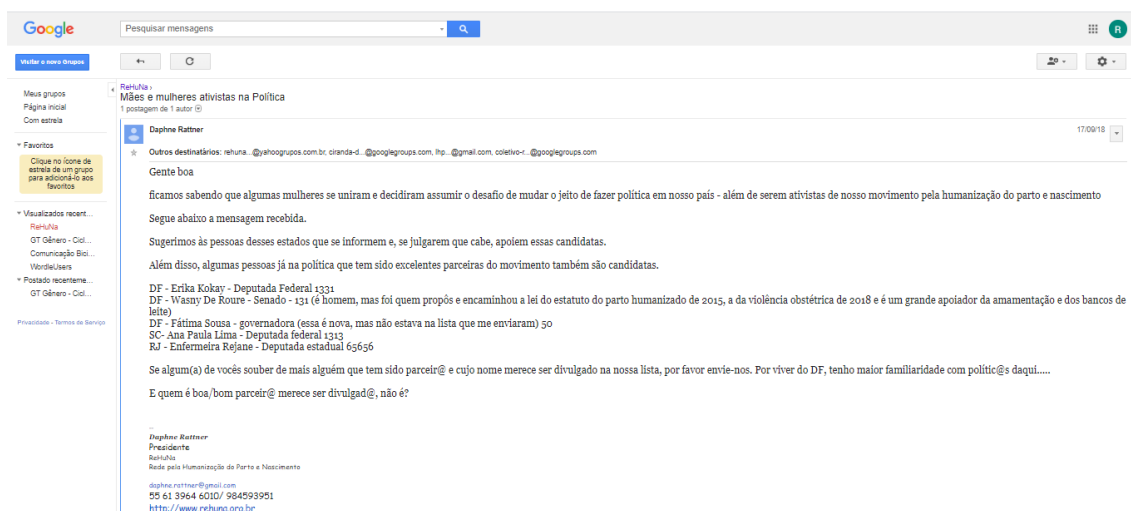
Em Santa Catarina: *Ligia Moreiras 50180* – Deputada Estadual
 Em São Paulo - *Bancada Ativista 50900* – Deputadas Estaduais – *Andréa Werner 5024* – Deputada Federal
 Em Minas Gerais: *Polly do Amaral 50010* – Deputada Estadual - *Laura Muller 50121* – Deputada Estadual
 Em Goiás: *Lana Luna 5055* – Deputada Federal – *Alessandra Minadakis 5008* - Deputada Federal
 No Distrito Federal - *Ilka Teodoro 50442* – Deputada Distrital – *Ludmila Suaid 50180* – Deputada Distrital
 No Rio de Janeiro - *Thais Ferreira 50010* – Deputada Estadual

#BancadaMãesAtivistas
 #MulhereseCriançasEmPrimeirolugar
 #LuteComoUmaMãe
 #MulhereseCriançasEmPrimeirolugar

Fonte: <<https://www.facebook.com/andreawerneroficial/posts/259932441305265>> Acesso em 28/10/2018

Uma busca simples sobre a Bancada de Mães Ativistas no Google resultou no encontro do link para o grupo aberto da ReHuNa (Rede pela Humanização do Parto e Nascimento), abrigado com o recurso dos fóruns de grupos do Google. Nele, há uma troca de mensagens envolvendo a presidente da instituição, na qual ela pede a divulgação das candidaturas políticas de parceiros do movimento:

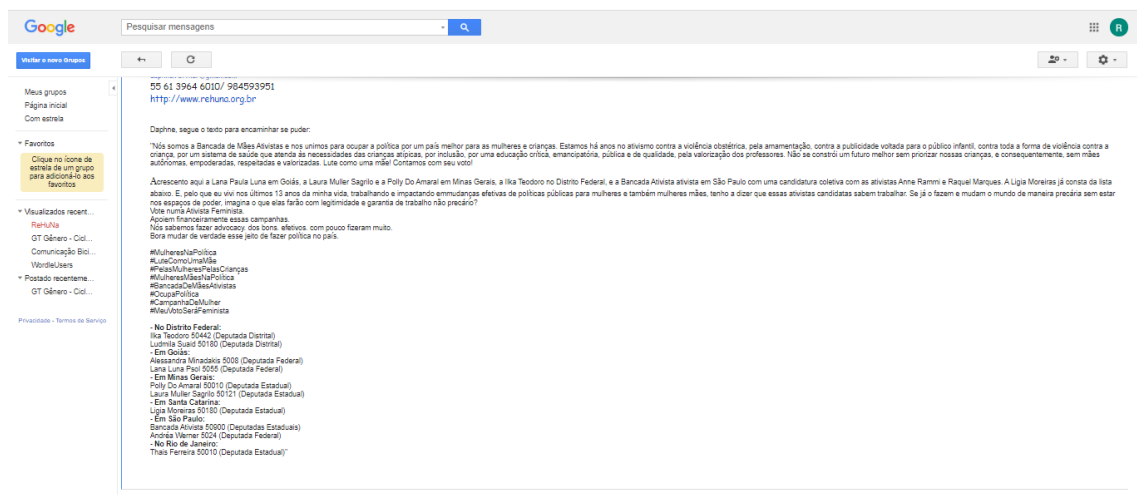
Figura 6 – troca de informações grupo ReHuNa indicando divulgação de candidatas às eleições



Fonte: <https://groups.google.com/forum/#!topic/rehuna/2lxPtwvGLUE>. Acesso em 09/09/19.

Em seguida, uma anônima pede o apoio da presidente da ReHuNa, para a divulgação da Bancada de Mães Ativistas, conforme figura abaixo, seguida da transcrição:

Figura 7: troca de informações no grupo da ReHuNa indicando divulgação de candidatas da Bancada de Mães Ativistas:



Fonte: <https://groups.google.com/forum/#!topic/rehuna/2lxPtwGLUE>. Acesso em 09/09/19.

Daphne, segue o texto para encaminhar se puder:

"Nós somos a Bancada de Mães Ativistas e nos unimos para ocupar a política por um país melhor para as mulheres e crianças. Estamos há anos no ativismo contra a violência obstétrica, pela amamentação, contra a publicidade voltada para o público infantil, contra toda a forma de violência contra a criança, por um sistema de saúde que atenda às necessidades das crianças atípicas, por inclusão, por uma educação crítica, emancipatória, pública e de qualidade, pela valorização dos professores. Não se constrói um futuro melhor sem priorizar nossas crianças, e consequentemente, sem mães autônomas, empoderadas, respeitadas e valorizadas. Lute como uma mãe! Contamos com seu voto! Acrescento aqui a Lana Paula Luna em Goiás, a Laura Muller Sagrilo e a Polly Do Amaral em Minas Gerais, a Ilka Teodoro no Distrito Federal, e a Bancada Ativista em São Paulo com uma candidatura coletiva com as ativistas Anne Rammi e Raquel Marques. A Ligia Moreiras já consta da lista abaixo. E, pelo que eu vivi nos últimos 13 anos da minha vida, trabalhando e impactando em mudanças efetivas de políticas públicas para mulheres e também mulheres mães, tenho a dizer que essas ativistas candidatas sabem trabalhar. Se já o fazem e mudam o mundo de maneira precária sem estar nos espaços de poder, imagina o que elas farão com legitimidade e garantia de trabalho não precário?"

Vote numa Ativista Feminista.

Apoiem financeiramente essas campanhas.

Nós sabemos fazer advocacy, dos bons, efetivos, com pouco fizemos muito.

Bora mudar de verdade esse jeito de fazer política no país.

#MulheresNaPolítica

#LuteComoUmaMãe
#PelasMulheresPelasCrianças
#MulheresMãesNaPolítica
#BancadaDeMãesAtivistas
#OcupaPolítica
#CampanhaDeMulher
#MeuVotoSeráFeminista

- No Distrito Federal:
Ilka Teodoro 50442 (Deputada Distrital)
Ludmila Suaid 50180 (Deputada Distrital)
- Em Goiás:
Alessandra Minadakis 5008 (Deputada Federal)
Lana Luna Psol 5055 (Deputada Federal)
- Em Minas Gerais:
Polly Do Amaral 50010 (Deputada Estadual)
Laura Muller Sagrilo 50121 (Deputada Estadual)
- Em Santa Catarina:
Ligia Moreiras 50180 (Deputada Estadual)
- Em São Paulo:
Bancada Ativista 50900 (Deputadas Estaduais)
Andréa Werner 5024 (Deputada Federal)
- No Rio de Janeiro:
Thais Ferreira 50010 (Deputada Estadual)"

Essa troca de mensagens materializa a força dos grupos online para criação de vínculos fortes, para o envolvimento e manutenção das mulheres-mães em movimentos sociais, ativismo e política, apontando a relevância do Movimento pela Humanização do Parto como forte elo nas jornadas das mães, blogueiras, ativistas e candidata às eleições. O conteúdo tangibiliza algumas das pautas defendidas pelas candidatas em prol das maternidades e infâncias e explicita a ligação direta entre o movimento das mulheres-mães na política e o feminismo, com o uso das hashtags #MulheresMãesNaPolítica #MeuVotoSeráFeminista.

Essas onze integrantes da Bancada de Mães Ativistas foram checadas uma a uma de acordo com nome e sobrenome na busca do Facebook na tentativa de encontrar possíveis páginas que usaram para realizar as campanhas eleitorais. Todas utilizaram do recurso das *fanpages* na campanha de divulgação na disputa eleitoral, sendo esse o meio de análise principal deste trabalho, até por ser uma das redes sociais mais utilizadas pela população brasileira, totalizando 127 milhões de usuários em julho de 2018⁵⁷, pouco antes do início da campanha eleitoral.

⁵⁷ OLIVEIRA, Filipe. Facebook chega a 127 milhões de usuários mensais no Brasil. Folha de S.Paulo. 18 jul. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/07/facebook-chega-a-127-milhoes-de-usuarios-mensais-no-brasil.shtml>> Acesso em 31/7/19.

Todas elas passaram a integrar o conjunto de posts organizados em uma coleção salva para cada candidata no próprio Facebook, com todas as publicações realizadas por elas entre 15 de agosto de 2018, data que o TSE autoriza as campanhas políticas, até 28 de outubro de 2018, data do segundo turno das eleições 2018, com o intuito de arquivar o conteúdo para análises futuras. No total, foram 1631 postagens publicadas e salvas em coleções particulares possíveis de serem arquivadas apenas em perfil particular.

É preciso destacar que, em decorrência das restrições impostas pelo Facebook, o processo de coleta e arquivamento de cada um dos posts é moroso e artesanal, uma vez que a plataforma não disponibiliza ferramenta de buscas por datas pré-determinadas. Isso faz necessário acessar cada uma das *fanpages* e descer a barra de rolagem manualmente até chegar às publicações das datas de início e fim do período eleitoral. E então, salvando uma a uma cada publicação na coleção particular de cada candidata pesquisada.

Faz-se necessário mencionar que o número de posts publicados tende a ser superior ao arquivado, dado que o Facebook não salva de forma duplicada as postagens de uma mesma fonte original. Ou seja, houve casos em que duas ou mais candidatas realizaram o compartilhamento de um mesmo post de fontes terceiras, como uma página de imprensa, e que não puderam ser salvos de forma duplicada em mais de uma coleção.

Nesses casos, os posts foram copiados e salvos em um arquivo à parte para consulta posterior. Foi precisamente nesse momento que a criação de um diário de pesquisa, com atualizações semanais desde agosto de 2019, auxiliou a investigação como apoio na organização do percurso netnográfico. É importante dizer que, para fins de permanência dos registros, para que sejam analisados posteriormente, parece ideal utilizar softwares específicos para download dos posts coletados, seja em forma de arquivo de Excel, seja em forma de arquivo de imagens e textos. Todavia, a Netvizz, uma extensão de acesso gratuita do Facebook, até então muito utilizada em pesquisas acadêmicas por permitir a extração de dados públicos da plataforma (posts, comentários, reações, compartilhamentos — com os dados do usuário mantidos intactos) foi desativada em setembro de 2019, também em decorrência do já mencionado escândalo do Cambridge Analytics⁵⁸. Também foi testada a versão gratuita do software espanhol Nvivo⁵⁹, porém as limitações dessa versão não permitiram o download nem de parte do conteúdo

⁵⁸ Post comentando a decisão do Facebook de interromper a API da Netvizz. Disponível em: <<https://medium.com/prosa-de-produto/a-atitude-do-facebook-em-rela%C3%A7%C3%A3o-aos-pesquisadores-deveria-te-preocupar-1b6af9ebf2d1>> acesso em 7/7/20.

⁵⁹ Software Nvivo. Disponível em: <<https://www.software-shop.com/paises/brasil>> acesso em 28/01/20

armazenado nas coleções particulares do Facebook para o software instalado, inviabilizando as possibilidades de análise de resultados. E a versão paga era inviável aos recursos desta pesquisa.

Tal ferramenta de “escavação de dados online” é importante não apenas para automatizar a extração de informações a serem analisadas, como para garantir a perenidade do acesso independentemente das políticas e diretrizes da plataforma de qual se extraiu. Também previne de possíveis apagamentos do conteúdo arquivado pelos autores. É o caso dos posts salvos em setembro de 2019, nas coleções de Raquel Marques (*fanpage @raqueldabancada*) e de Anne Rammi (*fanpage @AnneBancada*), que desde então sofreram alterações de níveis de privacidade por parte das autoras, e se tornaram ‘conteúdo indisponível’, conforme a própria plataforma relata, inviabilizando a revisão de grande parte dos posts coletados anteriormente nas *fanpages* dessas candidatas. Tal fato, embora não tenha prejudicado esta investigação – que fez uso de outras informações disponíveis –, aponta para a necessidade de procedimentos de análise mais rigorosos em relação ao arquivamento desse material em pesquisas netnográficas.

Após a coleta e arquivamento em coleções, por entender que as publicações de conteúdos em redes sociais esbarram numa nebulosa fronteira entre um ambiente público e privado foi considerado eticamente relevante comunicar às 11 candidatas da ‘Bancada de Mães Ativistas’, que seriam analisadas a fundo neste trabalho, a respeito da seleção e do arquivamento de seus posts para fins de pesquisa, e já indicando que haveria uma segunda etapa de entrevista em profundidade.

Portanto nesse momento, apesar de já terem sido coletados os posts de Alexya Salvador e Marina Helou, e de já terem sido identificadas as candidaturas de Cristina Bertoni Machado, Janaina Riva e Tainá de Paula, a opção foi a de analisar a fundo apenas as integrantes da ‘Bancada de Mães Ativistas’, por serem, em si, uma confirmação do argumento original da pesquisa: mães ativistas digitais se lançando candidatas e usando as redes sociais para ativismos e divulgação de suas campanhas políticas com o viés de maternidades e infâncias, além de terem se organizado em rede de forma coletiva. Desse modo, em outubro de 2019, todas as candidatas integrantes da Bancada de Mães Ativistas foram avisadas por e-mail ou pelos recursos de *inbox*⁶⁰ das redes sociais, a existência da pesquisa e da coleta e análise das postagens.

⁶⁰ Recurso de mensagens diretas e privadas presentes nas principais plataformas de redes sociais, como Facebook, Instagram e Twitter.

Por sua vez, as candidatas Tati Picanço e Hellen Frida foram referências indicadas apenas na fase da pesquisa qualitativa de entrevistas em profundidade com Lana Paula Luna (candidata a deputada federal pelo PSOL/GO). E a candidata Raquel Andrade, encontrada durante a pesquisa no Twitter pela hashtag #MãesNaPolítica.

Assim, para fins de registro e futuras pesquisas, descrevo três tabelas com as 20 candidatas encontradas e que nas eleições de 2018 mencionaram pautas políticas relacionadas a maternidades e infâncias em suas redes sociais digitais ou em entrevistas encontradas na imprensa online.

A primeira tabela contém: (i) sigla do partido e estado, (ii) cargo disputado em 2018; (iii) se 2018 foi a primeira candidatura, (iv) se foram eleitas em 2018. A segunda com os dados sociodemográficos que constam no TSE. E a terceira com a checagem se durante as campanhas políticas utilizaram as três maiores redes sociais: Facebook, Twitter e Instagram, com a identificação dos respectivos perfis.

Tabela 1: Lista de mães candidatas com as pautas da maternidade e infância na Política nas Eleições 2018:

Nome	(i)	(ii)	(iii)	(iv)
Alessandra Minadakis	PSOL/GO	Deputada Estadual	Sim	Não
Alexya Salvador	PSOL-SP	Deputada Estadual	Sim	Não
Andrea Werner	PSOL-SP	Deputada Federal	Sim	Não
Anne Rammi	Bancada Ativista- PSOL-SP	Codeputada Estadual	Sim	Sim
Cristina Machado	PCdoB-RS	Deputada Estadual	Sim	Não
Hellen Frida	PT-DF	Deputada Distrital	Sim	Não
Ilka Teodoro	PSOL-DF	Deputada Distrital	Sim	Não
Janaina Riva	MDB-MT	Deputada Estadual	Não	Sim
Lana Paula Luna	PSOL/GO	Deputada Federal	Não	Não
Laura Muller Sagrillo	PSOL-MG	Deputada Estadual	Não	Não
Ligia Moreiras Sena	PSOL-SC	Deputada Estadual	Sim	Não
Ludmila Suaid	PSOL/GO	Deputada Distrital	Não	Não
Manuela d'Ávila	PCdoB	Vice-Presidente	Não	Não
Marina Helou	Rede-SP	Deputada Estadual	Sim	Sim
Polly do Amaral	PSOL/MG	Deputada Estadual	Não	Não
Raquel Andrade	PCdoB-CE	Deputada Estadual	Sim	Não

Raquel Marques	Bancada Ativista- PSOL-SP	Codeputada Estadual	Sim	Sim
Tainá de Paula	Pcdob-RJ	Deputada Estadual	Sim	Não
Thais Ferreira	PSOL-RJ	Deputada Estadual	Sim	Não
Tati Picanço	PSOL-PA	Vice-Governadora	Sim	Não

(Fonte: elaborada pela autora)

Tabela 2 - Dados sociodemográficos de mães candidatas com as pautas da maternidade e infância na Política nas Eleições 2018:

Nome	Partido	Estado	Sexo	Idade (em 2018)	Grau de Instrução	Estado Civil	Cor/Raça	Município de Nascimento
Alessandra Minadakis ⁶¹	PSOL	GO	Feminino	47	Superior completo	Divorciada	Branca	Goiânia-GO
Alexya Salvador ⁶²	PSOL	SP	Feminino	39	Superior completo	Casada	Preta	Mairiporã-SP
Andréa Werner ⁶³	PSOL	SP	Feminino	44	Superior completo	Casada	Branca	Belo Horizonte - MG
Anne Rammi ⁶⁴	Bancada Ativista-PSOL	SP	Feminino	39	Superior completo	Casada	Branca	São Paulo-SP
Cristina Machado ⁶⁵	PCdoB	RS	Feminino	42	Superior completo	Solteira	Branca	Pelotas-RS
Hellen Frida ⁶⁶	PT	DF	Feminino	29	Superior incompleto	Solteira	Parda	Feira de Santana-BA

⁶¹ Dados de Alessandra Minadakis no TSE. Disponível em:

<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/go/deputado-federal/alessandra-minadakis-5008/> Acesso em: 16/09/19.

⁶² Dados de Alexya Salvador no TSE. Disponível em:

<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/sp/deputado-estadual/alexya-salvador-50002/> Acesso em: 16/09/19.

⁶³ Dados de Andrea Werner no TSE. Disponível em:

<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/sp/deputado-federal/andrea-werner-5024/> Acesso em 16/09/19.

⁶⁴ Dados de Anne Rammi fornecidos pela candidata em entrevista anexa.

⁶⁵ Dados de Cristina Machado no TSE. Disponível em: <

<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/rs/deputado-estadual/cris-machado-65658/>> Acesso em 22/04/20.

⁶⁶ Dados de Helen Frida no TSE. Disponível em:

<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/df/deputado-distrital/hellen-frida-13180/> Acesso em 22/04/20.

Ilka Teodoro ⁶⁷	PSOL	DF	Feminino	42	Superior completo	Casada	Preta	Brasília-DF
Janaina Riva ⁶⁸	MDB	MT	Feminino	31	Superior completo	Solteira	Branca	Juará-MT
Lana Paula Luna ⁶⁹	PSOL	GO	Feminino	40	Ensino médio completo	Casada	Branca	Belém-PA
Laura Muller Sagrillo ⁷⁰	PSOL	MG	Feminino	32	Superior incompleto	Solteira	Branca	São Sepe-RS
Ligia Moreiras Sena ⁷¹	PSOL	SC	Feminino	41	Superior completo	Solteira	Branca	São Paulo-SP
Ludmila Suaid ⁷²	PSOL	GO	Feminino	41	Superior completo	Solteira	Preta	Brasília-DF
Manuela d'Ávila ⁷³	PCdoB		Feminino	38	Superior Completo	Casada	Branca	Porto Alegre-RS
Marina Helou ⁷⁴	Rede	SP	Feminino	32	Superior completo	Casada	Branca	São Paulo-SP

67 Dados de Ilka Teodoro no TSE. Disponível em:

<<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/df/deputado-distrital/ilka-teodoro-50442/>> Acesso em 16/09/19.

68 Dados de Janaina Riva no TSE. Disponível em:

<<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/mt/deputado-estadual/janaina-riva-15015/>> Acesso em 22/04/20.

69 Dados de Lana Paula Luna no TSE. Disponível em: <

<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/go/deputado-federal/ana-luna-5055/>> Acesso em 16/09/19.

70 Dados de Laura Muller Sagrilo no TSE. Disponível em: <

<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/mg/deputado-estadual/laura-muller-50121/>> Acesso em 16/09/19.

71 Dados de Ligia Moreiras Sena no TSE. Disponível em: <

<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/sc/deputado-estadual/ligia-moreiras-50180/>> Acesso em 16/09/19.

72 Dados de Ludmila Suaid no TSE. Disponível em: <

<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/df/deputado-distrital/ludmila-suaid-50180/>> Acesso em 16/09/19.

73 Dados de Manuela D'Ávila no TSE. Disponível em: <

<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/vice-presidente/manuela/>> Acesso em 09/07/20.

74 Dados de Marina Helou no TSE. Disponível em: <

<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/sp/deputado-estadual/marina-helou-18888/>> Acesso em 16/09/20.

Polly do Amaral ⁷⁵	PSOL	MG	Feminino	41	Superior completo	Casada	Branca	Manhuaçu-MG
Raquel Andrade ⁷⁶	PCdoB	CE	Feminino	34	Superior completo	Solteira	Preta	Rio de Janeiro - RJ
Raquel Marques ⁷⁷	Bancada Ativista-PSOL	SP	Feminino	40	Superior Completo	Solteira	Parda	Santos-SP
Taina de Paula ⁷⁸	PCdoB	RJ	Feminino	37	Superior completo	Casada	Preta	Rio de Janeiro-RJ
Thais Ferreira ⁷⁹	PSOL	RJ	Feminino	31	Superior completo	Solteira	Preta	Rio de Janeiro-RJ
Tati Picanço ⁸⁰	PSOL	PA	Feminino	35	Superior completo	Casada	Indígena	Obidos-PA

(Fonte: elaborada pela autora)

Tabela 3: Relação das Redes Sociais utilizadas nas eleições 2018 pelas candidatas

Nome	Facebook	Twitter	Instagram
Alessandra Minadakis	@alessandraminadakis50	@aleminadakis	@alessandraminadakis
Alexya Salvador	@alexyasalvadoroficial	@AlexyaSalvador	@alexyasalvadoroficial
Andrea Werner	@andreawerneroficial	@andreawerner_	@andreawerner_
Anne Rammi	@annedabancada (desativado)	@annerammi	@annerammi
Cristina Machado	@crismachado65	Não tem	@crismachado65
Hellen Frida	@hellenfridadf	@hellenfridadf	@hellenfridadf

⁷⁵ Dados de Polly do Amaral no TSE. Disponível em: <<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/mg/deputado-estadual/polly-do-amaral-50010/>> Acesso em 16/09/20.

⁷⁶ Dados de Raquel Andrade no TSE. Disponível em: <<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/ce/deputado-estadual/raquel-andrade-65444/>> Acesso em 09/07/20.

⁷⁷ Dados de Raquel Marques no TSE. Disponível em: Acesso em: <<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/sp/deputado-estadual/monica-da-bancada-ativista-50900/>>16/09/19.

⁷⁸ Dados de Tainá de Paula no TSE. Disponível em: Acesso em: <<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/rj/deputado-estadual/taina-de-paula-65013/>>22/04/20

⁷⁹ Dados de Thais Ferreira no TSE. Disponível em: <<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/rj/deputado-estadual/thais-ferreira-50010/>> Acesso em:02/09/19.

⁸⁰ Dados de Tati Picanço no TSE. Disponível em: <<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/pa/vice-governador/tati-picanco/>> Acesso em:22/04/20.

Ilka Teodoro	@ilkateodorodf	@ilkateodorodf	@ilkateodorodf
Janaina Riva	@janainarivamt	@janainarivamt	@janainariva
Lana Paula Luna	@50LanaLuna	@lanalunapsol	@lanapaulaluna
Laura Muller Sagrillo	@doulalauramullers	@laurasagrilo	@lauramullers
Ligia Moreiras Sena	@cientistaqueviroumae	@cqvmoe	@cientistaqueviroumae
Ludmila Suaid	@LudmilaSuaid	Não tem	@ludmilasuaid
Manuela d'Ávila	@manueladavila	@ManuelaDavila	@manueladavila
Marina Helou	@eusouhelou	@marina_helou	@marina.helou
Polly do Amaral	@pollydoamaral	@pollydoamaral	@pollydoamaral
Raquel Andrade	Não tem	@65RaquelAndrade	Não tem
Raquel Marques	@raqueldabancada	@RaquelMarquesSP	@raquelmarquessp
Tainá de Paula	@tainadepaularj	@tainadepaularj	@tainadepaularj
Thais Ferreira	@southaisferreira	@southaferreira	@sou_thaisferreira
Tati Picanço	@tatiannepsol	Não tem	Não tem

(Fonte: elaborada pela autora)

3.4. Modo 4: O pessoal é político, digital e partidário - #mãesnapolítica

Em 2018 no Brasil, as eleições foram disputadas para os cargos de presidente, governadores, senadores, deputados estaduais e federais, totalizando 28.216 candidatos, de acordo com o TSE⁸¹. Não caberia aos limites deste trabalho verificar todas as propostas políticas relacionadas a maternidades e infâncias. Contudo, como já mencionado na introdução à pesquisa netnográfica, à partir das buscas em redes sociais digitais e da imprensa online verificou-se o uso da hashtag #MãesNaPolítica que levou ao encontro de postagens de candidatas que traziam como diferencial o viés das maternidades e infâncias em seus compromissos políticos e uma fala que politiza a maternidade e tensiona os lugares dos atores na política institucional.

Eis, portanto, a importância de perpassar o feminismo neste estudo das conversas de mães em rede. Ele auxilia a não só estudar representações de gênero, como a da mãe, mas também a olhar para a comunicação com seu “papel da comunicação na vida política e do espaço em que se trocam os discursos discrepantes dos atores que, em democracia, têm oportunidade de se expressar publicamente” (SILVEIRINHA, 2001). Deste modo,

⁸¹ Fonte disponível em <<https://noticias.r7.com/brasil/numero-de-candidatos-cresce-e-mais-de-28-mil-disputam-as-eleicoes-2018-25082018>>. Acesso em 1/07/20.

pensar em como as mães ativistas passam a usar suas redes para um espaço de articulação política e de como as mães que já estão na política tratam dessa mesma temática na internet, é também conectar as relações entre os campos do feminismo e da comunicação.

A relação e os efeitos dos movimentos sociais, como o feminismo, e do ativismo digital materno para a mudança política talvez sejam difíceis de se mostrar diretamente, mas suas forças contribuem para uma mudança de mentalidade a respeito do que é ser mãe, do que é ser cidadã e do que é política, bem como tensionam relações de poder e as definições de esfera pública e privada. Teóricas críticas feministas propõem uma esfera pública (ou esferas públicas múltiplas) trazem à tona as definições problemáticas desses conceitos para as mulheres.

Mesmo reconhecendo a utilidade das distinções entre sistema e mundo da vida, público e privado, consideram que Habermas, ao excluir por exemplo o lar e a economia da esfera pública, suprime sistematicamente a questão da gestão democrática das relações homem/mulher e das relações de produção. A crítica não é tanto relativamente às linhas que separam público e privado, mas sobre aquilo a que elas conduzem: junção de ‘homem proprietário’ e de ‘cidadão’ leva às noções de ‘homem público’ e ‘mulher privada’, circunscrevendo as mulheres para o domínio privado e assim legitimando sua opressão e exploração nesse domínio. A concepção burguesa e masculina de esfera pública, como diz Nancy Fraser, remete as mulheres para um “reino a-político” de intimidade e isolamento, erguendo novas barreiras à sua participação dentro das estruturas políticas formais. Além disso, a privatização das questões das mulheres como ‘pessoais ou domésticas’ não deixa ver que “a identidade de gênero é vivida em todas as arenas da vida: trabalho assalariado, administração pública, cidadania, relações familiares e sexuais (FRASER, 1989: 127 *apud* SILVEIRINHA, 2001).

A breve conceituação de esfera pública sob a perspectiva da teoria crítica feminista é importante, pois está em linha com o tensionamento feito pelas candidatas que trazem as maternidades e infâncias, até então relegadas ao âmbito privado, como pauta política primordial. Isso marca uma reivindicação não apenas pelo espaço público, feita por meio das novas mídias que proporcionam esse lugar, mas também do espaço político partidário. Se em momentos anteriores do movimento pela emancipação feminina as mulheres buscaram seus direitos à educação, ao voto, à abolição, aos direitos civis, ao divórcio, ao parto humanizado etc., enfim, ao seu direito na cena pública, agora a cena política também é objeto de luta. A reivindicação por mais mães na política se mostra como um desdobramento da luta por mais mulheres na política institucional, um reduto ainda majoritariamente masculino, e que em 2018 se fez mais visível.

Segundo o estudo de abrangência nacional, Perfil das Mulheres na Política (ME FAREI OUVIR, 2020) essa é uma realidade mundial: dados da União Interparlamentar

mostram que apenas 24% de todos os parlamentares mundiais são mulheres. E no Brasil, mesmo com a Lei Eleitoral de 2009, que obriga os partidos a destinar 30% das candidaturas para cada gênero, ainda há enormes desigualdades. Em 2018, as mulheres representavam somente 16% do total de políticos eleitos no país, mesmo somando 52% da população geral. Em 2019, no Brasil, éramos 50% da população, 30% dos candidatos e 15% dos integrantes do legislativo nacional, com apenas uma deputada federal indígena e somente 13 negras. E em 25% das câmaras municipais não há sequer uma mulher (ME FAREI OUVIR, 2020). “Frente a este confisco de representação política por parte dos homens, com frequência se aventa a ideia de que o mundo político se constitui a última fortaleza masculina, a esfera mais machista, mais fechada às mulheres” (LIPOVETSKY, 2012, p.258 apud PANKE, 2016. p.54).

Fechada às mulheres e às mulheres-mães, com suas demandas particulares. A maternidade, como descrito na análise das ondas feministas, pode ser tanto motivação para o envolvimento cidadão e político, quanto justificativa para sua recusa, pelas diversas sobrecargas domésticas, que normalmente recaem às mulheres, vindas com o papel de mãe. Contudo, os resultados da pesquisa Perfil das Mulheres na Política (ME FAREI OUVIR, 2020) trazem um recorte focado na maternidade, no qual as respondentes mães se mostram levemente mais inclinadas a se candidatar a cargos políticos do que as mulheres que não são mães. E 47% delas dizem que pretendem se candidatar ou talvez se candidatem. Aqui uma interpretação da cientista política e criadora do *Elas No Poder*, Letícia Medeiros, que organizou a pesquisa, em entrevista a respeito da entrada das mães na política:

O que a gente interpreta é que, a partir do momento em que você é mãe, você cria uma espécie de missão do futuro, que você quer deixar para aquele filho. O que a pesquisa aponta é que a maternidade pode ser um grande gatilho para trazer as mulheres para a política se a gente conseguir explorar esse senso de responsabilidade com o futuro (FERNANDES, 2020).

Tanto quanto o senso de responsabilidade com futuro, outro motivador parece ser o senso de urgência para ter acesso a políticas públicas no presente e interferir nessa realidade. A própria pesquisa cita o caso da ex-presidente do Chile, Michelle Bachelet,

que se baseou em sua própria experiência em criar uma família ao mesmo tempo que fazia faculdade de medicina, para criar políticas públicas que aumentaram o número de creches no país e conquistar o direito das mulheres amamentarem no trabalho (ME FAREI OUVIR, 2020).

Outra personalidade política que é reconhecida como representante desse movimento das #MãesNaPolítica é a ex-deputada federal e candidata a vice-presidente da

República em 2018, Manuela d'Ávila (na chapa PT/PCdoB). Em 2018, durante toda a campanha política como candidata a vice-presidente, foi vista com frequência com sua filha Laura na cena política. E mesmo antes disso essa visibilidade foi questionada, como quando amamentou sua filha no plenário da Câmara dos Deputados. Uma matéria do jornal El País (BEDINELI, 2016) aponta o episódio de Manuela d'Ávila e traz mais casos de outros países em que houve uma contraofensiva machista em torno da amamentação no plenário, demonstrando como historicamente os corpos de mulheres e crianças são reservados ao espaço doméstico e como a cena pública política rechaça as tentativas de visibilidade.

A política, enquanto território de disputas de poder e majoritariamente masculino, está formatada por dinâmicas dos homens: horários, modos de atuação, de negociação. Assim, ainda que a luta feminina pela igualdade seja recente, com menos de um século na América Latina, a voz de líderes em vários países está abrindo caminho para a naturalização da presença das mulheres não apenas como representantes populares eleitas, mas também como as líderes que estão nas mesas de decisão. As principais barreiras para a entrada das mulheres são: conseguir apoio no partido, financiamento de campanha, obter uma equipe de confiança (alcançar preparação de media training, leis, comunicação) e superar o machismo oriundo de homens e de mulheres (ao sair para uma campanha, ter força para enfrentar as pressões inerentes ao embate e às pressões oriundas de sociedades que desvalorizam a presença das mulheres nestes espaços (PANKE, 2016. p.74).

O uso da hashtag #MãesNaPolítica agrega algumas das postagens realizadas pelas candidatas que indiciam as pautas das maternidades e infâncias, além de um alinhamento com o feminismo, enquanto teoria e movimento sócio-político, que é um diferencial de posicionamento político importante, por trazer o viés de que não basta apenas ter mais representatividade feminina com mulheres-mães em espaços de poder. É preciso mulheres e mulheres-mães feministas, como é o caso de Manuela d'Ávila:

Figura 8: Post do Twitter da candidata Manuela D'Ávila com a hashtag #MãesNaPolítica



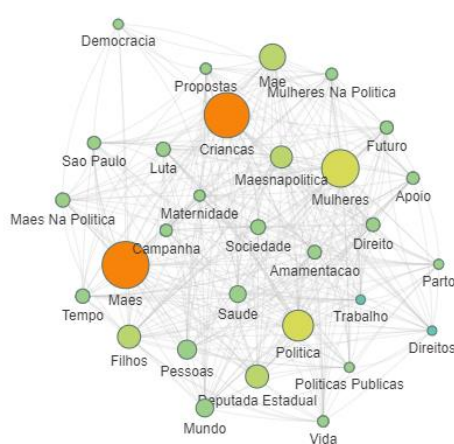
Fonte: Twitter <https://twitter.com/ManuelaDavila/status/1045703375344619520>. Acesso em 30/06/20

Por alinhamento ao feminismo, entende-se que elas reconheçam as desigualdades de gênero que estruturam a sociedade e as incluam nas suas agendas políticas, ainda que nem sempre mencionem a palavra feminismo em suas campanhas. Mas que sinalizem as diversas sobrecargas que recaem para as mães numa sociedade patriarcal – para além das pautas consideradas essencialistas, como a gestação, parto e amamentação – que por sua vez a constroem como um sujeito ‘a-político’, (SILVEIRINHA, 2001), embora responsável por grande parte da reprodução e manutenção da vida durante toda a prática da maternidade. Novamente, exemplificamos essa atitude com a participação da ex-candidata a vice-presidência em 2018, durante um encontro realizado em julho do mesmo ano, intitulado “Maternidades, Infâncias e Transformação Social”, em São Paulo.

Durante o encontro, dificuldades quanto a espaços que permitam a presença de mães e crianças, o preconceito contra mulheres que precisam levar seus filhos em atividades como palestras, a jornada tripla sem remuneração e a desigualdade de oportunidades por conta do gênero, foram citados como situações cotidianas enfrentadas pelas mulheres que tentam entrar em novas esferas sociais. A presidenciável Manuela d'Ávila do (PCdoB) alerta para a ausência de políticas públicas que tratem da questão em escolas e na rede de saúde pública, por exemplo, o que penaliza diretamente crianças e mães por conta do papel de cuidadora imposto pela sociedade. “É preciso compreender que o conjunto de políticas do Estado, embora não tenha ligação diretamente com as mulheres, tem relação com a nossa emancipação”, defende a candidata. (REDE BRASIL ATUAL, 2019).

Para aprofundar no comportamento da hashtag #MãesNaPolítica nas redes sociais, foi utilizada a plataforma de inteligência Stilingue⁸² que coleta, interpreta e resume dados obtidos nos arquivos digitais de veículos e das principais redes sociais que rastreiam. Um dos resultados é o grafo de termos relacionados à #MãesNaPolítica, que trouxe 315 publicações com a hashtag e levanta os assuntos correlatos a eles, ou seja, mais próximos aos temas postados com essa hashtag no arquivo da plataforma. Se destacam as palavras em circunferência laranja: ‘Mães’ e ‘Crianças’, seguidas pelas circunferências que também se destacam em volume: ‘Mulheres’ e ‘Política’:

Figura 9: Grafo de termos relacionados à hashtag #MãesNaPolítica



Fonte: Stilingue – elaborada pela autora em 25/6/20

Essas quatro palavras em destaque indicam uma relevância significativa no volume de menções associadas à *hashtag*, e estão em consonância com os resultados dos levantamentos bibliográficos, em que os temas das mães e crianças são pautas prioritárias, além de serem um desdobramento da agenda de mais mulheres na política representativa. Outras palavras próximas, com maior volume de menções, representadas por um diâmetro maior, apontam que essa agenda está menos relacionada a um lugar idealizado de maternidade, que poderiam levar a associação de palavras mais subjetivas como ‘amor’, quando está mais diretamente conectada com agendas das lutas das ativistas digitais maternas vistas anteriormente, como: ‘saúde’, ‘amamentação’, ‘parto’, ‘direitos’, ‘apoio’ e ‘luta’, contribuindo para a desconstrução da mãe como sujeito idealizado e para a construção da mãe como sujeito político, como parecem querer fazer as integrantes da

⁸² Stilingue é uma plataforma de gestão e monitoramento de redes sociais que possibilita analisar o volume e as interações relacionadas a um termo ou hashtag nas principais plataformas de redes sociais.

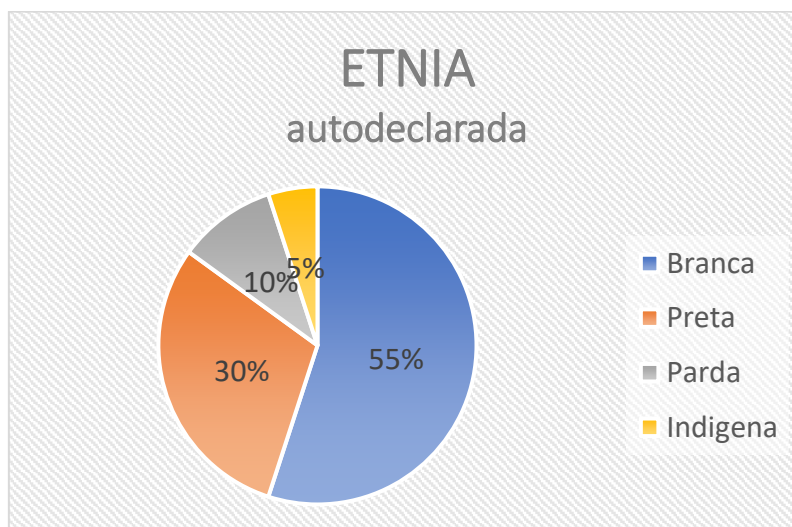
Bancada de Mães Ativistas. Também são palavras que distanciam as narrativas de uma agenda maternalista na política.

Ao utilizar os recursos das redes sociais digitais em múltiplas plataformas – hashtags, transmissões de eventos ao vivo, posts compartilhados, etc. –, para abordar questões até então relegadas ao ambiente privado e tornadas tarefas de responsabilidades individuais das mães, as candidatas que integram o corpus de #MãesNaPolítica, criam um outro regime de visibilidade e representatividade, marcando um momento novo para as narrativas das mães em rede, que politiza as questões relacionadas à maternidade. À medida em que começam a dizer de suas existências em primeira pessoa, dão voz às mães como sujeitos políticos, e não mais a sujeitos infantilizados, dado que etimologicamente descende de *infans*, “aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos” (GONZALES, 1984). O grafo também indica que as “MãesNaPolítica estão menos relacionadas aos filhos e mais relacionadas a crianças, enquanto sociedade/coletivo.

3.4.1. Das campanhas políticas maternas e o perfil de mães em campanhas políticas

O Facebook, com o recurso da *fanpage*, é majoritariamente o mais utilizado nas campanhas políticas de 2018 entre as 20 candidatas encontradas. Pode-se dizer que ao menos 10 estados brasileiros tiveram uma candidata com uma abordagem de campanha política com pautas relacionadas a maternidades e infâncias que fizeram uso das redes sociais digitais, além de uma representação nacional, com a candidatura de Manuela d’Ávila a vice-presidência. A idade delas está entre 29 a 47 anos, e a maioria têm ensino superior completo, com exceção de duas delas com superior incompleto e uma com ensino médio completo. A diversidade étnica tem um destaque representativo de: 55% de candidatas brancas (11), 30% pretas (6), 10% parda (2) e 5% indígena (1).

Figura 10: Gráfico de cor/raça das candidatas das Mães na Política nas eleições 2018



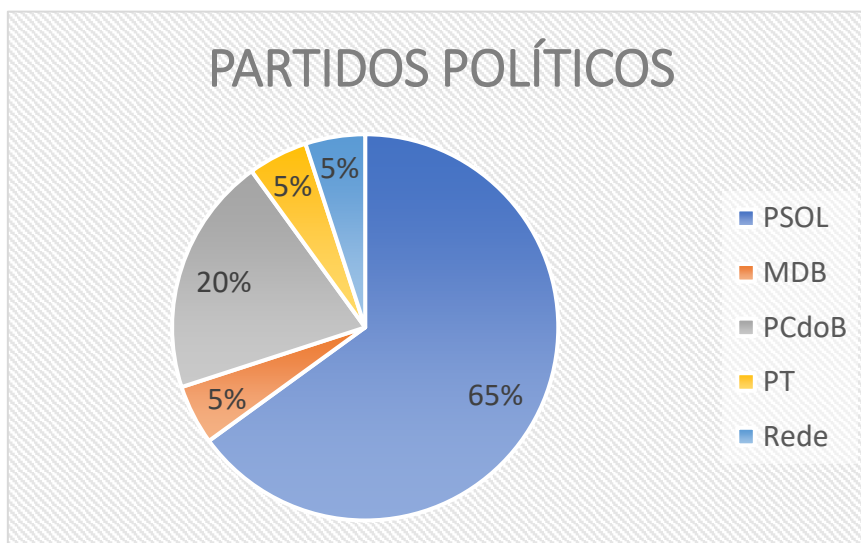
Fonte: elaborada pela autora

Com relação ao partido político, vale mencionar que a maioria deles estão alinhados ideologicamente ao posicionamento político de esquerda, com o PSOL sendo o partido que traz maior presença das candidatas analisadas, seguido do PCdB e do PT. O MDB é o único partido de centro que figura entre as candidaturas. Já a Rede, de uma das candidatas, tem uma trajetória marcada pela indefinição de alinhamento político ideológico⁸³.

Aprofundar na dimensão ideológica é relevante pois, historicamente, “os partidos de esquerda foram os primeiros a incluir algum tipo de norma interna voltada para ampliar a participação de mulheres” (ARAÚJO, 2005). O gráfico de representação partidária entre as 20 candidatas confirma a clivagem ideológica, na qual “os partidos de esquerda apresentam números bem mais significativos que os de centro e de direita e os partidos de centro apresentam índices mais elevados que os de direita” (ARAÚJO, 2005).

⁸³ Verbete sobre o posicionamento da Rede, disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/rede-sustentabilidade>. Acesso em 9/7/20 E 2019, a Rede formalizou sua participação no bloco de esquerda juntamente ao PT, PSOL e PSB em oposição ao recém-empossado governo de extrema direita de Jair Bolsonaro (PSL). Disponível em: <https://pt.org.br/pt-psol-psb-e-rede-formalizam-bloco-de-esquerda-em-oposicao-a-bolsonaro/> Acesso em 9/7/20.

Figura 11: Gráfico dos partidos políticos das mães candidatas nas eleições 2018



Fonte: elaborada pela autora

Araujo (2005) menciona um dado relevante quando se pensa a análise das mulheres-mães candidatas:

os registros relacionados às mulheres nos programas partidários de alguns desses partidos ainda surgem tendo como forte referência à sua condição de mãe e instrumento de sustentação e reprodução de valores familiares e não à sua condição de sujeitos políticos configurados independentemente da maternidade e/ou da família (ARAÚJO, 2005).

A passagem pode indicar que comumente se considera para representar em partidos políticos a mãe idealizada, abnegada, que se sacrifica em nome dos demais, agradecida e sem exigências, registrada por vários autores e filósofos, “em especial no século XVIII, no papel de esposa-mãe-educadora” (PANKE, 2016. p.139). E sinaliza que no senso comum, ser mãe não é considerado sinônimo de ser um sujeito político, tanto quanto as necessidades relativas à maternidade não se inserem em pautas políticas.

A ‘Mãe’ também é um dos estereótipos mais frequentes de como são retratadas as mulheres em campanhas eleitorais para mulheres, assim como também é recorrente o uso de uma tipologia ‘maternal’ como estratégia de propaganda eleitoral onde prevalecem determinados perfis entre as candidatas (PANKE, 2016). Analisando spots eleitorais de 21 campanhas presidenciais na América Latina para identificar como as candidatas apareciam nos vídeos Panke (2016) chega a três tipologias principais: a guerreira, a maternal e a profissional.

O perfil da guerreira é o da mulher que “se destaca por tomar iniciativas e atuar politicamente para as mudanças sociais”, e

está associado, também, com os instintos maternos. Tanto nos vídeos, quanto nas entrevistas, ficou evidente que a luta feminina é intensificada

quando se torna mãe. Ainda que a “obrigação” da maternidade seja algo cultural, as mulheres que optam por esse caminho, parecem afetadas por uma força para atuar em defesa dos seus descendentes. Vemos muitas mães criarem os filhos sozinhas, sem apoio emocional ou financeiro dos pais, demonstrando com isso uma garra implacável que pode ser aplicável à vida pública. Nesse sentido, as imagens de guerreira e mãe se encontram (PANKE, 2016. p.133).

Já a tipologia da candidata ‘Maternal’ está em linha com a supervalorização da maternidade como o ápice da construção social das mulheres. Segundo Panke (2016. p.135), as candidatas com essa estratégia “acabam mencionando esse fato em detrimento de seus êxitos profissionais”, como aconteceu com a construção da relação da candidata Dilma Rousseff na qual a maternidade apareceu de maneira simbólica em alguns momentos de suas campanhas a presidência de 2010 e 2014, quando é apresentada como ‘mãe do PAC – Plano de Aceleração do Crescimento’ (PANKE, 2016. p.137). Uma das características associadas a essa tipologia é a campanha eleitoral reforçar o comportamento atencioso, cuidador e defensor de outras mulheres, principalmente na América Latina, que “seria um indício de um discurso voltado ao maternalismo” (PANKE, 2016. p140).

Um dos diferenciais entre uma campanha masculina/feminina residiria exatamente neste aspecto que evidencia o sensível. Enquanto estamos em uma sociedade onde um homem é obrigado a ser forte e a sensibilidade está relacionada com fraqueza, caberá às mulheres ensinar que a sensibilidade é positiva, pode e deve conviver nos espaços de decisão pública (PANKE, 2016. p.147).

Já o perfil da ‘Profissional’ é o menos evidenciado nas campanhas latinas. A questão que se aventa é a de que “a ênfase das candidatas latino-americanas no papel de mães seria uma nova forma de apresentar o paternalismo ou se estaria nascendo o maternalismo latino-americano?” (PANKE. 2016. p.164).

Embora a análise de quais tipologias se sobressaem entre os materiais de propaganda eleitoral das integrantes da Bancada de Mães Ativistas não esteja entre os objetivos deste trabalho, é nítido que as duas primeiras tipologias, da ‘Maternal’ e da ‘Guerreira’ são encontradas em todas elas quando se autodefinem ‘Mães’ e ‘Ativistas’.

4. A Bancada de Mães Ativistas – de ativistas digitais a candidatas nas eleições de 2018

Após a análise netnográfica das #MãesNaPolítica, a opção foi a de seguir com essa metodologia para o objeto de estudo: as 11 candidatas e integrantes da Bancada de Mães Ativistas. Aproveitando o uso comum do Facebook por todas elas para a divulgação da campanha, a pesquisa seguiu pelas *fanpages* utilizadas por elas durante a campanha eleitoral de 2018.

Com intuito de analisar e comparar o uso do recurso do Facebook nas campanhas, foram definidos alguns itens para analisar: (i) as candidatas utilizaram página/perfil do Facebook em suas campanhas?; (ii) mantiveram página/perfil durante toda a campanha?; (iii) usaram as ferramentas exclusivamente para suas campanhas; (iv) quantos posts publicaram no período eleitoral⁸⁴, (v) utilizaram recursos de impulsionamento pago que ampliassem a visibilidade de suas publicações para alcançar mais eleitores?⁸⁵

Tabela 4: Dados do uso do Facebook nas campanhas políticas das candidatas da Bancada de Mães Ativistas

Nome da Candidata	(i)	(ii)	(iii)	(iv)	(v)
Alessandra Minadakis	@alessandraminadakis50	Sim	Sim	106	Sim
Andrea Werner	@andreawerneroficial	Sim	Sim	63	Sim
Anne Rami	@annedabancada (desativado)	Sim	Sim	197	Não
Ilka Teodoro	@ilkateodorodf	Sim	Sim	195	Sim
Lana Paula Luna	@50LanaLuna	Sim	Sim	240	Não
Laura Muller Sagrilo	@doulalauramullers	Sim	Não	104	Não
Ligia Moreiras Sena	@cientistaqueviroumae	Sim	Nao	34	-

⁸⁴ O número de posts coletados é referente ao que foi possível de ser salvo nas coleções do Facebook, uma vez que a plataforma não permite salvar duas publicações postadas de uma mesma fonte original, ainda que compartilhados em *fanpages* de autores distintos.

⁸⁵ As *fanpages* de Anne Rammi e Raquel Marques não contaram com recursos próprios de impulsionamento. Contudo, a visibilidade delas foi diferente, uma vez que integravam a campanha da Bancada Ativista, que possuía verba para divulgação.

Ludmila Suaid	@LudmilaSuaid	Sim	Não	122	Sim
Polly do Amaral	@pollydoamaral	Sim	Não	110	Não
Raquel Marques	@raqueldabancada	Sim	Sim	80	Não
Thais Ferreira	@southaisferreira	Sim	Sim	122	Sim

Fonte: elaborada pela autora

Das 11 candidatas, apenas Ligia Moreiras Sena não utilizou do recurso de criar uma *fanpage* própria para a divulgação da candidatura e da realização de campanhas políticas. Ligia utilizou sua própria *fanpage* Cientista Que Virou Mãe⁸⁶, do antigo blog e atual plataforma digital de conteúdo sobre maternidade. Todas as demais criaram *fanpages* específicas para suas campanhas políticas. Também Ligia foi a única integrante da Bancada de Mães Ativistas que preferiu não participar das entrevistas individuais. Assim, todas as informações a respeito dessa candidata foram coletadas de outras fontes, sempre referenciadas.

Para ter uma visão sócio demográfica, foi organizada uma tabela com: (i) partido/estado; (ii) sexo; (iii) idade em 2018; (iv) grau de instrução; (v) estado civil; (vi) orientação sexual; (vii) cor/raça; (viii) classe social; (ix) quantidade de filhos, (x) se 2018 foi a primeira candidatura política; (xi) se foi eleita em 2018:

Tabela 5: Dados sociodemográficos e eleitoral das candidatas da Bancada de Mães Ativistas em 2018:

Nome	(i)	(ii)	(iii)	(iv)	(v)	(vi)	(vii)	(viii)	(ix)	(x)	(xi)
Alessandra Minadakis	PSOL/GO	Fem.	47	Superior completo	Divorciada	Heterossexual	Branca	Média	1	Sim	Não
Andréa Werner ⁸⁷	PSOL/SP	Fem.	44	Superior completo	Casada	Heterossexual	Branca	Média	1	Sim	Não
Anne Rammi	Bancada Ativista-PSOL/SP	Fem.	39	Superior completo	Casada	Heterossexual	Branca	Média	3	Sim	Sim
Ilka Teodoro	PSOL/DF	Fem.	42	Superior completo	Casada	Heterossexual	Preta	Média Alta	2	Sim	Não

⁸⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/cientistaqueviroumae/> Acesso em 16 de setembro de 2019.

⁸⁷ As respostas de Andrea Werner sobre orientação sexual e classe social não constam na transcrição, pois foram enviadas posteriormente em conversa privada.

Lana Paula Luna	PSOL/GO	Fem.	40	Ensino médio completo	Casada	Heterossexual	Branca	Média	4	Não	Não
Laura Muller Sagrillo ⁸⁸	PSOL/MG	Fem.	32	Superior incompleto	Solteira	Bissexual	Branca	Média	6	Não	Não
Ligia Moreiras Sena ⁸⁹	PSOL/SC	Fem.	41	Superior completo	Solteira	-	Branca	-	1	Sim	Não
Ludmila Suaid	PSOL/GO	Fem.	41	Superior completo	Solteira	Heterossexual	Preta	Média	2	Não	Não
Polly do Amaral	PSOL/MG	Fem.	41	Superior completo	Casada	Heterossexual	Branca	Média baixa	3	Não	Não
Raquel Marques	Bancada Ativista-PSOL/SP	Fem.	40	Superior Completo	Solteira	Bissexual	Parda	Média	2	Sim	Sim
Thais Ferreira ⁹⁰	PSOL/RJ	Fem.	31	Superior completo	Solteira	Heterossexual	Preta	Média	3	Sim	Não

Fonte: elaborada pela autora

Todas as integrantes são candidatas pelo PSOL, a maioria possui ensino superior completo, com paridade entre solteiras e casadas, com idade entre 31 e 47 anos, maioria heterossexual, majoritariamente brancas, com destaque para três candidatas ‘pretas’ (todas autodeclaradas), prevalecendo a classe média (autodeclarada), com média de 2,5 filhos por candidata. Para a maior parte delas, as eleições de 2018 foram a primeira candidatura política, e apenas Raquel Marques e Anne Rammi foram eleitas, como codeputadas estaduais em São Paulo pela Bancada Ativista⁹¹.

⁸⁸ Laura Muller é mãe de seis filhos, sendo três vivos, como ela própria relatou em entrevista disponível no anexo G deste trabalho.

⁸⁹ Ligia não respondeu à entrevista e com isso não foi possível preencher questões autodeclaradas, não encontradas em outras fontes.

⁹⁰ Thais Ferreira mãe de três filhos, dois vivos, como ela própria relatou em entrevista disponível no anexo K deste trabalho.

⁹¹ A Bancada Ativista é uma iniciativa pluripartidária, independente e voluntária que teve como objetivo eleger ativistas para o poder legislativo em São Paulo com foco em diversidade e coletividade. Em 2018, lançou a candidatura coletiva para a Assembleia Legislativa de São Paulo, juntando 9 ativistas de pautas, territórios e partidos diferentes em um só número na urna: Anne Rammi, Chirley Pankará, Claudia Visoni, Erika Hilton, Fernando Ferrari, Jesus dos Santos, Mônica Seixas, Paula Aparecida e Raquel Marques. Pelas

4.1. Da autodefinição das integrantes da Bancada de Mães Ativistas

Ao se autodefinirem em relação a questões ainda consideradas polêmicas na sociedade, como feminismo e ativismo, unindo-os ao tema da maternidade, que comumente é visto como “sagrado”, ou de forma idealizada e frequentemente dissociado de política, essas integrantes fazem uso do poder de ‘autodefinição’, dizendo a respeito de si mesmas e de suas realidades no mundo, e passando “do silêncio para a linguagem e para a ação individual e de grupo” (COLLINS, 2019, p.215). Embora a teoria de Collins (2019) esteja se referindo diretamente ao poder de autodefinição das mulheres negras, o empréstimo intelectual de sua teoria social crítica neste trabalho é autorizado pela própria autora que o indica para utilização de quem se comprometa com a justiça de outros grupos oprimidos (COLLINS, 2019, p.43). O pensamento da autora encontra eco na proposta deste trabalho de compreender as mães como um grupo com carga de opressão particular pelos desafios da prática da maternagem, a partir da teoria do feminismo matricêntrico (O’REILLY, 2016). Desse modo, a importância do poder da autodefinição encontra similaridades com a Bancada de Mães Ativistas, já que aqui também é a dialética de opressão e ativismo (COLLINS, 2019) entre essas integrantes que promove uma nova consciência, ativista e política, a partir da atribuição de significados para suas vivências de maternagem e propondo uma agenda de mudança social sobre as maternidades e infâncias.

Ao persistir na busca por autodefinição, nós nos transformamos como indivíduos. Nossas lutas individuais, quando interligadas a ações em grupo, ganham novo significado. Dado que nossas ações como indivíduos fazem com que deixemos de simplesmente existir no mundo e passemos a ter algum controle sobre ele, elas nos permitem ver a vida cotidiana como um processo e, portanto, como algo passível de mudança (COLLINS, 2019, p.215).

Para essa análise, encontra-se no Apêndice deste trabalho as cópias da seção ‘Sobre’ da *fanpage* de cada uma das candidatas da Bancada de Mães Ativistas, nas quais é possível checar como fizeram uso da autodefinição em relação às temáticas do feminismo,

regras eleitorais, apenas Monica Seixas representava a Bancada Ativista oficialmente nas urnas. Fonte disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/deputado/?matricula=300637> Acesso em 20/07/20.

ativismo, maternidade e política por meio da análise textual das subseções: ‘Informações’ e ‘Mais Informações’. Não foram analisados os textos à época disponíveis na categoria ‘História’, que figura como outra subseção do ‘Sobre’ e nem os recursos imagéticos das seções de ‘foto de perfil’, ‘capa da *fanpage*’ e a imagem de ‘história’. Também estão elencados no Apêndice as cópias dos posts de apresentação da Bancada de Mães Ativistas, publicado por cada candidata em sua respectiva *fanpage*.

Em relação a análise da seção “Sobre”, entendendo que a organização dessas mulheres se deu num contexto em que o feminismo ganhou nova força enquanto movimento social por conta das redes sociais, como descrito anteriormente, verificou-se se essas mulheres se assumiam feministas a partir da descrição que fazem de si mesmas na parte do “Sobre” de suas *fanpages*, identificando também se fazem menções ao ativismo e a denominação de ‘mãe’.

Aqui uma tabela com a coleta da análise, onde ‘traço’ significa que não há menção e ‘X’ sinaliza que houve a menção na descrição:

Tabela 6: Dados de ‘autodefinição’ das candidatas sobre feminismo, maternidade e ativismo

Nome da Candidata	Mãe	Ativista	Feminista
Alessandra Minadakis	-	-	-
Andrea Werner	-	-	-
Anne Rammi	X	-	X
Ilka Teodoro	X	-	X
Lana Paula Luna	X	-	X
Laura Muller Sagrilo	X	-	X
Ligia Moreiras Sena	-	-	-
Ludmila Suaid	X	-	X
Polly do Amaral	X	X	-
Raquel Marques	-	X	-
Thais Ferreira	X	X	-

Fonte: elaborada pela autora.

Já em relação aos posts de apresentação da Bancada de Mães Ativistas, das 11 candidatas, sete postaram a imagem uma única vez entre 29 de agosto de 2018 e 5 de

setembro de 2018. Às exceções de: Anne Rammi e Raquel Marques, cuja coleção de posts sofreu alterações de níveis de privacidade por parte das autoras e ficaram indisponíveis; e de Ligia Moreiras Sena e Ludmila Suaid, cujos posts não foram encontrados durante a coleta manual.

Nos textos dos posts elas indicam as candidaturas umas das outras, com o cargo concorrido e número de votação, além de mencionarem de forma individualizada as suas pautas e seus ativismos. Aqui, cabe listar a reunião dos enunciados que elas descrevem nos posts a respeito de suas agendas políticas e que complementam o conteúdo de autodefinição de suas candidaturas. Elas defendem ser: contra violência obstétrica; pela amamentação; contra a publicidade infantil; contra toda forma de violência contra a criança; saúde; SUS; saúde para crianças atípicas; direitos sexuais e reprodutivos; inclusão, educação crítica, emancipatória, pública, democrática, laica e de qualidade; valorização dos professores; equidade de gênero e acesso a emprego, cultura e lazer.

Desse modo, compreendendo as opressões particulares da prática da maternidade, nomeando a si mesmas em relação a temas incomuns de serem associados, enunciando suas agendas de mudança e se organizando coletivamente para projeção política, entende-se que essas mulheres fazem uso do poder da autodefinição (COLLINS, 2019). Falam por si mesmas e elaboram uma agenda própria, essencial para o empoderamento (COLLINS, 2019. p.83).

4.2. Das entrevistas com as integrantes da Bancada de Mães Ativistas

Após a análise netnográfica, a opção foi realizar entrevistas em profundidade com as 11 candidatas e integrantes da Bancada de Mães Ativistas, para acessar a narrativa oral dessas mulheres, ouvir de suas autodefinições e experiências, e encontrar temas e padrões sobre a ação social de mães ativistas como uma categoria. De todas, apenas Ligia Moreiras Sena preferiu não participar. As 10 entrevistas foram realizadas individualmente, via YouTube, gravadas e transcritas, todas constando como anexo deste trabalho.

A audição e leitura recorrentes desse material, aliadas a análise netnográfica no Facebook e ao levantamento bibliográfico, trouxeram uma visão mais delineada dos dados empíricos sobre as relações dessas candidatas com os ativismos em rede, maternidade, feminismo e política. Como resultado, foi possível extrair mais informações sobre a ideia e a criação da Bancada de Mães Ativistas, a organização em rede e a criação

do post que marca a união das candidaturas dessas mulheres-mães às eleições de 2018. Seus relatos foram conectados à proposta de sistematização dos três primeiros modos de interação das mães em rede, descritas anteriormente, exemplificando a sugestão de análise. Outros temas recorrentemente mencionados nas entrevistas mereceram destaque e serão descritos em seguida, como: as referências à Marielle Franco como estímulo às candidaturas de várias delas e à sororidade em rede como um outro modo de fazer política.

Com as entrevistas e os perfis das *fanpages* das 11 candidatas no Facebook foi possível elaborar um mosaico, ou entender os passos dessa dança como disse Kozinets (2014), de como as temáticas do feminismo, ativismo, maternidade e política se inter-relacionam e como se conectam aos modos de usos que as mães vem fazendo nas redes sociais digitais.

Tabela 7 – Uso das redes sociais e ativismos das candidatas da Bancada de Mães Ativistas

Nome	Quando começou a usar as redes?	Teve blog materno?	Quais redes usa atualmente?	Ativista antes ou depois de ser mãe	Ativista de quais causas
Alessandra Minadakis	Com Orkut ⁹²	Não	<ul style="list-style-type: none"> • Facebook • Instagram • Twitter 	Antes	<ul style="list-style-type: none"> • Feminismo • Questões de gênero • Maternidade
Andrea Werner	Com blog, em 2012	Sim	<ul style="list-style-type: none"> • Facebook • Instagram • Mastodon • Twitter • YouTube 	Depois	<ul style="list-style-type: none"> • Acessibilidade • Diversidade • Inclusão • Maternidade Atípica
Anne Rammi	Com orkut	Sim	<ul style="list-style-type: none"> • Facebook • Flipboard • Instagram • LinkedIn • Pinterest • Whatsapp 	Depois	<ul style="list-style-type: none"> • Infâncias • Maternidades • Natureza

⁹² O Orkut funcionou no Brasil de 2004 a 2014.

Ilka Teodoro	Com Facebook, em 2010	Não	<ul style="list-style-type: none"> • Facebook • Instagram • Twitter 	Junto	<ul style="list-style-type: none"> • Maternidade • Questões de gênero • Racismo
Lana Paula Luna	Com Facebook e Orkut, em 2008	Não	<ul style="list-style-type: none"> • Facebook • Instagram • Whatsapp 	Antes	<ul style="list-style-type: none"> • Direitos das Mulheres e das Crianças
Laura Muller Sagrilo	Com Orkut, em 2003	Não	<ul style="list-style-type: none"> • Facebook • Instagram • Whatsapp 	Antes	<ul style="list-style-type: none"> • Crianças • Mulheres, • Parto Humanizado
Ligia Moreiras Sena ⁹³	-	Sim	<ul style="list-style-type: none"> • Facebook • Instagram 	-	<ul style="list-style-type: none"> • Direitos Humanos • Empoderamento Feminino • Infância • Maternidade • Saúde coletiva • Saúde da Mulher
Ludmila Suaid	Com Orkut em 2004	Não	<ul style="list-style-type: none"> • Facebook • Instagram • Whatsapp 	Antes	<ul style="list-style-type: none"> • Feminismo • Maternidade • Movimento negro • Parto • Serviço social
Polly do Amaral	Com Orkut	Não	<ul style="list-style-type: none"> • Facebook • Instagram • Signal • Telegram • Twitter • WhatsApp • Youtube 	Junto	<ul style="list-style-type: none"> • Educação • Parto humanizado • Saúde pública

⁹³ As informações de Ligia Moreiras Sena foram coletadas a partir da seção ‘sobre’ da *fanpage* no Facebook www.facebook.com/cientistaqueviroumae e do site <http://portal.cientistaqueviroumae.com.br/sobre/> acesso em 19/7/20. Ligia não participou das entrevistas em profundidade, por isso não foi possível aferir as questões em aberto.

Raquel Marques	Com Orkut, em 2005	Não	<ul style="list-style-type: none"> • Facebook • Instagram • Twitter • WhatsApp 	Antes	<ul style="list-style-type: none"> • Parto humanizado • Saúde pública-SUS
Thais Ferreira	Com Orkut em 2005	Não	<ul style="list-style-type: none"> • Facebook • Instagram • Twitter 	Antes	<ul style="list-style-type: none"> • Maternidades • Negritudes/Combate ao Racismo • Primeira Infância

Fonte: elaborada pela autora

Para a maior parte delas, o início do uso de redes sociais aconteceu com Orkut e apenas três delas tiveram blogs com a temática materna. O Facebook, Instagram e o Whatsapp são as plataformas mais utilizadas atualmente entre elas. Em relação aos ativismos, seis delas se envolveram com alguma causa antes de serem mães, duas concomitantemente à maternidade e duas depois, por conta dos filhos. As causas pelas quais são ativistas passam por diversas temáticas, que abarcam, majoritariamente, os direitos das mulheres, mães e crianças. Seus enunciados sobre essas causas também são entendidos como modos de autodefinição, da capacidade de nomear a sua própria realidade (COLLINS, 2019).

4.2.1. A criação da Bancada de Mães Ativistas

A criação e organização da Bancada de Mães Ativistas se deu de forma espontânea com o intuito de organizar e apoiar a militância ativista das integrantes que já se conheciam em maior ou menor grau das redes sociais e do movimento de mães em rede, como poderá ser visto adiante. Ligia Moreiras Sena é mencionada em quase todas as entrevistas como figura-chave para a criação do grupo de Facebook, que começou desde as eleições de 2016, ano em que Lana, Laura, Ludmila e Polly saíram candidatas com as pautas das maternidades e infâncias.

Essa comunidade deu origem ao grupo que elas mantêm no WhatsApp, criado também por Ligia, conforme cópia da imagem enviada por Laura Muller Sagrilo que aponta o início do grupo nessa rede em 21/06/2018:

Figura 12: Imagem de fundo do grupo da Bancada de Mães Ativistas no Whatsapp



Fonte: Laura Muller Sagrilo - envio em 05/05/20

Importante notar o nome do grupo ‘Candidatas Mães’ e o símbolo escolhido: de uma mulher de mãos dadas com uma criança, identificando a maternidade, com o símbolo do feminismo negro em rosa⁹⁴, marcando essa vertente do movimento feminista, além da hashtag #50 em referência ao número que identificou os candidatos do PSOL nas eleições de 2018. A decisão de incluir apenas candidatas mães ativistas do PSOL no *post* que reuniu as 11 candidatas, veio como diretriz do próprio partido, de acordo com Anne Rammi. Já Thais Ferreira recorda que a ideia veio de aproveitar quem estava na mesma legenda, na mesma pauta para lançar uma Bancada de Mães Ativistas que estão no Brasil, para conseguir, com as redes de cada uma, impulsionar umas às outras.

Lana Paula Luna, sinaliza que a mudança de plataforma teve intuito de manter apenas as candidatas do PSOL: “a gente decidiu migrar, fizemos um grupinho no WhatsApp, por que tu sabes que teve outras candidatas do movimento da humanização, né? Só que de outros partidos...”. A migração do grupo de Facebook para o WhatsApp ajudou as integrantes a conversar e

trocar ideias sobre as dificuldades apresentadas... nesse grupo de WhatsApp surgiu a ideia de nós criarmos a bancada ativista, de mães ativistas... porque nós tínhamos muito em comum em relação as nossas pautas, dessas mães ativistas, algumas tinham uma amizade mais

⁹⁴ O símbolo de vênus, que representa o feminino com o punho cerrado inserido dentro é utilizado pelo Feminismo Negro. O punho erguido é um símbolo de diversas lutas de esquerda e movimentos pelos direitos dos trabalhadores, mas ficou mundialmente conhecido como gesto do movimento negro, passando a representar também o movimento das mulheres negras. Fonte disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/simbolos-do-feminismo-quais-sao-e-o-que-significam/> Acesso em 20/07/20.

próxima pessoal... outras tinham mais virtualmente...” (MINADAKIS, Alessandra, 2020).

O nome Bancada de Mães Ativistas faz uma referência e uma oposição direta à conhecida Bancada BBB: bancada armamentista (da Bala), bancada ruralista (do Boi), e bancada evangélica (da Bíblia), que têm integrantes políticos no congresso nacional em defesa desses setores, usualmente alinhados às políticas de direita e extrema direita. Para Thais Ferreira, ter uma Bancada de Mães Ativistas é importante justamente nessa disputa de narrativas frente a essas bancadas conhecidas.

Quando a gente fala dessa participação de mulheres-mães na política, acho de extrema importância... acho que é uma movimentação que precisa ganhar cada vez mais força.... muito embora a maioria dessas mulheres mães estejam presas a esse estereotipo nesse lugar social desse lugar-mãe e isso cause um cansaço e muitas delas desistem e ficam traumatizadas, acho que é um movimento que merecia ganhar força por ele ser de fato o pilar central da construção do que a gente chama de sociedade... se a gente for colocar a mulher no lugar de centro (FERREIRA, 2020).

De acordo com Anne Rammi

Uma bancada é importante em qualquer causa e ativismo porque entrando no sistemão ali, a gente tá falando de políticos profissionais que atuam em bancada pra defesa de interesses que são bastante particulares de poucos, normalmente ligados à igreja, ao agronegócio, às armas, ao armamento, né? e a instauração urgente do projeto neoliberal que quer a destituição de todos os direitos e tal. Então, eles atuam sempre em bancadas... é bastante embrionário ainda a ideia de uma bancada ativista ou a ideia de uma bancada de mães... por mais que algumas mulheres, as vezes até a maioria das mulheres dentro das casas legislativas sejam mães... elas não sustentam nenhum tipo de defesa da agenda dos direitos das mulheres, muito menos das crianças e jamais da natureza” (RAMMI, 2020).

Andrea Werner corrobora com o questionamento de pensar as diferenças entre as mulheres-mães que já estão na política e as integrantes da Bancada de Mães Ativistas: “a gente tem mães na política, né? Mas, mães ativistas a gente não tem... não adianta a gente tentar dourar a pílula, né? Tem que ser mãe progressista, as grandes questões que a gente tem só vão ser mexidas com pessoas progressistas legislando”. Contudo, a própria combinação de mãe e política é rechaçada socialmente, tida como campos opostos, já que historicamente a figura da mãe é valorizada segundo ideais de maternidade patriarcais ou institucionais, porém invisibilizadas enquanto sujeito político. Ao falar da importância do ativismo, feminismo, maternidade e política WERNER lembra o impacto que causou no início de suas publicações no blog materno *Lagarta Vira Pupa* ao abordar esses temas:

aí vem alguém e fala: você está politizando muito o assunto, porque você não é mais mãe, você é política. E o que eu tenho falado muito com as

peças é: gente, me ajuda aqui, tudo é político, ser mãe é político, ser mãe de uma pessoa com deficiência é mais político ainda. Conquista de direitos e a retirada de direitos ela é feita através da política. Então se a gente não entrar lá a gente vai ter um bando de gente que não sabe o que a gente vive legislando por nós, não dá para a gente se abster disso (WERNER, 2020)

A própria tentativa de dissociar maternidade e política é vista como uma forma de invisibilizar as pautas de maternidades e infâncias. Para Polly do Amaral, ter uma Bancada de Mães Ativistas seria importante “para fortalecer e dar visibilidade para essas pautas que costumam ficar em segundo plano”. “Quando você começa a dar mais visibilidade pra isso, você tá afetando também o cotidiano das pessoas” (AMARAL, 2020).

A fala de Raquel Marques para a importância de uma Bancada de Mães Ativistas, aponta a dificuldade de ser uma mãe na política sem cair nos ideais maternalistas ou na tipologia Maternal mencionada no estudo de Panke (2008). Ela mesma se questiona se há conflito em ser feminista e cair em papéis de gênero estereotipados ao revelar:

acho que o mundo precisa disso, quando você olha pra primeira ministra da Nova Zelândia e como ela se dirige as pessoas daquele país, as palavras que ela usa, as decisões que ela toma é de zelo... é de proteção, é de inclusão... é isso que a gente faz dentro de casa (MARQUES, 2020).

Assim a autodefinição (COLLINS, 2019) retorna como relevante para pessoas pertencentes a grupos subjugados ou invisibilizados, cujos saberes são desconsiderados, e no caso, para marcar a atuação das integrantes da Bancada de Mães Ativistas. Particularmente, Thais Ferreira explica como sendo o “lugar da autodeterminação”, que para Collins (2019) configura o poder de cada um de decidir seu próprio destino: “hoje eu me autodetermino... me autodeterminei política, mulher-mãe, preta... nessa potência”. Em termos de perspectivas futuras, para Lana Paula Luna, a ideia da Bancada de Mães Ativistas é importante para construir políticas públicas para as mulheres e para as crianças e transformar a sociedade.

Por que que a gente quer transformar sistema? Porque a gente não está contente com o sistema. Aquela pergunta: nossa população é feita por mulheres, a outra metade são feitas pelos nossos filhos... e a gente quer uma mudança... e nós somos a mudança... nós somos a resposta às nossas mudanças... nós sabemos como conduzir a mudança (LUNA, 2020).

Sem querer, as integrantes da Bancada de Mães Ativistas, quando, juntas, se autodefinem mães ativistas na política, comungam das quatro dimensões da epistemologia feminista negra que traz similaridades para a análise das mães enquanto um grupo com opressões particulares (O'REILLY, 2016): apontam a experiência vivida

como critério de significado, fazem uso do diálogo, e colocam em voga a ética do cuidado e da responsabilidade pessoal (COLLINS, 2019). Também realizam uma das diretrizes do feminismo matricêntrico: de comprometimento com a mudança e a justiça social, na qual a maternidade é também uma empreitada de engajamento social com seu próprio lugar de poder, em que as mães podem reivindicar a mudança social através da criação de filhos e de seu ativismo (O'REILLY).

4.2.2. Da organização do post da Bancada de Mães Ativistas

A maior parte das integrantes afirma que as redes sociais são imprescindíveis para conectar as pessoas, ter um alcance que seria impossível de outro modo, promover conversas, debates, ampliar o acesso a informações não disponíveis em outros meios tradicionais e trazer representatividade para as mães na política. Apesar de as postagens com a imagem das 11 integrantes não ter sido frequentemente utilizada pelas candidatas no período eleitoral de campanha, elas destacam alguns dos benefícios da divulgação conjunta que fizeram e insatisfações.

...acho que foi muito bom, deu uma visibilidade. As pessoas se sentiram representadas, né? foi muito legal, foi muito, foi muito legal. Nossa, mas tu sabe que a gente esperava mais apoio até dentro do partido né? mas não teve esse apoio todo não porque tudo que é novo, né? (LUNA, 2020).

O alcance conseguido por meio da campanha no Facebook também impressionou Lana Luna e Ilka Teodoro, mesmo sem a utilização de impulsionamento pago. Para Lana Paula Luna:

eu fiquei muito surpresa com número de votos que eu tive, muito, eu achava, tive 2882 votos, tive votos no estado todo, eu não tinha dinheiro para ir no estado todo... nos municípios.... Então como é que eu cheguei? Então, se eu tivesse, imagina se eu tivesse capacidade de ter impulsionado? Poderia ter chegado mais gente, mais gente, mas porque não tinha grana mesmo pra impulsionar... (LUNA, 2020).

Para Ilka:

Eram todas campanhas sem grana, sem estrutura e foi uma forma que a gente encontrou de se ajudar mutuamente porque cada vez que a gente fazia um postzinho e um cardzinho como esse [referência ao post de apresentação da Bancada de Mães Ativistas] era uma produção só que atingia várias mulheres, vários estados (TEODORO, 2020).

Na reta final, da campanha ILKA decidiu contratar especialistas em mídia que trouxeram análises de projeção de investimento em relação a quantidade de votos alcançados, que ela considera bem sucedida:

As perspectivas deram certo com o resultado, foi até um pouco melhor que o esperado. Então eu entendi que a estratégia adotada naquele momento funcionou... acho que impactou muito... o que eu consegui veicular de conteúdo pelo Facebook foi fundamental, foi fundamental. A gente conseguiu produzir conteúdo de qualidade e alcançar pessoas legais, assim, chaves. Se eu tivesse mais tempo talvez tivesse conseguido [se eleger] (TEODORO, 2020)

O uso das *fanpages* para as campanhas realizadas por elas foi feito majoritariamente de forma intuitiva ou com pouco tempo de execução para uma estratégia profissional, mesmo quando houve recurso financeiro para impulsionamento do alcance das postagens. A dificuldade de conseguir financiamento para campanha e de obter acesso a recursos específicos (como uma equipe que apoie preparação de contato com imprensa, leis, comunicação), costumam ser algumas das barreiras de entrada para as mulheres na política identificadas por Panke (2016. p.74).

Contudo, por conta dos blogs e do ativismo digital materno, algumas das candidatas já possuíam diferenciais de comunicação que geram vínculos com seu potencial eleitoral, como identificação, empatia e projeção (PANKE, 2016), além de conhecimento técnico. A identificação entre essas candidatas e suas audiências já se dava pelas causas da vida de mãe e os ativismos em prol da maternidade e infância. A empatia acontece com a própria capacidade de comunicação e interação, de modo que quem está perto se sente bem. E a projeção se dá com a defesa dessas candidatas encarnando a esperança e a voz do grupo, tomando a iniciativa de defender publicamente ideias e princípios que aspiram um futuro ideal e um mundo melhor que somente seria alcançado com sua presença no poder.

Esse é principalmente o caso de Ligia, Anne e Andrea (respectivamente com seus *blogs/fanpages Cientista Que Virou Mãe, Mamatraca e Lagarta Vira Pupa*) que possuem ampla audiência de identificação, empatia e projeção. Ligia, particularmente, foi a mais citada (por sete das 10 entrevistadas) como a responsável pelas conexões em rede entre todas as integrantes. A importância dessas antigas blogueiras e ativistas digitais maternas para a interconexão política das demais é outro ponto que reforça a relevância e o potencial das redes sociais numa jornada desde o autorrelato até a organização de candidatura política de forma coletiva.

Mais ambientadas às ferramentas das redes, pelos seus blogs e ativismos online, traziam uma base de audiência mais conectada com um potencial de promoção de engajamento que, se não pode garantir diretamente mais votos, amplia o alcance da mensagem. E a habilidade de vivenciar a ambiente digital e criar conexão entre as pessoas

trouxe a elas um protagonismo na própria articulação com as demais integrantes da Bancada de Mãe Ativistas. Isso se percebe na fala das demais integrantes que atribuem às três a entrada e/ou organização no grupo de Facebook e Whatsapp.

Segundo Anne Rammi (2020), a idealização da Bancada de Mães Ativistas também levou em conta o potencial de alcance das redes das integrantes que mantinham audiência desde os blogs. Começou

num grupo de WhatsApp. Aí quando a gente começou a conversar sobre essa ideia o que aconteceu? A Ligia como ‘cientista que virou mãe’, tinha amplitude nacional, eu que tenho amplitude nacional, Andrea Werner tem amplitude nacional, falou: meu, vamos começar a se indicar porque quem sabe uma de nós vai ser eleita, né? Então, a ideia era que as pessoas enxergassem que várias mães, em vários lugares do país estavam se candidatando com propósitos similares (RAMMI, 2020).

Das 11 candidatas, foram eleitas Anne Rammi e Raquel Marques, ambas como codeputadas estaduais, integrando a candidatura coletiva da Bancada Ativista em São Paulo.

4.2.3. O Pessoal é Público – falas de representação da Bancada de Mães Ativistas dentro desta fase de interação das mães em rede

Entre as entrevistadas, Anne Rammi e Andrea Werner utilizam as redes como produtoras e consumidoras de conteúdo sobre maternidade desde a época dos blogs. E exemplificam as motivações e as expectativas sobre esse momento muito marcado pelos desabafos e relatos pessoais em rede:

Quando tive o Joaquim, meu primeiro filho, foi quando eu comecei a escrever o blog. O blog, na verdade, é do final da gestação do Joaquim. Achava que eu tava descobrindo a roda “nossa, vou escrever um blog sobre ser mãe”. Aí, eu percebi que tinha várias outras pessoas fazendo isso, né? não era nenhuma novidade... aí me conectei com essas mulheres, eu tava muito sozinha no pós-parto, me conectei com essas mulheres através das redes sociais e percebi que existiam temas, demandas, urgências muito parecidas que a gente tava enfrentando (RAMMI, 2020).

Anne começou com um blog materno chamado *Super Duper*, hoje desativado, depois lançou a plataforma *Mamatraca* (funcionando hoje no Facebook e Instagram):

era aquela pracinha de blogueiras, um monte de blogueira. A gente todo dia de manhã ia lá, levantava pra ver o que a outra tinha escrito, se o filho da outra tinha comido, se o filho da outra tinha dormido... aí aos poucos a gente com esse viés um pouco mais político e ativista foi cutucando ali, cutucando aqui, conversando sobre as coisas... aí quatro ou cinco blogueiras da época começaram a entender que precisava se juntar numa coisa mais coletiva... aí surgiu o Mamatraca... na época eram cinco, eu e mais quatro... era pra ser um projeto profissional, assim... profissionalizar

o conteúdo que a gente produzia... a gente produzia muito conteúdo (RAMMI, 2020).

Andrea Werner começou em 2012 o blog *Lagarta Vira Pupa*, ainda no ar, mas sem atualizações. Começou “como desabafo, queria escrever um pouquinho, ocupar a cabeça, aí começou a virar acolhimento”. Ela se diz uma das primeiras a tratar da temática da maternidade atípica:

tinha um ou dois blogs, mas que eram muito assim: como desfraldar? Como ensinar não sei o que? Como fazer não sei o que, mas, eu não cheguei com esse *approach*, cheguei falando como era ser mãe de um menino autista, as dificuldades, sentimentos... (WERNER, 2020).

Espaços como esses foram importantes para facilitar a conexão com outras mulheres-mães, para fugir à solidão materna, principalmente no pós-parto, e/ou compreender mais das próprias vivências maternas. Isso se revela também na fala de Laura Muller, que diz que “foi conversando com outras mulheres, foi através das redes sociais que eu descobri o termo violência obstétrica, que descobri o parto humanizado”, informações que “não estão em livros, a gente não encontra no livro o que é violência obstétrica”.

4.2.4. O pessoal é privatizado – falas de representação da Bancada de Mães Ativistas dentro desta fase de interação das mães em rede

No início da plataforma digital *Mamatraca*, Anne Rammi era uma das cinco responsáveis pela produção do site (hoje desativado). Segundo ela, a ideia era fazer dele um projeto de profissionalizar o conteúdo para que continuasse autoral. Até que as empresas começaram a procurá-las para patrocínios: “... a gente já estava sendo muito assediada por empresa, a gente queria pautar, né? Ao invés de ser pautada pelas empresas, nossa intenção era que as mães pudessem pautar os conteúdos, né? aí, a gente se uniu pra criar forças”. No ar desde 2011, o *Mamatraca* tem temporadas temáticas. De acordo com Anne: “tem a temporada ativista, temporada política, tem a temporada que eu convidei mais mulheres para escrever e foi caindo... agora atualmente o *Mamatraca* tá na sua temporada Instagram”.

A fala de Anne Rammi marca bem a iniciativa privada buscando patrocinar os conteúdos maternos e comoditizar os conteúdos autorais (KARHAWI, 2019) que nesse momento já extrapolaram os blogs e eram compartilhados nas diversas plataformas de redes sociais que surgiram nessa fase, como Instagram, Facebook, YouTube etc.

Aqui, Andrea Werner também reforça a diversificação do conteúdo em múltiplos canais, para além do blog, fazendo o compartilhamento de conteúdo no Facebook e Twitter. Atualmente, o blog não é atualizado, figurando como um arquivo de conteúdo.

4.3.5. O pessoal é político e digital - falas de representação da Bancada de Mães Ativistas dentro desta fase de interação das mães em rede

Para Andrea Werner o blog não começou como ativismo. O ativismo começa quando as pessoas passam a procurá-la por conta do tamanho de suas redes sociais e “pra questões específicas que envolviam, principalmente, política”.

Aí você entende que a sua voz tem uma amplitude grande, por conta do alcance que você tem nas redes sociais. Você pode usar isso pra pressionar. Isso é importante (WERNER, 2020).

Muitas das integrantes da Bancada de Mães Ativistas, atribuem o início do seu envolvimento no ativismo aos grupos de redes sociais. Majoritariamente aqueles voltados a humanização do parto e cuidados infantis, como Pediatria Radical (citada por Raquel, Polly, Laura e Ludmila, por exemplo), Rehuna, Parto do Princípio, entre outros. Alessandra Minadakis endossa: “devo muito meu ativismo materno, vamos dizer assim, às redes sociais”. Alessandra faz referência especial ao grupo que funciona desde o Orkut, o “Pediatria Radical”, chamado de PR, liderado por uma pediatra de Brasília e que “sempre defendeu algumas bandeiras da maternidade e relacionadas às crianças”, reforça.

A própria ideia de criação do post da Bancada de Mães Ativistas, segundo Ludmila Suaid, tinha intuito de fazer uma divulgação coletiva em grupos como esses:

...então a ideia era a gente se divulgar e se mostrar coletivamente, porque a mulherada tá em tudo que é grupo, assim, tá no grupo *Doulas de Brasília*, tá no grupo *Parir com respeito, Pediatria Radical*. Tem uns grupos assim, meu deus, 200.000 mulheres. Então, a galera vai se conhecendo, vai se divulgando (SUAID, 2020).

A entrada em grupos digitais de redes sociais é uma das portas de entrada para os movimentos sociais relacionados a maternidades e infâncias, como Lana Paula Luna descreve: “em 2008 entro em Facebook, Orkut. Ai, quando eu entro mesmo lá na maternagem... vou descobrindo... que eu entro, eu encontro o movimento da humanização do parto”. Para Polly do Amaral, a entrada num grupo do Yahoo, chamado Parto Nosso a fez descobrir que sua cesárea tinha sido desnecessária. Dali,

começou toda luta, me tornei doula, participando dos grupos... fundamos o Ishtar⁹⁵, que é um grupo que tá presente em vários lugares do Brasil. Sou também do Parto do Princípio, que é uma rede nacional e em 2014 a gente apresentou um projeto de lei na Câmara Municipal⁹⁶ (AMARAL, 2020).

Vale destacar que grande parte desses grupos mencionados por elas em entrevista (Parto Natural, Amigas do Parto, Parto Nosso etc.) são desdobramentos das listas eletrônicas criadas por consumidoras organizadas da classe média no início da internet. (DINIZ, 2005). Não se pode negar que encontram neles um paralelo aos grupos de conscientização feministas da década de 70, reconhecidos pelo lema de ‘O Pessoal É Político’ (SARDENBERG, 2018), atualizado neste trabalho para ‘O Pessoal é Político e Digital’.

Para Ilka Teodoro as redes foram fundamentais para construir as pautas da violência obstétrica, para construir os movimentos, acionar pessoas e divulgar cursos. Ela ressalta que foi por meio de um post do Facebook que soube do curso da ONG Artemis, em 2015 sobre “formação jurídica para o enfretamento de violência obstétrica”, organização então presidida por Raquel Marques. Essa experiência fez Ilka entrar para o ativismo e ter contato com o movimento social de humanização do parto. Segundo ela, era

um movimento muito bem estruturado, no campo da saúde, no campo do direito, me surpreendi, o curso de formação de doulas, a capilaridade que isso tinha e a forma como isso alcançava tantas mulheres... por que quando você fala de violência no parto, todas as mulheres que já foram mães, de alguma forma já passaram por isso (TEODORO, 2020).

Ilka, posteriormente, foi convidada por Raquel Marques a assumir a diretoria jurídica da Artemis. Raquel também conta que iniciou sua trajetória pelo ativismo “dentro de grupos do Yahoo, depois Orkut, depois Facebook”. Ela se coloca como ativista originalmente da questão do parto. “Isso me leva, mais pra frente, a conhecer outras pessoas de outros movimentos que questionam todo um modo de viver na cidade, consumismo, consumo de industrializados, alimentação, infância”, explica. Nesses movimentos é que ela encontra Anne Rammi. Em 2013, Raquel funda a ONG Artemis⁹⁷ e a política institucional começa a fazer mais parte do cotidiano, das críticas, e de reflexões, conectadas especificamente aos direitos reprodutivos, parto, maternidade.

⁹⁵ Ishtar BH, grupo de apoio à gestante.

⁹⁶ A lei de 2016, obriga maternidade, casa de parto e estabelecimento hospitalar congênere a permitir presença de doula em trabalho de parto, parto e pós-parto, sempre que solicitada pela parturiente.

⁹⁷ A Artemis é uma ONG que se propões a lutar pela erradicação de violências contra a mulher. Fonte disponível em www.artemis.org.br Acesso em 07/07/20.

As redes sociais digitais também abriram espaços para grupos que lidam com o luto materno. Caso da Thais Ferreira, que perdeu um filho com 34 semanas e “por estar nos grupos de internet, já sabia que era uma gestação de alto-risco, sabia das chances de ter um aborto sem explicação”. Para ela foi uma troca importante num período de luto materno. Passado esse período, já com a vivência da maternidade dos outros filhos vivos, ela diz que viu ser “materializado essa necessidade de ser ativista mesmo, ser entusiasta da primeira infância que é o período essencial, período que reverbera pra nossa vida toda, né?” (FERREIRA, 2020). Aqui se explicita a prática de usar de experiências concretas da vida para criar significados e envolvimento numa maternidade ativista ou com o pensamento maternal, como uma ética de cuidado que se estende não apenas aos filhos, mas às crianças em geral (NAPLES, 1992).

4.3.6. Sororidade em rede

Aqui, entende-se o conceito de sororidade para além da ‘irmandade’, mas principalmente como a “aliança feminista entre mulheres em sua dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo” (GARCIA; SOUSA, 2015). A sororidade se revela desde a criação do grupo digital para trocas, até a organização coletiva do post da Bancada de Mães Ativistas. Em cada publicação do post conjunto, em que elas divulgam umas às outras, dizem de si, convocam as seguidoras a compartilhar a informação e explicam suas propostas com base no ativismo digital materno, explicita-se que “os laços feministas constituem-se na rede e convidam as mulheres a militarem, seja no ciberespaço ou no espaço urbano, pelas causas femininas/feministas” (GARCIA; SOUSA, 2015).

Com isso, contribuem para reorganizar o imaginário de rivalidade feminina do senso comum e as dinâmicas da política partidária, organizadas pelos homens, como sinaliza Panke (2016. p.74). Na política, o conceito de sororidade está diretamente relacionado ao empoderar, “que deve ser aprendido e praticado pelas mulheres. Significa apoio mútuo e a troca contínua de experiências para o fortalecimento das demais” (PANKE, 2016 p.74). Isso se exemplifica na fala de Alessandra Minadakis: “mulheres precisam das outras mulheres, precisam se olhar como complementares e como solidárias, precisam do apoio de outras mulheres, poder contar com outras mulheres, isso é muito importante, dentro da política é muito importante”. O apoio também chegou em forma de trabalho voluntário, como os realizados por estudantes da UFG para apoiar a divulgação da candidatura de Lana Paula Luna.

Também na abordagem dialética de opressão e ativismo enfatiza a importância do conhecimento no desenvolvimento de pontos de vista autodefinidos sobre si mesmas, e que, por sua vez, possam fomentar o tipo de solidariedade de grupo necessária para resistir às opressões (COLLINS, 2019). É o que acontece após o assassinato da vereadora carioca, Marielle Franco⁹⁸, em 14 de março de 2018.

4.3.7. Sementes de Marielle Franco

Chama atenção a fala de quatro das integrantes sobre a disposição para se candidatar ter sido motivada em resposta ao assassinato de Marielle Franco. Como Laura Muller diz, foi um “gatilho” para todas se candidatarem. Nas palavras dela, o assassinato de Marielle trazia a sensação de “cala a boca ou a gente vai matar você”, pelo fato de, assim como Marielle, ser uma mulher que se expõe como ativista e feminista. Assim, Laura se filia ao PSOL com intuito de se candidatar.

Foi tudo muito rápido, mas a Marielle foi o fato determinante nisso, assim sementes da Marielle e é isso, sabe? acho que vai brotar muito mais, eu espero que brote muito mais (MULLER, 2020).

Para Polly do Amaral, a perda de um emprego de décadas e o assassinato de Marielle foram os fatores que a impulsionaram a se candidatar:

eu fui falar: gente, pra que que eu tô nesse mundo, devo ter alguma missão aqui. Ou eu vou procurar outro emprego que eu não me via, trabalhando numa empresa privada, trabalhei a vida toda na UFMG e amava, amava minha profissão, mas, assim, é um mercado bom de trabalho, né? Só que eu não me imaginava trabalhando em empresa privada de jeito nenhum ou eu vou pro lado das gestantes de vez, firmar a questão de ser doula, de repente até consultora nessa área, alguma coisa assim com as gestantes que também amo, amo muito ou então vou fincar o pé na política de vez e aí os caminhos me levaram e eu fui, decidi me candidatar de novo (AMARAL, 2020).

Thais Ferreira conhecia pessoalmente Marielle Franco. Em 2017, Marielle a convidou a se filiar pelo PSOL dentro do projeto *Mulheres na Política*. Em 8 março de 2018, durante as manifestações do 8M ela questionou novamente a candidatura de Thais, que já havia se decidido e dia 14 acontece o assassinato. Segundo Thais:

⁹⁸ Marielle Franco era mulher, negra, mãe e cria da favela da Maré. Era socióloga, vereadora da Câmara do Rio de Janeiro pelo PSOL. Foi assassinada em 14/03/2018 em um atentado ao carro onde estava, com treze tiros que mataram também o motorista Anderson Pedro Gomes; provocando reações e cobranças no Brasil e no mundo sobre a autoria do crime. Fonte <https://www.mariellefranco.com.br/quem-e-marielle-franco-vereadora>. Acesso em 07/07/20.

Então, eu falei: bom, se eu chego num lugar ninguém me conhece, né? Sou ativista da margem, não sou ativista institucionalizada, não tinha grandes relações institucionais com movimento nenhum. Porque é isso, estava num movimento de margem. Se eu chego num lugar e falo: “olha, Marielle me mandou aqui”. A mulher tá morta, não podia fazer nada...então, ia ser interpretado como oportunismo. E eu falei: não, vou fazer isso sozinha.... sabia que não era sozinha... tinha pessoas que me apoiariam... vou fazer isso sozinha, sem nenhum padrinho ou madrinha institucional, mas vou fazer isso levantando a minha rede. Fui e me filiei sozinha mesmo e pleiteei a candidatura que na época foi aprovado, a gente conseguiu fazer, tinha o apoio do partido, era militância orgânica, sem dinheiro, sem fundo, nada (FERREIRA, 2020).

Ludmila Suaid viu nesse momento a chance de sair da teorização em relação às questões de gênero e ir para a prática. Se candidatou “por acreditar em mulheres candidatas, porque o assassinato da Marielle foi terrível, foi foda, foi desesperador”.

gente, tanta mulher maravilhosa, né? falei: vai, Ludmila... vamos fazer! Vamos sair do discurso, né? e realiza-lo, né? nos colocar, né? na reunião... há mil anos que a gente estuda que mulher é colocada no ambiente privado, homem é colocado no ambiente público e que quando vai pro ambiente público quem tem destaque é o homem, né? (SUAID, 2020).

A reação das quatro candidatas ilustra a teoria de inteligência afetiva em comunicação política (CASTELLS, 2017), em que, ao invés de medo e paralisia, a indignação diante do que é considerado injusto move rumo a uma ação, individual e coletiva.

4.3.8. Do feminismo

Todas elas se consideram feministas, com exceção de Thais Ferreira, que se enxerga mais contemplada dentro da perspectiva afro-diaspórica do mulherismo, que traz uma gestão matriarcal que vem das mulheres africanas com “um projeto de equidade e humanidade para um povo”. Para as demais, à exceção de Ludmila Suaid, para quem o feminismo veio antes das redes sociais, esse ambiente foi relevante para a construção e entendimento do feminismo. As falas delas tangibilizam uma série de temáticas tratadas aqui anteriormente.

Laura Muller exemplifica as relações propostas neste trabalho, ao dizer que as redes sociais contribuíram para o seu feminismo: “Pra mim tá entrelaçado minha construção de maternidade e meu ativismo, inerente ao feminismo, né?”. Sobre maternidade, feminismo e ativismo ela afirma “tá tudo junto... não consigo separar essas áreas da minha vida, não”.

Andrea Werner cita as referências de perfis alinhados a ideologias de esquerda que ajudaram a perceber o feminismo e fala da importância desse movimento para as mães de maternidades atípicas:

quando a gente tá falando de maternidade atípica e de feminismo, a gente tem que pegar mais forte com isso porque toda essa concepção de que o filho é responsabilidade da mulher e fim, ela pesa o triplo quando o filho tem alguma deficiência... tanto que é muito comum que os homens se mandem, vão embora. Acho que a gente contribui pra isso, pro discurso da mãe especial, o cara pensa “ela é especial, eu não, vou embora” (WERNER, 2020).

Ela exemplifica os discursos e estereótipos relacionados ao papel de mãe que oprimem, como quando falam que o progresso de uma criança deficiente

é mérito da mãe, é a mãe que estimulou, a mãe que abdicou da vida, não pintou o cabelo, nunca mais fez a unha, nunca mais namorou nem nada e é por isso que essa criança melhorou. Se a criança não melhorou? Olha... essa mãe tá empoderada demais...” já li isso com essas palavras, em posts de mães de autistas (WERNER, 2020).

A fala reforça a teoria do feminismo matricêntrico que focar em corrigir a centralização da criança que define muito dos estudos acadêmicos e do ativismo sobre a maternidade e busca desenvolver pesquisa e ativismo a partir da experiência e da perspectiva das mães (O'REILLY, 2016).

Do mesmo modo, as redes sociais também podem funcionar como porta de entrada para as teorias feministas, como ressalta Anne Rammi e para construir “uma perspectiva de maternidade feminista e de feminismo que seja materno”. Ilka, não só se declara feminista, como fundou “o primeiro escritório de advocacia feminista do Distrito Federal”. Para Lana Luna, as redes funcionam como um “canal de retroalimentação” para o feminismo, do mesmo modo que para Raquel Marques essa é uma relação dialética, em que

ao mesmo tempo que a gente forma, informa, tá na arena da opinião pública, influenciando essa opinião pública, a gente é influenciada por ela, então eu acho que qualquer uma de nós vai perceber... ainda mais com esse recurso que o Facebook traz de lembrança dos últimos anos, né? o quanto nós transformamos e somos transformadas por essa ágora, por esse espaço de troca que nós temos virtualmente (LUNA, 2020).

E a fala de Polly do Amaral amarra as relações entre redes sociais, feminismo, maternidade, ativismo e política:

uma coisa que a gente precisa amadurecer tanto no movimento feminista quanto no movimento de humanização do parto de que as duas coisas se tratam da mesma coisa... ainda tem uma pauta da maternidade, ela é muito complexa nesse sentido ainda, né? As pessoas confundem, né? Achar que você tá lutando pela maternidade, você tá lutando pra que todas as mulheres sejam mães. Toda hora a gente tem que demarcar isso que essa luta, na verdade, ela é muito feminista. A gente, pelo menos eu, né, na minha luta assim, eu enalteço sim a maternidade como uma potência de transformação porque a gente já faz isso, né? Só que é invisível, a maternidade tem sido usada como um instrumento do patriarcado pra oprimir as mulheres, mas, na verdade, ela é transformadora e ela pode ser uma potência... assim, na minha experiência pessoal... claro, né? ciente e consciente de todos os acessos que eu tive de escolaridade, de não ser mãe sozinha de ter podido, na medida do possível, planejado minhas gestações... pra mim a maternidade foi muito isso, assim... foi através da maternidade que eu descobri

mesmo o meu poder, assim... digamos, né? meu feminismo nasceu por conta da maternidade, meu ativismo nasceu pela maternidade, minha cidadania nasceu pela maternidade... então, foi ela que me mostrou o quão potente isso poderia ser... essa questão também que eu acho muito linda que é a questão da solidariedade, da coletividade que pra mim traz valores mesmo, assim, democráticos, sabe? então, assim, quando você tá numa roda de conversa horizontal... você tá praticando isso, assim... é como eu acho que deveria ser nas escolas, né? a educação deveria ser isso, começar assim, né? (AMARAL, 2020).

A fala de Polly evidencia alguns dos diferenciais de uma maternidade como instituição e uma maternidade como experiência (RICH, 1995), uma maternidade que cabe nas bases teóricas do feminismo matricêntrico (O'REILLY, 2016) ao situar marcadores sociais para levar em conta privilégios e desigualdades. Também revela a dialética de opressão e ativismo (COLLINS, 2019) das integrantes da Bancada de Mães Ativistas, que apesar de começar majoritariamente com questões relacionadas ao parto e violência obstétrica, desafia interpretações essencialistas e maternalistas ao se desenvolver para uma luta que se amplia para além das questões de reprodução e das reivindicações políticas para suas próprias famílias visando justiça social para a coletividade.

Considerações finais

Para concluir, retomo as temáticas principais que estruturam esse trabalho: das relações entre redes sociais digitais, maternidade, feminismo e política, a partir de um percurso que une levantamento bibliográfico à metodologia netnográfica para tratar dos modos que as mães usam as redes, desde os blogs, passando pelas influenciadoras digitais, os ativismos digitais maternos até as candidaturas políticas às eleições 2018.

Pode-se dizer que a organização de mães em rede, com ênfase nas integrantes da Bancada de Mães Ativistas, são um exemplo de grupo que se organizam sob os três princípios da cibercultura proposta por Levy (2010): de interconexão, criação de comunidades digitais e de realização da inteligência coletiva. Elas realizam a cibercultura enquanto um movimento social que proporciona a construção de laços sociais sem barreiras geográficas, pautados pelo interesse comum, no compartilhamento de saber, aprendizagem cooperativa e com processos de colaboração (LEVY, 2010. p.132). Isso se verifica em todas as quatro propostas de sistematização do uso das redes pelo grupo de mães.

Poderiam também ser consideradas ciberfeministas, considerando esse um movimento que une a ideologia feminista potencializada e modificada pelo ambiente

digital e vice-versa, no qual a emancipação das mulheres se dá pelas TIC. Ou mesmo sob o viés do ciberfeminismo como base teórica que sugere um feminismo a partir das novas tecnologias, propondo a organização em rede e apropriação dessas tecnologias como forma de ativismo político socialista-feminista, uma vez que das 10 integrantes ouvidas, 9 se consideram feministas.

Ainda que utópica, a proposição de Haraway (2009) para a tomada dos novos meios de produção, as TIC, pelas mulheres, aqui no caso as mães candidatas, encontra ecos na realidade, pelo modo inédito como se articulam. Mas não no desenvolvimento dessas plataformas digitais. Em se tratando de tecnologias, elas não se apropriam da “informática da dominação” para fazer frente aos donos desses meios, os grandes conglomerados de comunicação. Talvez, enquanto proposta de Bancada de Mães Ativistas, não estejam concorrendo *pari passu* com os candidatos da Bancada BBB, que possuem mais bojo tecno financeiro para estruturar campanhas políticas ancoradas na comunicação digital, com maior potencial de frequência de publicações impulsionadas e alcance de audiência.

Diante da consolidação dessas novas tecnologia de redes sociais à luz das eleições de 2018 no Brasil, muito utilizada nas campanhas, a realização de divulgação coletiva da Bancada de Mães Ativistas no Facebook é uma embrionária contra narrativa que se insere na disputa, com potencial de continuidade em outras eleições. Faz circular outros discursos e interações para as mães em rede, vislumbrando uma brecha de representatividade no jogo político institucional. Com pouco mais de um par de décadas de existência, a contar dos blogs, as redes sociais ainda são meios inaugurais que gestam possibilidades tão incipientes quanto a presença de mães organizadas em rede com fins de conexão política. E os desdobramentos entre as relações de poder que surgem daí não cessam de acontecer, ainda que não seja possível prevêê-los.

Mas, se existe alguma chance de os usuários comuns terem uma ação significativa nessa batalha, isso é resultado, basicamente, da criação das redes sociais, que permitiram que os internautas pudessem sair dos longos corredores de portais para as práticas colaborativas, os diálogos e as negociações. Levados pela própria realidade estruturada em novas modalidades produtivas, numa busca por espaço de identidade e significação coletiva, os usuários das redes estão mostrando que é possível e significativa a interação que se estabelece na rede e, por meio dela, entre produção simbólica e infraestrutura material. (COSTA, 2012. p.98).

Nas entrevistas em profundidade, se evidencia que a articulação que levou a cabo a organização e criação da Bancada de Mães Ativistas foi a das mulheres-mães que já lidavam com as redes sociais desde os seus blogs maternos, a quem as demais atribuíram

maior habilidade para manejar as redes, citando majoritariamente Ligia Moreiras Sena como responsável pelo grupo. Tal fato demonstra uma chance de usuários comuns propondo novas conexões pessoais e articulações, organizando comunidades com potencial político a partir das redes.

Do ponto de vista da teoria feminista apresentada, as integrantes da Bancada de Mães Ativistas diferem das maternalistas. Essa vertente considerava a maternidade como um valor moral que promoveria uma ética de justiça utilizada como arma política a partir da ética de cuidado familiar de responsabilidade exclusiva das mães, que desconsidera experiências que não se situem a partir da biologia e da essencialização. As candidatas da bancada se situam como um grupo que utiliza de uma política maternal, mas que coloca a mãe no centro, como sujeito político a partir de opressões particulares promovidos pelos ideais de maternidade às quais elas se recusam a corresponder. São exemplos da dialética de opressão e ativismo, proposta por Collins (2009) e O'Reilly (2016). Por meio das falas em entrevista se verifica que elas são motivadas ao ativismo e a política a partir de uma ótica feminista, ainda que nem sempre anunciada de modo literal, mas que se identifica nos enunciados de reconhecimento da divisão sexual de trabalho, das violências, dos estereótipos e das desigualdades sofridas cotidianamente por serem mulheres e mães. Um ativismo que em sua maioria veio antes das maternidades delas, reforçados pelos usos das redes sociais. Contudo, também reconhecem a potência transformadora da maternidade para moverem-se rumo a institucionalidade política, intencionando erradicar algumas estruturas sociais que promovem essas disparidades. Desse modo, pensar a atuação das integrantes da Bancada de Mães Ativistas dentro de um contexto feminista contribui com análises em que a “maternidade não seja para as mulheres nem uma experiência compulsória, nem uma fonte de exploração e opressão” (HOOKS, 2019. p.199). Fato é que a desvalorização da maternidade no feminismo é tanto um problema, quanto o é a sua idealização (HOOKS, *apud* BIROLI, 2018. p.115) e a dificuldade conciliatória entre ambos aponta como esse debate ainda carece de discussão.

Com suas campanhas em rede e com o uso de hashtags como #MãesNaPolítica, as mães candidatas apresentadas aqui colocam em debate, ainda que indiretamente, as arraigadas crenças sociais sobre a mãe e sobre a impossibilidade de unir maternidade e política, disputando espaço narrativo com agendas reacionárias que movimentam os estereótipos de mãe a partir da imposição do modelo da família nuclear. Tornam a mãe um sujeito político. Contudo, é importante esses discursos em rede estarem conectados com a agenda feminista para evitar uma falsa representatividade política para as

mulheres-mães, que ao final mantém o *status quo* das políticas hegemônicas. “A política constrói o gênero e o gênero constrói a política” (SCOTT, 1990), e utilizar essa chave analítica é uma forma de refletir sobre estratégias que visam a uma política feminista utópica, que redefinam e reestruturem o gênero em conjunto a igualdade política e social que inclua não somente o sexo, mas também a classe e a raça, como propôs SCOTT (1990). Nesse sentido uma análise seguindo o método da interseccionalidade poderia avaliar os múltiplos sistemas de opressão pelos quais essas mulheres-mães candidatas são atravessadas e se eles se espelham nas demandas propostas em suas publicações ativistas e/ou campanha políticas.

Em relação a opção de pesquisar candidatas utilizando o recurso das buscas em matérias de imprensa *online* e nas redes sociais, juntamente com a busca da hashtag #MãesNaPolítica via metodologia netnográfica, pode ter deixado de fora outras candidaturas de mulheres-mães com pautas semelhantes. Contudo, os resultados mostram que a utilização desse ambiente digital para campanhas políticas é eficaz também para fins de registro, investigação acadêmica e produção de memória para essa comunidade de mulheres-mães candidatas. Dado que na bibliografia levantada foram encontrados poucos dados e estudos relacionando maternidade, feminismo, política e comunicação, o ambiente das redes sociais também se prova meio relevante para identificação da narrativa política e feminista das mães. Essa carência faz questionar se ser mulher-mãe politicamente é tão insociável que mal se permite produzir memória a respeito, ou se de fato a iniciativa das mulheres-mães na política representativa é algo recente? A questão, cuja resposta escapou a este trabalho, é campo para outras investigações.

De todo o modo, os resultados encontrados por meio da metodologia netnográfica, apontam para uma ampla possibilidade de usar o ambiente digital para a verificação e mediação de novos fenômenos sociais que operam simultaneamente nos ambientes digitais e presenciais. Contudo, conforme o capítulo descritivo do método utilizado, são cada vez maiores as restrições impostas pelas plataformas digitais para coleta de dados com a finalidade de pesquisa acadêmica.

Cito alguns outros limites deste trabalho, também como possibilidade de que possa ser atualizado e complementado. Embora as interações dos grupos de mães em rede pareçam reconciliar as esferas públicas, privadas e políticas, suas relações podem ser investigadas com bases conceituais mais aprofundadas. Outra análise que pode ser feita, para além do campo da comunicação, é a hipótese de que temos “mulheres no poder, sem poder” (WOLF, 2014, tradução nossa), uma vez que a entrada das mulheres na política

coincide com a falência da gestão de crises sistêmicas de ordem global, justamente quando não há modo de solucioná-las. “Há quem diga que as mulheres estão chegando aos postos de comando porque os homens não querem se responsabilizar pelo fracasso iminente” (WOLF, 2014, tradução nossa). A presença de um grande número de mulheres significa que lá seja o lugar onde o poder não está? (BEARD, 2018).

Como o tema só é passível de ser analisado acompanhando os desdobramentos presentes, é preciso seguir verificando a atuação política dessas candidatas. Desse modo, vale mencionar o caso recente da chamada PL da Cesárea (PL 435 de 2019), que fala do direito de a mulher escolher a cirurgia cesariana no SUS, proposta pela deputada estadual Janaina Paschoal (PSL). Alvo de críticas entre ativistas, comunidade médica e científica, foi aprovado na Assembleia Legislativa e sancionado pelo governador João Dória em 2019, e judicializado pela Bancada Ativista, (mandato em que foram eleitas Anne Rammi e Raquel Marques). No início de julho de 2020⁹⁹, o Tribunal da Justiça de São Paulo (TJ-SP) julgou a nova lei inconstitucional por unanimidade. A decisão foi considerada uma vitória por integrantes do movimento no parto humanizado que entendem que a PL incentivaria a adesão às cesáreas desnecessárias, colocando em risco mulheres e bebês. O caso pode ser analisado com um desdobramento das pautas defendidas desde os ativismos digitais de Anne Rammi e Raquel Marques.

Desse modo, este trabalho pretendeu mostrar que as mães se beneficiaram do desenvolvimento da internet e das redes sociais enquanto possibilidade de formação de grupo e/ou comunidades virtuais, fazendo um uso próprio desses ambientes. Suas narrativas organizadas no tempo a partir da complementariedade das plataformas surgidas, dos objetivos de interação e das temáticas que compartilham entre si, possibilitam uma auto-re-apresentação da figura da mãe e da maternidade de modos distintos, com novos espectros político-sociais. E em especial a partir do feminismo contemporâneo, que com seu novo alcance digital ampliou a abrangência das críticas dos papéis sociais de gênero, circulando outras perspectivas da mãe e da família nas análises de relações de poder. Assim, esse movimento de emancipação acabou por cingir laços de importância com as análises de maternidade e os estudos da comunicação, tanto pela relevância de ser o meio para esses fenômenos, quanto pela capacidade de produzi-los.

⁹⁹ TJ-SP julga PL da Cesárea inconstitucional. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/tribunal-de-justica-de-sp-julga-lei-das-cesareas-inconstitucional/> Acesso em 20/07/20.

Referências Bibliográficas

ABELLA, L.B.G (2016). **Redes sociais e empoderamento cidadão**. Jundiaí: Paco Editorial.

ABRANCHES, Sergio. **A era do imprevisto: a grande transição do século XXI**. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

AFLALO, Hannah Maruci et al. **Democracia e representação nas eleições de 2018: Campanhas eleitorais, financiamento e diversidade de gênero**. FGV Direito SP -CPJA - Relatórios. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10438/27646> . Acesso em 07/07/20. 2019.

ARAÚJO, Clara. **Partidos políticos e gênero: mediações nas rotas de ingresso das mulheres na representação política**. Revista Sociol.Polit., Curitiba, 24. p.193-215, jun. 2005.

ARCHER, Catherine. **Social Media influencers, post-feminism and neoliberalism: how mum bloggers ‘playbour’ is reshaping public relations**. **Public Relations Inquiry**. Volume: 8 issue: 2, page(s): 149-166. 2019.

AZZELLINI, E. C.; MARTINO, L. M. S. **Os significados de “ciberfeminismo”: construções de sentido de um feminismo nas Mídias Digitais**. Disponível em <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2689-1.pdf>. Acesso em 27/06/18.

BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BEARD, Mary. **Mulheres e Poder – um manifesto**. Trad.: Celina Portocarrero. São Paulo: Planeta do Brasil. 2018.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: a experiência vivida, volume 2**. Trad. Sérgio Milliet. – 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BEDINELI, Talita. **O que acontece quando se amamenta no Congresso?** El País. 15 jan 2016. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/13/politica/1452720755_219340.html> Acesso em 25/06/20.

BIROLI, Flavia. **Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil**. 1ª ed. – São Paulo: Boitempo. 2018.

BOGADO, Maria. Rua. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade**. 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras. P.23-42. 2018.

BRAGA, Adriana. **Personas materno-eletrônicas: feminilidade e interação no blog Mothern**. Porto Alegre - Sulina, 2008.

BRULHER, Carolina. 2017. **Falando sobre maternidade 2.0**. Transcrição de evento disponível em <https://www.facebook.com/MarielleFrancoPSOL/videos/480096852375912/> acesso em 09 de março de 2020.

BRUM, Eliane. **A potência de Adelir**. El País. 14 abr 2014. https://brasil.elpais.com/brasil/2014/04/14/opinion/1397481297_943876.html Acesso em 30/6/20.

CAMARGO, Heloiza. **Mamaço coletivo no Itaú Cultural ganha o apoio da direção do local**. Revista Crescer. 9 jun. 2011. Disponível em: <<http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EMI232979-10590,00-MAMACO+COLETIVO+NO+ITAU+CULTURAL+GANHA+O+APOIO+DA+DIRECAO+DO+LOCAL.html>>. Acesso em: 30/06/20.

CANANÉA, Lílían Viana Teixeira; ROCHA, Maria Meriane Vieira. TARGINO, Maria das Graças. **Maternidade em Pauta: Reflexões sobre Ativismo Digital e sua Relação com a Competência em Informação**. Perspectivas em Gestão & Conhecimento, João Pessoa, v. 8, n. 3, p. 20-39, set./dez. 2018.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. Geledés. 06 mar 2011. Disponível em <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latinapartir-de-uma-perspectiva-de-genero/> Acesso em 03/11/2019.

CASTELLS, M. **A Sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venâncio Majer. 19ª ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra. 2018.

_____. **Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da Internet**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. 2ª ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Tradução de Jamile Pinheiro Dias. – 1ª ed. – São Paulo: Boitempo, 2019.

COSTA, Cristiane. **Rede**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade**. 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras. P.43-60. 2018.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Liberdade de expressão e campanhas eleitorais in Liberdade de expressão e campanhas eleitorais - Brasil 2018 [recurso eletrônico] / Cristina Costa, Patrícia Blanco (Orgs.) - São Paulo: ECA-USP. 2019.**

_____. **No que você está pensando? Redes Sociais e Sociedade Contemporânea**. Revista USP (92) 86-99. Disponível em: <[HTTPS://DOI.ORG/10.11606/ISSN.2316-9036.V0I92P86-99](https://doi.org/10.11606/ISSN.2316-9036.V0I92P86-99)>. 2011-2012.

COUTINHO, Gustavo Leuzinger. **A Era dos Smartphones: Um estudo Exploratório sobre o uso dos Smartphones no Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado

em Publicidade e Propaganda) Faculdade de Comunicação Social da Universidade de Brasília. Brasília, 2014.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Trad.: Heci Regina Candiani. 1ªed. São Paulo: Boitempo, 2016

DINI, Aline. **#MãesnaPolítica: elas querem lutar pelo direito de outras mulheres e mães**. 2018. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2018/09/maesnapolitica-elas-querem-lutar-pelos-direitos-de-outras-mulheres-e-maes.html> Consultado em 29 de fevereiro de 2020.

_____. **#MãesnaPolítica: Os políticos não têm ideia da epidemia de abandono paterno que as crianças com deficiência sofrem**. 2018. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2018/09/maesnapolitica-os-politicos-nao-tem-ideia-da-epidemia-de-abandono-paterno-que-criancas-com-deficiencia-sofrem.html> Consultado em 29 de fevereiro de 2020.

DINIZ, Carmen Simone Grilo. **Humanização da assistência ao parto no Brasil: os muitos sentidos de um movimento**. Revista Ciênc. saúde coletiva vol.10 no.3 Rio de Janeiro July/Sept. 2005. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232005000300019> > Acesso em 01/06/2020.

ESTEVANS, Gabrielle **Maternidade e eleições: candidatas querem mais mães na política**. 2018. Disponível no endereço: <https://azmina.com.br/reportagens/maternidade-e-eleicoes-candidatas-querem-mais-maes-na-politica/> - Consultado em 29 de fevereiro de 2020.

FERNANDES, Marcela. **Maternidade pode incentivar mulheres a entrar na política, revela pesquisa**. Huffpost Brasil. 22 fev 2020. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/entry/pesquisa-maternidade-politica_br_5e59895bc5b6450a30be6b3f Acesso em 25/06/20.

FERREIRA, Lola. **Cinco pontos fundamentais para conhecer Thais Ferreira, pré-candidata no Rio de Janeiro**. 2018. Disponível em: <http://www.generonumero.media/novos-nomes-cinco-pontos-fundamentais-para-conhecer-thais-ferreira-pre-candidata-no-rio-de-janeiro/> Consultado em 29 de fevereiro de 2020.

FORCIONI, Giovanna. **#MãesNaPolítica: "Já tive que ouvir, na tribuna, que eu não tinha moral para falar porque eu tinha dois filhos, um de cada marido"**. 2018. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2018/09/maesnapolitica-janaina-riva.html> Consultado em 29 de fevereiro de 2020.

_____. **#MãesNaPolítica: "Já falaram que eu usava o meu filho para me promover, porque ele é uma criança fofa"**. 2018. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2018/09/maesnapolitica-ja-falaram-que-eu-usava-o-meu-filho-para-me-promover-porque-ele-e-uma-crianca-fofa.html> Consultado em 29 de fevereiro de 2020.

GALVÃO, Janiely Batista. **Violência obstétrica: “se parir faz parte da natureza, que esta força seja respeitada”**. Monografia [Graduação em Serviço Social]. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2014.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2015.

_____. Informação verbal comentada pela autora durante o curso **Fronteiras do Feminismo - Pós-Colonialismo, Teorias e Práticas Latino-americanas**, 7 de dezembro de 2019.

GARCIA, Dantielli Assumpção; SOUZA, Lucília Maria Abrahão e. **A sororidade no ciberespaço: laços feministas em militância**. Revista Estudos Linguísticos, v.44, Nº3. 2015. Disponível em: <<https://revistadogel.emnuvens.com.br/estudos-linguisticos/article/view/1032>> Acesso em 08/07/20.

GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, p.223-244. 1984.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HARAWAY, Donna J. **Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**. In: Antropologia do Ciborgue: As Vertigens do Pós-humano. SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu, n. 5, p. 7-41, 1 jan. 2009.

HOOKS, bell. **Teoria Feminista – Da margem ao centro**. 1ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009. 428 p. Tradução de Susana Alexandria.

KALIN, Irene Rocha; RODRIGUES; Ariene Alexandra **Mães na mídia: os discursos sociais sobre maternidade na cobertura dos ‘mamaços’ no Brasil**. Revista Observatório, Palmas, v. 4, n. 1, p. 655-680, jan-mar. 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p655>> Acesso em 06/07/20.

KARHAWI, Issaaf. **Influenciadores digitais: o Eu como mercadoria**. In: SAAD, Elizabeth; SILVEIRA, Stefanie C. (Org). Tendências em comunicação digital. São Paulo: ECA/USP, 2016.

KOZINETS, Robert. V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Tradução de Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2014.

LANGNER, A. ZULANI, C; MENDONÇA, F. **O movimento feminista e o ativismo digital: conquistas e expansão decorrentes do uso das plataformas online**. Anais do 3º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade da UFSM. 2015. Disponível em <<http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2015/3-12.pdf>> Acesso em 06/06/19.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. – São Paulo: Editora 34. 2010.

LISAUSKAS, Rita. **Lute como a minha mãe que é candidata nas eleições desse ano**. 2018. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/blogs/ser-mae/lute-como-a-minha-mae-que-e-candidata-nas-eleicoes-desse-ano/> Consultado em 29 de fevereiro de 2020.

LUZ, Lia Hecker. GICO, Vânia de Vasconcelos. 2016. **Blogs como canais alternativos de comunicação para o renascimento do parto**. Intercom – RBCC. São Paulo, v.39, n.2, p.147-160, maio/ago.

MALACARNE, Juliana. **#MãesnaPolítica: A morte de Marielle projetou mulheres negras para a esfera política deste ano**. 2018. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2018/09/maesnapolitica-taina-de-paula.html> Consultado em 29 de fevereiro de 2020.

MARQUES, Raquel. **Por mais mulheres na política já**. 2018. Disponível em <https://www.cientistaqueviroumae.com.br/blog/textos/Por-mais-mulheres-na-politica-ja-Como-podemos-tornar-isso-possivel-> Consultado em 29 de fevereiro de 2020.

ME FAREI OUVIR. **Perfil das Mulheres na Política**. 2020. Disponível em: https://www.mefareiouvir.com.br/wpcontent/uploads/2020/02/ENP_MFO_RELAT%C3%93RIO_PESQUISA_V4.pdf Acesso em 25 de junho de 2020.

MEDRADO, Andrea; MULLER, Ana Paula. **Ativismo Digital Materno e Feminismo Interseccional: Uma Análise da plataforma de mídia independente “Cientista Que Virou Mãe”**. Braz. journal. res., Brasília -DF - Vol. 14 - N. 1 - Abril - 2018.

MELO, Aline. **#MãesNaPolítica: "Talvez não exista um ato político tão contundente quanto criar seres humanos"**. 2018. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2018/09/maesnapolitica-talvez-nao-exista-um-ato-politico-tao-contundente-quanto-criar-seres-humanos.html> Consultado em 29 de fevereiro de 2020.

MENDONÇA, Maria Collier. **O feminismo matricêntrico e o ativismo feminista no motherhood initiative for research and Community involvement (MIRCI) liderado por Andrea O’Reilly**. Anais da III Jornadas do LEGH: feminismo e democracia. [recurso eletrônico] (Florianópolis, SC: UFSC) pp: 494-505. 2018. Disponível em < <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/188285>> Acesso em 11/01/19.

MENDONÇA, Sara Souza. **Mudando a forma de nascer: agência e construções de verdades entre ativistas pela humanização do parto**. Dissertação [Mestrado em Antropologia]. Universidade Federal Fluminense. 2013.

MENEZES, Mariana Risério Chaves de; CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. **Mulher jovem e cibercultura: liberdade, subordinação e reminiscências patriarcais no meio virtual**. Ex aequo, nº35, pp.33-47. 2017.

MERUANE, Lina. **Contra os filhos – uma diatribe**. São Paulo: Todavia. 2014.

MEYER, Dagmar E.Estermann. **Uma politização contemporânea da maternidade: construindo um argumento.** Revista Gênero. V.6. n.1. 2005. Disponível em <<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31010>> Acesso em 1/07/19.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flavia. **Feminismo e política: uma introdução.** 1ª ed. – São Paulo: Boitempo. 2014.

n.d. **Em São Paulo grupo discute a importância de mães ocuparem a política.** 2018. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2018/07/em-sao-paulo-grupo-discute-a-importancia-de-maes-ocuparem-a-politica/> Consultado em 29 de fevereiro de 2020.

n.d. **Ligia Moreiras: acredito mais do que tudo no poder da educação e do acesso à informação.** 2018. Disponível em: <https://catarinass.info/ligia-moreiras-acredito-mais-do-que-tudo-no-poder-da-educacao-e-do-acesso-a-informacao/> Consultado em 29 de fevereiro de 2020.

NAPLES, Nancy A. **Activist Mothering: Cross-Generational Continuity in the Community Work of Women from Low-Income Urban Neighborhoods.** 1992. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/189996>. Consultado em 17 de agosto de 2020.

NASSAR, Paulo. **A mensagem como centro da rede de relacionamentos.** In: FELICE, Maximo di (Org). Do público para as redes: a comunicação digital e as novas formas de participação social. São Caetano do Sul: Difusão Editora. 2008.

NASSAR, Paulo; FARIAS, L. A. B. **Memória, identidade e as empresas brasileiras: a difícil metamorfose.** In: FILGUEIRA, João; PEIXINHO, Ana Teresa (Orgs.). Narrativas Mediáticas e Comunicação: Construção da Memória como Processo de Identidade Organizacional. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018. p. 331-356.

NASSAR, Paulo; FARIAS, Luiz Alberto de; POMARICO, Emiliana. **Narrativas rituais: uma aproximação entre comunicação e antropologia.** Em: Tendências em comunicação organizacional [Recurso Eletrônico] - Temas emergentes no contexto das organizações. Organizadores: Daiane Scheid. Jones Machado. Patrícia M. Pêrsigo (orgs.) Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2019.

O'CONNOR, Henrietta, and MADGE, Clare. **Cyber-mothers: online synchronous interviewing using conferencing software.** Sociological Research Online, vol.5, nº4. 2001.

O'REILLY, Andrea. **The baby out with the bathwater: the disavowal and the disappearance of motherhood in 20th and 21st century academic feminism.** 2016. Disponível em: <https://www.academia.edu/30059534/_the_baby_out_with_the_bathwater_the_disavowal_and_disappearance_of_motherhood_in_20th_and_21st_century_academic_feminism_2016> Acesso em 29/3/29.

OLIVEIRA, Filipe. **Facebook chega a 127 milhões de usuários mensais no Brasil.** Folha de S.Paulo. 18 jul 2018. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/07/facebook-chega-a-127-milhoes-de-usuarios-mensais-no-brasil.shtml>> Acesso em 31/7/19.

PANKE, Luciana. **Campanhas eleitorais para mulheres: desafios e tendências** - 1ª ed. - Curitiba: Ed. UFPR. 2016.

PEREZ, Clotilde. **Os sentidos da cacofonia nas redes: desarmonia e ambiência criativa** in Cacofonia nas redes/ org.: Lucia Santaella. – São Paulo: EDUC, 2018.

PETROLA, José Ismar. 2019. **Fake news e a disputa entre grande imprensa e redes sociais na campanha eleitoral de 2018 no Brasil**. In: Cristina Costa, Patrícia Blanco (Orgs.). Liberdade de expressão e campanhas eleitorais in Liberdade de expressão e campanhas eleitorais - Brasil 2018 [recurso eletrônico]. São Paulo: ECA-USP. 2019.

PICANÇO, Tati. In: Tribunal Superior Eleitoral. **Divulgação de contas e candidaturas. Eleição Geral Federal 2018**. Disponível em: <http://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2018/BR/PA/2022802018/140000604419//proposta_1533911873728.pdf> Acesso em 29/6/20.

PICQ, Françoise. 1993. In: SCAVONE, Lucia. **O feminismo e Michel Foucault: afinidades eletivas?** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 16(1): 288, janeiro-abril/2008.

PORTO, Dayse. **Laura Muller – Campanha de Mulher’**. 2018. Disponível em: <https://medium.com/@dnporto/laura-muller-campanha-de-mulher-3240073c59e3> - Consultado em 29 de fevereiro de 2020.

RATT, Alex; RIOS, Flavia. **Lélia Gonzales**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

REDE BRASIL ATUAL. **Em São Paulo, grupo discute a importância de mães ocuparem o espaço da política**. 16 jul 2018. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2018/07/em-sao-paulo-grupo-discute-a-importancia-de-maes-ocuparem-a-politica/>> Acesso em 25 de junho de 2019.

RICH, Adrienne. **Of Woman Born**. New York: Times Changes Press.1995.

RIZOTTO, C.C; MEYER, N.; SOUZA, F.C.de.; **Ativismo digital: uma análise da repercussão de campanhas feministas na internet**. Rizoma v. 5, n. 1. 2017. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.17058/rzm.v5i1.8604>>. Acesso em 16/03/20.

SANTAELLA, L. **Pós-humano. Por quê?** Revista USP. São Paulo, n. 74, p. 126-137, jun-ago, 2007.

SARDENBERG, Cecília. M.B.. **O pessoal é político: conscientização feminista e empoderamento de mulheres**. Inc.Soc., Brasília, DF, v.11 n.2, p.15-29, jan/jun. 2018. Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/4106/3726> Acesso em 18/08/19.

SCAVONE, Lucia. **A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais**. Dossiê Feminismo em questão, questões do feminismo. Cadernos Pagu (16): pp: 137-

150. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332001000100008> Acesso em 07/07/19.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria de análise histórica. Educação e Realidade.** Porto Alegre, 20 (2): 5–22, jul./dez.1990.

SILVEIRINHA, Maria João (2001), **O Feminismo e os Estudos dos Media: em busca da ligação necessária**, In: Revista Faces de Eva, n.º 6. Lisboa: Edições Colibri, 65-84. 2001. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/silveirinha-maria-joao-discurso.html> Acesso em 10/03/19.

SOARES, Ana Paula Muller. **Ativismo Digital Materno: características e interfaces do movimento de mães em rede com a mídia independente e os feminismos.** Dissertação [Mestrado em Mídia e Cotidiano]. Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ. 2019.

SODRÉ, Muniz. **A Ciência do Comum – Notas para o método comunicacional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOLLFRANK, C. **The Truth About Cyberfeminism.** 1998. Disponível em https://www.obn.org/reading_room/writings/html/truth.html. Acesso em 25/06/18.

SUSSKIND, Jamie. **Future Politics – Living together in a world transformed by tech.** United Kingdom: Oxford University Press. 2018.

TERRA, Carolina Frazon. **Influência Digital: oportunidade para a comunicação organizacional.** In: Tendências em comunicação organizacional [Recurso Eletrônico] - Temas emergentes no contexto das organizações. Organizadores: Daiane Scheid, Jones Machado, Patrícia M. Pérsigo (orgs.) Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2019.

TOMAZ, R. **Feminismo, maternidade e mídia: relações historicamente estreitas em revisão.** Galaxia (São Paulo, Online), 2015.

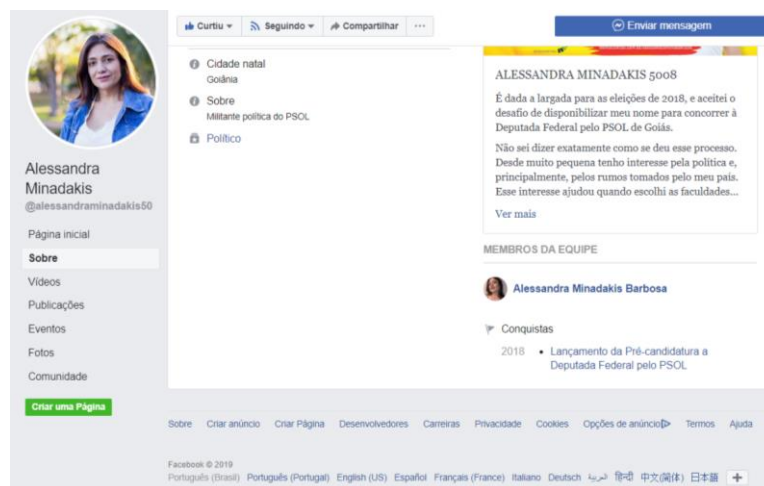
TORRES, Juliana Cutolo. **Cyborgcracia.** In: FELICE, Maximo di (Org). Do público para as redes: a comunicação digital e as novas formas de participação social. São Caetano do Sul: Difusão Editora. 2008.

WILDING, F. **Where is Feminism in Cyberfeminism?** 1998. Disponível em https://www.obn.org/cfundef/faith_def.html Acesso em 25/06/18.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos das mulheres – O primeiro grito feminista.** Trad.: Andreia Reis do Carmo. São Paulo: Edipro. 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Seção ‘Sobre’ da *fanpage* de Alessandra Minadakis no Facebook



Fonte: https://www.facebook.com/pg/alessandraminadakis50/about/?ref=page_internal Acesso em 13/09/19.

APÊNDICE B: Publicação de Alessandra Minadakis sobre a Bancada de Mães Ativistas no Facebook



Alessandra Minadakis
Político

Nós somos a Bancada de Mães Ativistas e nos unimos para ocupar a política por um país melhor para as mulheres e crianças. Estamos há anos no ativismo contra a violência obstétrica, pela amamentação, contra a publicidade voltada para o público infantil, contra toda a forma de violência contra a criança, por um sistema de saúde que atenda às necessidades das crianças atípicas, por inclusão, por uma educação crítica, emancipatória, pública e de qualidade, pela valorização dos professores. Não se constrói um futuro melhor sem priorizar nossas crianças, e consequentemente, sem mães autônomas, empoderadas, respeitadas e valorizadas. Lute como uma mãe! Contamos com seu voto!

37 Curtir 9 comentários 23 compartilhamentos



Alessandra Minadakis
5 de setembro de 2018

Nós somos a Bancada de Mães Ativistas e nos unimos para ocupar a política por um país melhor para as mulheres e crianças. Estamos há anos no ativismo contra a violência obstétrica, pela amamentação, contra a publicidade voltada para o público infantil, contra toda a forma de violência contra a criança, por um sistema de saúde que atenda às necessidades das crianças atípicas, por inclusão, por uma educação crítica, emancipatória, pública e de qualidade, pela valorização dos professores. Não se constrói um futuro melhor sem priorizar nossas crianças, e consequentemente, sem mães autônomas, empoderadas, respeitadas e valorizadas. Lute como uma mãe! Contamos com seu voto!

#MulheresNaPolitica
#LuteComoUmaMãe
#PelasMulheresPelosCrianças
#MulheresMãesNaPolitica
#BancadaDeMãesAtivistas
#OcupaPolitica
#CampanhaDeMulher
#MeuVotoSeráFeminista

- No Distrito Federal:
Ilka Teodoro 50442 (Deputada Distrital)
Ludmila Suaid 50180 (Deputada Distrital)

- Em Goiás:
Alessandra Minadakis 5008 (Deputada Federal)
Lana Luna Psoi 5055 (Deputada Federal)

- Em Minas Gerais:
Polly Do Amaral 50010 (Deputada Estadual)
Laura Muller Sagrilo 50121 (Deputada Estadual)

- Em Santa Catarina:
Ligia Moreiras 50180 (Deputada Estadual)

- Em São Paulo:
Bancada Ativista 50900 (Deputadas Estaduais)
Andréa Werner 5024 (Deputada Federal)

- No Rio de Janeiro:
Thais Ferreira 50010 (Deputada Estadual)

Fonte: <https://www.facebook.com/alessandraminadakis50/posts/1536021123210383>

Acesso em 02/05/2020

APÊNDICE C: Seção ‘Sobre’ da *fanpage* de Andrea Werner no Facebook

The image displays two screenshots of the Facebook profile page for Andrea Werner (@andreawerneroficial). The top screenshot shows the 'Sobre' (About) section, which includes a profile picture, a cover photo of a protest with a banner that reads 'Disability Rights are HUMAN RIGHTS', and a 'Sobre' section with the following details:

- PAGE INFO:** Criado em abril de 2018
- INFORMAÇÕES DE CONTATO:**
 - m.me/andreawerneroficial
 - contato@lagartavirapupa.com.br
 - http://www.lagartavirapupa.com.br
- HISTORIA:** A history post with the text: "Nem toda ostra produz pérola..."

The bottom screenshot shows the 'Mais informações' (More information) section, which includes:

- MAIS INFORMAÇÕES:**
 - Sobre:** Jornalista, escritora, autora do blog Lagarta Vira Pupa, suplente dep federal (PSOL-SP). Maternidade, saúde mental, diversidade, inclusão, acessibilidade.
 - Biografia:** Andréa Werner é mineira, jornalista, escritora e palestrante. Após o diagnóstico de seu filho Theo, aos 2 anos, com autismo, iniciou o blog Lagarta Vira Pupa, que cresceu rapidamente, tornando-se uma grande rede de apoio. Possui 2 livros publicados: "Lagarta Vira Pupa, a vida e os aprendizados ao lado de um lindo garotinho autista", onde conta sua história e dá dicas para pais, professores e profissionais, e o infantil "Meu amigo faz ill". É suplente de deputado federal pelo PSOL-SP com mais de 43 mil votos.
 - Prêmios:**
 - Indicada ao Prêmio Brasil Mais Inclusão 2019: <http://bit.ly/2Y0sJyc>
 - Na mídia Fantástico 26/05/2019: <http://bit.ly/2Yv97Qe>. Ver mais
 - Gênero:** Feminino
 - Político:**

Fonte: https://www.facebook.com/pg/andreawerneroficial/about/?ref=page_internal. Acesso em

13/09/19

APÊNDICE D: Publicação de Andrea Werner sobre a Bancada de Mães Ativistas no Facebook

The image shows a Facebook post by Andrea Werner (@andreawerneroficial). The post features a collage of photos of women and a central text overlay that reads: "NÓS SOMOS A BANCADA DE MÃES ATIVISTAS" and "ESPALHADAS POR TODO O BRASIL". The post has 248 likes, 38 comments, and 118 shares.

Fonte: <https://www.facebook.com/andreawerneroficial/posts/259932441305265>

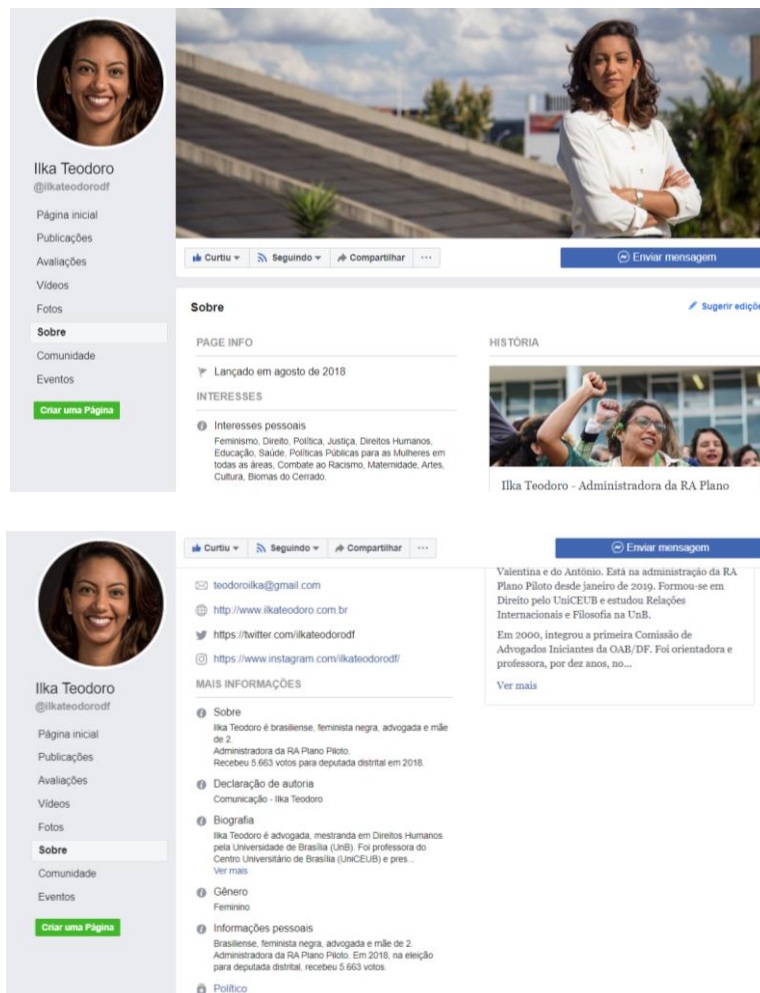
Acesso em 02/05/2020

APÊNDICE E: Seção ‘Sobre’ da *fanpage* de Anne Rammi no Facebook



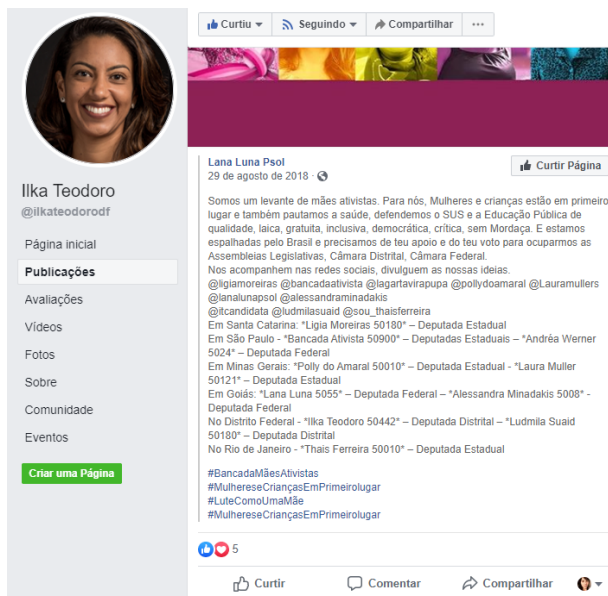
Fonte: https://www.facebook.com/pg/annedabancada/about/?ref=page_internal Acesso em 13/09/19

APÊNDICE F: Seção ‘Sobre’ da *fanpage* de Ilka Teodoro no Facebook



Fonte: https://www.facebook.com/pg/ilkateodorodf/about/?ref=page_internal. Acesso em 13/09/19.

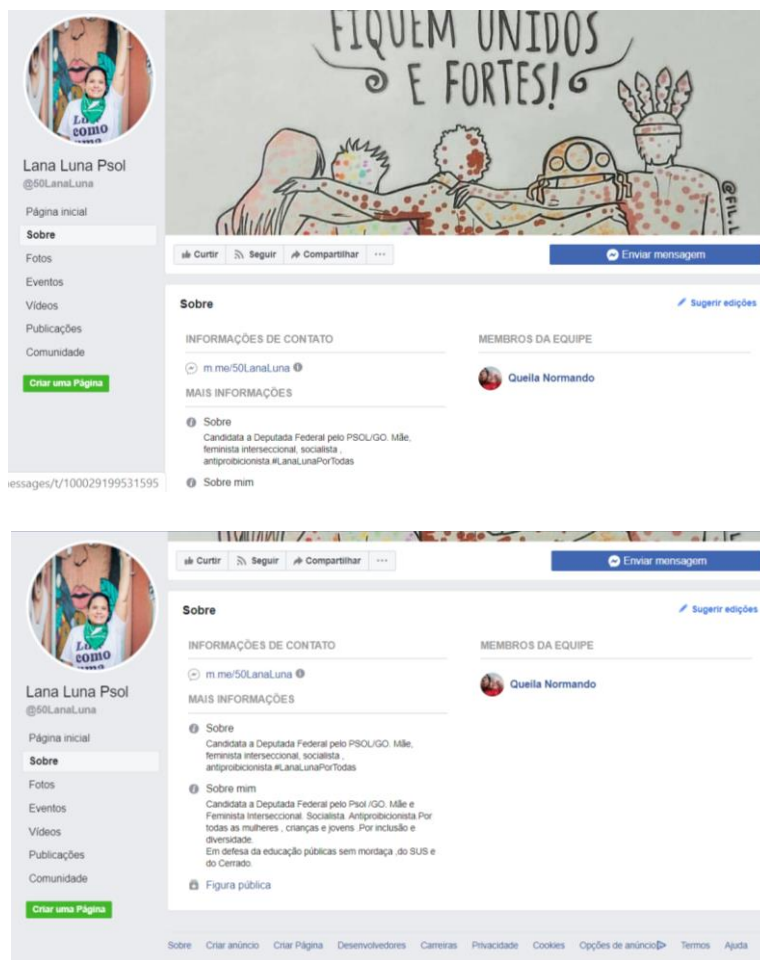
APÊNDICE G: Publicação de Ilka Teodoro sobre a Bancada de Mães Ativistas no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/ilkateodorodf/posts/720598451616752>

Acesso em 02/05/2020

APÊNDICE H: Seção ‘Sobre’ da fanpage de Lana Paula Luna no Facebook



Fonte: https://www.facebook.com/pg/50LanaLuna/about/?ref=page_internal. Acesso em 13/09/19.

APÊNDICE I: Publicação de Lana Paula Luna sobre a Bancada de Mães Ativistas no Facebook



Lana Luna Psol
29 de agosto de 2018

Somos um levante de mães ativistas. Para nós, Mulheres e crianças estão em primeiro lugar e também pautamos a saúde, defendemos o SUS e a Educação Pública de qualidade, laica, gratuita, inclusiva, democrática, crítica, sem Mordação. E estamos espalhadas pelo Brasil e precisamos de teu apoio e do teu voto para ocuparmos as Assembleias Legislativas, Câmara Distrital, Câmara Federal.

Nos acompanhem nas redes sociais, divulguem as nossas ideias.

@ligiamoreiras @bancadaativista @lagartavirapupa @polydoamaral @Lauramullers @lanalunapsol @alessandraminadakis @frcandidata @ludmilasuauid @sou_thaisferreira

Em Santa Catarina: "Ligia Moreiras 50180" – Deputada Estadual
Em São Paulo - "Bancada Ativista 50900" – Deputadas Estaduais – "Andréa Werner 5024" – Deputada Federal
Em Minas Gerais: "Polly do Amaral 50010" – Deputada Estadual - "Laura Muller 50121" – Deputada Estadual
Em Goiás: "Lana Luna 5055" – Deputada Federal – "Alessandra Minadakis 5008" - Deputada Federal
No Distrito Federal - "Ilka Teodoro 50442" – Deputada Distrital – "Ludmila Suauid 50180" – Deputada Distrital
No Rio de Janeiro - "Thais Ferreira 50010" – Deputada Estadual

#BancadaMãesAtivistas
#MulhereseCriançasEmPrimeirolugar
#LuteComoUmaMãe
#MulhereseCriançasEmPrimeirolugar

Fonte: <https://www.facebook.com/50LanaLuna/posts/2358139590869768:0>

Acesso em 02/05/20

APÊNDICE J: Seção ‘Sobre’ da fanpage de Laura Muller Sagrilo no Facebook

Laura Muller
@doulalauramullers

Sobre

INFORMAÇÕES DE CONTATO

Ligar (31) 97595-0236
m.me/doulalauramullers
doulalauramuller@gmail.com

MAIS INFORMAÇÕES

Afiliação
PSol

Sobre
Doula, educadora perinatal, mãe, esposa, feminista e atual presidenta do Psol Mariana-MG

O que significa "doula"
A palavra "doula" vem do grego "mulher que sena". Nos dias de hoje, aplica-se às mulheres que dão suporte físico e emocional a outras... Ver mais

HISTÓRIA

Quem sou eu?
Laura Muller é doula, mãe de três crianças e feminista. Sua pré-candidatura vem da construção diária dela nas lutas das mulheres, entre elas o parto humanizado, da luta contra todo e qualquer tipo de violência contra mulheres e crianças. Formada como Doula desde 2012 e como educadora perinatal em 2014, também é coordenadora estadual em Minas Gera...



Laura Muller
@doulalauramullers

Página inicial

Sobre

Fotos

Vídeos

Publicações

Eventos

Notas

Comunidade

Promoções

[Criar uma Página](#)

👍 Curtir
🔔 Seguir
🔗 Compartilhar
⋮

O que significa "doula"

A palavra "doula" vem do grego "mulher que serve". Nos dias de hoje, aplica-se às mulheres que dão suporte físico e emocional a outras mulheres antes, durante e após o parto. Antigamente a parturiente era acompanhada durante todo o parto por mulheres mais experientes, suas mães, as irmãs mais velhas, vizinhas, geralmente mulheres que já tinham filhos e já haviam passado por aquilo. Depois do parto, durante as primeiras semanas de vida do bebê, estavam sempre na casa da mulher parida, cuidando dos afazeres domésticos, cozinhando, ajudando a cuidar das outras crianças.


Conforme o parto foi passando para a esfera médica e nossas famílias foram ficando cada vez menores, fomos perdendo o contato com as mulheres mais experientes. Dentro de hospitais e maternidades, a assistência passou para as mãos de uma equipe especializada: o médico obstetra, a enfermeira obstétrica, a auxiliar de enfermagem, o pediatra. Cada um com sua função bastante definida no cenário do parto.

O médico está ocupado com os aspectos técnicos do parto. As enfermeiras obstetras passam de leito em leito, se ocupando hora de uma, hora de outra mulher. As auxiliares de enfermeira cuidam para que nada falte ao médico e à enfermeira obstetra. O pediatra cuida do bebê. Apesar de toda a especialização, ficou uma lacuna: quem cuida especificamente do bem estar físico e emocional daquela mãe que está dando à luz? Essa lacuna pode e deve ser preenchida pela doula ou acompanhante do parto.

O ambiente impessoal dos hospitais, a presença de grande número de pessoas desconhecidas em um momento tão íntimo da mulher, tende a fazer aumentar o medo, a dor e a ansiedade. Essas horas são de imensa importância emocional e afetiva, e a doula se encarregará de suprir essa demanda por emoção e afeto, que não cabe a nenhum outro profissional dentro do ambiente hospitalar.

O que a doula faz?

Antes do parto a ela orienta o casal sobre o que esperar do parto e pós-parto. Explica os procedimentos comuns e ajuda a mulher a se preparar, física e emocionalmente para o parto, das mais variadas formas.



Laura Muller
@doulalauramullers

Página inicial

Sobre

Fotos

Vídeos

Publicações

Eventos

Notas

Comunidade

Promoções

[Criar uma Página](#)

👍 Curtir
🔔 Seguir
🔗 Compartilhar
⋮

O que a doula faz?

Antes do parto a ela orienta o casal sobre o que esperar do parto e pós-parto. Explica os procedimentos comuns e ajuda a mulher a se preparar, física e emocionalmente para o parto, das mais variadas formas.

Durante o parto a doula funciona como uma interface entre a equipe de atendimento e o casal. Ela explica os complicados termos médicos e os procedimentos hospitalares e atenua a eventual frieza da equipe de atendimento num dos momentos mais vulneráveis de sua vida. Ela ajuda a parturiente a encontrar posições mais confortáveis para o trabalho de parto e parto, mostra formas eficientes de respiração e propõe medidas naturais que podem aliviar as dores, como banhos, massagens, relaxamento, etc...

Após o parto ela faz visitas à nova família, oferecendo apoio para o período de pós-parto, especialmente em relação à amamentação e cuidados com o bebê.

A doula e o pai ou acompanhante

A doula não substitui o pai (ou o acompanhante escolhido pela mulher) durante o trabalho de parto, muito pelo contrário. O pai muitas vezes não sabe bem como se comportar naquele momento. Não sabe exatamente o que está acontecendo, preocupa-se com a mulher, acaba esquecendo de si próprio. Não sabe necessariamente que tipo de carinho ou massagem a mulher está precisando nessa ou naquela fase do trabalho de parto.

Eventualmente o pai sente-se embaraçado ao demonstrar suas emoções, com medo que isso atrapalhe sua companheira. A doula vai ajudá-lo a confortar a mulher, vai mostrar os melhores pontos de massagem, vai sugerir formas de prestar apoio à mulher na hora da expulsão, já que muitas posições ficam mais confortáveis se houver um suporte físico.

Fonte: Ana Cris Duarte

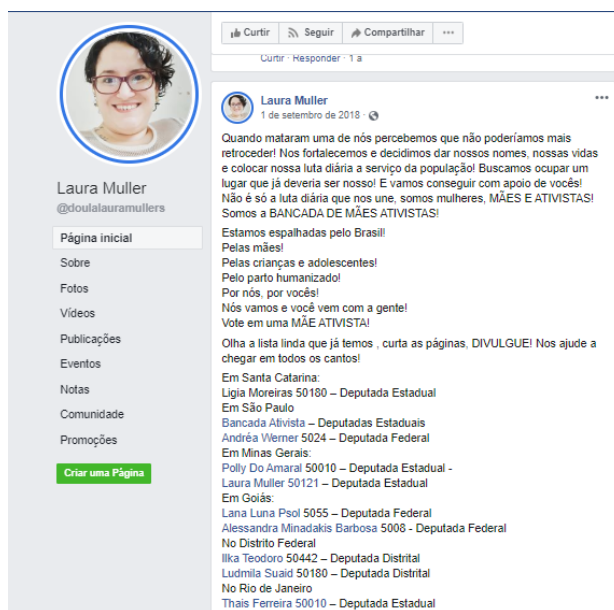
👤 Gênero
Feminino

📍 Figura pública

Fonte: https://www.facebook.com/pg/50LanaLuna/about/?ref=page_internal. Acesso em

1º/06/20.

APÊNDICE K: Publicação de Laura Muller sobre a Bancada de Mães Ativistas no Facebook



Fonte:

<https://www.facebook.com/doulalauramullers/photos/a.678888098794347/2363232200359920/?type=3&theater>

Acesso 30/05/2020

APÊNDICE L: Seção ‘Sobre’ da fanpage de Ligia Moreiras Sena no Facebook

Cientista Que Virou Mãe
@cientistaqueviroumae

Página inicial

Sobre

Eventos

Publicações

Fotos

Comunidade

Vídeos

Grupos

LOJA DO SITE

[Criar uma Página](#)

Sobre

PAGE INFO

Criado em 23 de abril de 2012

Missão

Apoiar, proteger e fortalecer as mulheres mães e as crianças por meio de informação produzida com afeto, cuidado e responsabilidade.

INFORMAÇÕES DE CONTATO

Ligar (48) 99162-4514

HISTÓRIA

[Saber mais](#) [Enviar mensagem](#)

[Sugerir edições](#)

Cientista Que Virou Mãe
@cientistaqueviroumae

Página inicial

Sobre

Eventos

Publicações

Fotos

Comunidade

Vídeos

Grupos

LOJA DO SITE

[Criar uma Página](#)

<http://www.cientistaqueviroumae.com.br>

MAIS INFORMAÇÕES

Data de Lançamento
Maio de 2011

Sobre
Informação para o fortalecimento das mulheres e a proteção da infância.

A primeira plataforma brasileira de informação independente produzida exclusivamente por mulheres mães e financiada coletivamente. Aqui falamos de maternidade, empoderamento feminino, respeito à infância, direitos humanos, saúde coletiva, saúde da mulher. Nosso foco é a maternidade como ferramenta de empoderamento feminino, autonomia e participação política. Não há ato político maior que criar filhos para um novo mundo, baseado no amor e no respeito a todos os seres.

~ www.cientistaqueviroumae.com.br ~

Data da fundação
2010 e 2015

Prêmios
Sinapse da Inovação 2016
Social Good Brasil Lab 2015 - 1o. lugar
Top Blog 2013/2014 - Categoria Saúde
Top Blog 2012/2013 - Categoria Variedades

Produtos
Textos informativos, afetos e científicos. Palestras. Cursos. Livros.

[Saber mais](#) [Enviar mensagem](#)

[Sugerir edições](#)

VER MAIS INFORMAÇÕES SOBRE A CIENTISTA QUE VIROU MÃE
Virou Mãe se transformou na primeira plataforma brasileira de informação independente produzida exclusivamente por mulheres mães e financiada cole...
[Ver mais](#)

Fonte: https://www.facebook.com/pg/cientistaqueviroumae/about/?ref=page_internal

Acesso em 13/09/19

APÊNDICE M: Seção ‘Sobre’ da fanpage de Ludmila Suaid no Facebook

Ludmila Suaid
@LudmilaSuaid

Página inicial

Fotos

Sobre

Eventos

Vídeos

Publicações

Comunidade

Avaliações

[Criar uma Página](#)

Sobre

MEMBROS DA EQUIPE

[Ludmila Suaid](#)

INFORMAÇÕES DE CONTATO

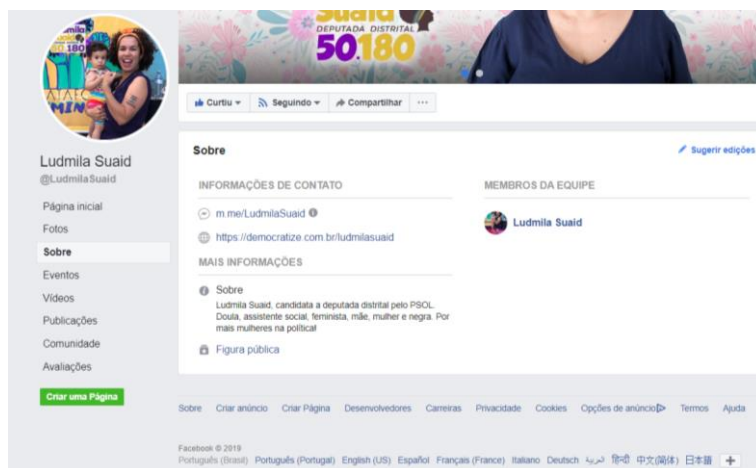
m.me@LudmilaSuaid

<https://democratize.com.br/ludmilasuaid>

MAIS INFORMAÇÕES

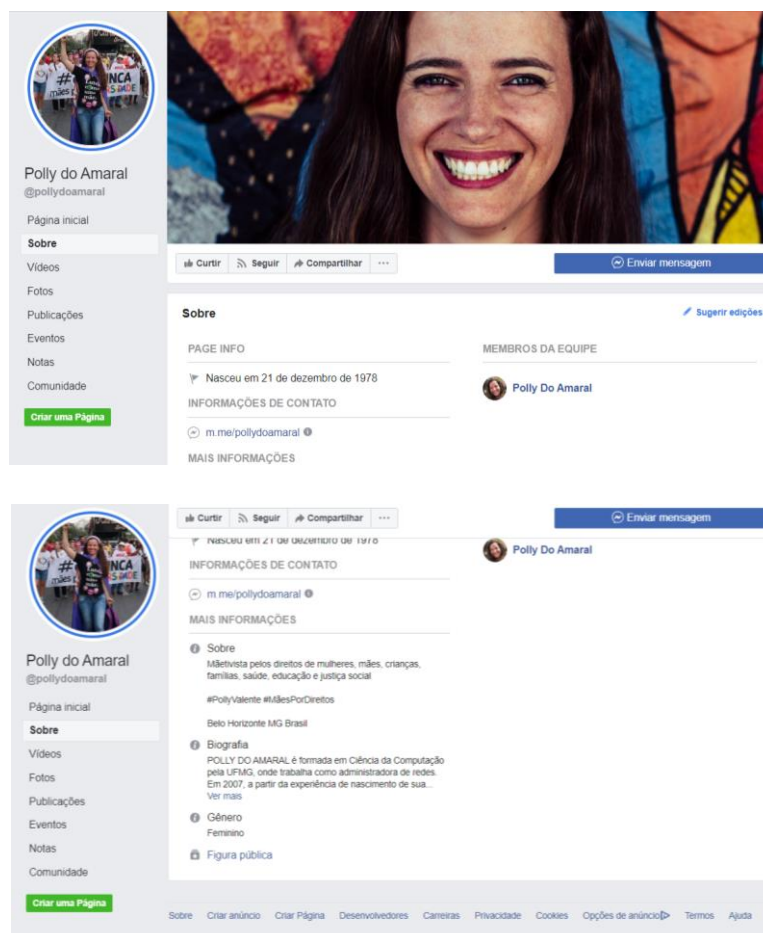
Sobre
Ludmila Suaid, candidata a deputada distrital pelo PSOL. Doula, assistente social, feminista, mãe, mulher e negra. Por mais mulheres na política!

[Sugerir edições](#)



Fonte: https://www.facebook.com/pg/LudmilaSuaid/about/?ref=page_internal Acesso em 13/09/19

APÊNDICE N: Seção ‘Sobre’ da *fanpage* de Polly do Amaral no Facebook



Fonte: https://www.facebook.com/pg/pollydoamaral/about/?ref=page_internal. Acesso em 13/09/19.

APÊNDICE O: Publicação de Polly do Amaral sobre a Bancada de Mães Ativistas no Facebook

Polly do Amaral
@pollydoamaral

30 de agosto de 2018

Em 2016, eu fui candidata a vereadora em Belo Horizonte MG, com a proposta de melhorar a representatividade das mulheres na Câmara Municipal e levar pros espaços de decisão temas que são importantíssimos para as mulheres, mães e crianças, mas que são deixados de lado justamente porque nós, mães ativistas, não estamos lá: equidade de gênero, direitos sexuais e reprodutivos, combate à violência obstétrica e todas as violências, inclusão das diversidades, maternidades, infâncias, saúde e educação públicas, integrais, de qualidade para todas e todos, do ponto de vista de quem usa o sistema.

Criei um grupo para reunir e incentivar que mães ativistas em outras cidades também topassem esse desafio. Raquel Marques também já tinha sacado que esse movimento nosso é urgente e mais que necessário e mapeou algumas mães que foram integrando o grupo. Naquele ano somente eu fui candidata, mas a semente estava plantada.

Em 2018, a alegria toma conta de mim ao caminhar com essas 10 mulheres incríveis, ativistas mães das nossas causas, todas no mesmo partido, o PSOL, em 6 estados.

Queremos, precisamos, vamos ocupar e formar uma #bancadamãesativistas em todos os parlamentos! Vem com a gente!!
Vote em uma mãe de luta!!

Polly do Amaral - Estadual MG - 50.010
Polly do Amaral 50.010 Dep Estadual MG

Bancada Ativista (Raquel Marques e Anne Rammi) - Estadual SP - 50.900
Bancada Ativista Raquel Marques Bancada Ativista Anne Rammi

Ligia Moreiras - Estadual SC - 50.180
Ligia Moreiras 50180

Alessandra Minadakis - Federal GO - 5008
Alessandra Minadakis

Laura Muller Sagrilo - Estadual MG - 50121
Laura Muller 50121

Polly do Amaral
@pollydoamaral

Laura Muller Sagrilo - Estadual MG - 50121
Laura Muller 50121

Lana Paula Luna - Federal GO - 5055
Lana Luna Psol

Ilka Teodoro - Distrital DF - 50.442
Ilka Teodoro

Ludmila Suaid - Distrital DF - 50.180
Ludmila Suaid

Thais Ferreira - Estadual RJ - 50.010
Thais Ferreira 50010

Andréa Werner - Federal SP - 5024
Andréa Werner

#mãespordireitos #lutecomoumamãe #mulheresecriançasprimeiro

VOTE EM UMA MÃE DE LUTA!

NÓS SOMOS A BANCADA DE MÃES ATIVISTAS
ESPALHADAS POR TODO O BRASIL

pollydoamaral

Fonte: <https://www.facebook.com/pollydoamaral/posts/2293942027505774>

Acesso em 02/05/20

APÊNDICE P: Seção ‘Sobre’ da *fanpage* de Raquel Marques no Facebook

The image displays two screenshots of the Facebook profile page for Raquel Marques, Bancada Ativista. The top screenshot shows the 'Sobre' section, which includes a quote by Margaret Mead: "Nunca duvide que um pequeno grupo de pessoas conscientes e engajadas possa mudar o mundo. De fato, sempre foi assim que o mundo mudou." Below the quote, it lists contact information: Twitter: @raquel_bancada, Insta: @raquel_bancada, and Whats: 11 99152-3401. The bottom screenshot shows the 'INFORMAÇÕES DE CONTATO' section, which includes a phone number (11) 99152-3401, email (m.me/raqueldabancada), and social media handles (raquelmarques@usp.br, raquel_bancada). The 'MAIS INFORMAÇÕES' section lists her birthplace (Santos), affiliation (Bancada Ativista, PSOL), and profession (Activista, sanitária, presidente da Associação Artemis e deputada estadual por SP com a Bancada Ativista).

Fonte: https://www.facebook.com/pg/raquelmarquessp/about/?ref=page_internal. Acesso em 13/09/19

APÊNDICE Q: Seção ‘Sobre’ da *fanpage* de Thais Ferreira no Facebook

The image shows a screenshot of the Facebook profile page for Thais Ferreira, Bancada Ativista. The page features a large banner with the text "24.759 votos! para deputada estadual no Rio. vamos seguir! você vem junto?" and a photo of Thais Ferreira. Below the banner, the 'Sobre' section is visible, which includes the text "Interesses pessoais: POLÍTICA DE CONVIVÊNCIA NA PÁGINA" and "Esta página é administrada por Thais Ferreira e colaboradores... Ver mais". The 'INFORMAÇÕES DE CONTATO' section is also visible.



Fonte: https://www.facebook.com/pg/southaisferreira/about/?ref=page_internal. Acesso em 13/09/19.

APÊNDICE R: Publicação de Thais Ferreira sobre a Bancada de Mães Ativistas no Facebook






Thais Ferreira
@southaisferreira

- Página Inicial
- Publicações**
- Avaliações
- Vídeos
- Fotos
- Sobre
- Comunidade
- Grupos
- Eventos
- Notas

Criar uma Página

Curtiu
Seguindo
Compartilhar
...



Thais Ferreira

29 de agosto de 2018

...

MÃES NA POLÍTICA? Temos e em todo o País! #SouThaisFerreira50010

Somos o ventre de toda a sociedade e a partir de nós, mulheres mães, que ela será reconstruída, de forma mais justa e igualitária. Estamos lançando a Bancada de Mães ativistas em todo o Brasil.

Precisamos de políticas voltadas à saúde e ao bem estar da mulher mãe e de suas famílias, precisamos que sejamos respeitadas antes, durante e depois de nossos partos e, acima de tudo, queremos e vamos lutar para que nossos filhos tenham mais perspectiva de futuro, com direito à educação de qualidade, saúde digna, acesso ao emprego, cultura e lazer. E SIM, estamos prontas e preparadas para ocupar a política institucional!

POLÍTICA É COISA DE MÃE, ACOMPANHE E FORTALEÇA ESSAS MULHERES!

Ligia Moreiras 50180 Bancada Ativista Lagarta Vira Pupa Polly do Amaral 50.010 Dep Estadual MG Laura Muller Lana Luna Psol Alessandra Minadakis
Ilka Teodoro Ludmila Suaid

-

Em Santa Catarina: Ligia Moreiras 50180/Deputada Estadual
Em São Paulo: Bancada Ativista 50900/Deputadas Estaduais
Andréa Werner 5024/Deputada Federal
Em Minas Gerais: Polly do Amaral 50010/Deputada Estadual
Laura Muller 50121/Deputada Estadual
Em Goiás: Lana Luna 5055/Deputada Federal
Alessandra Minadakis 5008/Deputada Federal
No Distrito Federal: Ilka Teodoro 50442/Deputada Distrital
Ludmila Suaid 50180/Deputada Distrital

-

Conhece mais alguma mulher mãe ativista que precisa entrar nesta lista, conta pra gente nos comentários e vamos fazer crescer essa bancada necessária!

Vamos junt@s  

DOE: bit.ly/doethais
TRAJETÓRIA: bit.ly/thaistrajetoria
PAUTAS E PROPOSTAS: bit.ly/pautasepropostas

Fonte: <https://www.facebook.com/southaisferreira/posts/2209360852668664>

Acesso 02/05/2020

ANEXO A
ROTEIRO DE ENTREVISTA - CANDIDATAS DA BANCADA DE MÃES
ATIVISTAS

Questões sociodemográficas autodeclaradas (de acordo com IBGE):

Nome
Idade
Cidade/Estado/País
Gênero
Classe Social -
Orientação sexual
Estado civil
Cor/Raça: Brancos, Pardos, Pretos, Amarelos e Indígenas
Mãe: Sim Não
Quantos filhos

Questões em relação ao uso das redes sociais, ativismos, feminismo e maternidade

- Já havia sido candidata antes?
- Quando começou a usar as redes sociais?
- Quais redes usa hoje?
- Você é ativista de quais causas?
- Seu ativismo começou antes ou depois das redes sociais?
- Seu ativismo começou antes ou depois da maternidade?
- Qual importância das redes sociais para o seu ativismo?
- Ou, o(s) ativismo(s) começou por conta das redes?
- Houve algum impacto das redes sociais em relação aos temas da maternidade ou para a sua maternidade?
- Você se declara feminista?
- Qual foi a importância das redes sociais para o seu feminismo?
- O que seria pra você uma maternidade feminista?
- Como foi o uso das redes sociais, em especial o Facebook, na sua campanha como candidata em 2018?
- Você trabalhou com posts patrocinados ou apenas orgânicos?
- Qual a importância das redes sociais para sua candidatura política em 2018?
- Quais as suas propostas e objetivos para a campanha?
- Qual o motivo principal de se lançar numa candidatura política pelo viés da maternidade ativista?
- De onde veio a ideia do post da Bancada de Mães Ativistas? Como organizaram a campanha?
- Qual a importância das redes sociais para a criação da Bancada de Mães Ativistas?
- Já conhecia as outras integrantes?
- Qual a importância de uma Bancada de Mães Ativistas na política?

ANEXO B - Transcrição: Alessandra Minadakis

(1:19:58) - 08/05/20 - <https://youtu.be/5GyUBsfkywU>

Renata Garcia Senlle: então, agora sim a gente tá gravando. Como eu te disse, Alessandra, eu preciso primeiro das questões sociodemográficas. Preciso que você me diga seu nome, idade, cidade e estado.

Alessandra Minadakis: nome completo?

Renata Garcia Senlle: pode ser

Alessandra Minadakis: meu nome é enorme, Alessandra de Abreu Minadakis Barbosa, por isso que me chamo só de Alessandra Minadakis, é a forma como eu sou conhecida... já desde muito pequena. Tenho 47 anos, sou de 72. Nasci em Goiânia, moro em Goiânia, Goiás .

Renata Garcia Senlle: gênero autodeclarado?

Alessandra Minadakis: sou do gênero feminino, heterossexual

Renata Garcia Senlle: classe social?

Alessandra Minadakis: classe média, não sei como que você tá utilizando

Renata Garcia Senlle: tô deixando autodeclarado mesmo e até é interessante porque cada uma para pra pensar de um jeito, depende do referencial que a pessoa tá usando, né?

Alessandra Minadakis: é

Renata Garcia Senlle: mas, classe média?

Alessandra Minadakis: é

Renata Garcia Senlle: estado civil?

Alessandra Minadakis: divorciada

Renata Garcia Senlle: cor/raça?

Alessandra Minadakis: branca

Renata Garcia Senlle: você é mãe?

Alessandra Minadakis: sim

Renata Garcia Senlle: de quantos filhos?

Alessandra Minadakis: de uma filha de treze anos

Renata Garcia Senlle: qual é o nome dela?

Alessandra Minadakis: Isadora

Renata Garcia Senlle: já indo pras relações entre redes sociais, ativismos, feminismo e maternidade e política... você já tinha sido candidata antes de 2018?

Alessandra Minadakis: não

Renata Garcia Senlle: primeira vez?

Alessandra Minadakis: foi a primeira candidatura. Inclusive quando eu me filiei ao PSOL eu não imaginava que iria me candidatar um dia, minha ideia era sempre trabalhar nos bastidores, apesar de sempre estar a frente de projetos, de coletivos, de associações... mas a ideia era menos a militância partidária e mais um trabalho de bastidores

Renata Garcia Senlle: você se filiou em 2018 também?

Alessandra Minadakis: não, me filiei em 2016, tem quatro anos... completei quatro anos de filiada

Renata Garcia Senlle: você se lembra quando você começou a usar as redes sociais?

Alessandra Minadakis: ah, lembro... eu comecei com o Orkut, no início do Orkut... eu já comecei, assim, usando todas as... vamos dizer assim... os recursos e possibilidades que aquela rede me proporcionava, entendeu? Falar pra mais gente, debater, discutir... juntar pessoas por afinidades... porque eu gosto muito do debate, gosto muito da conversa, da discussão, de debater ideias, sabe? as vezes a gente até é mal interpretada porque isso é visto, as vezes, de uma forma personalista... mas, é aquela questão de: ah, gosta de divergir de tudo? Não, gosto de defender ideias e ouvir outras e discutir... o Orkut me dava essa possibilidade.... juntar, rever pessoas que eu não via há muito tempo, conhecer gente... e aquela união por afinidade e a possibilidade de debater mesmo

Renata Garcia Senlle: sim. hoje você usa quais redes?

Alessandra Minadakis: hoje eu uso Facebook, Twitter e o Instagram....

Renata Garcia Senlle: você se diz e é... você se diz ativista de quais causas hoje?

Alessandra Minadakis: olha, meu ativismo é até um pouco amplo, vamos dizer assim... eu tenho mestrado em Direitos Humanos, pela Universidade Federal de Goiás... já fiz algumas disciplinas como aluna especial do doutorado, mas eu sempre tive um ativismo maior ligado a questões de gênero e do feminismo e também da maternidade.... devo muito meu ativismo materno, vamos dizer assim, às redes sociais

Renata Garcia Senlle: ah, essa é uma das perguntas... pode falar...

Alessandra Minadakis: foi no Orkut que eu conheci, quando eu estava querendo engravidar e durante a gravidez... eu conheci vários grupos, várias comunidades de mulheres que queriam engravidar de mulheres grávidas e mães... mas, principalmente um grupo que... uma comunidade na época que atraiu muito chamada “Pediatria Radical” que é chamada de PR.... a dona dessa comunidade, a criadora, é uma pediatra de Brasília que chama Telma, mas o nome dela que ela gosta de ser chamada, que ela se apresenta, é Doutora Helva e nós nos tornamos amigas pessoais mesmo, a ponto dela vir sempre à Goiânia, já chegou a passar mais de 15 dias na minha casa, sabe? a gente acabou se unindo muito, ela sempre defendeu algumas bandeiras da maternidade e relacionadas às crianças, a questão do não uso de violência de castigos físicos e de qualquer tipo de violência na educação das crianças... ela lançou a campanha “Bater em criança é covardia” que eu aderi desde muito no início mesmo, a partir daí ela chegou a publicar um livro que eu escrevi um artigo pra esse livro

Renata Garcia Senlle: ah é?

Alessandra Minadakis: que já tem nem sei quantas edições mais...

Renata Garcia Senlle: como chama?

Alessandra Minadakis: Livro da maternagem... então, assim, como trata de vários assuntos relacionados à criança e à maternidade, tem pessoas de todas as áreas... e como eu sou da área do Direito, eu escrevi sobre a Lei Antipalmadas lá que acabou sendo, na época, era só um projeto de lei, a gente trabalhou muito pra ser aprovado e acabou sendo apelidado de “Lei menino Bernardo” por causa do Bernardo

Renata Garcia Senlle: sim

Alessandra Minadakis: eu posso dizer que eu devo muito meu ativismo nessa área ao Orkut, as pessoas que eu conheci lá hoje... por exemplo... muitas pessoas com quem eu convivo da Bancada Ativista mesmo, como a Raquel Marques, a Ligia eu conheci nessa época no Orkut...

Renata Garcia Senlle: desde lá?

Alessandra Minadakis: desde lá

Renata Garcia Senlle: Raquel, Ligia quem mais?

[Alessandra perde conexão. Áudio e som inativos] [Alessandra volta com a imagem, mas o som permanece inativo][Renata sugere sair da sala e voltar para tentar voltar ao normal][Alessandra retorna à entrevista, mas permanece sem som][Renata tenta descobrir o que pode ter acontecido, já que tudo aparenta estar normal][Renata sugere que Alessandra escreva à ela, pelo Facebook, pra descobrir o que há de errado com a chamada][Renata conversa com criança][Alessandra sai de novo da vídeo-chamada][Alessandra retorna usando fones de ouvido]

Alessandra Minadakis: pronto, agora vai!

Renata Garcia Senlle: agora te ouço... você tava falando que você conheceu a Raquel e a Ligia por essa comunidade do Orkut

Alessandra Minadakis: sim

Renata Garcia Senlle: aí eu perguntei quem mais, aí caiu

Alessandra Minadakis: ah, várias pessoas....

Renata Garcia Senlle: da bancada

Alessandra Minadakis: que atuam de alguma forma... da bancada eu não lembro se foi na mesma época que eu conheci todas [Alessandra conversa com a filha Isadora], mas eu lembro da Lígia e da Raquel, as que eu mais lembro... tinha muito mais contato com a Raquel, a Lígia foi um pouco depois [Alessandra pede para filha ligar algo na tomada]. A Lígia foi muito pelo blog dela, né? mas ela também participou desses, das comunidades do Orkut e depois do Facebook, mas ela... eu conheci ela primeiro pelo blog e depois pelo Orkut... a Raquel foi direto no Orkut, no Pediatria Radical

Renata Garcia Senlle: bacana... o seu ativismo começou... você falou que é ativista das questões de gênero, tem mestrado em Direitos Humanos, também tá interligado, eu entendo à feminismo e maternidade... seu ativismo começou antes ou depois das redes sociais? Não sei se você consegue estabelecer uma linha de tempo, assim...

Alessandra Minadakis: olha, de uma forma desorganizada, vamos dizer assim, começou muito antes... sempre fui muito de defender determinadas bandeiras, vamos dizer assim de me envolver em questões que eu acredito, mas eu não tinha me organizado em nenhum coletivo, nem partido político, nada... as redes sociais.... acho que elas foram importantes pra essa organização, sabe? mesmo pra me unir a pessoas com afinidades parecidas, pra conectar mesmo outras pessoas com as mesmas bandeiras, os mesmos interesses, unir forças... acho que as redes sociais foram muito importantes pra mim nesse sentido

Renata Garcia Senlle: organizar suas causas também?

Alessandra Minadakis: sim

Renata Garcia Senlle: aí ele começa... não sei se você consegue fazer essa relação de tempo... mas seu ativismo começou pela maternidade ou se começou antes da maternidade, o que mudou com ela?

Alessandra Minadakis: olha, com a maternidade aumentou muito mais, porque a experiência das dificuldades de ser mãe e mulher nessa sociedade, sabe? seja relacionada ao campo do trabalho ou ao mercado de trabalho, pelo meio acadêmico, nas relações sociais... isso foi acendendo em mim o desejo mesmo de auxiliar outras mulheres em situações... que passaram por situações muito parecidas. Hoje eu vejo como mulheres de classes sociais diferentes de vidas completamente diferentes que a gente não pode comparar em termos de dificuldade, a gente não pode deixar de considerar os nossos privilégios... por exemplo, meu privilégio de mulher branca, de classe média que tem um emprego estável... eu não posso deixar de ignorar os meus privilégios pra ver o mundo, não posso comparar, tentar medir uma mulher... as dificuldades que uma mulher negra sem apoio nenhum passa na sociedade... então, assim, mas eu comecei a perceber que existe, também, muitas coisas em comum que ligam mulheres em situações totalmente adversas, sabe? situações totalmente diversas, seria melhor dizendo. Eu senti muito isso na época do meu divórcio, sabe? eu enquanto casada vivia aquela relação bem tradicionalzinha, de casei, esperei um pouquinho, engravidei na hora que eu quis... então eu tinha, eu vivia e vivo num meio em que as pessoas mais próximas a mim... eu não encarava como pessoas preconceituosas, sempre achava que eram pessoas de cabeça aberta, sabe? questões, por exemplo: preconceito com mulheres divorciadas... eu achava que no meio que eu vivia isso era coisa do passado. Aí eu me divorciei e vi que não tinha nada de coisa do passado, era algo que eu passei a viver e a conviver que me fez afastar de algumas pessoas... tive problema até com locador de casa que eu morava.... quando eu me separei, o tratamento que foi dado a mim foi totalmente diferente... não tive nem meu contrato renovado, meu contrato de aluguel... sem nunca ter atrasado um dia de aluguel... eu via que tinha alguns comentários preconceituosos, sabe? então eu comecei a perceber... como eu lido muito com outras mulheres de situações as mais distintas... que nós temos muitas questões em comum e que as diferenças devem ser consideradas, mas que a gente consegue..... que ninguém melhor pra entender uma mulher do que uma mulher... pra saber dos nossos problemas, entender as nossas dificuldades do que outra mulher... não tem como um homem, por mais aberto que seja, por mais desconstruído... não tem como ele perceber coisas que nós percebemos com relação às nossas dificuldades do dia-a-dia, eles veem com outros olhos a vida, sabe? então, isso me impulsionou muito na militância mesmo... porque eu entendo que é importante que mais mulheres, cada vez mais, ocupem esses espaços, espaços de poder dentro da sua comunidade, associações de bairro, na política, na academia... quando a gente vê dentro das universidades como é comum, por exemplo, alguns cursos... as mulheres estudam mais que os homens, tem grau de escolaridade mais alta, maioria, em grande parte, dos cursos... mas você chega na mesa

de um congresso com dez pessoas, é muito comum você ver oito homens e duas mulheres... as vezes nove homens e uma mulher.... então, a gente vê como, em todos os espaços... daqueles espaços que aparentemente você estaria mais livre de machismo, a gente vê que isso não existe, não existe espaço livre de machismo... então, a gente tem que... é aquela história, é ir do jeito que é possível ocupando esses espaços... se é possível com dialogo, é com dialogo... se é preciso meter o pé na porta, é metendo o pé na porta e é assim mesmo que a gente vai ocupando esses espaços...

Renata Garcia Senlle: sim... daí você já disse um pouco, não sei se você quer elaborar mais.... a importância das redes sociais pro seu ativismo... você falou antes que de alguma forma seu ativismo já era desorganizado antes das redes

Alessandra Minadakis: sim

Renata Garcia Senlle: então... as redes te ajudaram a organizar, a juntar pessoas, juntar pessoas por afinidade, você disse... gerar debate, discussão

Alessandra Minadakis: sim

Renata Garcia Senlle: e conexão

Alessandra Minadakis: exatamente

Renata Garcia Senlle: não sei se você gostaria de acrescentar algo dessa importância das redes

Alessandra Minadakis: deixa eu te dar um exemplo... na época do Orkut e falei com relação às comunidades que eu participava, muitas dessas comunidades ligadas à essa questão da maternidade, mas também, por exemplo... eu criei na época uma comunidade, na época do Orkut chamada “em defesa da Constituição de 88”, uma época que havia um movimento que defendia a convocação de uma nova assembleia nacional constituinte e eu era e continuo sendo contra... porque nós temos uma tendência, estamos vivendo há muitos anos já uma tendência de conservadorismo e de, vamos dizer assim, voltando a política pra uma pegada muito mais conservadora e muito mais liberal na economia, menos garantidora dos direitos da população e que seria um caos uma nova constituição... ainda com todo descrédito que eu, mesmo sendo do direito, tenho à área do judiciário é ainda o que evita que absurdos maiores não aconteçam, né? eu criei essa comunidade e assim... ela cresceu assustadoramente, eu acabei não criando outra igual no Facebook, fui aderindo a outras já existentes e eu conheci muita gente nesse meio, muitas pessoas na área do direito... foram que eu acabei encontrando em outros espaços e eu mantenho até hoje, sabe? foram pessoas que acabaram militando determinadas causas como, eu cito o exemplo de uma professora lá da Paraíba, a Esilda que ela trabalha muito o tema do feminismo do Direito e da Literatura e ela trabalha muito feminismo, questões de gênero... então, até hoje nós temos muito contato... hoje ela inclusive já publicou vários livros tratando sobre a questão do Direito com a Literatura, mas sempre na temática feminista... então, o que eu conheci foi através dessa comunidade que tinha o objetivo questionar e defender a Constituição de 1988, então, assim, é um exemplo que... as pessoas chegam em busca de informações ou porque tem aquela mesma ou porque tem aquilo como uma causa também.... isso tudo vai, assim... vai ampliando, né? as redes proporcionam algo que antes dessa fase era muito mais difícil

Renata Garcia Senlle: tem uma identificação, uma forma de encontrar afinidade, que nem você diz?

Alessandra Minadakis: sim

Renata Garcia Senlle: e os laços que parecem que vão se sustentando independente da plataforma, né? começa no Orkut, mas vai pra outra... enfim...

Alessandra Minadakis: isso

Renata Garcia Senlle: coisas assim... houve algum impacto que as redes causaram na sua relação com a temática da maternidade ou com o próprio exercício da maternidade? De como você enxerga... alguma coisa que por conta das redes você passou a fazer, a saber, enfim.... se você considera, se você consegue estabelecer esse paralelo

Alessandra Minadakis: olha, totalmente... eu não consigo imaginar como seria a minha maternidade se eu não tivesse tido acesso às informações que eu tive através de algumas comunidades, principalmente a “Pediatria Radical” ... isso influenciou diretamente na minha... durante a minha gestação.... eu não pude fazer parto normal, tive eclampse, infelizmente... me preparei bastante pra um parto normal, não foi possível... mas, eu acabei abraçando a causa da violência obstétrica muito pela experiência que eu tive presenciando outros casos na minha própria gestação. Eu vejo, por exemplo, sobre a própria questão da amamentação, as dificuldades que eu tive no início... acho que eu não desisti muito porque eu conseguia mais apoio nesses espaços do que nos espaços reais porque a geração da minha mãe, é uma geração que praticamente não amamentou. Eu mamei durante um mês, minha mãe é fumante até hoje, fumou a gravidez inteira e o pouco tempo que ela me amamentou, não tinha tanta informação na época.... então, se eu dependesse das pessoas com quem eu convivia, eu teria desistido na primeira semana porque eu tive muita dificuldade... meu apoio foi através dessas comunidades, das redes sociais, no Orkut especificamente na época e no banco de leite de uma maternidade pública de Goiânia, eu mesma procurei incentivada por essas comunidades, pelas informações que eu obtinha nessas comunidades.... tudo com respeito... a introdução alimentar da minha filha, a forma de... a criação com apego, desde a escolha da escola que ela ia estudar... tudo isso foi objeto de muita pesquisa, de muita conversa, de muita discussão, de debates... então, assim, eu vejo muito... até coisas como, por exemplo, como lidar com aquelas viroses típicas de criança? Não ficar correndo pra pronto socorro pra qualquer coisa, aceitar que a febre é uma reação do organismo que a gente precisa saber lidar sem se desesperar... a febre até determinado ponto pode ser administrada até sem medicação.... você pode, na maioria das vezes, em três dias vai ter sumido e a criança vai estar ótima... se você, se não tiver outros sintomas é aquela virose comum que a criança vai pegar... muitas vezes você corre pro médico, você sobrecarrega o sistema de saúde, você corre o risco de pegar uma doença mais grave... então, por exemplo, a forma de lidar com a administração de antibiótico é muito comum, as vezes, em pronto socorro, administrarem antibiótico pra criança que por sintomas de uma virose simples.... sabemos que antibiótico não é pra vírus... de uma virose simples.... isso é lógico que é muita responsabilidade também do profissional da área médica, mas por falta de informação muitas mães que geralmente são aquelas que acompanham os filhos nessa situação acham que o médico só é bom quando ele receita um remédio, né? então, a informação foi fundamental... minha filha foi uma criança que cresceu andando descalça, tomando friagem, chupando gelado, chupando picolé pras dores de garganta e coisas que assim... aquelas, aqueles costumes antigos.... até de certa forma meio lendas ou hábitos antigos...

Renata Garcia Senlle: crendices, né?

Alessandra Minadakis: que tem algumas coisas que são mais positivas e outras que foram... como eu posso dizer? Viu que não corresponde à realidade

Renata Garcia Senlle: superadas

Alessandra Minadakis: superadas, né? então, eu me vi totalmente livre desses apegos, entendeu? Graças a essas informações que eu obtive nesses espaços virtuais

Renata Garcia Senlle: você se declara feminista? Você é feminista?

Alessandra Minadakis: sim, feminista interseccional especificamente

Renata Garcia Senlle: você percebe também alguma relação do desenvolvimento do seu feminismo com as informações das redes sociais? Suas conexões em redes sociais?

Alessandra Minadakis: muitas das questões que eu já mencionei inclusive de conectar pessoas de interesses distintos, de organizar mobilizações, de comunicação mesmo pra que você atinja maior sucesso em determinados atos... militâncias de determinadas causas são affair do feminismo.... então, é muito importante.... as redes sociais como fonte de informação, quando ela é bem utilizada é fantástica, sabe? apesar de muitas vezes por esse momento que estamos vivendo que não é só um momento, acho que as pessoas tão se revelando... parte da personalidade que já existiam, mas que tinham vergonha de se mostrar... mas, por exemplo, quando eu vou pras redes sociais defender a legalização do aborto, eu já fui extremamente ofendida, já fui ameaçada pela defesa de uma posição fui vista como uma assassina, vamos dizer assim...eu lembro de uma vez, logo quando no parlamento foi aprovado, foi pro primeiro turno depois foi pro senado e acabou não passando, a legalização do aborto... eu fiz um vídeo comemorativo... comemorando a decisão... falando coisas como a Argentina ser um país muito católico, como isso foi possível, fazer essa separação da questão religiosa com as convicções religiosas com a questão de fato, de saúde pública, questão jurídica, justificando porque eu era favorável à legalização do aborto.... mas eu vi com coisas mais assim... no meu vídeo eu falava que por causa de um problema de saúde eu tive que tirar o útero, em 2014... aí eu ouvi que minha doença era em função de castigo divino, que minha filha corria risco comigo porque eu poderia matá-la a qualquer momento.... defende que pode matar uma criança na barriga, né? pode matar uma criança depois de nascido em qualquer idade...

[Filho de Renata aparece na entrevista e Renata o apresenta]

Alessandra Minadakis: é isso... acho que a gente tem... a gente consegue agregar pelas redes, consegue informar e se unir, né? com pessoas com causas semelhantes às nossas

Renata Garcia Senlle: então, você acha que de alguma forma o seu feminismo também se desenvolveu com essas conexões que você fez em rede social também?

Alessandra Minadakis: também... eu acredito que melhorou muito... posso atestar que pra mim me ajudou a crescer muito como feminista também

Renata Garcia Senlle: não sei se você já pensou, se você consegue dizer, o que seria pra você uma maternidade feminista?

Alessandra Minadakis: olha, eu penso porque eu acho que de certa forma eu creio que eu exerça uma maternidade feminista, sabe? eu acho que pra começar, o feminismo ele defende o direito da mulher de, inclusive, não querer ser mãe... então, a maternidade não compulsória já é uma conquista muito grande e é algo que o feminismo deve defender e é uma bandeira que deve ter sempre... nunca deve ser esquecida.... porque socialmente as mulheres são levadas à maternidade, muitas vezes sem querer ser mães. Então, existe uma ideia de que o feminismo, do feminismo desvinculado à maternidade... então, ou a mulher é feminista ou ela é mãe.... quando ela é mãe e feminista ela é má, é uma péssima mãe

porque as coisas não se conciliariam e eu entendo que o feminismo, ele defende o direito da mulher ser o que ela quer, inclusive de acordo com os acordos familiares... quando existe relações, quando essa mulher tá vivendo uma relação afetiva que é de confiança de ambos os lados, se ficar estabelecido que naquele contexto familiar um deve trabalhar e o outro deve cuidar mais das questões da casa.... eu entendo como mulher feminista que isso não deve ser visto de uma forma, como um arranjo ruim... é algo que não serviria pra mim, ainda mais pelas experiências que eu vejo trabalhando com mulheres – mulheres muitas vezes vítimas de violência e de abusos de vários tipos - que eu particularmente acho muito importante a independência financeira, mas eu conheço mulheres feministas que em arranjos familiares que dão super certo que só o marido trabalha, aquele dinheiro é da família e vive muito bem assim, sabe? eu acredito que uma maternidade feminista é uma maternidade em que a mulher, em primeiro lugar, não se restringe ao papel de mãe... ela sabe que ela é mãe, é mulher, é profissional, ela tem sua casa pra poder lidar... ela vai buscar criar seus filhos como ela acredita, da mesma forma... o que ela prega, vamos dizer assim, ela tem que adotar com relação a criação dos seus filhos... eu acredito que eu tenha uma filha, talvez mães de meninos encontrem um pouco mais de dificuldade em função da pressão social... mas, agora mesmo comentei com você que eu tava numa reunião e a pessoa que estava comigo contando que é mãe de um menino, hoje com três anos e ela falando que quando descobriu que ia ter um filho, ela tinha uma amiga que quando descobriu que ia ter um menino ficou apavorada e falou que não queria colocar homem no mundo porque ela tinha experiências péssimas, né? aí essa moça que tava aqui comigo agora tava comentando, falando: olha, pra mim a oportunidade de educar um homem nessa sociedade machista de uma forma pra que ele cresça desconstruindo esse machismo que a gente tá submetido, um homem que saiba respeitar as mulheres como iguais, como de fato são... que tenham, que não reproduza esses comportamento que a gente tá acostumado a ver na maioria dos homens, ela falou assim: pra mim, isso é um grande privilégio... achei muito interessante a forma que ela falou e eu vejo minha filha que tem 13 anos só, ela se denomina feminista desde muito novinha, tá sempre nos espaços comigo, a gente participa... por exemplo, cursos de imersão, ela tá junto... tá em atos... 8 de março ela sempre tá junto em todos os atos que eu participo... muitos ela já esteve... agora que ela tá maiorzinha e tá naquela idade que não acompanha a gente em tudo, né? prefere ficar em casa jogando ou assistindo série... mas, ela tem uma percepção do machismo que eu acho fantástica, sabe? coisas que a gente vê que é muito do que ela presencia, desse meio que ela vive, da educação que ela teve... ela consegue identificar posturas machistas de professores, de professoras, de programas de televisão, dos avós, de colegas de escola e falar mesmo: isso é machista, você está sendo machista, sabe? então, eu acho isso muito interessante

Renata Garcia Senlle: daí já entrando especialmente na campanha de 2018... como é que você usou as redes sociais e aí em especial o Facebook – que na minha análise da dissertação é pra onde eu tô olhando mais a fundo porque todas as integrantes tinham essa plataforma – se você trabalhou com posts patrocinados ou só orgânicos, se tinha equipe ou não tinha equipe... se você usou e como foi essa organização...

Alessandra Minadakis: a minha campanha foi uma campanha feita com muito pouco dinheiro, quase nada, assim... eu tive uma doação em financiamento coletivo de 3.800 e o dinheiro do fundo eleitoral ele não foi usado, não foi distribuído... foi usado conjuntamente, com o material gráfico, advogado e contador... um partido pequeno, né? PSOL.... perto de outros partidos recebe bem menos do fundo eleitoral, eu não pude fazer nem perto do que eu gostaria de fazer... só que as redes sociais foram muito importantes principalmente por isso... porque era um espaço que eu tinha pra me expressar, fiz posts

patrocinados... eu tenho preferência pelo Facebook até hoje, segundo minha filha porque é rede social de velho porque velho que gosta de Facebook, gente mais nova gosta de TikTok e de Instagram principalmente... mas eu utilizei muito o Facebook, patrocinei algumas postagens... fiz algumas artes com designs que eu contratava as vezes pra fazer uma coisa ou outra pra mim... os textos eu quem escrevia mesmo. Então, eu não tive aquela organização de ter uma equipe a minha disposição pra trabalhar... foi tudo feito de acordo com as possibilidades, sabe? por muito pouco tempo, espaço de menos de um mês... eu e um outro candidato, era candidato a senador... nós dividíamos o trabalho de uma assessora de comunicação que deu uma ajudada na questão das redes, mas eu não tinha condições de continuar pagando um profissional pra isso e ele tinha uma verba maior, continuou só com ele e eu saí... então, posso dizer que na minha campanha o que pesou mais foi esse trabalho meio na intuição mesmo, com pouco conhecimento estratégico de como mexer com as redes sociais... mas patrocinar as postagens no Facebook foi importante, aquilo: você alcança muito mais gente, alcança também... por exemplo... como uma militante de esquerda que acaba despertando ódio de muita gente, principalmente em Goiás que é um lugar extremamente conservador e um estado onde a direita deita e rola.... então, apesar das ofensas, das perseguições, das ameaças, a gente consegue alcançar mais gente... eu acredito que muito da votação que eu tive que eu achei que foi expressiva perto da campanha que eu fiz, da estrutura que eu tinha deve muito também ao trabalho das redes sociais, sabe? feito pelas redes sociais

Renata Garcia Senlle: sim... essa era minha próxima pergunta, importância das redes pra sua candidatura... você acha que é por aí, assim... a possibilidade de alcançar mais gente?

Alessandra Minadakis: alcançar mais gente, se fazer conhecer... você.... eu sei que se eu tivesse um conhecimento maior de como utilizar essa rede, como direcionar essas postagens eu teria um resultado mais positivo.... inclusive, vou sair candidata a vereadora nas próximas eleições, uma candidatura coletiva e um dos meus objetivos é esse, me informais mais, conhecer mais pra utilizar melhor as redes sociais... principalmente em função da pandemia, eu acho que vai ser muito importante nas próximas eleições o uso das redes... por uma questão de segurança, questão de saúde pública mesmo, né?

Renata Garcia Senlle: sim.... uma coisa que eu não te perguntei... no Facebook, você criou a fanpage que você tem... deixa eu ver... você tem duas fanpages, né?

Alessandra Minadakis: eu tenho dois perfis, dois perfis pessoais.... porque como eu tava chegando perto dos cinco mil... e eu tenho umas 900 pessoas pra serem aprovadas e eu não aprovei ainda porque ainda não tive elementos pra poder ver se eu aceito ou não... aí eu criei um segundo perfil e eu tenho a fanpage, né? uma só... eu organizo outras a Subverta, aqui de Goiás, mas a Alessandra Minadaski era uma só... e os perfis sociais

Renata Garcia Senlle: a que tô vendo é Alessandra Minadaski 50

Alessandra Minadakis: essa é a página e tem meu perfil pessoal, só Alessandra Minadakis, tem Alessandra Minadakis Barbosa e o outro 2.... eu tenho um Professora Alessandra Minadaski que a ideia era utilizar só pra adicionar alunos em época que eu dava muita aula em pós-graduação

Renata Garcia Senlle: sim

Alessandra Minadakis: pra falar das questões específicas das áreas que eu lecionava, que eu leciono e tudo.... mas eu não conseguia administrar, fazer o que eu queria, então ela tá lá paradinha...

Renata Garcia Senlle: sim... essa daqui em especial, que eu tô usando na minha pesquisa, você criou pras eleições de 2018? Você se lembra?

Alessandra Minadakis: a página sim foi pra eleições de 2018... o perfil é desde 2009, bem no iniciozinho do Facebook

Renata Garcia Senlle: só tô vendo a página mesmo

Alessandra Minadakis: meu perfil é aberto também por orientação da assessoria de comunicação que eu contei por pouco tempo na época da campanha, inclusive Instagram era fechado e a gente tentou administrar dois Instagram, eu cheguei a fazer um outro... só pras questões relacionadas à campanha... só que me orientaram a fechar o outro e abrir o meu... então, aí eu abri... a gente chega num ponto, eu tinha medo da exposição mais pessoal, mas a gente chega num ponto que não tem muito pra onde fugir. A gente tá numa época em que você descobre tantas coisas da pessoa no Google... as vezes eu fico sabendo de coisas sobre mim que eu nem sabia... as vezes eu coloco meu nome no Google e eu descubro que fui mencionada numa notícia no site de não sei onde, sabe? ou que pegaram um artigo meu que foi publicado num lugar e foi publicado noutro... então, assim... eu tenho... privacidade hoje em dia é uma questão muito complexa, né?

Renata Garcia Senlle: privacidade não temos mais

Alessandra Minadakis: é... a gente pra carregar o ônus tem que carregar o bônus também, né?

Renata Garcia Senlle: qual o principal motivo que te levou a se candidatar politicamente por um viés também de maternidade ativista?

Alessandra Minadakis: olha, como eu te disse, quando eu entrei pro PSOL, minha ideia era trabalhar mais nos bastidores... até me coloquei à disposição pelo meu conhecimento na área do direito, no que eu pudesse ajudar... só que eu entrei numa organização interna do PSOL na época, alguns meses depois eu quis conhecer todas primeiro... acharam que eu teria perfil pra candidatura e começaram a, vamos dizer assim, me convencer... aí eu pensei que como na política institucional tem muito que a gente pode fazer, consegue muito mais espaço pra fazer aquilo que a gente quer que o outro faça, sabe? desde 2015 eu sou integra da Partida, é um movimento feminista que lida pela ocupação das mulheres nesse espaço de poder, né? na Partida, eu tava inclusive na primeira reunião aqui em Goiânia com a Marcia Tiburi quando ela veio pra gente criar... eu sou, vamos dizer assim... tô a frente dessa Partida, em Goiânia, desde 2015... eu ouvia muito isso: por que não você? Por que a gente vai ficar esperando pela outra, né? pela outra mulher? Mas, nessa época eu ainda demorei a me convencer... no início o convencimento se deu: por que eu não me filio a um partido político? Eu sempre achava assim: eu sei que sou uma pessoa muito crítica eu vou acabar criando muita encrenca dentro de um partido, eu não vou aceitar ser tolhida... aí fui me aproximando muito do PSOL e vi que eu teria um espaço que eu não teria em outros partidos, porque eu só considerava os partidos de esquerda, quando eu pensava em me filiar... aí eu optei pela filiação... depois veio essa pergunta: por que não eu me candidatar? Por que eu fico esperando que outra vá lá e faça aquilo que eu gostaria que fosse feito, entendeu? Então, nessa sequência evolutiva – não sei como poderia dizer – eu acabei aceitando me candidatar... aí quando você faz uma primeira, assim... tem a primeira experiência, tive 4669, se não me engano, numa campanha que não pude nem sair de Goiânia pra fazer campanha, entendeu? Foi uma campanha muito, muito complicada, numa época de muitos problemas pessoais... aí quando eu consigo, aí quando a gente tem um desempenho bom, a gente acaba se

comprometendo com o partido... aquele desempenho é importante, inclusive, pra eleger outras pessoas... hoje nós temos um objetivo aqui em Goiás, dentro do PSOL, de eleger pelo menos um vereador... nós sabemos que o voto de cada candidato vai ser importante pra isso... então, se não for o mandato coletivo do qual eu sairei pode ser esse outro candidato que eu falei que foi candidato a senador que é uma pessoa muito conhecida e que também é um excelente nome, pode ser uma outra candidata.... a gente tem que ter essa noção... que não seja dessa vez, seja de uma outra vez, fazer o máximo pra ter o melhor desempenho possível

Renata Garcia Senlle: quando você fala “eu aceitei” houve um pedido, então? De alguém do PSOL

Alessandra Minadakis: houve. Desde que eu entrei no PSOL havia um pedido da própria... de pessoas ligadas à direção do PSOL aqui em Goiás, mas no início eu resisti. Quando eu entrei nessa primeira organização que nós falamos em candidatura, eles queriam que uma pessoa saísse candidata, me pediram, pensei um tempinho... mas, depois que eu me convenci, apesar de todas as dificuldades eu nunca me arrependi, sabe? acho que você vai falar com outras pessoas aí que não querem nunca mais ouvir falar.... mas, assim.... com todas as dificuldades eu acho que foi uma experiência muito importante

Renata Garcia Senlle: aí, do ponto de vista ideológico, o que foi que te motivou a se candidatar por esse viés de maternidade ativista?

Alessandra Minadakis: olha, como eu te disse, eu me considero uma feminista interseccional e eu sou marxista, eu vejo o feminismo como uma forma de... vamos dizer assim... de luta pelos direitos das mulheres, mas considerando, no feminismo outras questões que não podem ser relegadas ao segundo plano, como a questão racial, questão social... então, é importante que dentro... a mulher... que não somente tenha mulher nesses espaços, mas que tenham mulheres que lutem de fato pelos direitos das mulheres.... principalmente daquelas menos privilegiadas, em situações mais vulneráveis que considere que não basta ser mulher e ocupar esses espaços, você precisa ser feminista, ou seja, tem que estar lá militando pela igualdade de direitos.... você dentro do feminismo você tem que considerar que nem todas as mulheres estão na mesma condição de opressão que existe privilégio dentre as mulheres e que esses privilégios tem viés de raça, tem viés de classe e que você não pode ignorar esses vieses pra poder defender o direito das mulheres.... então, isso tudo é ideológico... então, é uma visão que é totalmente condizente com a minha visão de mundo com a visão que eu tenho de um mundo ideal, de um projeto de sociedade, entendeu? Um projeto que as pessoas sejam livres de opressões, que haja justiça social e equidade, então, o feminismo que eu acredito e pelo qual eu luto, ele tem todos esses vieses também que devem ser considerados... porque o machismo é uma forma de opressão, mas nós vivemos sobre várias outras formas de opressão

Renata Garcia Senlle: bacana... especificamente sobre aquele post que eu te falei, que eu fui fazendo a análise da fanpage de vocês, olhando pra todos os posts que vocês fizeram entre 15 de agosto, foi quando lançou a campanha, né? oficialmente pelo TSE até outubro, eu encontrei em alguns perfis esse card que tinha foto de vocês onze

Alessandra Minadakis: Bancada de mães ativistas

Renata Garcia Senlle: é espalhadas pelo Brasil... aí queria perguntar se você lembra como foi a ideia de criação desse post e como é que vocês organizaram isso?

Alessandra Minadakis: olha, tudo foi assim tão espontâneo porque são pessoas que se conheciam, mais pelas redes sociais e na militância, por essa identidade de militância que

coincidentalmente se filiaram ao PSOL, algumas se filiaram só pra se candidatar porque não tinham militância partidária, não é o meu caso... a minha militância partidária se deu antes da candidatura e nós começamos a nos reunir num grupo de WhatsApp pra conversar sobre... primeiro foi feito um grupo no Facebook, depois nós migramos pro WhatsApp pra conversar sobre... trocar ideias sobre as dificuldades apresentadas... nesse grupo de WhatsApp surgiu a ideia de nós criarmos a bancada ativista, de mães ativistas... porque nós tínhamos muito em comum em relação as nossas pautas, dessas mães ativistas, algumas tinham uma amizade mais próxima pessoal... outras tinham mais virtualmente... eu posso dizer que dessas mães ativistas minha amizade pessoal era com a Raquel e com a Lana, daqui de Goiânia, mas, a partir daí nós resolvemos criar a bancada... então, foi mais ou menos assim... foi aos pouquinhos... não foi uma ideia que surgiu e depois foi juntando as pessoas, nós nos juntamos e aí resolvemos organizar melhor a nossa militância nas candidaturas através da bancada de mães ativistas...

Renata Garcia Senlle: você se lembra quem criou de fato esse post? Só se você lembrar.

Alessandra Minadakis: eu não lembro se foi a Ligia ou se foi a Polly, não lembro bem... ou se foi Raquel, não lembro. Sei que não fui eu [risos]

Renata Garcia Senlle: aí, qual você acha que é a importância... acho que você até já falou... das redes pra criação da bancada de mães ativistas... você já conhecia as outras integrantes? Você falou de algumas

Alessandra Minadakis: virtualmente eu conhecia todas, desses espaços... mesmo dentro das redes... algumas delas desde 2006, do Orkut... outras mais recentemente... mas desses espaços de militância dentro das redes sociais

Renata Garcia Senlle: por último, qual a importância de existir uma bancada de mães ativistas na política?

Alessandra Minadakis: olha, acho que é fundamental... primeiro aquela questão que eu falei sobre saber das necessidades de mulheres sem ser mulher é impossível, de plano, vamos dizer assim... por mais intencionado que seja, é muito difícil sem ter aquela vivência que se tem a mulher... quando a mulher é mãe... de certa forma ela amplia tanto as suas necessidades, as suas dificuldades quanto... até quando é mãe militante, a sua militância pros direitos, pros direitos da criança, questões afeitas à maternidade em si, então, você ser mãe e mulher, mãe e ativista significa que você vai estar em espaços que você pode defender pautas que você vive e que outras mulheres que você vai se identificar e que vão se identificar com você vivem também... então é aquela história... por mais que conheça a situação de um jovem negro que vive na periferia da cidade... por mais que eu tenha uma das minhas pautas antipunitivista e desmilitarização da polícia, vamos dizer assim, eu jamais terei não vou nem falar em lugar de fala, que é o que eu defendo e gosto muito, eu jamais terei a vivência daquela mãe, daquele jovem que está correndo muito mais risco, que faz parte da parcela da população que mais sofre violência policial, que mais sofre com erros no judiciário e que mais morre vítima de violência, mas como mães eu consigo entender sentimentos daquelas mães que outras pessoas não entendem... então, assim, acho que isso amplia a nossa militância e a nossa visão de mundo de uma forma fantástica

Renata Garcia Senlle: beleza, acho que era isso.... não sei se você tem alguma coisa que queira adicionar que ache importante dizer

Alessandra Minadakis: não, acho que basicamente é isso... a gente tem que... o que é importante que eu gostaria de acrescentar era só uma questão: se fala muito em sororidade

hoje em dia, né? esse termo as vezes é mal compreendido, mas eu gosto muito de pensar na solidariedade entre mulheres, sabe? nós temos que.... a sociedade patriarcal nos incentiva a ser rivais, entre nós, incentiva a rivalidade entre as mulheres... a disputa, ela incentiva... a gente vê isso desde um concurso de beleza até em piadinhas... aquela rivalidade nora com sogra, nós somos incentivadas a vida toda a sermos rivais umas das outras eu acho que isso é uma questão do machismo que nós temos que desconstruir com a máxima urgência... mulheres precisam das outras mulheres, precisam se olhar como complementares e como solidárias... precisam do apoio de outras mulheres, poder contar com outras mulheres... isso é muito importante, dentro da política é muito importante.... uma campanha eleitoral de mulheres candidatas não pode ser levada como nós vemos ser levadas pelos homens que estão lá se digladiando em busca de poder... nós temos que nos ajudar, então isso é muito importante... a sociedade cobra demais de nós.... as responsabilidades são muito maiores sob as nossas costas. Temos o exercício socialmente, culturalmente... nós somos responsáveis pelo cuidado da família.... nós temos uma carga horária de serviço não remunerado muito superior a dos homens.... nós temos condições muito piores, inclusive essas condições do nosso dia-a-dia que impede muito a participação das mulheres nesses espaços. Então, temos que nos ajudar e incentivar outras mulheres a buscar também, ocupar espaços na política, dentro das suas comunidades. Uma mulher só vai conseguir se ela tiver apoio, esse apoio ela vai conseguir em outras mulheres, dificilmente ela vai conseguir num homem

Renata Garcia Senlle: uma coisa, na verdade... você falou que você vai sair candidata esse ano... vereadora? PSOL? Em Goiânia?

Alessandra Minadakis: sim... é uma candidatura coletiva de cinco mulheres que... eu vou ser a candidata formal, aquela que vai ser registrada na Justiça Eleitoral, mas procuramos exatamente uma ideia de mandato coletivo em que há mesmo a desconstrução daquele parlamentar eleito que tudo seja feito em conjunto, da forma mais coletiva e mais democrática possível, sabe? eu tenho uma inspiração muito forte nas Juntas de Pernambuco pra mim é o melhor exemplo que tem de mandato coletivo, então é isso... a ideia nossa é um mandato coletivo de mulheres pra defender principalmente as pautas de outras mulheres que se acharem representadas por nós

Renata Garcia Senlle: vai ter esse viés de maternidade? De infância?

Alessandra Minadakis: também... principalmente... mas, como nós temos perfis diferentes de pessoas nessa candidatura, mas são todas mulheres feministas... dentro das cinco, duas são mães... então, nós queremos também, eu vou continuar na defesa dessa pauta, mas nós queremos muito ver... até desconstruir aquela ideia de que mulher só sabe falar de feminismo, mas levar o feminismo pra todas as pautas. Não podemos falar de economia sem falar de feminismo, não podemos falar de relações de trabalhos sem mostrar a desigualdade da mulher nas relações de trabalho... o quanto a mulher negra ganha menos que a mulher branca que ganha menos que o homem.... existe mais informalidade no trabalho das mulheres negras do que nos das mulheres brancas do que dos homens... então, todas as questões a gente pode ver por esse enfoque. Acredito que nós podemos trabalhar uma série de pautas tendo o enfoque do feminismo do direito das mulheres e das crianças a frente

Renata Garcia Senlle: me surgiu uma outra pergunta... você em algum momento teve algum blog sobre maternidade ou.... você falou da página sobre a Constituição de 88, mas alguma criação de grupo, comunidade ou blog de maternidade?

Alessandra Minadakis: não, blog eu nunca fiz... já atuei como moderadora em algumas comunidades, sou até hoje em comunidades contra a violência contra a criança, mas não fui em quem criei, então, atuo na moderação... continuo até hoje desde comunidades de... grupos, né? agora no Facebook de amamentação, auxiliando mulheres que podem passar pelas mesmas dificuldades pelas quais eu passei, mas pensando por esse viés mesmo, mas não como criando grupo ou comunidade

Renata Garcia Senlle: era isso, Alessandra, te agradeço demais pelo tempo

Alessandra Minadakis: nada, eu quem te agradeço

Renata Garcia Senlle: pela disposição.... era isso, qualquer dúvida te aciono, mas era isso...

Alessandra Minadakis: fica a vontade, se precisar qualquer coisa....

Renata Garcia Senlle: obrigada, boa noite

Alessandra Minadakis: obrigada você

ANEXO C – Transcrição Andrea Werner

(41:56)- 21/02/20: <https://youtu.be/h0NKhJvp2cY>

Renata Garcia Senlle: vou começar... vou até aumentar aqui um pouco o som porque eu também vou gravar, por precaução, no celular... por que, né? não dá pra correr o risco de perder essas conversas todas de vocês. Você é a minha primeira entrevistada da Bancada de Mães Ativistas...

Andrea Werner: uhum...

Renata Garcia Senlle: então, gravando também aqui. Então, Andrea, primeiro eu vou começar com algumas questões sócio demográficas pra ficar pra pesquisa e, na sequência, algumas perguntas já relacionadas à redes sociais, ativismo, feminismo e maternidade

Andrea Werner: ok

Renata Garcia Senlle: tá? Então, primeiro a sua idade?

Andrea Werner: 44

Renata Garcia Senlle: você é de que cidade/estado?

Andrea Werner: sou de BH, Minas Gerais.

Renata Garcia Senlle: mas mora em São Paulo e se candidatou por São Paulo?

Andrea Werner: sim, vim pra São Paulo em 2001... então, já faz bastante tempo

Renata Garcia Senlle: cor/raça? Tô seguindo o padrão do IBGE... você se identifica como branca, parda, preta, amarela ou indígena?

Andrea Werner: é branca, né? [risos]

Renata Garcia Senlle: [risos] “é branca, né?” ótimo [risos]. Você é mãe de um filho, né?

Andrea Werner: isso

Renata Garcia Senlle: que se chama? Esqueci o nome dele...

Andrea Werner: Théo

Renata Garcia Senlle: então, primeira pergunta: você já tinha sido candidata antes dessa eleição de 2018?

Andrea Werner: não, não era nem filiada a partido nenhum...

Renata Garcia Senlle: nenhum, foi a primeira vez... você se lembra quando começou a usar as redes sociais?

Andrea Werner: sim, eu comecei o blog em 2012, acho que foi em janeiro... aí poucos meses depois, um amigo meu que já era bem de redes sociais falou: ah, você devia fazer uma página no Facebook. Eu não entendia muito na época, mas fui na onda dele, né? aí eu fiz a página no Facebook, depois eu fiz o Instagram, aí depois eu fiz o Twitter. Mais tarde eu acabei dividindo e tendo redes diferentes, né? que é o *Lagarta vira pupa*, onde

eu falo mais de maternidade atípica, de inclusão, falo um pouquinho da nossa vida... e as que tão como Andrea Werner são mais política na veia mesmo.

Renata Garcia Senlle: então, quando você começou com redes sociais você começou pessoalmente, assim, não era voltado pra temática da modernidade?

Andrea Werner: era bem voltado pra Autismo, né? foi o tema inicial do meu blog... então, era como se fosse o blog no Facebook. Eu postava muito, na época blog ainda era uma coisa... então, toda vez que eu postava um texto novo... comecei a compartilhar algumas notícias relacionadas a isso também... outros blogs de outras mães que eu gostava, eu compartilhava também. Então, o objetivo inicial foi esse.

Renata Garcia Senlle: você lembra que ano que era?

Andrea Werner: 2012

Renata Garcia Senlle:2012

Andrea Werner: janeiro...

Renata Garcia Senlle: e você lembra outros blogs que você acostumava acompanhar nessa época? Lembrar um, dois... não precisa

Andrea Werner: você diz especificamente de maternidade atípica ou maternidade?

Renata Garcia Senlle: pode ser de maternidade ou maternidade atípica

Andrea Werner: nossa, daquela época? Que difícil... eu lembro que pelo menos de maternidade atípica o meu foi um dos primeiros...

Renata Garcia Senlle: foi, né?

Andrea Werner: nossa, vai ser difícil lembrar essa... eu seguia tudo, seguia até blog de maquiagem... tem uns blogs que eu nem sei se existem mais

Renata Garcia Senlle: [risos] sim, tinha muita coisa, né?

Andrea Werner: meu assunto específico eu fui praticamente a primeira... tinha um ou dois blogs, mas que eram muito assim: como desfraldar? Como ensinar não sei o que? Como fazer não sei o que... mas, eu não cheguei com esse approach, cheguei falando como era ser mãe de um menino autista, as dificuldades, sentimentos... então, foi uma outra pegada... não tinha

Renata Garcia Senlle: muito de relatos também, né?

Andrea Werner: sim

Renata Garcia Senlle: e hoje quais redes que você usa?

Andrea Werner: meu deus, acabei de entrar em mais uma, inclusive... eu tenho Facebook – que é tanto a página Andrea Werner, quanto a página *Lagarta vira pupa* -, tenho o Instagram – Andrea Werner e Instagram *Lagarta vira pupa* -, eu tenho o Twitter – Andrea Werner -, no Youtube eu tenho um canal... que tá meio parado, mas eu tenho 65.000 assinaturas, assinantes... então, é bastante coisa. Agora eu também entrei no Mastodon, que é uma rede nova que é meio um Twitter um pouquinho menos tóxico, assim...

Renata Garcia Senlle: nossa, não tinha ouvido falar nessa

Andrea Werner: é, ele tem um controle maior pra... tipo, bot ele não deixa de jeito nenhum, bane bot na hora... comentário de cunho nazista, essas coisas assim, eles banem na hora, não tem papo... então, eu tô experimentando... testando

Renata Garcia Senlle: como chama? Mastodon?

Andrea Werner: Mastodon... é um troço um pouquinho mais complexo, mas... no Twitter, eu não sei se você tá no Twitter, a Daniela Badi é quem tem feito uma campanha grande para as pessoas irem pro Mastodon... fez até uns tutoriaizinhos assim. Então, tá assim, a gente tá meio carpindo mato lá, sabe? as pessoas tão indo lá, ver qual é, tentando entender que é uma dinâmica um pouquinho diferente... ele é parecido com o Twitter... mas sem algumas coisas que... sem as tretas do Twitter

Renata Garcia Senlle: sim, legal... bom saber... vou fuçar depois. E, você hoje é ativista de quais causas?

Andrea Werner: maternidade atípica, inclusão, diversidade, acessibilidade. Costumo resumir isso assim: direitos das pessoas com deficiências e suas cuidadoras... por que, né? cuidadora é uma parte extremamente importante. Quando eu falo cuidadoras são as mães, não tem jeito

Renata Garcia Senlle: seu ativismo começou com essa causa? Por conta do seu filho?

Andrea Werner: começou muito focado em autismo, porque era o caso do meu filho... então, era: autismo, autismo, autismo... com o tempo eu comecei a ampliar os horizontes. Comecei a entender a questão do autismo como deficiência e como deficiência faz parte daquele grupo grande de opressões que a gente conhece, né? negros, mulheres... tudo que a gente chama de minoria... então, já abriu mais a minha percepção. Começou a entrar mais no assunto da deficiência em si... daquela questão das mães que são romantizadas, endeusadas pra depois todo mundo virar as costas.. do abandono paterno, então começa um monte de coisa aí que não tem muito como você tirar uma coisa da outra. Então, acho que quando você tá falando de deficiência, você tá falando de minoria, tá falando de opressão, você tá falando de feminismo.... porque tem tanto a questão da mulher com deficiência que é muito mais propensa a sofrer violência de todos os tipos, como também das mães e cuidadoras que sofrem em dobro essa... toda essa questão da romantização que tem de que a maternidade é a realização da vida da mulher... que a mulher foi feita pra isso e ser mãe é uma benção, então você largas as costas lá que ela se vira, né? não é a toa que a gente tem um abandono paterno grande.... então, uma coisa leva à outra, leva à outra e é isso aí

Renata Garcia Senlle: o seu ativismo... então, acho que não dá nem pra dizer... ele começou antes ou depois das redes sociais? Não sei nem se dá pra dizer isso.... porque tá muito

Andrea Werner: foi depois... porque, na verdade, eu não comecei o blog como ativismo, né? eu comecei o blog meio como desabafo, queria escrever um pouquinho, ocupar a cabeça, aí começou a virar acolhimento.... porque eu recebia muita mensagem do Brasil inteiro e até de fora do Brasil... o ativismo começou quando as pessoas começaram a me procurar... porque eu já tava, de certa forma, grande nas redes sociais... pra questões específicas que envolviam, principalmente, política. Então, a grande vez que eu entrei nessa coisa do ativismo foi em 2012, 2013, por aí... acabei comprando briga com uma deputada, por motivos, enfim... uma longa história... mas foi quando eu vi que eu realmente tava entrando nessa coisa do ativismo... começa: escola rejeitou matrícula da criança, aí vem a mãe contar coisa, aí você começa, entendeu? Aí não para mais.... aí

você entende que a sua voz tem uma amplitude grande, por conta do alcance que você tem nas redes sociais... você pode usar isso pra pressionar. Isso é importante.

Renata Garcia Senlle: tá, você pode dizer qual foi esse caso ou essa deputada?

Andrea Werner: [risos] hoje em dia a gente tem uma relação bem cordial... então, é a Mara Gabrilli... porque quando foi aprovada a lei que coloca o autista como pessoa com deficiência, que é a Lei 12764, tinha um parágrafo na lei que falava que o gestor escolar, ou seja, o diretor de escola, que recusasse a matrícula de criança autista, seria punido... tinha lá: multa, isso, aquilo e aquilo outro... a lei foi votada e tudo. Quando a Dilma foi sancionar ela vetou esse parágrafo... esse parágrafo falava que... na verdade, ela não vetou o parágrafo... ela vetou um inciso que vinha abaixo do parágrafo que falava que o gestor ia ser punido, né? o gestor que recusasse a matrícula... aí tinha um inciso que era: exceto em casos em que comprovada necessidades da criança fique provado que o ensino fora da rede regular é mais benéfico pra ela, algo assim, entendeu? A Dilma olhou aquilo e falou: peraí, todo gestor escolar vai usar isso como desculpa. “Olha, tô olhando aqui que pelas necessidades específicas do seu filho, o ensino regular não é o melhor lugar pra ele fazer a matrícula”... a posição dela foi muito acertada... só que um grupo de pais muito ligado a questão da escola especializada... enfim... entraram em contato com a Mara Gabrilli pra derrubar esse veto da Dilma. Aí, me procuraram justamente por isso... outros ativistas, vieram até de ONGs... pedindo pra ajudar nesse aspecto... eu comecei uma campanha no Facebook que as mães mandavam foto falando: Mara Gabrilli não me representa... virou um álbum gigante... ela acabou ficando meio mexida... chamou a gente pra ir lá no escritório dela, eu e mais outros ativistas, e ela se comprometeu a não derrubar o veto da Dilma. Então, foi a primeira vez, assim... fiz um barulho que eu queria fazer... só que tinha muito menos seguidor do que eu tenho hoje, né? mas, meu ativismo começou aí...

Renata Garcia Senlle: então, dá pra dizer que seu ativismo começou também por conta da maternidade?

Andrea Werner: sim... deixa eu só fechar o WhatsApp porque tá fazendo barulho... fechei

Renata Garcia Senlle: você já pensou a importância das redes sociais pro seu ativismo?

Andrea Werner: totalmente, na verdade acho que pra qualquer ativismo hoje em dia, né? é muito difícil um ativismo sem redes sociais... pessoal criou aquela expressão bem feia que é “ativista de sofá”, mas eu acho que mesmo o ativista de sofá consegue fazer muito, mobilizar muito... eu já consegui, por exemplo, fazer a LATAM responder uma mãe que tinha negado uma passagem... coisas assim... tudo on-line, sabe? tudo fazendo protesto on-line... tudo marcando as empresas, tudo marcando as pessoas... então, assim, gera um resultado... porque redes sociais meio que virou uma segunda comunidade: todo mundo tá lá, a maioria das pessoas tão lá... então você atingir as pessoas que tão lá, principalmente quando elas fazem alguma coisa errada, pra elas é muito grave... elas vão tentar resolver aquilo, né?

Renata Garcia Senlle: e você consegue enxergar como as redes sociais... o fato da gente ter esse espaço das redes sociais, mudou a sua percepção dentro da sua maternidade, ao longo desse tempo, dessa sua trajetória em redes sociais?

Andrea Werner: minha vida mudou tanto que fica até difícil... eu tinha uma profissão nada a ver, assim. Eu sou formada em jornalismo, mas eu trabalhava com marketing, com inteligência de mercado, com conhecimento do consumidor, empresa grande... achava

que essa ia ser a minha vida, né? trabalhava com carteira assinada, horário integral, aí veio o diagnóstico do Theo... em pouco tempo eu percebi que não ia rolar, parei de trabalhar pra levar ele nas terapias. O blog começou justamente pra tentar ocupar um pouquinho a cabeça... porque eu sempre tinha trabalhado e de repente parei pra ficar mãe em tempo integral, mas depois disso veio tanta coisa a mais... por conta do crescimento do blog via redes sociais... hoje em dia praticamente não tenho blog, eu deixo ele lá pra se alguém procurar no google vai ter lá informação... porque eu sei que as mães chegam do médico, depois do diagnóstico, e vão pro google... então, eu quero que elas achem uma informação confiável, porque também tem muito lixo na internet... mas, hoje em dia o blog não tem a importância que tem as redes que eu tenho... eu posto informação, posto direto nas redes... através disso, do contato com as pessoas... as pessoas acabaram vindo pros piqueniques inclusivos que eu comecei a fazer lá em 2014, acabaram vindo os dois livros que eu escrevi, acabou vindo uma outra carreira, né? mudou completamente o rumo da minha vida

Renata Garcia Senlle: tudo por conta dessa articulação em rede mesmo?

Andrea Werner: sim

Renata Garcia Senlle: o blog você diz que deixa ele lá mas não alimenta ele mais, né?

Andrea Werner: não, não alimento mais... vai fazer quase um ano que eu coloquei o último post lá... porque as pessoas... na verdade, as próprias redes têm um algoritmo que não favorece você sair delas, né? você posta um link pra alguma coisa e já dificulta exibir aquilo pra que as pessoas não saiam daquela rede.... outra coisa é que eu comecei a ver que tava rolando muito plágio de texto meu... as pessoas copiavam do blog e colavam em post do Facebook

Renata Garcia Senlle: gente...

Andrea Werner: então, pensei: vou colocar meus textos do blog no Facebook... essa semana mesmo teve um texto de 2016 que eu vi que já tava em post por aí, de pessoa sem colocar meu nome.... falei: bom, já que que tá assim eu vou postar ele... postei no Instagram, postei como thread no Twitter, viralizou... saiu no Quebrando o Tabu, uma loucura, enfim...

Renata Garcia Senlle: qual é esse texto?

Andrea Werner: “Quando seu filho se encontrar com o meu”... ele teve, sei lá, uns cinco mil compartilhamentos no Quebrando o Tabu e no Instagram também...no Twitter ele teve uns dez mil retuites... então, o que eu faço de vez em quando é pegar texto do blog e postar com uma foto bonita no instagram, replico no Facebook, faço uma thread no Twitter e é isso

Renata Garcia Senlle: reaproveita o conteúdo?

Andrea Werner: mas, quanto ao blog mesmo... eu acho que já esgotei esse assunto, esse assunto muito ligado ao autismo que era quando o blog começou... então, eu acho que não tenho nada a acrescentar no blog, especificamente...

Renata Garcia Senlle: hein, você falou do feminismo... que você chegou num ponto de entender as estruturas de opressão e isso chegou a te levar... você se declara feminista? Como que você chegou no feminismo? Isso também tem uma ligação com a maternidade? E com os seus ativismos?

Andrea Werner: ah, foi o conjunto da obra... eu não sabia muito bem o que era feminismo... comecei a me inteirar... porque alguns perfis foram caindo pra mim nas redes sociais... pessoas mais do lado esquerdo... comecei a ler umas coisas que faziam muito sentido... perceber o que tava por trás daquilo ali... ainda por cima em 2014 eu fui morar na Suécia... eu nunca vou esquecer isso: a primeira semana que eu tava lá na casa nova na Suécia, umas vizinhas me chamaram pra tomar um café... então, era uma vizinha de casa, umas três que moravam ao redor e me chamaram pra tomar café.... meu marido tava viajando, nessa semana, à trabalho... aí eu lembro que assim... conversando no café com elas eu falei: a cerca do quintal tá estragada, ela deu problema, mas eu vou esperar o marido voltar pra ele consertar porque isso é coisa de homem... as três quase engasgaram com o café... olharam pra minha cara assim: isso não é uma coisa que você diga pra uma mulher sueca.... eu quis morrer, sabe? porque eu não tinha muita consciência dessas coisas sutis: coisas de homem e coisa de mulher. Lá é um tipo de lugar que não tem como você não quebrar esse tipo de paradigma porque os homens dividem a licença maternidade com as mulheres, você vê na rua o mesmo tanto de homem empurrando carrinho de bebê, você vê de homem... tem uma cena inesquecível que eu vi lá uma vez... era em um café, assim, tinha uma mesa no café, tinha três caras sentados, cada um com a sua cerveja, café, tudo... cada um com o seu carrinho de bebê... então, mexe muito com as estruturas que a gente tá acostumado na América Latina patriarcal, católica... essa coisa toda... então, a Suécia foi bem essencial, assim, por esse lado, também...

Renata Garcia Senlle: isso foi 2014, né?

Andrea Werner: foi, foi 2014... então, eu comecei a tocar mais nesses assuntos... de questões de gênero... eu já tinha começado a falar... porque a primeira ficha que caiu em relação à opressão foi LGBTs e negros... então, eu comecei a falar com relação ao racismo... comecei a falar que, por exemplo, pai de autista que é homofóbico é hipócrita... deu problema, perdi seguidor... ai vinha: ah, gostava mais quando você falava só de autismo... porque as pessoas querem que você fale o que elas querem ouvir, né?

Renata Garcia Senlle: exato, sim

Andrea Werner: mas essa dimensão do feminismo em si... ela realmente despertou em mim foi mais na Suécia... convivendo com as mulheres brasileiras que viviam lá e tinham maridos suecos, relatavam as coisas... a própria relação que eu tive com suecas lá, de ver, visitar a prefeitura de Estocolmo e ver que era meio a meio, era 50% homem e 50% mulher vereadores... já teve vez que foi 51 e 49, mais mulher que homem

Renata Garcia Senlle: nossa

Andrea Werner: é! Eles têm, assim, cota pra diretoria em empresa.... eles têm umas leis super ligadas nisso tudo... então... me despertou bastante pra questão do feminismo o fato de ter morado na Suécia

Renata Garcia Senlle: não sei se você já pensou a respeito.... se você exerce uma maternidade feminista, em primeiro lugar... se você diz, você declara isso hoje em dia?

Andrea Werner: ah, sim...

Renata Garcia Senlle: e o que seria essa maternidade feminista pra você?

Andrea Werner: é entender que a maternidade é só um lado da minha vida, ele não é a minha vida inteira... então, hoje em dia até penso assim: amo meu filho e eu sempre quis ser mãe, mas eu não sei se eu seria infeliz se eu não fosse mãe... pensar outras

possibilidades... então, ah, isso é tudo, é a minha vida, eu não seria nada... não, é um lado da minha vida que eu gosto muito, mas não é a minha vida inteira. Eu tenho um marido que também entende muito por esse lado... então, ele é super parceiro, no sentido que maridos devem ser mesmo... até quando a gente morava fora e ele viajava muito a trabalho... então, tinha vezes que ele falava: você não quer viajar com alguma amiga sua? Tinha uma amiga que morava em Londres, era pertinho, a gente se encontrava em algum lugar... ele falava: eu fico aqui uns quatro, cinco dias com o Theo... vai passear e descansar um pouco... a mulherada que me seguia falava: ual, ele fica sozinho com o filho autista... algumas até falavam: mas quando você viaja quem fica com o Theo? Como assim quem fica com o Theo? Mas, isso tudo faz parte... quando a gente tá falando de maternidade atípica e de feminismo, a gente tem que pegar mais forte com isso porque toda essa concepção de que o filho é responsabilidade da mulher e fim, ela pesa o triplo quando o filho tem alguma deficiência... tanto que é muito comum que os homens se mandem, vão embora... acho que a gente contribui pra isso... pro discurso da mãe especial, o cara pensa “ela é especial, eu não, vou embora”

Renata Garcia Senlle: não preciso dar conta disso...

Andrea Werner: sim e tem uma carga muito pesada em cima da mãe que é... isso até no nosso meio amigo, assim... uns discursos que se a criança progrediu muito: “é mérito da mãe, é a mãe que estimulou, a mãe que abdicou da vida, não pintou o cabelo, nunca mais fez a unha, nunca mais namorou nem nada e é por isso que essa criança melhorou. Se a criança não melhorou? Olha... essa mãe tá empoderada demais...” já li isso com essas palavras, em posts de mães de autistas

Renata Garcia Senlle: nossa...

Andrea Werner: eu comecei a perceber que: não, a gente não pode.... pensa nos anos 1980, aquelas mães que os filhos não tinham nem diagnóstico... aquela época nem sabia direito o que era autismo... o menino não falava... aí o médico falava que tava mimado, que a mãe dava tudo na mão, que ela não estimulava... as mães lá arrancando os cabelos sem ter o que fazer... estimulando como dava... largando emprego, largava tudo pra ficar com aquele filho estimulando... sem nem saber o diagnóstico... você vai falar realmente que aquele filho - e eu conheço vários adultos autistas severos - que a mãe não estimulou? Então, é muito cruel, sabe?

Renata Garcia Senlle: muito cruel...

Andrea Werner: é muito cruel... isso pesa demais em cima da gente... e, tem algumas que curtem isso... de falar: ele fez isso tudo porque eu, eu, eu... sempre tomo muito cuidado toda vez que eu posto algo do Theo... qualquer progresso que seja que o Theo teve: chove no meu inbox: que remédio que ele tá tomando? Que terapia ele tá fazendo? Eu falo: gente, esse menino foi diagnosticado com dois anos... ele fez muita coisa desde os dois anos...

Renata Garcia Senlle: é o conjunto da obra, né?

Andrea Werner: mas eu poderia vender aquilo como: olha que mãe foda que eu sou, porque eu, eu, eu

Renata Garcia Senlle: abdiquei, né?

Andrea Werner: sim... e, eu nunca compro esse discurso porque eu não quero que mães se sintam mal com esse discurso assim como eu já me senti mal de ler discursos assim...

existem muitas fazendo esse tipo de discurso... é algo horroroso que tem no nosso meio... então, a gente precisa do feminismo, nesse caso da maternidade atípica, primeiro pra mostrar que o homem também tem responsabilidade, que não é porque a mulher é mãe que “é amor incondicional, não sei o que, da criança especial”... você vai num lugar desses, AACD, só tem mãe, não tem pai... os pais vão embora, APAE, mesma coisa... outra coisa é esse discurso de que quanto mais você se abdicar da sua vida, se anular, mais seu filho vai ficar bom... gente, isso é tão cruel... é o patriarcado de novo, né? é mais uma forma de dominação em cima das mulheres... fica aí, se anula, fica com o filho em casa, não enche o saco

Renata Garcia Senlle: não faça mais nada...

Andrea Werner: porque só assim o seu filho vai melhorar... ou qualquer coisa dessas. Essa cobrança de que a gente faça milagres, né? a gente tem que abdicar de tudo, tem que fazer milagre, não é mole...isso tudo faz parte de uma estrutura de dominação

Renata Garcia Senlle: e não reclamar também, né? porque é a obra da sua vida

Andrea Werner: deus não dá um fardo maior do que o que você pode carregar, né? então, a gente escuta isso direto

Renata Garcia Senlle: exatamente

Andrea Werner: muito cruel... extremamente cruel e é extremamente machista. Tento fazer as colegas que me seguem enxergarem o machismo por trás disso porque tem muito machismo... aí quando aparece, assim, um pai, um pai que foi a mulher que abandonou e deixou ele com um filho: ual, que paizão, que maravilhoso, olha o amor dele, isso que é amor... eu falo: oi? Tipo... um em um milhão e agora vai ficar sendo endeusado? Quantas mulheres são abandonadas todo dia e ninguém fica... tá achando que tá fazendo obrigação... afinal de contas é a mãe que tem amor incondicional... então, é muito diferente o tratamento, é muito desigual...

Renata Garcia Senlle: exatamente... aí... especialmente em relação à candidatura em 2018... primeiro, até indo direto pro uso das redes sociais, você criou uma página, né? específica pra sua candidatura...

Andrea Werner: eu fiz um site, sim

Renata Garcia Senlle: e fez uma fanpage também

Andrea Werner: já tinha... bem, eu não lembro... sinceramente eu tenho que lembrar se eu já tinha essa página Andrea Werner em 2018 ou se eu já tinha antes... mas, eu acho... opa, caiu [Renata Garcia Senlle sai da transmissão e sem seguida volta]

Renata Garcia Senlle: oi?

Andrea Werner: oi! Voltou?

Renata Garcia Senlle: que doidera, mas tá gravando ainda, estamos aqui

Andrea Werner: é, eu tava falando que eu não lembro se foi em 2018 que eu fiz a fanpage, mas pode ser que seja... porque se tinha antes eu particularmente não usava... mas a gente achou bom separar a parte mais política do Lagarta, sabe?

Renata Garcia Senlle: entendi, deixar separado... eu até salvei algum... deixa eu ver se eu acho ele aqui....

Andrea Werner: mas eu compartilhei a maioria dos conteúdos no Lagarta, assim... mas eu achei mais importante ter o Andrea pra quando eu quisesse falar mais porrada de política, sabe?

Renata Garcia Senlle: é, isso mesmo... tá como seu pessoal, como Andrea Werner mesmo... não foi uma outra específica, né? só pra candidatura

Andrea Werner: é, mas não daria pra eu ignorar o 'lagarta', é onde eu tinha muito mais seguidores

Renata Garcia Senlle: é onde você conseguiria falar, né?

Andrea Werner: não daria, menor chance

Renata Garcia Senlle: então, você utilizou sua própria base de seguidores pra sua própria candidatura? Aí... especialmente em relação ao Facebook... qual foi a importância do Facebook pra sua campanha?

Andrea Werner: nossa, foi essencial... porque a verdade é: eu nunca fui militante de partido nenhum, eu não conhecia ninguém dentro de partido... e, quem se elege dentro de partidos... vou falar da realidade que eu vi, né? é gente que já tava na militância há muito tempo, que já conhece uma turma... aí bota a turma pra trabalhar, pra panfletar, fazer um barulho e não sei o que... tem uma importância dentro do partido porque está lá, tem anos de militância... e, eu não era nada disso... eu não tinha alguém por trás do partido pra falar: nossa, essa pessoa é muito bacana... não tinha... então, não pude contar com muita coisa... então eu usei o que eu tinha que era o poder de sempre conseguir disseminar bem coisas nas redes sociais... e foi super bem... teve vídeo meu que teve 300.000 de alcance, foi surreal

Renata Garcia Senlle: incrível... e o que aconteceu na sua vida que você falou: vou me candidatar? Com essas pautas que você... e se você puder dizer quais são as pautas que você levantou na sua candidatura....

Andrea Werner: eu tinha... no início do ano eu recebi um convite do nada, assim, nunca tinha nem considerado... eu quase faleci, assim, sabe? foi uma porrada... e, convite de um partido nada a ver: PODEMOS, sabe? eu fiquei meio revoltada de tipo... como que vem um partido como o PODEMOS me convidar pra... sabe? fiquei meio assim... mas, aí meu marido virou e falou: ok, ignora o que é o PODEMOS, já que isso aconteceu... começa a considerar... pensa a respeito.... você acha que faz sentido? Eu tinha a maior rejeição, como todo brasileiro médio, eu tinha essa rejeição com a política "todo mundo é ladrão"... esse tipo de coisa... aí aconteceu umas audiências públicas por conta das escolas conveniadas de autistas aqui em São Paulo.... eu fui lá, eu fiz uma fala bacana na audiência pública.... aí tinha um deputado estadual do PSOL lá, que é o Janasi, que me viu e me chamou num canto: vamos conversar? Resumo: ele me convenceu a me candidatar como federal pelo PSOL que é um partido, assim, que eu tinha afinidade... eu gostava de umas figuras do PSOL... mas, basicamente o que me convenceu mesmo foi pensar: bom, e se eu tiver a caneta na mão? Porque uma coisa é você fazer ativismo mais focado na internet, mas no momento que você tem a caneta na mão você pode fazer muito mais diferença... será que eu consigo lidar com os meus próprios preconceitos com relação à política e enfrentar isso? Será que eu vou conseguir lidar com o hate? Porque vai ter muito... as pessoas têm essa rejeição... o partido em si tem rejeição... então, como eu vou fazer? Mas eu jamais conseguiria outro partido porque, pra mim, coerência é uma coisa muito importante... mas, eu resolvi tentar pensando que seria uma forma mais poderosa e concreta de tentar fazer a diferença mesmo, né?

Renata Garcia Senlle: sim... bacana... e aí a divulgação desse trabalho... você trabalhou com posts orgânicos e patrocinados?

Andrea Werner: ah, a maioria do dinheiro que eu usei foi patrocinando posts... até porque eu nunca gostei de papel... essa coisa me irrita, as pessoas jogam no chão, aquilo me dá... e eu não sou ecochata, mas eu realmente não aguento ver folheto no chão... então, a gente realmente... já que o que eu fazia bem, que eu sempre fiz bem, era on-line... a gente resolveu investir mais nisso aí mesmo... eu tive... não vou nem falar que é sorte porque foi um período horrível nesse aspecto... mas, meu marido tava desempregado, ele ficou desempregado quase... um ano ele ficou desempregado, durante toda minha campanha ele tava desempregado... e ele é um marqueteiro top, como diria o pessoal fariálimer, ele é um marqueteiro muito bom... então, ele comprou um negócio pra fazer a filmagem dos nossos vídeos, ele editava, ele fazia o impulsionamento no Facebook, eu tive um supermaqueteiro caseiro... maravilhoso... ajudou tanto no direcionamento quanto no material, na edição, em tudo, né? foi tudo caseiro... era eu, o meu marido, o Samir Salim que é tuiteiro... que é esse meu amigo que lá em 2012 falou: faz uma página no Facebook....

Renata Garcia Senlle: ah, sim..

Andrea Werner: ele que eu chamei. no início ele falou: não, não, não faz isso... depois ele acabou vendo que fazia sentido... e até hoje ele é meu assessor gratuito que eu falo... mais um amigo do meu marido que, de vez em quando, tava aqui também... fez GV com ele... era nossa turma de: vamos discutir agora como vai ser a ação, o que vamos fazer

Renata Garcia Senlle: essa era a equipe... a pergunta que eu vou fazer é até um pouco óbvia... mas, qual a importância que teve... que as redes sociais tiveram pra sua candidatura em 2018?

Andrea Werner: a maior importância que pode ter... eu só era conhecida por conta das redes sociais, eu não era militante... pensando por esse lado, eu fui uma super novidade na política... pelo menos no meu partido... porque isso não existia. A pauta da deficiência era muito ligada à direita, num modelo muito caricato e assistencialista... a Mara Gabrielli é que mais se sobressai nisso... ela não é modelo caritativo nem nada... mas, quem mais acaba aparecendo em coisas com relação à deficiência é o pessoal da direita que dá uma verba pra APAE, sempre num modelo muito assistencialista e não ligado a direitos e à cidadania que era minha pauta

Renata Garcia Senlle: não como política pública...

Andrea Werner: exatamente... então, a questão da deficiência é que ela é uma pauta transversal.... não é igual, por exemplo, uma candidata que é o feminismo... é obvio que ela vai sair por um partido de esquerda, uma pessoa que é movimento negro? É obvio que vai ser de um partido de esquerda... agora você fala: deficiência... a pessoa fica [procurando algo com o rosto]... porque ela é transversal... tem gente na direita, tem gente na esquerda... muda o enfoque, mas, assim.... tem muita gente brigando por essa causa de todas as formas, né? então, acho que até o partido ficou meio sem saber o que fazer... porque eu não sou pessoa com deficiência, eu não tenho o lugar de fala... tô falando da deficiência, mas eu sou mãe... ficou uma coisa muito estranha, eles não sabiam muito o que fazer comigo...

Renata Garcia Senlle: onde te colocar?

Andrea Werner: eu dou um desconto pra eles por conta disso... tipo: quem é essa pessoa? Nunca vimos ela militando... pra você ter noção: o primeiro 8 de março que eu fui, foi ano passado... passeata na Paulista... “nunca vi ela, assim, fazendo post de feminismo, a gente nunca viu ela em caminhada, sei lá, pela democracia”, não era, não é o meu perfil... tava em outro lugar... na internet... quem não tinha filho com deficiência, quem não era mãe, não sabia quem era eu

Renata Garcia Senlle: quais foram suas pautas pra candidatura? Você sabe, assim, elencar tópicos? Quais foram as principais?

Andrea Werner: eu usei duas hashtags... era “Lute como uma Mãe” e “nossos filhos são cidadãos” porque eu falava muito com as mães que a gente já tem muitas leis boas, mas elas não saem do papel, tem isso... a gente tem a lei brasileira de inclusão que é maravilhosa, que ainda tá sendo regulamentada... mas, assim, ainda falta reconhecimento de que, realmente, pessoas com deficiência são cidadãs... então, o que a gente vê é muito assim... a desumanização, as pessoas falando que eles são especiais, chamam de anjo... mas, assim, anjo não precisa de direito... anjo nem tem sexo, né? anjo não vai querer ir no carnaval na Paulista... anjo... você desumaniza... por mais que seja com uma palavra bacana, então comecei a falar muito dessa questão da cidadania de direitos... com relação à inclusão escolar... porque, por exemplo, a gente ainda não tem capacitação dos professores... um dos maiores pânicos de qualquer mãe com pessoa com deficiência que não tem autonomia que é: quem vai cuidar dele depois que eu morrer? É uma questão que tem muito no exterior e aqui a gente praticamente não tem... quando tem é particular e custa uma fortuna... são as residências assistidas ou inclusivas pra essas pessoas poderem... a gente tem muitas pessoas com deficiência em situação de rua, principalmente questões mentais, né? porque o pai morre, a mãe morre, é dependente, não consegue trabalhar, não vai conseguir pagar as contas e vai pra rua.... então, tinha pautas bem urgentes aí...eu comecei a falar muito, desde 2018, da questão materna porque é meu lugar de fala... então, saúde mental materna... eu fiz muitas rodas de conversa... comecei a ouvir muitos relatos de suicídio dessas mães que os caras abandonam e aí ficam dependendo do BPC, governo corta BPC, aí tenta se matar, tenta matar o filho junto... vira uma desgraça só... então, quando tem um foco, é muito o foco na criança, no adolescente, no adulto com adolescência... mas todo mundo esquece que por trás tem um cuidador que tá com a saúde mental deteriorada na maioria das vezes, né? problema não é a pessoa com deficiência, é a falta de suporte – e falta muito suporte!. Eu tinha essa pauta também do suporte para as mães cuidadoras... enfim...o básico foi isso aí

Renata Garcia Senlle: tá, bacana...e em relação a bancada de mães ativistas? Porque eu comecei minha pesquisa a partir de te acompanhar pelas redes sociais, mas com um pouco mais de distância... mas proximidade da Anne e da Lígia

Andrea Werner: eram as minhas proximidades também

Renata Garcia Senlle: aí foi que me deu um click de começar a pesquisar o ativismo digital materno catalisando pro lado político... aí fui olhando, buscando os posts de vocês nas redes... durante as eleições e encontrei um específico que é a bancada de mães ativistas... eu não sei se você se lembra desse post que aquele que reúne onze candidatas... que tem foto de cada uma das onze candidatas espalhadas pelo Brasil... aí que me chamou a atenção: nossa, não são só três, então tem mais realmente... eu tenho uma amostra maior... pra olhar... aí que eu fui atrás... queria saber se você se lembra desse post e da onde ele veio... porque eu queria entender da onde veio essa ideia de juntar as onze e quem criou isso?

Andrea Werner: que eu saiba foi a Ligia

Renata Garcia Senlle: a Ligia?

Andrea Werner: é... ela quem fez o grupinho no Whats, que eu me lembre foi ela

Renata Garcia Senlle: então ela que deve, provavelmente, ter organizado essa divulgação conjunta

Andrea Werner: ela quem fazia as artes, ela providenciava as artes... foi ela

Renata Garcia Senlle: tô pra falar com ela e eu não consigo o retorno dela.... depois queria até sua ajuda, se puder dar esse toque, te agradeço... e aí, qual a importância de uma bancada de mães ativistas na política, para você?

Andrea Werner: a gente tem mães na política, né? mas, mães ativistas a gente não tem... não adianta a gente tentar dourar a pílula, né? tem que ser mãe progressista, as grandes questões que a gente tem só vão ser mexidas com pessoas progressistas legislando... não dá pra fingir, cara... não adianta ter, sei lá, o Rigoni, deputado cego, que votou a reforma da previdência que prejudica um monte as pessoas com deficiência... então, a representatividade ela importa se as pessoas tiverem comprometidas de verdade com as pautas... uma coisa que eu percebi em 2018 é que a gente começou a ter campanha de: vote nelas, vote em mulheres... não sei o que... e eu falei: caramba, elegemos Joyce Hasselman, Carla Zambelli, que diferença elas tão fazendo? Então, tem que ser pessoas que tão comprometidas em mudar o que a gente precisa mudar de estrutural mesmo... dos problemas... discutir papel de gênero... discutir um monte de coisa... suporte dado a mulher que trabalha fora, não tem creche, não tem escola em tempo integral... e a gente precisa mexer em assuntos como estereotipo de gênero pra falar disso, papel que a sociedade designa às mulheres... não tem escola? Se vira, você não tem que trabalhar, você tem marido que te sustenta, entendeu? Não precisa disso... a gente precisa falar desses assuntos...

Renata Garcia Senlle: ótimo. Eu esgotei as minhas perguntas... não sei se você queria, quer, complementar com alguma coisa que você acha importante em relação a ativismo, feminismo, maternidade e política

Andrea Werner: acho que assim... uma coisa que quando eu comecei lá atrás a falar de LGBT etc é: ah, gostava mais quando você só falava de autismo... feminismo a mesma coisa... no momento em que eu comecei a tocar em assuntos políticos do tipo “Paulo Guedes está com um projeto de lei que vai sucatear o programa de cotas pra pessoas com deficiência no mercado de trabalho, num nível que a pessoa pode escolher pagar uma multa e não contratar a pessoa com deficiência” é maravilhoso para os empresários, aí você começa a falar e começa a realmente bater no governo por conta disso... aí vem alguém e fala: você está politizando muito o assunto, porque você não é mais mãe, você é política... e o que eu tenho falado muito com as pessoas é: gente, me ajuda aqui, tudo é político, ser mãe é político, ser mãe de uma pessoa com deficiência é mais político ainda... conquista de direitos e a retirada de direitos ela é feita através da política, então se a gente não entrar lá a gente vai ter um bando de gente que não sabe o que a gente vive legislando por nós, não dá pra gente se abster disso... fechar, tampar o nariz e falar: eu detesto política, não quero nem ler... cara, sua vida está sendo regida por gente que adora política

Renata Garcia Senlle: e que se beneficiam dela, né?

Andrea Werner: é, eu tenho falado muito isso... “gente, presta atenção, não dá para não politizar certas coisas, não dá...” então, eu espero que o trabalho de formiguinha seja valendo, nem que seja só online ou nas minhas palestras, eu faço muitas, eu também sempre toco nesses assuntos... as pessoas têm que acordar, não dá mais pra gente falar que não gosta de política, não quero que politize esse assunto. A situação no nosso país hoje é muito grave

Renata Garcia Senlle: sim... bom adendo! Ah, era isso Andrea, super obrigada pelo tempo, pela disponibilidade...

Andrea Werner: eu não assinei o negócio porque eu não tenho negócio de assinar eletrônico... vou ter que imprimir... enfim

Renata Garcia Senlle: pois é... depois se você quiser... me mandar uma foto dele assinado, não tem problema... é muito mais uma questão burocrática, assim, até pra você sinalizar o que você quer... essa entrevista vai ficar em modo não listado, não vou divulgá-la... e se vocês quiserem não divulgar nem com a banca, só descrevo

Andrea Werner: não, não tem problema nenhum... só fico meio assim porque cite Mara Gabrilli hoje a gente tem uma relação, mas foi uma coisa que ela fica muito magoada comigo naquela época

Renata Garcia Senlle: e não pretendo divulgá-la mesmo não, é só pra eu poder voltar depois e pegar...

Andrea Werner: não... sem problema nenhum... pra banca, manda ver! sem problema nenhum

Renata Garcia Senlle: beleza... aí você me manda quando você puder, não tem problema

Andrea Werner: tá bom, combinado. você quer o contato da Ligia?

Renata Garcia Senlle: quero muito

Andrea Werner: eu te passo agora, assim que eu desligar...

Renata Garcia Senlle: maravilha

Andrea Werner: tá bom?

Renata Garcia Senlle: fechado, tá ótimo! Super obrigada, Andrea

Andrea Werner: um beijo

Renata Garcia Senlle: beijo, boa tarde

ANEXO D- Transcrição: Anne Rammi

(50:03) - 03/03/20 - <https://youtu.be/FsxsYlcvY5o>

Renata Garcia Senlle: Aê, agora sim. Gravando então. Então, essa entrevista é parte da minha dissertação de mestrado, onde eu tô analisando a bancada de mães ativistas e o uso das redes sociais por esse público. Então, eu vou começar com as questões sócio demográficas: primeiro, idade? Você tá com quantos anos, Anne?

Anne Rammi: 40... eu respondo já, sobre o hoje, ou sobre o ano passado?

Renata Garcia Senlle: hoje, sobre hoje... cidade, estado e país... agora temos uma mudança, né?

Anne Rammi: como é minha cidade? Londres, UK...

Renata Garcia Senlle: olha! Gênero autodeclarado?

Anne Rammi: mulher!

Renata Garcia Senlle: classe social?

Anne Rammi: média, classe média

Renata Garcia Senlle: cor/raça/etnia autodeclarada?

Anne Rammi: branca

Renata Garcia Senlle: mãe de três filhos?

Anne Rammi: sim

Renata Garcia Senlle: estado civil?

Anne Rammi: casada

Renata Garcia Senlle: orientação sexual?

Anne Rammi: hétero

Renata Garcia Senlle: você já tinha sido candidata antes?

Anne Rammi: não

Renata Garcia Senlle: primeira candidatura... foi em 2018?

Anne Rammi: na verdade eu fui candidata ao conselho participativo, não sei se isso conta

Renata Garcia Senlle: acho que vale mencionar, mas... é a primeira candidatura à política? Não como cidadã...

Anne Rammi: aham...

Renata Garcia Senlle: em relação ao uso de rede social... quando é que você começou a usar as redes sociais? Você lembra?

Anne Rammi: comecei a usar em 2008

Renata Garcia Senlle: 2008... que uso? Você lembra?

Anne Rammi: ah, a categoria mais tonta do uso...

Renata Garcia Senlle: Orkut? pessoal?

Anne Rammi: nossa, tem o Orkut, é verdade... então foi muito antes que comecei a usar as redes... Orkut, deixa eu pensar... 2005... 2005 eu já tava no Orkut, talvez um pouquinho antes... eu lembro antes, na faculdade, eu usava o ICQ, sabe?

Renata Garcia Senlle: sim, também... preciso até ver se o ICQ entra na categoria de rede social...

Anne Rammi: [risos]

Renata Garcia Senlle: porque você conversa com uma pessoa só, né? não sei se é uma rede, né?

Anne Rammi: é...

Renata Garcia Senlle: é diferente... tipo, no WhatsApp você consegue formar grupos, de fato, mas o ICQ acho que ainda não entra nessa categoria... os blogs que entram... você começou em que ano, você lembra?

Anne Rammi: então, foi isso, entrei oficialmente no blog em 2009... antes disso eu tava no Orkut, tava no Facebook, mas essa coisa bem... não fazia nada, ficava só vendo comunidade boba, não tinha muita questão

Renata Garcia Senlle: que redes que você usa hoje?

Anne Rammi: hoje eu tô mais no Instagram, uso LinkedIn, uso o próprio WhatsApp... bastante... tô caída no Facebook, dei uma parada... acho que é isso... Twitter eu parei também

Renata Garcia Senlle: parou?

Anne Rammi: parei, tô em recuperação [risos] não pode usar muita droga, só um pouco de droga....

Renata Garcia Senlle: Facebook é puxado, né?

Anne Rammi: puxado...

Renata Garcia Senlle: a Andrea Werner me falou que tem uma outra rede que pretende ser um Twitter não tóxico, onde já vão banir, de fato, as pessoas que começarem a levantar discussões, nazistas... esqueci o nome... até anotei pra...

Anne Rammi: mais uma rede

Renata Garcia Senlle: é, coragem pra mais uma rede... e você se diz ativista de quais causas?

Anne Rammi: acabei de lembrar que eu uso duas outras redes: eu uso o Pinterest, muito, e uso o Flipboard

Renata Garcia Senlle: acho que é de notícias, né?

Anne Rammi: é, mas a gente se conecta com gente por lá, né? mas é mais de notícias... exatamente, eu uso pra isso... é um acervo meu de notícias que eu vou montando e as pessoas acabam seguindo, né?

Renata Garcia Senlle: sim... nunca tinha pensado no Flipboard pra isso. Boa. Aí, você é ativista de quais causas?

Anne Rammi: maternidades, infâncias e natureza

Renata Garcia Senlle: o seu ativismo começou antes ou depois das redes sociais?

Anne Rammi: depois

Renata Garcia Senlle: depois do que?

Anne Rammi: depois do blog

Renata Garcia Senlle: depois do blog?

Anne Rammi: uhum, do meu primeiro blog

Renata Garcia Senlle: por que? Qual foi a importância disso... das redes pro ativismo em si?

Anne Rammi: eu... quando tive o Joaquim, meu primeiro filho, foi quando eu comecei a escrever o blog. O blog, na verdade, é do final da gestação do Joaquim.... achava que eu tava descobrindo a roda “nossa, vou escrever um blog sobre ser mãe”. Aí, eu percebi que tinha várias outras pessoas fazendo isso, né? não era nenhuma novidade... aí me conectei com essas mulheres, eu tava muito sozinha no pós-parto, me conectei com essas mulheres através das redes sociais e percebi que existiam temas, demandas, urgências muito parecidas que a gente tava enfrentando... uma delas era o tema da violência obstétrica, naquela época nem tinha esse nome... não fosse as redes sociais eu provavelmente não teria descoberto... provavelmente eu teria descoberto que eu tinha sido vítima de violência obstétrica, mas não teria descoberto que aquilo era uma demanda de um grupo muito grande de mães... vi isso na internet, vi isso através das redes sociais

Renata Garcia Senlle: assim você começou o ativismo? Como que você colocou esse ativismo em ação?

Anne Rammi: como mãe de uma criança pequena, depois de duas crianças pequenas, depois de três crianças pequenas, eu segui por muito tempo usando o campo digital como plataforma de comunicação... então, as teorias que eu me deparava e que eu entendia... muito também embasada em evidência científica... ali era o lugar da gente trocar as informações de qualidade baseada em evidências e levantar consciência das pessoas pros temas que tavam ligados à parto e gestação e, em seguida, amamentação... porque daí como meus filhos foram crescendo e a minha vivência como mãe foi também se refinando, eu fui entendendo outros desafios, né? pra usar uma palavra suave... que as mulheres mães tão submetidas e fui engendrando dentro desses lugares... como uma pessoa que tem alguma habilidade com comunicação, escrita, oral... eu comecei a me destacar nesse lugar... as pessoas vinham buscar informações e eu virei uma das referências pra onde as pessoas iam perguntar coisas... então, era um polo de informação sobre uma prática de maternidade independente dos sistemas cruéis que depois a gente veio a entender, né? do patriarcado, do capitalismo, do consumismo.... uma pauta foi puxando a outra...

Renata Garcia Senlle: então, na verdade, acho até que você já respondeu a próxima pergunta que era: quais os impactos das redes, desse uso das redes, em relação aos temas da maternidade ou pra sua maternidade?

Anne Rammi: total, é bem central... não dá pra dissociar

Renata Garcia Senlle: não dá pra dissociar? [Anne confirma com a cabeça] uma coisa alimenta a outra... aí, você se declara feminista?

Anne Rammi: sim

Renata Garcia Senlle: também... qual a importância das redes pro seu feminismo? Você já acabou de falar um pouco

Anne Rammi: as redes foram minhas portas de entrada pras teorias acadêmicas do feminismo, muito embora, com o tempo, né? eu fui reconhecendo que eu tive uma criação de bases feministas inculcadas... coisas que minhas mães, minhas avós me ensinaram que eram absolutamente alinhadas com o que a gente entende por feminismo hoje, mas elas nunca se autodeclararam feministas. Eu peguei minha carteirinha na internet [risos]

Renata Garcia Senlle: já tinha listado, já tinha preenchido os requisitos... era só retirar... muito bom. E o que seria pra você uma maternidade feminista?

Anne Rammi: acho que tem uma, acho que a gente tá construindo uma perspectiva de maternidade feminista e de feminismo que seja materno. É um lugar de encontro entre uma agenda que já tem bastante acúmulo que é o feminismo e uma visão mais holística dessa mulher com capacidades reprodutivas cuja uma ou outras mais vidas humanas dependem que é essa criança e ou vulnerável, né? normalmente a criança... mas também o idoso que tem a mulher/mãe como uma cuidadora ou mantenedora da vida humana. Então, se eu precisasse dar uma definição de maternidade feminista... é aquela que não perde de perspectiva a visão holística do cuidado com as vidas humanas, com a natureza... acho que é o cuidado com as vidas humanas e com a natureza mesmo... eu diria com todas as vidas no planeta, mas acho que isso tá intrínseco em natureza, no tema da natureza... mas, acho que isso tá em formulação ainda, não é uma coisa que tá muito nítida pras pessoas, para os ativismos, para o campo político... é uma coisa que tem que ser muito debatida... e é por isso que a gente tem você, né Renata?

Renata Garcia Senlle: sim, tamo aí tentando articular isso. É difícil mesmo, realmente é tudo novo e as pessoas olham com um desdém, né? pra esses temas... como se realmente fosse uma coisa menor... então, cada grãozinho de areia

Anne Rammi: eu conquistei a minha consciência, eu formei essa opinião de que a maternidade não é uma subpasta do feminismo

Renata Garcia Senlle: sim

Anne Rammi: eu não gosto dessa visão de que o grande guarda-chuva do feminismo e aí a maternidade é uma pauta abaixo disso... acho que é estruturante pro feminismo, aí tem algumas autoras que enveredam por isso, mas eu acho que ainda timidamente... precisa aí de academia...

Renata Garcia Senlle: de corpo mesmo de pesquisa... também acho... tentaremos. aí, a importância das redes sociais pro seu envolvimento político? Se é que tem diretamente

Anne Rammi: eu vou colocar também com uma importância bastante crucial... porque o que aconteceu, a história é a seguinte: eu segui ativando e sendo ativista durante todos os primeiros anos da infância dos meus filhos mais velhos... então, quando o Joaquim tava com sete, ou seja, já tinha sete anos de estrada como blogueira, influenciadora... já tinha construído alguns coletivos de mães que tinham bastante... tem até hoje... bastante atuação digital... as coisas começaram a ficar mais presenciais. As crianças cresceram um pouquinho, então comecei a sair mais de casa, ir pros lugares ativar mesmo, fazer roda, fazer roda... incalculável o número de rodas que eu fui... incalculável o número de palestras que eu dei...

não era mais no digital, mas era sempre sobre o digital. Era tipo: vem falar sobre o ativismo na internet... vamos ver como que internet pode apoiar amamentação... ensina pra gente como faz isso que você faz.... eu fazia isso... então, ela saiu do digital, saiu do mundo dos bytes e veio pro mundo dos átomos... aí no mundo dos átomos é que eu comecei a costurar redes de afeto mesmo, né? gente que começou a perceber que eu tinha alguma possibilidade de influenciar positivamente o campo político... aí eu conheci a Bancada Ativista... a Bancada Ativista... tem toda a parte da escola também que eu pulei... eu entrei na escola pública com as crianças... aí foi o ativismo corpo a corpo, né? ele se expressava muito na internet porque a gente registrava muito do que acontecia no Novos Diálogos da Escola Pública, mas era uma coisa que a gente vivia na carne cotidianamente como mães e pais tentando ocupar as decisões de... os lugares de decisão nas escolas, né? os conselhos escolares... aí encontrei a bancada ativista e comecei a participar como voluntária e apoiadora... então, a bancada ativista começou a me conhecer assim, eu os conheci assim... a gente tinha lá uma relação... isso foi em 2017.... não, 2016, ano de eleição... eu segui acompanhando a bancada depois das eleições na internet... é assim, né? que a gente faz... em 2017 eu já tava com a Lola pequenininha, aí já volta pruma coisa um pouco mais doméstica. Eu tava na internet um dia, a Bancada Ativista postou alguma coisa no Facebook e eu comentei: acho que eu vou me candidatar. Numa de: meu, acho que vocês tem razão, mais gente comum precisa ocupar esses espaços, comum, normal... precisava ocupar esses espaços... chega de político profissional, né? isso foi uma coisa que sempre me incomodou que é o político, a carreira dele ser político. Aí eu, incomodada com isso, falei: por que não? Se eu fico aqui reclamando, por que não testar essa coisa? Deu cinco minutos e um dos mobilizadores, fundadores da bancada ativista... me chamou no inbox e falou: tá falando sério? Eu falei: acho que tô falando sério... “então, vem conversar” ... aí começamos a conversar, pensar nessa coisa da candidatura coletiva que era uma premissa que a bancada já tinha, mas eu ajudei a construir. Enfim, o conato foi pela internet... depois foi tudo braçal, né?

Renata Garcia Senlle: na raça

Anne Rammi: começou pela internet

Renata Garcia Senlle: quando você lançou o blog, especificamente, qual era o objetivo que você tinha com ele?

Anne Rammi: conexão, queria me senti conectadas com as pessoas... tava sozinha... tava passando por esse momento da gestação... fui uma das primeiras do meu grupo de amigas a ter neném... bem feito pra elas, porque agora meus filhos tão tudo grande e os delas são todos pequenos [risos] posso mudar de país, passear, elas não podem [risos]

Renata Garcia Senlle: sacanagem [risos]

Anne Rammi: tava bem sozinha, aí comecei a fazer isso... comecei a buscar gente, a me conectar... no começo eu achei que era... achava que eu tava fazendo um negócio privado, particular... não entendia nada, aí fui entendendo que eu tava sendo seguida, que as pessoas tavam me lendo... tenho amigas que eu fiz na internet que são amigas até hoje, amigas de dez anos

Renata Garcia Senlle: muito doido... aí, nesse meio tempo... teve uma Mamatraca, né? do blog...

Anne Rammi: tem até hoje

Renata Garcia Senlle: até hoje?

Anne Rammi: eu tive o blog, Super Duper, aí era isso.... era aquela pracinha de blogueiras, um monte de blogueira.... a gente todo dia de manhã ia lá, levantava pra ver o que a outra

tinha escrito, se o filho da outra tinha comido, se o filho da outra tinha dormido... aí aos poucos a gente com esse viés um pouco mais político e ativista foi cutucando ali, cutucando aqui, conversando sobre as coisas... aí quatro ou cinco blogueiras da época começaram a entender que precisava se juntar numa coisa mais coletiva... aí surgiu o Mamatraca... na época eram cinco, eu e mais quatro... era pra ser um projeto profissional, assim... profissionalizar o conteúdo que a gente produzia... a gente produzia muito conteúdo... a gente já tava sendo muito assediada por empresa... a gente queria pautar, né? ao invés de ser pautada pelas empresas, nossa intenção era que as mães pudessem pautar os conteúdos, né? aí, a gente se uniu pra criar forças... mas, aos poucos elas foram saindo porque vida, né? um emprego, a outra não sei o que, outra mudou de país... aí eu fiquei sozinha no Mamatraca... desde então... o Mamatraca é de 2011, ele tem milhares de temporadas... tem a temporada ativista, temporada política, tem a temporada que eu convidei mais mulheres pra escrever e foi caindo... agora atualmente o Mamatraca tá na sua temporada Instagram

Renata Garcia Senlle: Instagram, era isso que eu ia perguntar... porque ele era uma plataforma, né? digital... dá pra dizer isso?

Anne Rammi: era, a gente tem até hoje, mas não tá mais sendo alimentado porque a única pessoa que alimenta sou eu, no caso... Youtube, Instagram, Facebook, Pinterest e a gente tinha o próprio site que era uma plataforma... a gente tinha uma rede social dentro do site. Foi bem pioneiro, assim, na época... deu um trabalhão e foi o primeiro polo de conteúdo materno que se enveredou pelo Youtube, muito embora a gente não tenha sido em volume, foi a primeira vez que a gente trouxe essa ideia de: vamos usar vídeo pra falar sobre maternidade... não existia live na época, né? gravava, editava, era um negócio super vagaroso

Renata Garcia Senlle: e era super bem feito mesmo, né? tinha ediçãozinha, roteiro

Anne Rammi: sem dinheiro, sem investimento de nada, mas fazendo... aí foi assim, agora ele tá nessa última fase... última não, né? nessa fase recente que é o Instagram, tenho ficado por lá...

Renata Garcia Senlle: bacana... aí já voltando pra parte da candidatura: como é que foi o uso das redes sociais, especialmente o Facebook... porque o Facebook, na verdade, conecta... é a única rede que acho que todas as candidatas usaram... por isso que tô me focando nele na dissertação, mas como é que foi pra você usar o Facebook e outras redes sociais pra campanha especificamente em 2018?

Anne Rammi: eu acho que o Facebook de alguma forma... peraí um segundinho [Anne fala com a mãe] tá tocando a campanha

Renata Garcia Senlle: quer ir ver? sem problemas... [Anne se ausenta brevemente da entrevista]

Anne Rammi: ela tava dormindo, são os meninos voltando da escola... no Facebook eu tinha criado uma rede já, de afinidades... pessoas me seguiam porque tinham interesse no que eu tava pensando e falando... tinham interesse nas coisas que eu compartilhava, então usar pra fazer a campanha política foi muito natural. A minha figura trazia [filho de Anne fala com ela e aparece no vídeo] trazia credibilidade pro meu povo [filho de Anne dá oi à Renata]

Renata Garcia Senlle: tudo bom? [responde que sim]

Anne Rammi: trazia credibilidade praquelas pessoas e eu sabia que eu tava fazendo isso usando meu capital digital ali pra endossar a candidatura da bancada... candidatura coletiva da bancada ativista. Então, eu usei muito o Facebook, usei muito... porque daí tem tanto minha página pessoal, né? perfil pessoal... perfil do Mamatraca... tem uma outra página que é minha... tinha as páginas que eram Novos Diálogos da Escola Pública... minha incidência

dentro dos grupos... um monte de caminhos [outro filho de Anne chega ao cômodo] Oi, Lucas, vem cá! Vem ver minha amiga... Esse é o Lucas, meu afilhado [apresenta Lucas]

Renata Garcia Senlle: oi! Tudo bom?

Anne Rammi: ela tá no Brasil, sabia?

Renata Garcia Senlle: chega todo mundo...

Anne Rammi: esse é pitiquinho...aí, eu usei muito

Renata Garcia Senlle: você criou um perfil específico pra campanha? Era Anne da Bancada ativista?

Anne Rammi: é!

Renata Garcia Senlle: você fechou?

Anne Rammi: não, eu larguei... tá lá

Renata Garcia Senlle: você não deixou ele oculto? Porque eu procurei todos os posts das candidatas que tavam abertos no período de 15 de agosto a 28 de outubro pra salvar e olhar os estilos de postagem e enfim, ver se tem alguma narrativa que se destaca pra poder analisar mesmo... mas, o seu especificamente da Bancada não tá disponível...

Anne Rammi: é o Anne Rami

Renata Garcia Senlle: é?

Anne Rammi: é, é o mesmo... peraí, só um pouquinho [Anne se ausenta do cômodo] eu tenho a fanpage do Mamatraca e o perfil Anne Rami

Renata Garcia Senlle: sim, eu salvei o Mamatraca

Anne Rammi: é

Renata Garcia Senlle: e salvei o da Bancada... mas aparece pra mim, a maior parte dos conteúdos como não disponível mais.... aí eu falei: gente, será que... achei que você tivesse tirado do ar, enfim, deletou...

Anne Rammi: não, não tirei nada, tá lá

Renata Garcia Senlle: que estranho aparecer como não disponível

Anne Rammi: mas isso no da bancada ativista?

Renata Garcia Senlle: isso! Anne Rami Bancada... aí aparece pra mim dizendo quando o proprietário compartilhou esse conteúdo... geralmente é porque o proprietário compartilhou apenas com um pequeno grupo de pessoas... alterou quem pode ver... aí achei que você tivesse mudado alguma restrição de conteúdo...

Anne Rammi: já vou te mostrar já, peraí... só deixa eu conseguir me logar nesse negócio... acabei de reiniciar o Chrome e ele me deslogou do Facebook... agora tenho que gerar um código

Renata Garcia Senlle: é um saco

Anne Rammi: mas ele não chama Anne da Bancada.... chama Raquel da Bancada... acho que o meu é Anne.Rami, se não me engano

Renata Garcia Senlle: deixa eu abrir o post original pra te falar certinho....

Anne Rammi: ué, por que você não quer me dar o código, Facebook?

Renata Garcia Senlle: é muito doido... porque alguns links ficam disponíveis, outros não...

Anne Rammi: deixa eu ver... entrei no Safari aqui, eu vou conseguir... é essa página aqui, o link dela... ah, é Anne da Bancada chama, eu nem sabia

Renata Garcia Senlle: é...

Anne Rammi: o que é que você tá tentando acessar que não tá...

Renata Garcia Senlle: então, eu salvei todos os posts do período, absolutamente todos, foi um trabalho manual de salvar pra depois eu entender o que que eu queria olhar... fui salvando todos... salvei em coleção dentro do Facebook... salvei por candidata... uma coleção por candidata, alguns posts do seu, em específico, aparecem agora pra mim como indisponíveis porque ele diz pra mim que o proprietário alterou esse perfil de quem pode ver ou não....

Anne Rammi: me fala a data que eu vou olhar em publicações naquelas ferramentas de publicação

Renata Garcia Senlle: eu salvei especificamente todos os posts de 15 de agosto de 2018 a 28 de outubro de 2018

Anne Rammi: 15 de agosto de 2018.... 19 eu tô ainda, perafá... nossa, quanta coisa eu publiquei, pai do céu...

Renata Garcia Senlle: muita... olhar um por um e salvar

Anne Rammi: 18... pelo amor de deus... outubro, tô chegando... vou pegar uma qualquer aqui.. 25 de agosto de 2018... vê se você não vê ela... ah, é porque esse era um compartilhamento da bancada, então não faz sentido nenhum... você precisa ver o que seja original meu, é isso?

Renata Garcia Senlle: é, eu não sei se você mexeu em alguma configuração que bloqueia o acesso porque você tá vendo... mas pra fora eu acho que tá bloqueado... provavelmente alguma configuração.... eu não sei se alguém mais da Bancada tem acesso a essa... pra ter mudado... porque só o seu e o da Raquel rolou isso. Aí eu fiquei pensando: talvez, não sei se alguém da bancada tenha mudado... pensei que talvez vocês tivessem preferido ocultar ou alguém da bancada, enfim... não sei porque... mas é assim que aparece pra mim: como se não tivesse... como se não tivesse dentro do perfil de pra quem deve chegar esse conteúdo

Anne Rammi: olha, a gente não mudou nada... eu não mudei nada, não sei a Raquel... não mudei nada... agora, temos sim pessoas na bancada que poderiam ter feito isso

Renata Garcia Senlle: então, eu acho que mudou essa visibilidade

Anne Rammi: eu preciso olhar isso, então...

Renata Garcia Senlle: porque não aparece mesmo pra fora, eu acho que eles deixaram oculto, restrito em alguma configuração que foi alterada mesmo

Anne Rammi: então você não consegue acessar os conteúdos meus e da Raquel?

Renata Garcia Senlle: todos que salvei ficam como indisponíveis aqui

Anne Rammi: bizarro

Renata Garcia Senlle: bem louco

Anne Rammi: muito bizarro

Renata Garcia Senlle: estranho, né? mas é isso, alguém mexeu em algum perfil de restrição de visualização

Anne Rammi: estranho porque depois de um tempo eu tirei o pessoal da Bancada Ativista como administradores da página... só se a pessoa tenha feito antes de eu tirar, né?

Renata Garcia Senlle: sim... pois é... vai saber

Anne Rammi: pode acontecer...

Renata Garcia Senlle: se você puder procurar um post em específico pra mim que eu queria ter o print que é... agora entrando na outra pergunta do post específico das mães ativistas... porque eu comecei a pesquisa só com você, com a Andrea e com a Lígia... mães ativistas que se lançaram na vida política.... queria entender esse uso das redes sociais teve algum impacto nisso... aí olhando esses posts... ao catalogar os posts de vocês um a um... achei no da Andrea essa foto... não sei se eu consigo compartilhar com você, acho que eu consigo... peraí... compartilhei minha tela com você pra você ver o post específico que eu tô falando... tá conseguindo ver minha tela?

Anne Rammi: não, tô vendo só você

Renata Garcia Senlle: acho que agora vai... vê se você consegue ver esse aqui... aparece minha tela pra você ou não?

Anne Rammi: não

Renata Garcia Senlle: ai que saco, gente... eu já puis compartilhar, acho que agora aparece... foi?

Anne Rammi: foi

Renata Garcia Senlle: esse aqui... eu tô até olhando mais pra esse post específico na dissertação porque eu acho que ele já diz muita coisa... o fato de várias mulheres se organizarem pela primeira vez desse modo, usando as redes sociais desse jeito... aí se você conseguir encontrar... porque todos foram postados nos dia 29 de agosto de 2018... esse daqui é do Ilka.... compartilhando o que a Lana tinha postado

Anne Rammi: agosto? 29?

Renata Garcia Senlle: a minha amostra cresceu a partir desse post... são onze, não são mais três... tomei um come na quali que eu precisava ter uma amostragem maior do que isso.... aí, enfim... deu um alívio enorme

Anne Rammi: você não quer mãe?

Renata Garcia Senlle: tem muita mãe... de vários estados... então, acho que ele diz muita coisa, pensando que é uma primeira candidatura

Anne Rammi: peraí, eu não tô achando... quer ver onde eu vou achar esse post?

Renata Garcia Senlle: você com certeza subiu... ele tava entre os salvos também, mas eu não tinha tirado print dele

Anne Rammi: sabe o que pode ser? Eu posso ter subido esse post no

Renata Garcia Senlle: Mamatraca? No Mamatraca eu tenho.... pode ser que seja só no Mamatraca, vou dar uma olhada lá... mas enfim... eu não sei se você se lembra da onde surgiu... quem que organizou

Anne Rammi: foi a Lígia...

Renata Garcia Senlle: foi a Lígia?

Anne Rammi: a gente se organizou assim... a Raquel e eu... a gente tava na mesma chapa coletiva e a gente começou a ficar sabendo, né? tinha mãe se candidatando pelo Brasil inteiro e a gente falou: olha, vamos botar esse povo pra conversar, a gente criou um grupo no WhatsApp com essas mulheres que tão aí, começando com a Lígia, se não me engano, a Raquel e eu... aí as meninas do PSOL do Norte e Nordeste.... Alessandra... nem é nordeste, elas são tudo de Goiânia... a Alessandra...

Renata Garcia Senlle: do Distrito Federal...

Anne Rammi: Raquel era amiga da Ilka, tinha ido num evento com a Ilka... ela entrou no grupo, daí era mais a gente se apoiar e trocar experiências sobre a campanha porque a Ilka... até aí a Raquel e eu.... já estávamos bastante com o cenário de São Paulo... e o que a gente tava vendo da política partidária... sendo todas as outras mulheres também filiadas ao PSOL, a gente tava nessa de querer entender e se apoiar, trocar experiência de como que aquilo tava se organizando lá nos outros estados, né? então, a lógica era essa, vamos se apoiar... aí é lógico que... aí depois veio a Taís Ferreira do Rio

Renata Garcia Senlle: você já conhecia a Ligia, a Raquel?

Anne Rammi: já, eu conhecia todas elas pessoalmente.... não conheci a Lana, a Alessandra e Taís eu só conheci pessoalmente depois das eleições, mas as outras duas eu já conhecia pessoalmente. Aí foi isso. Foi um grupo de WhatsApp. Aí quando a gente começou a conversar sobre essa ideia o que aconteceu? A Ligia como cientista que virou mãe, tinha amplitude nacional... eu que tenho amplitude nacional, Andrea Werner tem amplitude nacional... falou: meu, vamos começar a se indicar porque quem sabe uma de nós vai ser eleita, né? então, a ideia era que esse... as pessoas enxergassem que várias mães, em vários lugares do país tavam se candidatando com propósitos similares. Aí aqui em São Paulo acabei dobrando com a Andrea, num esqueminha... de apoiar candidatura

Renata Garcia Senlle: com a galera federal, né?

Anne Rammi: é, que ela era federal

Renata Garcia Senlle: daí então acho que você até já respondeu essa coisa das redes sociais pra criação da bancada de mães ativistas, né? você acabou de falar que vocês uniram as forças que vocês já tinham de audiências pra divulgar

Anne Rammi: pra você fazer uma eleição precisa ter, você precisa pensar exponencial não pode pensar no comum, né? um a um, boca a boca, não dá... tem que ser exponencial. A gente sabia que só ia ser possível se a gente juntasse forças pra apoiar as candidaturas umas das outras, né?

Renata Garcia Senlle: vocês chegaram a articular com a Marina Helou especificamente pra essa organização?

Anne Rammi: não, infelizmente não.... faltou, podia ter articulado... mas a Marina entrava num perfil mais individual, né? e era a única da REDE

Renata Garcia Senlle: porque todas as outras eram PSOL e PCdoB... uma coligação do PCdoB

Anne Rammi: a Alessandra ela entrou nesse negócio?

Renata Garcia Senlle: entrou

Anne Rammi: a Cris?

Renata Garcia Senlle: a Cris Bertoni?

Anne Rammi: não, a Cris do sul, que foi assessora do Manoela D'avila

Renata Garcia Senlle: ela não entrou nesse post, cito ela... mas tem alguma das onze que tem alguma coligação com PCdoB

Anne Rammi: pode ser coligação, mas eram do PSOL... Porque o PSOL não deixava

Renata Garcia Senlle: ah, tá. Teve essa barreira.

Anne Rammi: O partido é bem conservador nesse sentido... aí dava problema para as outras... pra gente da bancada ativista tinha essa coisa mais independente porque a gente tava num coletivo e tal tal, mas aí as outras: não, se entrar a Cris aí não pode porque é PCdoB

Renata Garcia Senlle: entendi... que mais? Acho que peguei tudo... ah, por último e não menos importante: qual a importância de uma bancada de mães ativistas na política?

Anne Rammi: isso agora tem mais visão, né? mais e mais visão. Uma bancada é importante em qualquer causa e ativismo porque entrando dentro do sistemão ali, a gente tá falando de políticos profissionais que atuam em bancada pra defesa de interesses que são bastante particulares de poucos, normalmente ligados à igreja, ao agronegócio, às armas, ao armamento, né? e a instauração urgente do projeto neoliberal que quer a destituição de todos os direitos e tal. Então, eles atuam sempre em bancadas... é bastante embrionário ainda a ideia de uma bancada ativista ou a ideia de uma bancada de mães... por mais que algumas mulheres, as vezes até a maioria das mulheres dentro das casas legislativas sejam mães... elas não sustentam nenhum tipo de defesa da agenda dos direitos das mulheres, muito menos das crianças e jamais da natureza. É um negócio que é mãe porque é mãe, mas não tem esse acúmulo de entender o que a sociedade precisa pra se transformar pra essa transição justa... que precisa passar até 2050 porque o mundo tá acabando, né? então, a importância de uma bancada de mães é alinhadas em princípio, né? é toda, né? crucial que isso aconteça... acho que não vai acontecer, acho que não vai dar tempo, mas a gente precisa mitigar, né? fazer a redução de danos... seguir ocupando, tirando dos políticos profissionais que tão comprometidos com essas agendas maquiavélicas... e, as vezes, até atuam em bancadas de dominação, né? as vezes projetos que são até progressistas acabam atuando como políticos profissionais pra dominar o cenário político e vira só uma luta de poder, não tem reflexo positivo nenhum. É isso, acho que não vai acontecer, mas mitigando danos a gente vai insistindo em que mais mulheres alinhadas a esse preceito de uma sociedade justa possam tirar uma vaga de um político profissional e direcionar, né? os recursos, as iniciativas de um mandato pra um lado que tá super esquecido que é o lado das mulheres, mães e das crianças e da natureza.... agora, não sei se é pesquisável isso, né? quando que a gente se apoiou... a bancada ativista não é pesquisável, a gente juntou nove ativistas pra eleger, conseguir mais votos... quem trouxe o que? Não sei

Renata Garcia Senlle: essa era minha pergunta

Anne Rammi: a Vila Madalena votou pra cacete e a segunda votação é o bairro onde eu morava, foi meu vizinho quem votou? Sei lá... foi pra quem eu entreguei panfleto? Foi por que eu falava com o cara da padaria? Sei lá... um montão de voto... é por que eu era conselheira participativa? Não é mensurável... por outro lado, a gente tinha dois ativistas da Zona Norte e foi um dos lugares que menos votou... isso significa que eles não trouxeram eleitores? Não... pode significar mil coisas. No caso da bancada de mães ativistas é isso, a gente sabe que se apoiou... mas como que a gente incidiu na votação uma da outra...

Renata Garcia Senlle: não dá pra saber.... não sei se você consegue saber qual a importância do seu capital digital pra eleição da bancada ativista... porque você e Raquel foram eleitas junto com bancada ativista. você tem alguma ideia?

Anne Rammi: qual ideia? Com chama isso? Tenho convicção, mas eu não tenho provas [risos] eu acho que foi um bom aporte, né? a colaboração, por que o que a gente conseguiu fazer especialmente com a tríade Cláudia/Raquel e eu... a gente sobrepôs muitos grupos, então, por exemplo... gente que teria dúvida em quem votar pega essas três pessoas que são de movimentos originários parecidos... a gente fundou o MILC, nós três junto com o pessoal, Mariana da Bahia, a Debora, a Cris que é do Rio, então a gente atuou como fundadora desse movimento... a gente sobrepôs, a Raquel muito na saúde, eu falando de infância, a Claudia dentro do Meio Ambiente... então isso aí potencializa... evidentemente a gente cruzava na rua com gente no metro dizendo: nossa, eu votei em vocês por causa da Claudia.... ah, votei em vocês... porque... Raquel... agora, não é mensurável, né? não é mensurável o que foi campanha política, o que foi panfleto... uma campanha política vai panfleto, boca a boca, internet... parentada no interior... eu lembro que dava panfleto pra minha tia em Vinhedo

Renata Garcia Senlle: você patrocinou posts no Facebook? Das páginas que você

Anne Rammi: não.. eu não tinha dinheiro nenhum, zero... a bancada sim, né? a bancada fez um financiamento coletivo e pela bancada ativista foi alguns patrocinados - mal geridos até na minha visão... agora sabendo como que o Facebook poderia ter atuado em rede junto das múltiplas plataformas... acho que a gente poderia ter aproveitado melhor os investimentos, mas deu certo no final, né? acho que....

Renata Garcia Senlle: deu certo, foram eleitos, né? acho que era isso, Anne. Zerei tudo que precisava, muita coisa. Muita coisa dá pra falar demais, assim...

Anne Rammi: é, né? eu imagino sua cabeça agora...

Renata Garcia Senlle: nem me fala...

Anne Rammi: precisamos muito de mulheres como você

Renata Garcia Senlle: nossa, gente, é intenso esse trabalho, mas vai dar certo

Anne Rammi: vai dar!

Renata Garcia Senlle: já está dando... te agradeço super

Anne Rammi: imagina, Re, querida.

Renata Garcia Senlle: sabe o que eu ia te pedir uma força... porque eu não consigo o contato da Ligia, já tentei falar com ela por e-mail, por inbox do Facebook, inbox do Instagram e não consigo falar com ela...

Anne Rammi: eu tenho o celular dela

Renata Garcia Senlle: a Andrea também tem, aí quando a Andrea me passou...

Anne Rammi: e ela não fala?

Renata Garcia Senlle: ela não responde.... se você puder dar um toque

Anne Rammi: você falou com a Raquel ou não?

Renata Garcia Senlle: tô tentando falar com a Raquel, era pra eu ter conversado com ela na sexta, mas ela não conseguiu

Anne Rammi: porque se eu não me engano a Raquel tá com a Ligia agora em Bertioga

Renata Garcia Senlle: vou mandar também então

Anne Rammi: elas foram fazer uma palestra no SESC Bertioga, as três... ela, a Ligia e Cleia que é, na minha visão, uma possível futura candidata pra aliança... se ela entrar eu vou apoiar

Renata Garcia Senlle: ah, maravilhoso, já vou ficar de olho também

Anne Rammi: na verdade, assim, só pra contar detalhes do futuro, eu continuo sendo ativista política, mas de longe, né? na próxima, Raquel e eu, pretende apoiar e construir mais uma candidatura coletiva, só que dessa vez só de mulheres mães

Renata Garcia Senlle: incrível... vocês viram que saiu uma pesquisa agora... tô até com ela aqui, depois te mando o link... faz parte do grupo Me Farei Ouvir “Elas no poder”, elas foram durante 45 dias, ouviram 4.000 mulheres, responderam questionário, perguntando do envolvimento das mulheres mães na política... eu achei muito bacana

Anne Rammi: [Anne agradece à mãe por algo] e aí? Conclusões? Precisamos de mais espaços?

Renata Garcia Senlle: é, falando se a maternidade de fato incentiva as mulheres a entrarem na política e diz que sim, tem essas mil questões quando a gente se dá conta que não somos nós que passamos individualmente, né? uma série de estruturas que precisam mudar, se a gente não entrar ali, não vai dar nunca... é uma pesquisa bacana, eu mando pra vocês, compartilho...

te mando. Então, é isso, querida, muito obrigada!

Anne Rammi: obrigada, Re.

Renata Garcia Senlle: vamos nos falando e até! brigadão

Anne Rami: obrigada, viu? Bom trabalho, beijo!

Renata Garcia Senlle: pra você também.

ANEXO E - Transcrição: Ilka Teodoro

(45:03) - 03/03/20 - <https://youtu.be/hamGwHymvFM>

Renata Garcia Senlle: então estamos gravando a entrevista com a Ilka Teodoro que foi candidata em 2018 pelo PSOL, né?

Ilka Teodoro: [sinal que não está ouvindo Renata]

Renata Garcia Senlle: ruim? Tá cortando?

Ilka Teodoro: tá cortando...

Renata Garcia Senlle: ô meu Deus, pior que pra mim tá ótimo minha conexão... tanto pra ouvir quanto pra te ver...

Ilka Teodoro: eu tinha que tentar jogar isso... só um minutinho... eu vou fazer só mais uma tentativa pra tentar abrir pelo meu.... computador...

Renata Garcia Senlle: cê tá no celular, né?

Ilka Teodoro: cadê o Firefox? Só um minutinho, vai dar certo.

Renata Garcia Senlle: sem problema... entrou?

Ilka Teodoro: [Ilka transfere a entrevista do celular para o notebook] agora sim... se eu soubesse que teria imagem eu teria melhorado aqui a situação...

Renata Garcia Senlle: mas é só pra gente se ver...

Ilka Teodoro: meu filho tá doente, né? ele teve pneumonia, então minha vida tá um caos... faz sete dias que a gente tá assim... essa madrugada a gente foi no hospital... agenda lá e tô em casa, nessa loucura. Ontem, inclusive... era pra ter sido ontem, né? mas, ontem ele tava péssimo... com febre super alta... foi bem tenso!

Renata Garcia Senlle: ai, muito puxado! Que ele melhore logo, ninguém merece. Eu peguei uma gripe ontem... no final foi até bom porque ontem eu tava arrasada.... só o pó... mas, vamos lá... então, tem duas partes dessa conversa: uma de questões sócio-demográficas, mais pra direcionada pra relação do seu uso com as redes sociais pra campanha política, pra maternidade, feminismo e os ativismos... que são os temas com os quais eu tô trabalhando na dissertação... meu cachorro fica louco... vou até colocar meu fone porque o som da conversa, ele fica doido... veja se você me ouve bem também com o fone. Me ouve?

Ilka Teodoro: ouço, super bem. Tá ótimo.

Renata Garcia Senlle: então vamos lá... porque ele fica me ouvindo e fica doido. Então, primeiro... eu vou usar seu nome como Ilka Teodoro, não sei se você quer adicionar algum nome ou suprimir algum...

Ilka Teodoro: não, eu só tenho os dois

Renata Garcia Senlle: a sua idade?

Ilka Teodoro: eu tenho 41

Renata Garcia Senlle: cidade, estado e país?

Ilka Teodoro: Brasília, Distrito Federal, Brasil.

Renata Garcia Senlle: gênero autodeclarado?

Ilka Teodoro: feminino, né?

Renata Garcia Senlle: cor autodeclarada?

Ilka Teodoro: negra.

Renata Garcia Senlle: você é mãe de quantos filhos?

Ilka Teodoro: dois. Uma menina de 12 e um menino de 10.

Renata Garcia Senlle: orientação autodeclarada... se não quiser falar também não precisa.

Ilka Teodoro: não, não tem problema. Hétero.

Renata Garcia Senlle: classe social, autodeclarada?

Ilka Teodoro: então... classe média, classe média alta, eu me considero bem privilegiada em relação à população negra no Brasil...

Renata Garcia Senlle: classe média?

Ilka Teodoro: classe média alta...

Renata Garcia Senlle: já entrando nas questões relacionadas ao uso das redes sociais... quando você começou a usar redes sociais? Você se lembra?

Ilka Teodoro: olha, eu comecei a usar Facebook tem mais ou menos uns 9 anos, 9 a 10 anos... eu usava Facebook, depois entrou o Instagram, depois entrou o Twitter que é a rede que eu menos uso, eu ainda não tenho familiaridade, não uso bem o Twitter...

Renata Garcia Senlle: são essas redes que você continua tendo até hoje?

Ilka Teodoro: até hoje, com bastante crises existenciais porque eu tinha perfil privado no Facebook, perfil privado no Instagram... quando decidi pela candidatura, eu abri os perfis públicos, sem desativar os privados... então, isso pro pessoal da comunicação é um crime, né? mas, eu acabei mantendo por conta das crianças, por causa do perfil... como que eu posso dizer, assim? Essa iniciativa de ir pra política foi um teste, então eu fui aos poucos... eu não quis deixar de lado essa privacidade, abrindo o perfil público e simplesmente deixando de ter esse perfil privado... até porque num primeiro momento, eu tinha... e mantenho isso... de não expor os filhos, a família, nem nada, nas redes públicas... então, volte e meia eu posto alguma coisa no privado e fica uma coisa meio ambígua, mas eu optei por manter assim

Renata Garcia Senlle: foi a sua primeira candidatura em 2018?

Ilka Teodoro: foi minha primeira candidatura, eu nunca tinha tido na política institucional

Renata Garcia Senlle: e você se autodeclara ativista de quais causas?

Ilka Teodoro: então, eu sou ativista de todas as causas que me tocam e que me dizem respeito, né? então, essa questão da maternidade veio pra mim super forte, da maternidade, da luta pelo parto do momento que me dei conta que eu tinha sido vítima de violência obstétrica nos meus dois partos, que eu não tinha consciência disso... essa questão da raça, é uma questão que vem sendo construída dentro de mim há pouco tempo... então, é uma identidade que vem sendo resgatada com muita luta, muito estudo, muito aprofundamento... mas não é uma coisa que sempre foi dada pra mim, né? a questão de gênero também é muito recente. Então, eu me considero ativista de todas essas pautas que me tocam conforme elas vão aparecendo na minha vida... não é algo como se estivesse sempre ali, isso tudo, minha militância, é recente... coisa de menos de dez anos

Renata Garcia Senlle: já é bastante... menos de dez anos também já é bastante...

Ilka Teodoro: já é, mas é pouco, assim, comparado, né? ah, sempre tem aquela coisa: chegou agora no movimento [risos]pra quem já tá ali militando há muito tempo... inclusive é uma discussão que teve muito, muito presente na minha vida no ano passado, no ano de 2019

Renata Garcia Senlle: não sei se dá pra você dizer isso: seu ativismo começou antes ou depois das redes sociais?

Ilka Teodoro: foi meio que paralelo, meio que paralelo. As redes entraram como uma forma de ir potencializando isso, esse ativismo. Eu fui para as redes... o Facebook não, Facebook é anterior.... mas o Instagram foi um pouco ir para as redes pra poder ampliar esse diálogo, né? esse diálogo de ativista

Renata Garcia Senlle: tá... então você já usava as redes com esse intuito de ativismo digital? Também?

Ilka Teodoro: não foi meu intuito primeiro, mas depois elas passaram a ser o instrumento, a ferramenta... me dá uma pausa, só um minutinho! [Ilka sai brevemente da chamada, aparentemente para atender uma criança]

Renata Garcia Senlle: lógico...

Ilka Teodoro: oi, sim, voltando... desculpa, minha afilhada

Renata Garcia Senlle: imagina, jamais, né? isso acontece... e seu ativismo começou antes ou depois da maternidade?

Ilka Teodoro: depois...

Renata Garcia Senlle: depois?

Ilka Teodoro: depois... e a maternidade tem tudo a ver com isso

Renata Garcia Senlle: é isso que eu queria saber... por que que ela tem tudo a ver?

Ilka Teodoro: olha só... eu tive minha filha, eu tinha 29 anos, quando a Valentina nasceu. O parto dela foi um parto bem complicado pra mim. Não que tenha sido um parto difícil, mas foi um parto marcado por violência que eu não tinha noção que eram violências, entendeu? Então, assim, quando terminou... foi um parto normal, mas sofri episiotomia,

tive restrição de movimentação, eu tive restrição de alimentação... foi um trabalho de parto que demorou muito... e, várias outras coisas, assim... soro, uso de ocitocina sintética, enfim... todas aquelas violências que a gente meio que já conhece... só que eu não tinha consciência de nada disso. Tudo isso tinha sido autorizado por mim, inclusive... falei pro médico: quero fazer um plano de parto, vamos fazer um plano de parto.... faço isso, faço aquilo... dizendo que tudo era necessário, consenti... só que foi isso. O parto terminou, foi parto normal, mas de todas essas formas, com todas essas violências e quando o parto da Valentina terminou, que eu desci pro quarto, eu tava exausta... era um sentimento tão confuso dentro de mim, ao mesmo tempo que eu tinha muita felicidade, era muito feliz por tudo que tinha acontecido, por ter visto minha filha... super bonito, mas ao mesmo tempo, eu tava esgotada, esgotada... física, emocionalmente... então, era um sentimento muito dubio: felicidade com uma angustia profunda, ao mesmo tempo... isso se prorrogou por um tempo... alguns dias depois do nascimento dela, inclusive tive dificuldade pra amamentar no começo, ela perdeu peso, vai virando toda aquela culpa, todo aquele sentimento horrível que é, né? então, foi super traumático esses primeiros dias dela em casa, inclusive, comigo.... eu demorei muito tempo carregando aquela angustia dentro de mim, muito tempo... bom, isso foi a questão do parto... ela nasceu, enfim, foi crescendo, depois eu tive meu segundo filho e já com um parto bem diferente quando o Antônio nasceu.... sempre falava assim: a única coisa que eu não vou fazer é ir pro hospital, porque eu entendia... mesmo sem saber nada do que era violência obstétrica nem nada, mas eu já tinha entendido, na minha cabeça que o pior erro que eu tinha cometido era ter ido pro hospital muito cedo... logo no começo, né? do trabalho de parto... fiquei aquele tempo todo no hospital e aquele tempo todo sentindo aquelas violências, né? institucionais... que ali acontecem. Então, eu só falava assim: no meu segundo parto, quando meu segundo filho nascer, eu não vou pro hospital... eu só vou pro hospital na hora do explosivo... já entendia um pouco mais, né? foi exatamente o que aconteceu, né? da hora que eu entrei na emergência até a hora que meu filho nasceu foram tipo 45 minutos, 50 minutos. Muito rápido. Isso me tocou numa série de questões que eu tinha sofrido no primeiro, assim foi. Quando minha filha tinha aproximadamente uns cinco anos eu me envolvi primeiramente nas questões de gênero, por que? Eu fui conselheira da OAB, fui presidente da Comissão da mulher na OAB e ali eu tive contato com o primeiro grupo de mulheres que me apresentou o feminismo... foi assim... desenhado... literalmente desenhado: olha, amiga, senta aqui vamos te explicar uma coisa... é assim, é assado... por que que você não pode tratar a gente assim, por que que a gente tá fazendo esse movimento de resistência dentro desse espaço, aí vem participar dos nossos grupos de leitura, então... comecei assim... literalmente do b-a-ba: o que é feminismo? Da Coleção Primeiros Passos, aí fui evoluindo a partir daí, foi 2012, 2013 mais ou menos... a minha filha tava com essa idade, cinco anos, aí fui me inteirando dessas questões de gênero... nessa mesma época, menos de anos depois... aconteceu um lance com minha filha na escola, ela chegou em casa falando que ela queria fazer uma chapinha no cabelo, ela tem os cachinhos, coisa mais linda, super fofo e tal. Aquilo foi um susto, eu tomei um susto com aquela cena dela pedir pra fazer chapinha no cabelo... aí eu: mas, minha filha, por quê? E ela “ah, mamãe, quero ficar com cabelo igual o seu”, eu alisava os cabelos desde os quinze anos, aí acontece o que tinha acontecido na escola e eu fiquei apavorada, foi a mesma coisa de ter me dado um soco no estomago.... aí foi todo um processo, eu tinha um cabelo enorme, na cintura e enfiei a tesoura no cabelo, cortei o cabelo super curto... resolvi que ia fazer a transição capilar ali e que eu ia entender e fortalecer essa questão da ancestralidade, do cabelo, da autoestima da mulher negra com ela... foi nesse momento que entrou questão de gênero, consequentemente questão de raça e uns seis meses depois desse episódio a gente teve uma situação que veio um pedido das mulheres pra tratar essa questão da violência

obstétrica dentro da OAB, uma pauta que nunca tinha sido levada.... quando a gente foi montar o evento... que a gente começou a construir a mesa... quem vai falar, quem não vai falar e tal... foram surgindo milhares de questões, uma super reação do mundo médico, quando a gente anunciou o evento pro público, veio a classe médica e virou aquela briga de conselhos profissionais da OAB com conselhos... não eram conselhos de medicina não, não era o CRM que se opôs... foi o FEBRASGO, Federação Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia... da Sociedade de Obstetrícia. Aí começou aquele embate e tal... foi tudo aflorando e eu cada vez mais me dando conta do tanto que essas pautas precisavam ser tratadas, do tanto que a gente precisava falar... da forma como existia discurso hegemônico colocado e que pouquíssimos contra pontos a ele apareciam. E eu falei: não, tenho que aproveitar esse lugar... que é um lugar de poder, de espaço, de muito poder de fala de voz, de reverberar todos esses assuntos.... como é a OAB, uma instituição que é muito reconhecida e tal, tô nesse lugar. Sou uma mulher negra, mãe, que sofreu violência... fui me dar conta... porque só quando eu tava organizando esse seminário que eu fui me dar conta que eu tinha sofrido violência obstétrica nos meus partos. Então, foi um processo de cura, de entender que aquela angústia que me acompanhava por sete anos... foi em 2014, minha filha ia fazer sete anos. Foi justamente nesse momento que eu vi que eu tinha sofrido tudo isso e que eu não tinha consciência que eu tinha sofrido e me sentia mal porque me considerava uma mulher esclarecida, dentro de um hospital particular, classe média alta e de repente eu tinha passado por tudo aquilo sem ter consciência que eu tinha passado por tudo aquilo.... imagina, imaginando assim, aquela mulher que não tem acesso à informação, que não tem acesso a um cuidado mais adequado possível... como é que ela fica nesse sistema, né? nessa estrutura... aí foi todo um processo de construção, de pesquisa, de estudo... começar a entender todas as coisas... de ir atrás mesmo, de conversar, de correr, dialogar... entender quais eram os movimentos sociais que lidavam com tudo isso. Aí, maio de 2015 me aparece um curso da ARTEMIS, sobre formação jurídica para o enfrentamento de violência obstétrica, era o primeiro curso do país com essa temática, né? e era em São Paulo e eu morando em Brasília... não, mas eu vou, era véspera do meu aniversário e falei: não quero nem saber, vou assim mesmo... aí eu fui pra São Paulo fazer esse curso com a Artemis, quem deu o curso eram as diretoras na época... era a Ana Lucia, que era a diretoria jurídica, a Raquel Marques que era presidente – e ainda é – e a Valéria e a... ah meu deus... a Pamela... da obstetrícia, né? vinha da obstetrícia. Fiz o curso, fiquei encantada com todo aquele universo, aquele instrumental jurídico que era uma linguagem que eu dominava, que eu podia super usar... a serviço de todas essas coisas, numa perspectiva que o direito nunca tinha me apresentado... na faculdade, nem na minha carreira, já tava com quase quinze anos de profissão e eu nunca tinha tido acesso a um instrumental como aquele e com essa perspectiva de gênero que até então era só gênero – a Artemis não trabalhava com a perspectiva de raça – aí, eu tive acesso a tudo isso nesse curso. Eu falei: pronto, acho que tá aí.. primeiro: um nicho de trabalho, um nicho de luta que eu preciso explorar cada vez mais e fazer com que mais pessoas tenham acesso a isso... então, esse foi um marco muito grande... esse maio de 2015 que eu comecei de cabeça em todas essas questões... me aprofundar e fazer disso uma ferramenta de trabalho também, de trabalho, de luta, de tudo... foi aí que todas essas áreas da vida começaram a se conectar... minha vida profissional que até então nunca tinha passado por essas questões, né? advogava em outras áreas, em outras questões, aí de repente eu me vi ali com preparo jurídico pra trabalhar com aquilo, fazer daquilo meu meio de vida, entrar pro ativismo que foi meu primeiro contato com um movimento social muito organizado que era das mulheres de humanização do parto...muito bem estruturadas, no campo da saúde, no campo do direito, me surpreendi... o curso de formação de doulas... a capilaridade que isso tinha e a forma

como isso alcançava tantas mulheres... por que quando você fala de violência no parto, todas as mulheres que já foram mães, de alguma forma já passaram por isso. Então, você atinge uma camada da população que é muito grande...

Renata Garcia Senlle: gigantesca...

Ilka Teodoro: então, assim, comecei a ter consciência da potência que era tudo isso... comecei a me dedicar. No mesmo ano eu fui fazer um mestrado em Direitos Humanos em Portugal, as coisas foram evoluindo e caminhando pra esse lado do ativismo e tal... quando eu voltei de Portugal eu fui chamada pela Raquel pra assumir a diretoria, a Ana tava saindo da Diretoria Jurídica da Artemis... aí foi meu primeiro vínculo direto com uma organização não governamental... saindo da política institucional que era a coisa da OAB e indo pra um movimento da Sociedade Civil que era uma outra tônica, uma outra lógica... uma potência de fala muito grande... porque você pode falar sem nenhuma amarra institucional. Isso dá uma capacidade de articulação muito poderosa, muito difícil porque você faz sem grana, sem suporte, mas ao mesmo tempo é muito livre... muito libertador... foi uma experiência incrível, maravilhosa... quando eu assumi a gente teve a possibilidade de fazer as outras edições desse curso de formação, de capacitação pro enfrentamento da violência obstétrica... em vários lugares, com várias mulheres, vários perfis... entrando em várias instituições inclusive... nós capacitamos membros do poder judiciário, do Ministério Público no Amazonas em 2018, Ministério Público do Rio Grande do Sul, enfim... foram várias possibilidades que se abriram pra gente entrar com essa temática da violência obstétrica, enfrentamento jurídico disso em vários lugares... aí foi isso... aí você acaba fazendo articulação, fiz contato com vários outros movimentos de mulheres, aí veio a questão racial também... conhecer o que era também o movimento negro do Brasil, de mulheres negras... porque são as identidades dentro das identidades, são vários movimentos identitários no Brasil... aí foi isso... isso foi sedimentando, um ativismo, uma configuração mesmo de pessoa, de advogada, de figura pública. Aí em 2018 veio esse convite pra sair candidata, né? dentro...

Renata Garcia Senlle: ah, foi um convite, então?

Ilka Teodoro: foi um convite, não foi uma decisão minha... muito pelo contrário... o partido... tavam procurando pessoas que pudessem se enquadrar dentro de um perfil de candidatura, aí fizeram uma análise que eu preencheria esses requisitos, assim... esse perfil, né? que eles tavam procurando, aí fizeram esse convite pra mim, já perto do prazo pra fechar a janela partidária, foi 7 de abril de 2018, seis meses antes da eleição. Foi exatamente o dia que eu me filiei no partido. Demorei pra tomar a decisão... filio ou não filio, será que é isso mesmo? Será que é esse o partido e tal? Me filiei no último dia da filiação partidária, foi 7 de abril de 2018. Aí foi.

Renata Garcia Senlle: em relação aos temas da maternidade, você consegue articular se houve e como foi o impacto das redes sociais pra sua maternidade?

Ilka Teodoro: pra minha maternidade? Olha, tem impacto porque, de certa forma, o que que eu percebo das redes sociais? A gente sempre teve os mecanismos de comunicação, de mídia tradicionais... nesses mecanismos, determinadas pautas nunca foram pauta... nunca foram pauta... então, a gente não tinha acesso a essa informação. Pra mim mesma era um mundo obscuro, olha que eu me considerava uma pessoa super bem informada, lia três, quatro jornais por dia... depois passou a ter as modalidades on-line... você pesquisava e lia jornal do mundo inteiro... mas, esses assuntos não eram mainstream... nunca foram. Então, assim, através das redes muita coisa começou a chegar na nossa bolha maravilhosa começava a entregar conteúdos que eu não teria acesso por outros

mecanismos que não fosse as redes sociais. Então, eu posso afirmar sim que as redes me impactaram e me trouxeram conteúdos que eu não teria acesso por outras formas de mídia e tal... a não ser que eu fizesse uma pesquisa muito dedicada acadêmica... seria através de livro e literatura, seria muito acadêmico... as redes trouxeram esse formato um pouco mais acessível pra gente acessar mesmo... olha, chegou, vem cá! Aqui me projeto! [apresenta uma jovem menina à Renata] essa é a Vale. Valentina!

Renata Garcia Senlle: adoro que as candidatas sempre, em algum momento, o filho aparece...

Ilka Teodoro: pois é, bem isso... então, é ela aqui. Então, assim, esses conteúdos pelas redes foi super importante, principalmente a questão racial e a questão de humanização do parto, acho que as redes foram fundamentais pra gente construir as pautas da violência obstétrica... pra gente construir os movimentos, acionar pessoas, divulgar os cursos... inclusive é importante eu dizer... ah, o curso da Artemis, de maio de 2015, que eu fiz de 7 a 8 de maio de 2015 ele me chegou por um post patrocinado no Facebook, entende? Não fosse um post patrocinado no Facebook eu jamais teria tomado conhecimento desse curso... porque ele não ia sair no jornal, ele não ia estar num lugar, não ia chegar pra mim por um e-mail, então foi rede, foi rede social que me trouxe... hoje eu considero que essa bolha me faz chegar a muitos conteúdos, não digo todos... porque agora já tô numa outra linha acadêmica de pesquisa, correr atrás desses conteúdos, formar também... eu sou mestrandia em Direitos Humanos, pesquisando essa temática

Renata Garcia Senlle: legal

Ilka Teodoro: então, hoje já é uma outra linha de pesquisa... muitos conteúdos me chegam pelas redes sociais...

Renata Garcia Senlle: bacana... e você se declara feminista?

Ilka Teodoro: total, sou feminista... depois de tudo isso eu fundei o primeiro escritório de advocacia feminista do Distrito Federal, então eu tenho uma sócia, faço advocacia feminista... comecei meu primeiro atendimento e a necessidade desse escritório surgiu a partir do primeiro atendimento que foi vítima de violência sexual e aí eu senti necessidade... eu advogava numa área, né? que era a cível, sentia necessidade de colocar essa perspectiva de gênero muito clara nesse processo... e de solicitar ajuda de outros profissionais de outras áreas... porque essas questões de gênero perpassam diversas áreas do direito... e, o direito ainda funciona muito em caixinhas, direito civil, direito penal... quando a gente fala de gênero e direito, não tem como a gente não atuar de forma intersetorial, multidisciplinar, transversal... então, a gente precisa estar relacionado com várias outras áreas do direito que eu não dominava. Senti necessidade de ter uma parceira que fosse da área criminal, uma outra advogada que atuasse nos tribunais superiores e aí, nisso, surgiu nosso escritório, né? foi o primeiro em Brasília, agora tem outras iniciativas se multiplicando, mas o nosso foi o primeiro aqui

Renata Garcia Senlle: que máximo! O que seria, não sei se você já pensou a respeito do que seria a maternidade feminista...

Ilka Teodoro: o que que seria uma maternidade feminista?

Renata Garcia Senlle: sim

Ilka Teodoro: ah, eu acho que é o que a gente procura fazer todos os dias. Eu, particularmente, procuro fazer todos os dias: desconstruir práticas... eu vejo como eu tive

minha criação, como tudo funcionou na minha casa, na minha vida, nas pessoas que tavam ao meu redor, na minha família e o que que eu não quero que se repita com meus filhos... então, as vezes é você desconstruir aquele discurso pronto, aquelas frases feitas que você tá escutando há várias gerações na sua família... daqui pra frente vamos desconstruir isso e construir de outro jeito... e, pensar tudo, né? Como vou ensinar minha filha, o que é que eu posso passar pra ela, como não ser invasiva, como permitir que ela tenha autonomia... entender as crianças como seres autônomos também. Eu venho de uma criação super autoritária: a criança enquanto não vira adulta faz só o que o pai manda, do jeito que o pai manda e tal. Muito pouco dialogado. Sempre procurei, assim, ter um dialogo bem interessante com eles... da não violência, não usar de violência, não bater, nada disso... sempre dialogando, tentar conversar, tentar convencer com muito argumento... tudo muito respeitoso e levar isso pra eles também, pra que eles respeitem as outras pessoas, criar homens dentro dessa perspectiva é super difícil numa sociedade que vive esse padrão de masculinidade... então, eu procuro aplicar isso no dia a dia, mas não é fácil. Não é fácil. Mas eu me considero uma mãe feminista. É uma maternidade difícil, mas é necessário. É necessário. A gente precisa muito mudar o paradigma de maternidade. E eu não falo só de educação não... falo de relações, relacionamento entre os casais, as famílias... acho que em tudo você tem que colocar essa perspectiva. Hoje minha regra é essa, assim. Tem que colocar uma lente de gênero e de raça em tudo que eu puder, porque isso pauta todas as nossas relações diárias, né? todas.

Renata Garcia Senlle: exatamente. Especificamente em relação ao uso das redes sociais, em especial o Facebook na sua campanha como candidata em 2018, como que foi? Pra você saber... eu selecionei o Facebook e é a rede social que todas as 11 candidatas usaram, né? elas usaram outras mais também, mas essa, em especial, todas usaram

Ilka Teodoro: todo mundo usou! Facebook era uma rede que eu usava muito, achava super bacana... na campanha da OAB em 2012 eu já usei muito pra campanha política, pra política institucional, né? campanha pra Ordem e super funcionou. Aí, quando foi na campanha de 2018, eu percebi, primeiro... existia uma diferença... porque em 2012 a gente não tinha tão forte essa coisa do patrocínio, era muito engajamento orgânico. então, se você já tinha uma boa rede de contatos, um bom engajamento orgânico, com a campanha fluía facilmente... em 2018 eu fui nessas de: ah, vamos fazer tudo bem orgânico, de repente eu vi que não dava, minha campanha foi curta... porque eu demorei muito pra decidir que eu ia ser candidata... decidi que ia me filiar, demorei muito pra decidir que ia sair candidata. Então, eu não tive pré-campanha, a maioria das pessoas teve pré-campanha, eu não tive. Minha campanha foi muito curta. Nessa campanha curta, com pouco vi que não tava rendendo... então, eu fiz uma análise de mídia, contratei uma análise de mídia nos primeiros quinze dias de campanha, quando a gente viu que a coisa não tava virando na internet... no Facebook, fiz uma análise de mídia, contratei umas meninas super bacanas. Só tinha mulheres na minha campanha, minha equipe era toda de mulheres, pra elas fazerem essa análise. E, elas fizeram essa análise, falaram: olha, você precisa melhorar, faz isso, faz aquilo outro... me deram umas dicas... foi bem dicas mesmo, porque a gente não tinha tempo de fazer grandes planejamentos e deu certo. Começou a pegar, a engajar mais, começou a ter mais curtidas, a página era nova, tava começando do zero a página de figura pública e deu certo. A gente fez, inclusive, uma perspectiva... elas meio que desenharam... falaram: se você conseguir pelo menos tantos likes na página e um engajamento tal até tal dia das eleições é muito provável que você esteja alcançando tanto de público e que você consiga bater isso de votos. Foi mais ou menos o que aconteceu: na véspera da campanha o instagram bateu duas mil curtidas, faltando dois, três dias pra eleição... aí ela falou: se você fizer isso certamente você passa

dos quatro mil votos.... fiz 5663 votos aqui.... então, meio que casou as análises que elas fizeram. As perspectivas deram certo com o resultado, foi até um pouco melhor que o esperado. Então eu entendi que a estratégia adotada naquele momento funcionou... acho que impactou muito... o que eu consegui veicular de conteúdo pelo Facebook foi fundamental, foi fundamental. A gente conseguiu produzir conteúdo de qualidade e alcançar pessoas legais, assim... chaves... se eu tivesse mais tempo talvez tivesse conseguido

Renata Garcia Senlle: pensando nisso que saldo fica da importância das redes sociais pra sua campanha e quais redes você usou além do Facebook?

Ilka Teodoro: usei Facebook, Instagram e Twitter e o WhatsApp. WhatsApp a gente produzia conteúdos pra serem disseminados por WhatsApp, mas eu também compartilhava pouco por WhatsApp pra não ficar sobrecarregando a caixa das pessoas porque eu me incomodo de ficar recebendo muita coisa... falei: ah, uma vez na semana... duas vezes na semana no máximo... quando chegou mais perto da campanha era duas vezes na semana. Aí uma semana eu mandava um conteúdo próprio pra Instagram, pra WhatsApp e na outra eu compartilhava algum link do Facebook pra aumentar o engajamento por lá... aí funcionou... as duas formas funcionaram super bem... quando era um cardzinho e tal que a gente disparava... por WhatsApp... super circulava e quando era o link a gente conseguia aumentar o engajamento na página, então foi as estratégias que funcionaram, acho que o mais importante de tudo foi o conteúdo que produzimos, o nível de informação... tudo que eu postava tinha um nível de informação muito aprofundado com pesquisa, com dados estatísticos. Eu pesquisei... não tinha assunto que era de mulher, vamos fazer pauta de mulher, não, os meus assuntos eram bem mais complexos... eu tinha orçamento pra saber o que o orçamento bem utilizado afetava a vida das mulheres... o que uma cidade bem gerida afeta a vida das mulheres? Questão de iluminação pública, calçamento... são todas questões de infraestrutura que são assuntos, digamos assim, não femininos.... só nichos... na política a gente percebe que também tem uma divisão de pautas por gênero, né? dentro das Câmaras Legislativas, nos Congressos da Vida existem essa divisão, mas eu ia nos assuntos que eram masculinos... infraestrutura, orçamento, tidos por masculinos, né? que são assuntos que muito interessam pra colocar ali uma perspectiva de gênero, um orçamento sensível à gênero... tudo isso pra colocar a importância de que tivessem essa lente pra que efetivamente a cidade fosse possível para as mulheres, né? inclusive esse era meu slogan de campanha: a cidade é das mulheres.

Renata Garcia Senlle: muito bacana! Aí, especificamente em relação a esse post da bancada de mães ativistas, você se lembra de como ele foi criado? De como ele chegou pra você?

Ilka Teodoro: olha só, nós éramos todas mulheres que já nos conhecíamos desse movimento de humanização. A Raquel é meio que uma pessoa que faz os links, né? Raquel é uma pessoa que sempre catalisa.... conhece todas essas pessoas, todas essas mulheres... ela é muito super relacionada com tudo isso, é a mente criadora da Artemis e aí a Raquel já conhecia a maioria delas, a Alessandra, a Alana, a Ligia. a Ligia eu já conhecia também, mas éramos todas conhecidas desse movimento de humanização... aí de repente a gente se viu todas candidatas, maioria pelo mesmo partido, com esse mesmo perfil, todas desse mesmo movimento... a Anne que além de tudo, além desse movimento da humanização do parto, do parto respeitoso, ela tinha um movimento que ela colocou os filhos na escola pública em São Paulo, ela tinha um movimento pra melhoria da educação que acha que isso é fundamental pras famílias e tal, então a gente percebeu que no fundo, no fundo, todas essas pautas dialogavam... nisso a gente foi se juntando... falou:

vamos fazer um post que junta toda essa mulherada do movimento de mães, né? e, vamos colocar todo mundo junto... fazemos campanha juntas, uma em cada estado, vai dar bom pra alguém... aí a gente foi pensando nas hashtags que tem as meninas que são ótimas com isso, a Anne é ótima com isso, a Raquel também é ótima com isso... a Ligia também é maravilhosa com isso... aí eu não lembro exatamente quem foi que criou a hashtag Bancada das Mães Ativistas, mas pegou e, assim, eu lembrei: em São Paulo, o mandato era um mandato coletivo e eles chamavam Bancada Ativista

Renata Garcia Senlle: da Anne e da Raquel

Ilka Teodoro: então são nove pessoas, nove co-deputados na ALESP, cada um trabalhando com uma pauta diferente... e a pauta da Raquel que é a nossa era muito dessa coisa da maternidade, do parto, né? a gente brincava: candidatas da partolandia... e a gente tinha essas hashtags, assim... partolandia, mães ativistas, mães pela educação, mães unidas pela educação... juntou bancada ativista de São Paulo com a bancada das mães ativistas no Brasil todo... que vem de vários... a gente já discutiu, a gente discute muito política, a gente já teve ideia de “ah, vamos criar um partido só de mulheres”... de mulheres de verdade, né? porque tem o Partido da Mulher Brasileira, mas não é partido de mulheres... “vamos criar um partido só de mulheres... vamos eleger” a gente tinha uma meta, né? um sonho, assim, na Artemis de botar uma mulher eleita vereadora em cada uma das cidades, uma mulher feminista vereadora em cada uma das cidades dos municípios... são 5.500 municípios... então, imagina o poder e a capilaridade de você tentar essa construção... então, a gente sempre falava e sempre conversava muito sobre isso... aí eu acho que foi... foi surgindo, foi fluindo e aconteceu... saiu isso... de todas as bancadas só a bancada ativista conseguiu se eleger em São Paulo, mas foi uma grande vitória, né? muito, também, em função da estrutura e do formato que escolheram pra fazer campanha com nove co-deputados, isso potencializa muito a captação de votos, né? e é isso. Eram todas campanhas sem grana, sem estrutura e foi uma forma que a gente encontrou de se ajudar mutuamente porque cada vez que a gente fazia um postzinho e um cardzinho como esse... você era uma produção só que atingia várias mulheres, vários estados...

Renata Garcia Senlle: bacana... acho que você também já respondeu a importância das redes sociais pra Bancada de Mães Ativistas

Ilka Teodoro: sim, é isso... você tem uma hashtag com essa potência... uma coisa que se multiplica... porque a vantagem das redes sociais é isso... é você alcançar várias pessoas, em vários lugares simultaneamente... em tempo real... então, o on-line é super importante pra campanha política porque a política é uma luta contra o tempo... então a gente precisa dessa velocidade, né? as redes sociais permitem exatamente isso, essa velocidade pra alcançar o maior número de pessoas possíveis, né? e com nicho, né? pode fixar nicho... quer que atinja esse público... furar a bolha, várias coisas são possíveis dentro dessa lógica, eu acho que funcionou

Renata Garcia Senlle: super... e, qual seria a importância de uma bancada de mães ativistas na política?

Ilka Teodoro: cortou a...

Renata Garcia Senlle: cortou?

Ilka Teodoro: cortou... pergunta de novo, por favor

Renata Garcia Senlle: qual que você enxerga que seria a importância de ter uma bancada de mães ativistas na política?

Ilka Teodoro: ah, total... eu tô participando de um outro projeto, chama: Me Farei Ouvir, tive a oportunidade de entrevistar várias mulheres... tem participação política que foram eleitas na última campanha... mulheres que tem a trajetória longa na política e a gente percebe em todas as entrevistas, até arrepio quando eu falo, mas a gente percebe, assim, em todas as entrevistas, em todas as colocações que a mulher quando ela está ocupando os espaços de poder, ela tem um olhar totalmente diferente pra todas as questões da sociedade, então, assim, esse olhar diferenciado, esse olhar atento, esse olhar cuidadoso, é fundamental quando a mulher tá ali naquele espaço podendo decidir onde é que vai ser aplicado o recurso, onde é que vai ser colocado o projeto X, onde vai ser instalado tal equipamento, isso traz uma outra configuração, né? para as decisões, outra configuração para as decisões... mulher com esse capital, assim... com essa bagagem de experiência, de trajetória de vida, principalmente as que são mães, né? não desmerecendo de forma alguma as mulheres que não são mães, mas assim... nossa perspectiva é justamente a de que mulher e criança... de uma lógica que a partir do momento que esses dois grupos não são invisibilizados, são incluídos dentro de uma lógica de políticas públicas... toda sociedade sai ganhando, toda sociedade sai ganhando... se você inclui mulher e criança no transporte público, no orçamento público, na educação, na saúde, toda sociedade ganha... porque isso implica, necessariamente, em melhoria de política, em melhoria de equipamento público.... acho que traz todo um benefício, toda uma vantagem

Renata Garcia Senlle: inclusive saiu, eu vi, acho que antes de ontem, que saiu uma pesquisa é da Me Farei Ouvir com o Juntos com Elas no Poder falando

Ilka Teodoro: exato

Renata Garcia Senlle: pra incentivar mulheres

Ilka Teodoro: exatamente

Renata Garcia Senlle: incrível, eu amei, amei... tem tudo a ver... com certeza vou citar ele na dissertação porque é muito bom... por último, última coisa [vozes atravessadas]

Ilka Teodoro: como é que é?

Renata Garcia Senlle: tá cortando agora... mas eu li a pesquisa e vou inclui-la na dissertação

Ilka Teodoro: ah, que maravilha, ótimo!

Renata Garcia Senlle: muito bacana, assim. caiu no momento certo... por último, que eu não te perguntei... você já teve blog materno ou uma rede social específica pra falar de maternidade?

Ilka Teodoro: não, nunca tive... eu até já tive vontade, mas eu nunca tive condição... porque é tanta coisa também... tanta correria, tantos projetos... que a gente não consegue se dedicar a tudo, né? um dos projetos que eu tenho sentido muita falta de me dedicar é justamente esse da escrita... eu tô na fase final do meu mestrado, preciso parar pra escrever a dissertação... aí entra política, maternidade... esse projeto do Me Farei Ouvir surgiu como uma necessidade de fazer uma cartilha pra inspirar outras mulheres a entrarem na política... a cartilha virou um documentário... da cartilha com o documentário virou a pesquisa... e a gente tá no meio desse bololo aí todo, as coisas vão acontecendo... a gente vai dando start

Renata Garcia Senlle: e vai surgindo.... olha... se desligar é porque acabou minha bateria, tá? Tá acabando, eu vou até fechar aqui pra não perder... Ilka, tá me ouvindo? Eu vou encerrar porque minha bateria está acabando e tô com medo de perder aqui no ar

Ilka Teodoro: a minha também...

Renata Garcia Senlle: então pronto. Super, super obrigada... eu vou te mantendo informada da pesquisa

Ilka Teodoro: eu quem agradeço

Renata Garcia Senlle: muito obrigada e conte comigo pra divulgar esses projetos, beijo.

ANEXO F - Lana Paula Luna

15/04/20 - (1:01:56) - <https://youtu.be/SzgBoGFHpCA>

Renata Garcia Senlle:

Lana Luna: é legal quando eu vejo a câmera que minha escoliose... fui virar professora de yoga, mas esses dias eu tô tão relaxada que eu tô muito....

Renata Garcia Senlle: a gente se percebe no vídeo... então como eu tava te falando a gente já tá gravando agora nossa conversa para essa entrevista.... Eu tenho algumas questões sócio-demográficas que eu uso com base no IBGE e depois a gente vai entrar nas questões um pouco mais da sua relação com os de redes sociais para fins de ativismo feminismo e maternidade e política

Lana Luna: ok

Renata Garcia Senlle: então primeiro eu queria que você me dissesse seu nome idade e cidade/estado/país...

Lana Luna: Eu sou Lana Luna. Eu tenho 44 anos... eu moro em Goiânia, mas eu sou de Belém... já transitei por algumas cidades, né? Belém, Teresina, São Paulo, Belém, Goiânia e moro no Brasil...

Renata Garcia Senlle: gênero? como você se auto declara? Importante falar, se você não quiser responder algumas Sem problema

Lana Luna: gênero feminino

Renata Garcia Senlle: classe social?

Lana Luna: Eu sou classe média...

Renata Garcia Senlle: e orientação sexual?

Lana Luna: Cis... hétero

Renata Garcia Senlle: estado civil?

Lana Luna: casada

Renata Garcia Senlle: cor/raça? Aqui tem as opções branco, preto, amarelo e indígena

Lana Luna: então eis uma grande questão.... Eu sempre me vi como parda na minha na minha certidão eu sou branca, mas aí por toda essa discussão, né? a gente sabe que hoje pardo é negro... Mas a gente sabe que também tem a questão da... do colorismo não encontro, como não consigo me ver como negra... né? Não consigo pela questão do colorismo... então fica ainda uma grande interrogação, né? Porque eu ainda não me encontro nem com um nem com outro. E aí não sei, muito...é uma discussão muito grande

Renata Garcia Senlle: muito grande que a gente tem que fazer mesmo

Lana Luna: eu acho que é uma coisa agora para pós pandemia... é uma coisa que a gente vai ter que... é uma coisa para era de aquário... que a gente vai... ficar uma discussão pra era de aquário...

Renata Garcia Senlle: tá, e você é mãe de quantos filhos?

Lana Luna: de quatro filhos... Maria Luiza que vai fazer 21 anos, João Pedro de 19 (estudante de jornalismo)... Maria Luiza Maria... Luiza tem 21, vai fazer 21... Maria Luiza tem múltiplas deficiências. Têm Joana de 9 e Pedro Miguel de 6... Pedro Miguel é o combinado você tem que ficar lá! [Falando com o filho Pedro Miguel]

Renata Garcia Senlle: falando nele... eu adoro que sempre sempre tem essa participação... acho importante isso...passando em relação ao uso de redes sociais ativismo, feminismo e maternidade... você já tinha sido candidata antes?

Lana Luna: já em 2016... em 2016 eu me filio... eu acho que eu fui uma das primeiras, assim... eu fui... é porque eu venho para Goiânia em 2013, né? E aí eu começo a me movimentar aqui. Eu trago para cá o *Cine materna*... é porque eu já vinha... eu já participava lá em Belém do *Cine materna*, aí eu venho para cá falo com as meninas “tem esse *Cine materna* aqui em Goiânia? Vamos trazer” Aí ela já queria o mesmo... instalar... aí a gente instala aqui o *Cine materna*... aí começa todo aquele movimento de maternagem que ainda não tinha ainda muito pulsante... aí a gente faz assim... Todas aquelas outras coisas de maternidades... encontros maternos... fazer estudos... aí começa o vários movimentos de dança materna... tudo aquelas coisas que que trazem junto... e começa todas as atividades... e aí, junto com isso... aí tem as feiras de trocas de brinquedo... aí eu venho para frente... eu já fiz lá em Belém a primeira feira de troca de brinquedos - que a gente começou a fazer nacionalmente em 2012... aí teve aqui em Goiânia também... aí quando eu chego eu vou atrás das pessoas que fizeram aqui e que foi uma jornalista também – que é a Tetê Ribeiro... e a gente virou amiga até hoje... ela é radialista, jornalista... a gente é super amiga e leva para frente... já fizemos nove edições aqui em Goiânia e tal... então aí começou, né? todas as sequências... movimento de amamentação, os mamecos... Então eu fui inserindo todas essas coisas... aí me chamaram pra fazer parte do PSOL... que era o partido que eu assim... que eu já me encantava... Cresci, vivenciei... cresci dentro do PT vendo minha mãe... aquela coisa... minha mãe foi candidata a vice-prefeita na região metropolitana lá do Pará, em Benevides e tal... foi advogada do MST, cresci em tudo isso... mas não eu tô sendo muito prolixa, qualquer coisa você me corta...

Renata Garcia Senlle: não, pode...

Lana Luna: Então, cresci nesse ambiente muito muito... extremamente politizada, né? pelos meus pais... então, são profissionais liberais, mas também empresários que tiveram livraria... livreiros... também então, assim... e não tinha como fugir dessa formação... e aqui que numa a cidade extremamente machista... a gente aqui é BBB, né? bancada do boi, da balada e da Bíblia, né? Centro-oeste toda a coisa aqui muito... muito... extremamente forte, né? igreja que... muito muito forte, né? A bancada do boi também... então tudo, tudo muito forte... tudo isso, né? E aí a gente vê toda essa coisa... E aí eu me insiro isso aí com toda essa essa temática da maternagem... diferente dessa forma de maternagem diferentes... dessa forma de ver o mundo diferente... e e com todas as ideias novas... formas de ver de nascer diferente, de pensar diferente... na maternagem, né? a partir da maternidade, né?? que a gente sonhar e sonha ainda né? porque como diz o

Galeano, né? a gente tem essa nossa utopia que leva a gente para frente, né? a gente tem que sonhar e é essa utopia que leva a gente para frente... ontem fez 65 anos que ele morreu, né? a gente leva para frente...

Renata Garcia Senlle: foi ontem? Não sabia... você foi candidata a vereadora?

Lana Luna: Isso, fui em 2016... aí fui... e aí o que acontece?

Renata Garcia Senlle: pelo PSOL?

Lana Luna: isso, pelo PSOL... sempre pela esquerda mais radical.... é engraçado que na semana que a Dilma foi.... como é que eu posso falar? Em abril... foi até nesse período... assim... um mês atrás desse período... de cinco anos atrás.... foi 2016.... nesse período, nessa semana, a gente tava lá em Brasília.... Eu Raquel e a Ana... ainda pela Artemis... a gente foi acompanhar uma jovem que foi fazer.... a gente foi se encontrar com a ministra... não, era secretária, né? a Nilma... porque ela.... a uma moça aqui de Goiânia foi tentar um aborto ilegal e teve todo... umas consequências e tal... conseguiu fazer o aborto, mas teve todo um processo e toda uma situação... e aí a gente conseguiu uma audiência com ela, por conta de toda a repercussão que teve por conta desse aborto na mídia, né? Nessa situação que teve na mídia.... Aí a gente foi... tá fazendo 4 anos isso... E aí a gente tava... foi à Brasília, encontrar com a Nilma... há 4 anos atrás... e a gente já tava sentindo tudo isso, né? Toda essa situação que fazer uma e no domingo... foi tipo assim... foi numa terça, numa quarta-feira e no domingo teve o impeachment da Dilma.... e aí a gente já tava sentindo isso... aí foi nessa semana que a gente gravou um vídeo na porta do Ministério.... E aí foi quando eu falei.... foi um vídeo que eu falei... da Artemis que eu falei que ia sair candidata à vereadora.... e, só não falei o partido porque a gente não podia falar, né? ainda... não... é aquela coisa... tô falando isso aí tá vindo todos aqueles flashes...

Renata Garcia Senlle: quando eu for procurar depois, qual foi o nome dessa moça? Não sei como é que ficou marcado todo esse momento...

Lana Luna: tem nos vídeos da Artemis, na Matéria pública.... As meninas da Pública fizeram bastante coisas...

Renata Garcia Senlle: E você se lembra quando é que você começou a usar redes sociais?

Lana Luna: Ai, como? De maternagem?

Renata Garcia Senlle: maternagem, pessoal... primeiro, no geral....

Lana Luna: assim, redes sociais... Acho que em 2008... 2006... 2006... 2007... é porque foi assim... eu morava em Teresina... então, eu pouco usava... eu tava ainda casada... então eu usava, assim... tava no meu primeiro casamento.... então, eu pouco usava usava, praticamente nada.. e aí, eu volto para Belém, com os meus dois primeiros filhos... Aí eu entro com tudo mesmo acho que 2017/2018... 2008 entrou em Facebook, Orkut.... aí quando eu entro mesmo lá na maternagem... vou descobrindo... que eu entro, eu encontro o movimento da humanização do parto... é de todas nós né? É por conta...é porque eu... eu me separo... aí que eu vou fazer da vida? Eu fiz Letras, dava aula, mas... não queria voltar a dar aula.. aí eu tenho um irmão que ele é terapeuta holístico... ele tinha outra formação... aí eu não quero voltar dar aula... aí eles vou dar uns cursos aqui, tá vindo umas pessoas para dar uns cursos... aí, vou fazer uns cursos... começo a fazer uns cursos na área das terapias com ele... aí, eu começo a procurar aqui, mas eu quero trabalhar como mulheres... aí eu me sinto assim uma coisa para trabalhar com mulheres... trabalhar com

mulher... estava sentindo, assim, um caminho e não sabia o que era... aí, começa a tocar na internet... aí vou trabalhar com mulher... aí até que eu vejo “ vou trabalhar com gestão”... Ah, tem uns cursos para fazer em São Paulo... mas, tô fodida de grana... como é que vou fazer? Voltei para casa dos meus pais, uma filha deficiente... com filho pequeno... como é que eu vou fazer? Aí, comecei a vender coisas... fazer umas coisas para poder pagar os meus cursos, para ir fazer uns módulos em São Paulo... e aí a moça que fazia os cursos, ela era doula e ela já tava no movimento da humanização do parto... pronto, aí entrei... aí, foi o meu contato... aí foi em 2000.... foi 2008.... aí em 2009 eu deixo os meus dois filhos.... com pai... eu tava pirando o cabeção, assim.... como estava numa depressão... assim... e, eu disse olha: eu cuidei dos meninos, cuidei da Maria Luiza... a vida inteira... e, agora eu vou cuidar da minha vida e você vai cuidar deles... ele queria muito ficar só com o meu filho, não queria ficar muito com ela... Lógico que ela dava mais trabalho..... e, aí eu vou cuidar um pouco da minha vida.... e, aí ele ficou com ela e eu vou fazer uns cursos e quando eu puder, tiver condições, eu vou pegar ele de volta.... e, assim eu fiz... aí eu vou para São Paulo.... E, hoje assim... fica aquela eterna culpa: fiz o certo? Não foi o certo? Não sei... e todo mundo me achando a louca, a doida... vou mesmo.... fico num hostel onde eu sempre ficava, ali na Vila Mariana.... e, a minha amiga que era gerente do hostel tava se separando e tinha um apartamento... tinha lá na Praça Luzes... e, aí ela disse: olha, o apartamento tá montado, fica aí no apartamento... subir logo para tí... aí, nesse meio tempo, eu conheço o meu marido... que aí ele, a gente começa a namorar e aí depois ele virou meu marido, né? que aí ele já se mudou para casa e tal... dois meses depois eu já engravidado... loucura... não tava nem nos planos... aí eu já já veio a Joana... já veio já tava mesmo na coisa da humanização do parto e pronto... você vê a vida se desenrolar e pronto...

Renata Garcia Senlle: E hoje usa quais redes sociais?

Lana Luna: Eu só tô usando o Instagram e o WhatsApp.... não tô usando meu Facebook... que tá lá, mas tá parado... Eu acho que eu apaguei o meu Twitter... eu não sei se eu tô com Twitter ou não... eu tenho uma conta do Twitter, mas eu não sei nem se ela tá... eu acho que eu apaguei meu Twitter, tem que dar uma olhada...

Renata Garcia Senlle: você se diz hoje ou é ativista de quais causas?

Lana Luna: Direitos das mulheres e das crianças...

Renata Garcia Senlle: além de gravar eu tô anotando, por isso...

Lana Luna: aí dentro disso tem as subcategorias... Equidade, justiça social que é pra todo mundo... dentro do direito das mulheres e das crianças...

Renata Garcia Senlle: E aí... seu ativismo você disse que ele começou antes ou depois das redes sociais? porque junto com as redes sociais....

Lana Luna: antes, antes.... Em Teresina... eu junto com a muita gente... a gente fundou uma ONG, ela tá até parada, mas ela existe... Instituto Panda, uma ONG voltada justamente para dar suporte para as mães de portadores de deficiências... A ideia era dar suporte para as mães, não só para crianças..., mas, sobretudo para as mães dos portadores de múltiplas deficiências... porque tem muitas que que dão suporte só para para os filhos e tal... mas, era para pensar também tem as mães...

Renata Garcia Senlle: Tem uma autora que eu tô usando no trabalho que ela é... Andrea O'Reilly, ela é uma pesquisadora canadense que têm uma teoria de feminismo matricêntrico... e um dos itens que ela fala que qualificam o feminismo matricêntrico é

colocar também as mães no centro das pesquisas e não só as crianças... que as mulheres mães existem e tem questões próprias... então, tá bem de acordo com o que você tá falando....

Lana Luna: Tu me perguntaste do ativismo, né? tem três situações... duas situações que eu olho na minha vida que quando eu olho para trás eu vejo.... eu fui criada numa família cristã... E, aí nessa família cristã assim, né? [problemas na conexão de Lana Luna, áudio inaudível]

Renata Garcia Senlle: tá cortando...

Lana Luna: mas teve um dia que ela me ligou de madrugada... e tu queres que não entre e volte?

Renata Garcia Senlle: acho que agora voltou... deu uma cortadinha, voltou...

Lana Luna: voltou... ela tinha tomado remédio, né? [problemas na conexão de Lana Luna, áudio inaudível] e aí pediu pra eu acompanhar... [problemas na conexão de Lana Luna, áudio inaudível]

Renata Garcia Senlle: tá cortando bem, per aí... não sei se a sua conexão mudou alguma coisa aí.... quer sair e voltar? A sua imagem congelou totalmente e o seu som tá cortando...

[Lana Luna sai da chamada e retorna]

Lana Luna: vou sair e voltar

Renata Garcia Senlle: eu espero aqui....

[Lana retorna, mas ainda com problemas de conexão....]

Lana Luna: tá me ouvindo?

Renata Garcia Senlle: agora sim....

Lana Luna: vou tentar ser menos prolixa e me atentar só as suas perguntas

Renata Garcia Senlle: imagina...

Lana Luna: evitar parar tanto...

Renata Garcia Senlle: mas se for importante você fale, não tem problema nenhum

Lana Luna: aí é isso.... essa me moça me fez acompanhar no abortamento dela... me fez repensar tudo, né? me fez virar uma apoiadora da questão do aborto, repensar tudo e lutar mesmo.... pela questão do aborto... ninguém é favor do aborto, mas ninguém quer uma mulher morrendo pelo aborto... nesse sentido... eu tive uma vizinha peruana que ela foi ter um bebê... e aí ela não tinha ninguém para acompanhar... ela só o marido dela, com os dois filhos... e aí eu fui ser acompanhante dela... num hospital público horrível... tudo, tudo, tudo péssimo... aí... isso muito antes de saber de violência obstétrica e tudo mais... 2001/2000 por aí assim... eu mesma já tinha passado pelas minhas duas violências obstétricas... dos meus dois outros nascimentos, né? dos meus filhos, nas minhas duas cesáreas desnecessárias ...enfim... é isso....

Renata Garcia Senlle: muito bom...

Lana Luna: vamos lá

Renata Garcia Senlle: e aí você sente algum impacto... ou pode dizer qual foi... o impacto das redes sociais em relação aos temas da maternidade?

Lana Luna: como assim?

Renata Garcia Senlle: você sente que houve algum impacto a partir do momento que você entrou nas redes sociais? Mudou alguma coisa no modo como você... exerce a sua maternidade ou como você enxerga os temas da maternidade?

Lana Luna: nossa... muita... a gente vê, pensa em tudo, sempre... toda hora, é muita desconstrução... o tempo todo é muito de construção, é muita discussão... eu vejo muito dos meus dois primeiros filhos, né? Para os dois... desde alimentação, forma do cuidar, tudo, tudo... muita coisa... muito... muita coisa desconstrução... assim, total... diária... é diária....

Renata Garcia Senlle: você mudando um pouco, mas nem tanto... você se declara feminista, né? travou de novo... agora voltou

Lana Luna: é... sim... [risos]

Renata Garcia Senlle: você percebe algum impacto, uma importância maior para o seu feminismo a partir do momento que você começa a ser mais ativa em redes sociais? Ou você percebe uma relação entre uma coisa e outra? ou você já era antes feminista igual antes das redes sociais?

Lana Luna: Sim... não.... eu acho que é um canal de retroalimentação... tem-se uma retroalimentação... a gente se reafirma... uma retroalimentação... a gente vai se retroalimentado... vai... se você vai se se enxergando... ha uma retroalimentação... acho que a palavra é essa....

Renata Garcia Senlle: você conseguiria definir o que seria uma maternidade feminista?

Lana Luna: Nossa. definir é muito difícil...

Renata Garcia Senlle: ou falar o que é pra você...

Lana Luna: O que é maternidade feminista, gente? eu acho que é sobretudo... é ser uma maternidade para acolher, né? Sem estereotipar... pra acolher o feminino mesmo... para acolher... não se...i como é que eu poderia definir... que é tão profundo, sabe Renata? é tão. é muito, é muito profundo... é muita coisa para gente definir em palavras, assim, o que é. É muito profundo... muito... mas acho que ele sobretudo no dia a dia, o que que seria no dia a dia? como é que a gente pode definir um dia de.... como é uma maternidade feminista? É sobretudo, é colocar o meu os meus filhos, eu posso colocar os meus filhos, os meninos, criá-los para eles serem uns meninos acolhedores... apoiadores... se colocarem... realmente no lugar do outro.... nos nossos lugares... mas, sempre, sempre, sempre que puderem.... sempre que puder... vão poder colocar sempre? Não. Tem a questão do gênero deles... a gente tá em desconstrução, mas sempre que puderem fazerem esse exercício... e colocarem as minhas meninas... a Malu lógico, né? que tem as limitações dela... mas, a Joana tô levando uma peia agora, né? porque eu tô criando uma feminístinha... e o João aos nove anos de idade.... e qualquer coisa que eu vá falar para ela, “mas você já me disse isso e você não pode falar assim comigo”

Renata Garcia Senlle: difícil, né? achar essa linha entre liberdade e autoridade...

Lana Luna: e ainda é muito parecida, né? do mesmo dia, né? mesmo signo e tal... capricorniano... gênio forte... mas acho que sobretudo é isso: se colocar no lugar do outro, né? Eu acho que seria isso, mas com esse olhar acolhedor....

Renata Garcia Senlle: já indo então diretamente agora para campanha como candidata em 2018... como é que foi o uso das redes sociais para campanha? Em especial Facebook

Lana Luna: Nossa, Facebook eu usei bastante... só que foi muito, foi orgânico... no meu caso foi tudo...

Renata Garcia Senlle: era a próxima pergunta...

Lana Luna: não tinha grana... primeiro que no PSOL a gente não tinha recurso, né? no meu caso foi candidata a deputada Federal... Federal foi decidido que nós, Deputados Federais, iam ter dinheiro.... só um momento, Renata... [Lana fala com filho] pronto, desculpa...

então foi decidido que nós, candidatas a deputado federal, nós iríamos ter um determinado valor...X valor... só que na hora, quando veio para cá... para cá para nossa realidade do Estado, eles... esse dinheiro que viria, eles decidiram ser dividido para todo mundo... e aí, aquilo que eu tinha planejado para campanha foi tudo por água abaixo... e aí fazer vaquinha... as outras coisas.... e, no fim... fiz a vaquinha, mas a vaquinha não rolou.... Até porque por todas aquelas situações aqui da cidade, né? lembra que aqui eu sou forasteira, né? Eu não sou... eu moro aqui há pouco tempo... há pouco tempo na cidade... foi tudo muito orgânico...

[vídeo de Lana trava e a entrevistada troca de lugar para melhorar a conexão]

Renata Garcia Senlle: te aguardo aqui, te espero... porque tá dando um atraso no som...

[Lana fala que os filhos podem ir brincar no quarto] [Lana retoma a fala] você tava falando que foi tudo orgânico.... foi no Facebook tudo?

Lana Luna: foi no Facebook e no Instagram... aí e WhatsApp, né? as pessoas compartilhavam as coisas do WhatsApp... muito no WhatsApp.... fazendo as artes e aí compartilhar com WhatsApp... e, também, assim, tudo mulheres.... as artes... sempre feita por mulheres... mulheres-mães, o vídeo foi feito por umas meninas que eu conheci... Lembra daquela marcha que a gente fez do Cone 2016/2015 2015, né? Aí, eu conheci estudantes de jornalismo naquela época... e aí, da UFG ainda... tinha feito a formação da Mídia Ninja aqui... aí Mídia Ninja fez a coisa pra gente fazer a divulgação... de 2018, da divulgação das candidatas.... aí precisava fazer um vídeo, e aí a gente explorou bem esse vídeo... aí, quem fez esse vídeo foi essas meninas... ligadas à UFG. Aí eu aproveitei essas mesmas fotos... aproveitamos, fizemos essas mesmas fotos nesse mesmo... de sempre mulheres e mulheres mães.... sempre nessa linha

Renata Garcia Senlle: legal... E aí qual foi a importância da das redes sociais para sua campanha?

Lana Luna: Nossa...importante assim da visibilidade, né? e a troca... o carinho, om retorno.... Nossa... foi... eu fiquei muito surpresa com o número... imagina fazer uma campanha orgânica, sem grana... e eu fiquei muito surpresa com número de votos que eu tive.... muito... eu achava... tive 2882 votos, no estado todo... tive votos no estado todo, eu não tinha dinheiro para ir no estado todo... nos municípios.... Então como é que eu cheguei? Então, se eu tivesse, imagina se eu tivesse capacidade de ter impulsionado?

Poderia ter chegado mais gente, mais gente... mas porque não tinha grana mesmo pra impulsionar....

Renata Garcia Senlle: e quais eram as suas propostas os seus objetivos com a candidatura política?

Lana Luna: Vamos ser bem... bater a real... tinha possibilidade de conseguir os 60 mil votos? 45.000 mil votos pra chegar lá? sonho meu, sonho meu, sonho meu... é maravilhoso cara... não... só muito revolucionário poderia alcançar na realidade... não... a gente conseguiu aquilo: nosso candidato a Senador que conseguiu essa meta, mas foi candidato a Senador... mas era para realmente fazer da visibilidade para o partido e a gente tentar conseguir uns 10% que a gente precisava para o partido né? pro partido continuar existir, mantendo o partido... e também fazer a discussão.... e sempre nossa pauta da maternidade, maternidade, políticas públicas para as mulheres, políticas públicas para as crianças... pensar tudo isso para... pra construir... fazendo essa construção para agora para 2020, que é um caminho né? quando você vai vai construir, quando você tá no local que você tem chances de conseguir logo de cara, né? você tem várias situações e é ótimo, né? Como aconteceu com a Bancada de Mães Ativistas, da Raquel e da Anne... maravilhoso como quase aconteceu com a Thaís e tal ótimo, né? e tal... maravilhoso, mas quando você não tem, você vai construindo.... agora, por exemplo, a menina lá em Minas... a Polly... tem super possibilidades agora também... foi candidata a vereadora também... em 2016... a Polly faz parte da... tá lá dentro trabalhando agora, tá tendo visibilidade....

Renata Garcia Senlle: tem tudo para conseguir vir como vereadora, né? Eu acho que você já até me respondeu por essa sua resposta... Mas enfim, vê se você quer complementar: qual é o motivo principal de se lançar uma candidatura política por esse viés da maternidade? e eu posso dizer uma maternidade ativista?

Lana Luna: Construir políticas públicas para as mulheres e para as crianças... por que o que que a gente quer de fato? A gente quer transformar a sociedade. A gente quer transformar o sistema... Por que que a gente quer transformar sistema? Por que a gente não tá contente com o sistema... aquela pergunta: nossa população é feita por mulheres, a outra metade são feitas pelos nossos filhos... e a gente quer uma mudança... e nós somos a mudança... nós somos a resposta às nossas mudanças... nós sabemos como conduzir a mudança... olha aí. Nós estudamos, nós estamos estudando, nós sabemos o caminho, nós somos poderosas. E eu não tô falando aqui não... é, não tô falando de... porque nós somos as melhores.... porque nós somos... não... não é arrogância é porque a gente tá acionando, a gente tem conhecimento... a gente chama tem uma rede, a gente chama a máfia, mas a máfia do bem... a gente se encontra assim, né? a gente vai se conectando... agora engraçado... porque a nossa conexão, assim, a gente vai se conectando, assim... se você vai puxando o fiozinho, são conexões assim... muito loucas... e é uma coisa muito louca porque eu... cara, tu tem uma conexão muito louca... e aí o universo vai conduzindo isso aí... esse que é o mais louco, é o mais louco.... olha aí quantos chegaram até a gente... se for parar para pensar é muito louco tudo isso que acontece... Então, acho que essas situações é porque a gente quer mudança... então, é, as coisas vão acontecendo e quando a gente está disposta a mudar e a querer mudar... e a gente: diz eu quero ser agente de mudança, eu quero ser agente de transformação... E aí universo se encarrega... E aí a gente quer... e acho que eu não vou acontecendo... só que não isso pesa horas de sono, de estudo, de trabalho, de loucura... custa nossa saúde mental, física.... Grana, luta contra o sistema não é fácil... contra as estruturas de poder... dentro do próprio partido... desse tamanho, mas a gente escuta... as estruturas de poder são louquíssimas... todas nós, né? a

Ligia sofreu bastante em Santa Catarina, eu sou pra caramba aqui, a Raquel pulou fora, né? Eu tô assim... tô dentro, mas tô fora porque é difícil, é difícil... mas a gente tem que estar nesses espaços porque a gente tem que ser uma lógica contradição dentro desses espaços... que é aonde a gente tem que estar lá para amplificar nossa voz...

Renata Garcia Senlle: dessas conexões todas que você tá falando, qual é que foi a importância das redes para própria criação da bancada de mães ativistas?

Lana Luna: Então acho que foi muito bom, deu uma visibilidade... as pessoas se sentiram representadas, né? foi muito legal, foi muito, foi muito legal... nossa, mas tu sabe que a gente esperava mais apoio até dentro do partido né? mas não teve esse apoio todo não porque tudo que é novo, né? as pessoas veem assim... então mas a gente não tá nem aí... a gente não se preocupa... eles passarão e nós passarinho...

Renata Garcia Senlle: e você já conhecia todas as outras integrantes?

Lana Luna:

então a gente já conhecia das redes sociais, né? Lígia sim, Raquel sim, já conhecia... Laura sim, a Andrea não... Andrea só da rede social... as meninas de Brasília... quem é que eu já conhecia? Só a Ilka que eu conhecia por conta da Artemis... a Taís eu conheci por causa das redes sociais porque a Anne já tinha uma conexão com ela... conhecia de algumas coisas que Anne já tinha feito com ela... que mais? Acho que só...

Renata Garcia Senlle: é isso... as outras que você conhecia, você conhecia por conta de movimentos ativistas?

Lana Luna: sim, sim...

Renata Garcia Senlle: De onde veio a ideia do post da bancada de mães ativistas? se você quiser posso até compartilhar ele aqui na tela... acho que eu consigo compartilhar a tela com você...

Lana Luna: a gente a gente já tinha no Facebook, a gente tinha um grupo que a gente tinha uma... a gente se já falava desde 2016 desse grupo de eleições... era um grupo nosso... aí a gente falava... [vídeo de Lana trava novamente aí quando todas decidimos sair candidatas. a gente decidiu migrar para o... o fizemos um grupinho no WhatsApp... por que tu sabes que teve outras candidatas do movimento da humanização, né? só que de outros partidos...

Renata Garcia Senlle: se você até quiser... porque eu na minha dissertação eu vou mencionar essas outras e eu tenho até uma listinha aqui... mas se você quiser falar eu vou até bater uma com a outra... acho que surgiu outra pessoa...

Lana Luna: em Brasília, é porque agora eu não estou realmente lembrando dos nomes... mas tem uma menina de Brasília que é do PT... cara, eu tô muito ruim de lembrar... eu vou pesquisar e vou te mandar... que tem Brasília, tem uma menina do PCdoB...

Renata Garcia Senlle: a Cris

Lana Luna: a Cris... do PCdoB do Rio Grande do Sul... teve duas irmãs... Teve outra teve uma outra menina de São Paulo... e teve mais gente...

Renata Garcia Senlle: até para você saber quem eu tenho aqui, eu tenho Alexya Salvador aqui em São Paulo, a Marina, a Cris Machado, Riva do MDB-Minas e a Tainá de Paula, do PCdoB do Rio...

Lana Luna: tem uma menina de Brasília que era do PT, que ela foi a gente eu já acompanhava... ela era doula também, ela é feminista ela é do movimento da humanização... ela tem uma casa cultural, ela tem um monte de coisa lá em São Sebastião... ela tem em Brasília... e eu a conheci naquele final de semana do *Nem Presa Nem morta*, eu passei o final de semana lá em Brasília, eu já conheci ela antes e a gente tirou até foto juntos e tal, ela tava com a bebezinha dela... você vai me fazer entrar no Facebook depois de 5 meses... [risos]

Renata Garcia Senlle: pesquisar redes sociais é isso... mas não precisa ser agora, fica tranquila. porque quero mencionar essas outras...

Lana Luna: mas tem mais gente acho que tem mais gente... aí por causa do do partido para não ter... por causa da nossa pauta, né? pra não tem discordância de pauta...

Renata Garcia Senlle: então, a ideia não sei que é isso que eu entendi... foi se organizar para juntar forças em torno desta pauta da maternidade ativista?

Lana Luna: não adianta eu ser do PCdoB e ter discordância de pauta... então, a gente fez assim... foi esse nosso critério...

Renata Garcia Senlle: tá acabando as duas perguntinhas... nos post, a ideia de criar e executar, você lembra de quem foi? porque esse foi que eu vi muito marcante... em determinado dia da campanha, logo em agosto, várias...

Lana Luna: não lembro, não lembro...

Renata Garcia Senlle: não tem problema

Lana Luna: não sei se foi da Lígia, porque era uma loucura

Renata Garcia Senlle: eu imagino

Lana Luna: não sei se foi Ligia, ou Anne ou Raquel e a gente deve ter dito: sim, sim, sim

Renata Garcia Senlle: não tem problema... por último, qual é para você a importância de existir uma bancada de mãe ativistas na política?

Lana Luna: porra, buceta, buceta! [risos] é formidável, né? é maravilhoso isso, é questão acho que básica... tem que ter. é uma coisa que tem que ter... que não tem né? não tem não temos... não temos. precisa ter precisa ter com urgência... não tem, não tem... não temos... não se pensa na maternidade, não se pensa... não se pensa na criança, não se pensa mãe... não se pensa... as meninas inserem, né? agora, né? a Taliria tá ali e pensa, a Aurea tá ali e pensa, né? tão começando a pensar... eu acho que as meninas agora vão começar a pensar muito... porque elas estão tão vendo... a gestação da Taliria e da Aurea, eu acho que tá vindo muito a transformação, tá vindo com muita potência... acho que nesse momento acho que cabecinha delas... a cabecinha delas... a Taliria deve tá parindo por esses dias deve tá vindo, né? muita coisa, muita coisa né?

Renata Garcia Senlle: era isso que eu tinha... não sei se você quer complementar algo que você acha que é importante... de alguma coisa a respeito desse movimento todo...

Lana Luna:

que eu acho que... é muito... sou muito grata a você de querer dar visibilidade, nos escutar, dar voz... que outras mulheres se inspirem, né? na nossa história e queira fazer essas bancadas por aí... eu queria muito, esse ano sair candidata... mas, eu comecei a ter desde

2018 uma sequência de problemas de saúde... já tive duas pneumonias seguidas 18/2019... inúmeros problemas de crises de asma... ano passado todo e tal... voltei a ter convulsões depois de 20 anos...

Renata Garcia Senlle: caramba

Lana Luna: apareceu até tumor no cérebro, menina... acredita? a Laura também teve um monte de coisa, a Lígia

Renata Garcia Senlle: tô tentando falar com a Laura...

Lana Luna: Lígia com coração partido.... depressão, toda aquela coisa...

Renata Garcia Senlle: então, a Lígia, de todas é a que eu não consegui retorno... foi difícil, não sei o que aconteceu com o processo dela...

Lana Luna: não, foi muito dolorido pra ela porque as pessoas diziam que ela tava se aproveitando, foi muito dolorido tudo.... ela teve mesmo a síndrome do coração partido... acho que todas nós tivemos muito ou pouca... a Anne teve toda uma situação... tudo saiu, né? todas nós tivemos pequenos ou grandes situações... enfim... não é fácil, mas, o que que eu fiz? Eu decidi apoiar outras mulheres, porque a política tá na minha veia... eu gosto de fazer política, eu sou apaixonada por política... não tem como... e eu gosto desde pequenininha... não tem como, eu gosto muito...mas esse ano eu reconheço que eu tinha que ficar quietinha... quieta assim, né? sem estar envolvida. Então... só tô ajudando outras pessoas, outras mulheres... a gente teve a ideia de fazer uma bancada aqui... no primeiro momento, mas aí uma outra companheira de partido que também está na bancada - que é a Alessandra - ela também vai fazer uma bancada e vai fazer uma também...

Renata Garcia Senlle: ela também sumiu e não consigo o retorno dela... Se você puder dar esse toque para mim, te agradeço...

Lana Luna: a gente não tá a gente... eu tô falando pouco Alessandra, mas eu mando Whats... posso mandar um WhatsApp para ela... aí Alessandra também tá no partido e tal... a gente tem assim umas diferenças de ideias e tal... e aí, enfim aí eu tô ajudando outras mulheres a saírem candidatas, né? fortalecendo outras mulheres... então é a forma que eu encontrei de ajudar a fortalecer, né? Não sei... a gente sabe, né? Tá tudo uma grande interrogação... não sabe o que vai ter... se vai ter eleição... mas acho que é importante independente das eleições... esse movimento de cidadania de mulheres dar... dar voz para outras mulheres... fortalecendo os conselhos... agora após tudo isso que a gente tá vivendo, né? fortalecer muito mais ainda... eu acho que é muito importante... seja o papel como você jornalista, eu como mulher-mãe e tudo mais, né?

Renata Garcia Senlle: ir nutrindo outra sociedade?

Lana Luna: é isso, acho que é uma outra sociedade que tá nascendo, nada vai ser normal, não podemos voltar ao normal

Renata Garcia Senlle: eu não consigo não fazer umas analogias e acho que o momento que a gente tá passando é um enorme puerpério que a gente tá passando, todo mundo confinado com as suas questões internas, tentando se transformar naquilo que a gente não sabe o que é, mas a gente não é mais o que foi...

Lana Luna: é isso que é importante, estar aberto...

Renata Garcia Senlle: sabemos fazer isso, né?

Lana Luna: obrigada, Renata

Renata Garcia Senlle: eu ia te pedir, quando você lembrar o nome da outra candidata e compartilhar comigo... e se você puder dar esse toque na Alessandra... ela tinha dito que ia falar comigo, agradeço muito

Lana Luna: um beijo, qualquer coisa podem mandar por WhatsApp

Renata Garcia Senlle: você também

Lana Luna: um beijo, bom renascimento... [risos]

Renata Garcia Senlle: pra nós....

ANEXO G - Laura Muller

05/05/20 - (43:24) - https://youtu.be/A_S3DA5sKu4

Laura Muller: Vai lá com o papai, vai...

Renata Garcia Senlle: Agora sim estamos gravando

Laura Muller: uhum

Renata Garcia Senlle: então, Laura, vou começar com as questões sociodemográficas, preciso que você me diga nome, idade, cidade, estado e país...

Laura Muller: tá bom... agora?

Renata Garcia Senlle: bora, valendo

Laura Muller: ah, peraí, ligação... meu nome é Laura Muller, tenho 32 anos atualmente. Moro em Mariana, Minas Gerais, Brasil

Renata Garcia Senlle: gênero autodeclarado?

Laura Muller: desculpa?

Renata Garcia Senlle: gênero?

Laura Muller: feminino

Renata Garcia Senlle: classe social? Eu vou te perguntando, você pode até não dizer se não quiser

Laura Muller: o áudio ficou baixo de novo

Renata Garcia Senlle: ficou baixo?

Laura Muller: depois da ligação... que coisa engraçada

Renata Garcia Senlle: que saco

Laura Muller: peraí... pode continuar, eu tô te ouvindo bem baixinho, mas tô te ouvindo... deixa só eu ver se consigo mexer aqui... porque entrou uma ligação e eu não atendi, aí zuou...qual foi a chamada que a gente fez, lembra? [Laura fala com outra pessoa] teve uma reunião do PSOL que aconteceu isso, não lembro o que a gente fez pra voltar...

Renata Garcia Senlle: pra mim tá bem bom seu som

Laura Muller: não tô te ouvindo

Renata Garcia Senlle: não? Quer desligar e voltar como você fez?

Laura Muller: eu vou... [Laura sai da ligação e retorna imediatamente] Renata?

Renata Garcia Senlle: oi.... voltou?

Laura Muller: agora foi...

Renata Garcia Senlle: então, vamos lá... qualquer coisa é isso, desligar e voltar

Laura Muller: você me perguntou gênero... feminino...

Renata Garcia Senlle: classe social?

Laura Muller: classe? Quais são as opções? Nunca...

Renata Garcia Senlle: baixa, alta, média... autodeclarada

Laura Muller: bom, pela estrutura que a gente vive, pode se considerar classe média... porém por renda é classe baixa

Renata Garcia Senlle: tá.. orientação sexual?

Laura Muller: eu sou bissexual

Renata Garcia Senlle: estado civil?

Laura Muller: eu sou casada

Renata Garcia Senlle: cor/raça?

Laura Muller: branca

Renata Garcia Senlle: mãe de quantos filhos?

Laura Muller: me considero mãe de seis filhos, né? tenho três vivos

Renata Garcia Senlle: quais os nomes?

Laura Muller: dos seis?

Renata Garcia Senlle: pode ser

Laura Muller: o primeiro que eu tive chamava Bento, depois eu tive o Arthur que está vivo, tem 9 anos... depois eu tive Lírio que faleceu, né? depois eu tive Margot que tem 4 aninhos... tive Dante que tem dois aninhos e o ano passado a gente teve Rene que também virou estrelinha...

Renata Garcia Senlle: lindos nomes... então, indo pras relações de redes sociais, ativismos, feminismos, maternidade e política... você... eu tô fazendo pesquisa olhando pro ano de 2018 quando vocês se candidataram e teve essa bancada de mães ativistas, mas você já havia sido candidata antes de 2018?

Laura Muller: não, eu nunca tinha sido candidata

Renata Garcia Senlle: quando você começou a usar redes sociais?

Laura Muller: pra política ou como um todo?

Renata Garcia Senlle: não, como um todo, na vida... você lembra? Dos primeiros usos?

Laura Muller: redes sociais.... acho que era época do Orkut... foi... eu fui ter acesso quando ele era algo que não precisava de convite... início precisava de convite, né? então eu acho que 2003 talvez

Renata Garcia Senlle: bem no início... você usa hoje quais redes sociais?

Laura Muller: uso o Instagram, o WhatsApp... é rede social?

Renata Garcia Senlle: é

Laura Muller: então WhatsApp, eu uso Facebook também mas não é meu principal

Renata Garcia Senlle: meio

Laura Muller: não...

Renata Garcia Senlle: você é ativista?

Laura Muller: sou

Renata Garcia Senlle: de quais causas?

Laura Muller: mulheres, parto humanizado... cê tá anotando? Aí eu vou falando mais devagar

Renata Garcia Senlle: tô, mas pode ir porque eu tô gravando também [risos]

Laura Muller: crianças

Renata Garcia Senlle: tá

Laura Muller: e as políticas públicas que envolvem esses três, assim... são minhas

Renata Garcia Senlle: causas

Laura Muller: pautas... são as principais, né? é o que a gente acaba se envolvendo... outras também... aqui em Mariana, a mineração, né? então a gente acaba se envolvendo, mas busco sempre dentro dessas outras pautas... são esses recortes: crianças, mulheres...

Renata Garcia Senlle: como começou seu ativismo?

Laura Muller: quando?

Renata Garcia Senlle: como?

Laura Muller: eu acho que eu sempre fui um pouco ativista, assim... sempre fui aquela contestadora, desde criança... mas o meu ativismo principal, o feminismo... ele começou a aflorar em mim talvez não com esse nome, não tinha... consciência disso, não se falava muito disso também, né? quando eu tinha quinze anos, eu passei por um estupro muito violento e a minha primeira reação foi não me calar, não tinha vontade de me esconder em relação a isso, muito pelo contrário... eu queria evitar de alguma forma que... eu sabia que eu não era a primeira e sabia que não ia ser a última... foi um divisor de águas na minha vida, total... então, eu dei a cara a tapa....poucos dias depois já tava falando sobre isso, dando entrevista, querendo que as coisas mudassem... essa época eu morava em Santa Maria, no Rio Grande do Sul... aí eu já queria... já fui pra Câmara de Vereadores, já fiz proposta de segurança, de acolhimento, tudo... aos 15 anos...

Renata Garcia Senlle: por sua conta?

Laura Muller: eu e minha mãe... minha mãe foi a minha maior rede nesse momento... tive muitas amigas que também me apoiaram, muitas amigas que conviviam comigo que eram estupradas sistematicamente por parentes... eu não tinha nem ideia, elas acabaram tendo coragem de contar porque eu tive coragem de expor... e comigo foi com uma pessoa totalmente desconhecida, tava indo pra escola, me pegou e me estuprou... teve uma que era pelo irmão, assim, sabe?

Renata Garcia Senlle: sim... gente... pera só um minutinho, Laura, só um segundo [Renata sai brevemente da chamada] meu cachorro tava comendo o cobertor do meu filho

Laura Muller: a gente adotou uma cachorra, ela chegou hoje, agora há pouco aqui em casa

Renata Garcia Senlle: ah, uma cachorrinha! Aqueles momentos iniciais que fala: meu deus do céu

Laura Muller: ela é enorme, ela é enorme

Renata Garcia Senlle: e é pequenininha... vai crescer mais?

Laura Muller: não, ela não cresce mais...

Renata Garcia Senlle: ah, meu deus, que delícia... voltando... tá, sua mãe era sua maior rede que você mobilizou e descobriu outras amigas que passavam por isso?

Laura Muller: isso

Renata Garcia Senlle: o início do seu ativismo vem daí?

Laura Muller: sim

Renata Garcia Senlle: depois disso como que você foi elaborando seu ativismo?

Laura Muller: depois disso eu caí em depressão, tive, né? porque tudo muito pesado... talvez hoje eu enxergue dessa forma... por ter ido muito cedo, não muito cedo... mas, muito rápido talvez... muito recente ter acontecido, ter ido a frente de uma batalha... teve um momento que a gente enfraquece... pessoas julgam, as pessoas perguntam coisas que de uma forma que te culpabiliza... aí isso me fez recuar, não recuar... mas, assim, parar um pouco, sabe? aí eu fiquei um tempo inerte.... mas, aqueles micro-ativismos que faz em volta de você... muito potentes eu acho também... aí depois que eu fiquei com sangue nos zóio mesmo... foi quando eu tive meu filho, o Arthur, aí eu passei pela violência obstétrica... pensei, nossa... bom, chega, né? porque são duas violências muito marcantes na vida de uma mulher... aí quando eu entendi que a violência obstétrica, o que era violência obstétrica, quando a ficha cai e você percebe que... vai atrás da sua história... você percebe que você como mulher já nasceu sendo violentada... eu nasci numa violência obstétrica... é muito forte você perceber que durante sua vida toda você é violentada em pequenas coisas e, as vezes, grandes coisas, né? você já nasce com a marca da violência... aqui no Brasil isso é muito forte... aí eu falei: chega, né? preciso fazer alguma coisa... em relação a isso.... virei doula... aí, desde então, comecei a estudar mais, ter contato com outras mulheres mais politizadas que eu... então fui tendo uma formação política também... já bem de esquerda mesmo... ainda tinha umas coisas que era muito radical pra mim, mas depois consegui entender e compreender algumas raízes, alguns porquês, motivos... você via que fazia sentido sim... aí acho que esse foi meu gatilho principal... você ter um filho te dá um gás, uma coisa assim: agora não é só eu, agora eu preciso lutar, também por ele, né?

Renata Garcia Senlle: você sente que de alguma forma seu ativismo mudou ou o que ele ganhou com as redes sociais?

Laura Muller: ah, no meu caso as redes sociais foram fundamentais pra construção do meu ativismo... porque foi conversando com outras mulheres, foi através das redes sociais que eu descobri o termo violência obstétrica, que descobri o parto humanizado... porque até então... eu lembro que quando eu tive, eu me preparei, eu quis, foi programado... então, o primeiro que eu perdi, o Bento... tinha certeza que queria cesariana porque não queria sentir dor, ia lá, fazia rapidinho, voltava pra casa e tudo bem... porque eu não sabia dos riscos, que não precisava ser aquela coisa violenta... não sabia de nada disso... por falta de informação... obtive essas informações, na época, pelo Orkut... aí depois pelo Facebook, aquela coisa toda... foi conversando, lendo outras mulheres que tinha muito mais acesso pela internet, pelas redes sociais... essas informações elas não tão em livros... a gente não encontra no livro o que é violência obstétrica

Renata Garcia Senlle: você se lembra, nessa época de Orkut, onde você se informava a respeito desses temas?

Laura Muller: eram comunidades, né? que chamavam.... comunidades... acho que tem umas que migraram pro Facebook, tô até hoje

Renata Garcia Senlle: ah é? Quais são?

Laura Muller: Pediatria Radical acho que é a principal, que eu mais uso.... vou te mostrar nossa filha nova, olha [Laura vira câmera para cachorra]

Renata Garcia Senlle: sim, ah meu deus... gente, ela é grande mesmo

Laura Muller: ela é

Renata Garcia Senlle: que máximo.... é uma delícia, né?

Laura Muller: eu tô adorando... cachorro grande, sempre tive pequenininho [Laura sai da vídeo-chamada e retorna] Cadê eu?

Renata Garcia Senlle: que estranho, caiu pra mim também... bom, e aí... o que que mudou também conforme você teve seus filhos em relação ao seu ativismo... de que forma ele mudou com a maternidade? Acho que você já... tá misturado uma coisa na outra, né?

Laura Muller: bom, eles impulsionaram, né? minha vontade de mudar o mundo, de mudar, pelo menos, o mundo onde a gente tá inserido, né? porque mudar o mundo é muita coisa... mas, pelo menos onde a gente tá inserido, aquilo que tá no nosso alcance e também enxergar outros espaços, né? como é difícil você participar de qualquer espaço de decisão, de política, de debate tendo crianças... eu nunca deixei de fazer nada disso por conta deles, né? eu acredito... você já entrevistou a Anne?

Renata Garcia Senlle: já

Laura Muller: a Anne tem esse pensamento também de que se o mundo fosse feito para crianças a gente teria resolvido muita coisa: acessibilidade, segurança, tudo, né? eu concordo muito com isso... se a gente enxergasse as crianças como seres sociais e que tem direitos e fazem parte da nossa sociedade, a gente teria um mundo muito diferente, muito melhor, muito mais acessível, mais seguro, muito mais digno, mais respeitoso, leve...

Renata Garcia Senlle: sim

Laura Muller: acho que é isso, assim que mudou, assim... o olhar: qual meu lugar nesse espaço? Faculdade... não consegui terminar nenhuma das minhas faculdades porque o peso era muito grande pras crianças e, as vezes, não tinha com quem deixar... faculdade à noite, não existe creche noturna, não existe bolsa... na faculdade que eu fazia aqui não tinha bolsa pra mães... por exemplo, ter esse dinheiro... então, pagar alguém que ficasse com meu filho... aí a gente acaba trancando e desistindo dessas escolhas. O que é muito cruel, né?

Renata Garcia Senlle: sim.... aí você também já falou um pouco dos principais impactos das redes sociais em relação aos temas da maternidade, pro jeito que você exerce a sua maternidade

Laura Muller: sim... é porque a gente tem uma construção... pensando assim nas gerações anteriores a minha, né? mãe e minha avó, por exemplo... minha avó nunca usou uma rede social na vida, nunca... então, o que ela aprendeu veio lá da mãe dela, com a vó dela e assim vai sendo passada as informações, né? minha mãe também... passou a usar redes sociais pra informação há pouquíssimo tempo... então, era pra relacionamento, pra você conversar com alguém... não era pra você ver alguma coisa... vídeo engraçado no Youtube, alguma coisa assim... então, o modelo que eu tive não é o modelo que eu uso, por exemplo... pra mim foi uma desconstrução muito grande... mas, eu sempre tive uma cabeça muito aberta... talvez porque meus pais sempre me incentivaram muito à leitura...muita cultura, muito conhecimento... então, sempre busquei ler... quando veio as redes sociais, eu gostava muito de ler o que os outros escreviam... então, nunca tive problema em mudar de opinião... então, aquelas crenças que eu tinha, por exemplo, achava que palmada tudo bem porque eu cresci com palmada... eu achava Super Nanny incrível... achava: olha, chorou dois dias e depois tá ótimo.... achava que esses treinamentos eram... porque funciona, funciona... palmada funciona... mas, não por educação, funciona por treinamento... funciona por um treinamento... antigamente você adestrava cavalo quebrando o queixo do cavalo

Renata Garcia Senlle: nossa

Laura Muller: quebrava o queixo do cavalo, colocava-se o freio cada vez que puxava... então ele não tentava sair... assim que se adestrava cavalo... eu sei disso porque eu cresci no interior do Rio grande do Sul, infelizmente eu vi muito disso... então, palmada é a mesma coisa... você bate pra que a criança não faça mais aquilo, então funciona... não faz porque não entendeu que não pode pôr a mão no fogão... nunca gostei de levar tapa nenhum... sempre falei que ia fazer isso diferente... tinha a convicção de que talvez eu não conseguisse... vendo outras mães... acho que a Ligia fala muito sobre isso, fui me encontrando: olha, tem pessoas que pensam como eu... aí, coisas que me chocaram muito foi pessoas que eu admiro e que nunca levaram um tapa na vida... tipo: é incrível, é possível

Renata Garcia Senlle: dá pra educar uma pessoa

Laura Muller: exatamente... então, assim... as redes sociais me ajudaram na troca, na identificação com os mesmos princípios que eu buscava... meu marido quando a gente se conheceu era a favor da palmada também, eu já era contra... no decorrer da nossa caminhada ele fez Direito, TCC dele foi sobre a Lei da Palmada.... sendo a favor da lei, no caso... então, ele mudou o pensamento dele, fez o TCC dele por conta disso... porque a gente vai buscando outras informações...

Renata Garcia Senlle: vai entendendo outras referências, né? que a gente nunca teve... fiquei curiosa, outro dia escrevi um texto sobre isso... em que área que é?

Laura Muller: Direito da Família

Renata Garcia Senlle: bacana... deixa eu ver aqui... você... indo já pro feminismo, você se declara feminista? Você é feminista?

Laura Muller: demais

Renata Garcia Senlle: de que forma as redes sociais contribuíram pra isso? Pro desenvolvimento

Laura Muller: pra mim tá entrelaçado minha construção de maternidade e meu ativismo.. inerente ao feminismo, né?

Renata Garcia Senlle: tudo junto? Maternidade e feminismo? E ativismo?

Laura Muller: é, pra mim tá tudo junto... não consigo separar essas áreas da minha vida não

Renata Garcia Senlle: aí o que seria pra você... não sei se você já pensou nisso, se faz sentido ou não... o que seria uma maternidade feminista?

Laura Muller: já, já pensei sobre isso sim... acredito que se esse tema for carimbado eu vou adotar... acredito que é passar esses princípios pras crianças... falar sobre autonomia, falar sobre respeito, falar sobre responsabilidade em vez de culpabilização, né? aqui a gente trabalha muito essa relação da responsabilidade, né? evita essa coisa de castigo... eletrônicos são privilégios, não fez algo que deveria ter feito, já que tem deveres também, então você vai perder privilégios... direitos são seus direitos, tem direito a brincar, a seus brinquedos – porque são seus – então, assim... a gente fala muito sobre... autonomia, sobre respeito ao próprio corpo e ao corpo do outro... coisas que as pessoas... vejo muito nas redes sociais... falam que é uma coisa de esquerda, comunista... na verdade não é... são princípios básicos de cidadania, bem viver, de um ser humano, de humanidade, né?

Renata Garcia Senlle: na campanha eu tô olhando 2018 pra Facebook.... o que vocês têm em comum é o uso do Facebook pra falar da campanha... mas, no seu caso, diferente das outras candidatas... você não criou uma fanpage pra candidatura, certo? Você usou seu Facebook pessoal?

Laura Muller: não, eu tenho fanpage

Renata Garcia Senlle: você fez fanpage?

Laura Muller: a minha já existia

Renata Garcia Senlle: você excluiu?

Laura Muller: não, tá tudo lá

Renata Garcia Senlle: porque eu não achei... a única que eu não peguei foi a sua, achei só o perfil pessoal, não o perfil

Laura Muller: não, a minha.... eu movimentei inclusive bastante por lá

Renata Garcia Senlle: é? Qual era a fanpage?

Laura Muller: Laura Muller

Renata Garcia Senlle: será que eu tô doida, gente? Vou por aqui...

Laura Muller: acho que ela existe desde 2012... a minha fanpage... porque ela era minha fanpage de doula, assim... fui trabalhando porque não tirei uma coisa da outra, né? como doula fui candidata.... agora ela tá... lá do meu Instagram.... ficou lá.... eu pretendo sair à vereadora, né?

Renata Garcia Senlle: ah, engraçado... eu não acho ela aqui, só acho a sua pessoal

Laura Muller: que engraçado e triste [risos] eu te mando ela

Renata Garcia Senlle: manda? Achei a sua pessoal só, mas não a fanpage

Laura Muller: posso te mandar depois? Tô com medo de mexer aqui

Renata Garcia Senlle: manda depois, não tem problema... aí então como que você achou o Facebook em especial pra candidatura? Foram posts patrocinados ou orgânicos? Eram só orgânicos? Você tinha ajuda?

Laura Muller: nunca patrocinei nada... acho que nunca foi patrocinado nada, nem no instagram nem no facebook, foi tudo na raça mesmo... compartilhamento, pedindo pras pessoas compartilhar... tivemos um alcance muito bom, acho que foi um alcance bom porque eu vejo pelo Instagram, né? 30.000 mais ou menos por semana, continua isso até hoje.... na época da campanha chegou a mais... mais de cem mil de alcance... nunca patrocinei nada, nem pro meu trabalho... nem pra minha empresa, nada

Renata Garcia Senlle: tudo orgânico... você fazia tudo sozinha? Tinha gente voluntária?

Laura Muller: tinha gente voluntária... no início eu fazia sozinha, depois a gente teve uma... como chama? Agora esqueci o nome... teve uma Laura, outra Laura, que ficou cuidando das redes sociais, ela que fazia os posts... esqueci, diretora de mídias... assessora de comunicação

Renata Garcia Senlle: tá... e ela quem te ajudava durante a campanha

Laura Muller: sim, a gente pagou ela, a gente contratou ela... foi mais pro final até da campanha... porque assim... no início da campanha eu fiquei doente, né? com uma gripe muito forte, não consegui sair de casa pra nada... quando a gente começou a sair eu sofri um acidente e machuquei o pé... aí as viagens que eu tinha que fazer não fiz nenhuma, nenhuma, não sai de Mariana... então, os votos que eu tive foram muito significativos porque eu não fiz campanha... minha campanha foi só aqui... andava de muleta... aí, assim, foi na raça mesmo

Renata Garcia Senlle: você fez campanha aí de muleta em Mariana e rede social?

Laura Muller: só rede social mesmo... a gente fez em Mariana e Ouro Preto presencialmente... minha maioria de votos foi em BH, por exemplo...

Renata Garcia Senlle: caramba... tá... aí qual foi a importância das redes sociais durante o desenvolvimento da sua campanha? De 2018? De que forma foi usada? Pra que serviu? Que resultados elas alcançaram?

Laura Muller: eu acho que ela foi fundamental, né? no sentido de ampliar a voz assim, né? eu não digo a minha, mas a nossa... existia e existe um grupo, né? por trás de toda essa construção... Bancada Ativista foi fundamental porque ela deu uma grande visibilidade pra nós, né? acho que foi... de mães ativistas né... foi incrível, incrível... ficar ao lado dessas mulheres pra mim foi... já conhecia todas elas

Renata Garcia Senlle: você já conhecia?

Laura Muller: já, já conhecia... mas foi muito bonito, sabe? esse movimento de juntar todas, assim... eu achei muito incrível

Renata Garcia Senlle: foi o que chamou muito minha atenção... eu não sabia que tinha tido a Bancada de Mães Ativistas, foi durante a pesquisa... olhando pra alguns posts que eu achei, assim... específico que tinha as onze integrantes

Laura Muller: aquele quadrinho colorido?

Renata Garcia Senlle: exatamente...

Laura Muller: lindo

Renata Garcia Senlle: aí era a Bancada de Mães Ativistas, comecei minha pesquisa olhando quatro candidatas que eu acompanhava como blogueiras e que foram virando ativistas e depois de ativistas viraram candidatas... aí eu queria entender se de fato esse ambiente propicia uma articulação diferente entre as mães a ponto

Laura Muller: as pessoas... eu tenho visto muito isso em alguns grupos de mães que eu tô de tipo: ah, antes a gente ficava falando aqui só dos filhos e agora tá a toda hora falando de política... não tem mais como você desatrelar isso, sabe? você parir é política... no Brasil você tem que lutar pra ter parto digno, você tem que lutar pra amamentar... a vida de uma mãe no Brasil... tô me atendo ao Brasil, mas dá pra ampliar mais isso aí... mas, a vida duma mãe no Brasil é de luta... você luta pelo direito de ter filho, pelo direito de não ter... e não ter inclusive... como exercer a maternidade, como parir... como alimentar, qual escola você vai por... socialização da criança, tudo isso é política... alimentação das crianças é pura política

Renata Garcia Senlle: sim... daí quais eram suas propostas e seus objetivos? O que te moveu na campanha em 2018?

Laura Muller: nossa, as propostas... eu não lembro todas

Renata Garcia Senlle: mas.... pensar como um todo...

Laura Muller: ah, um novo modelo de mineração aqui pras Minas Gerais né... ampliar o acesso ao parto humanizado, lutar por mais delegacias das mulheres aqui nas macro regiões e nas micro... por exemplo, em Mariana... a gente aqui é da região dos inconfidentes, né? Mariana, Ouro Preto e Itabiri... Ouro Branco acho que entra [falando com alguém do cômodo, aparentemente o esposo] dá mais ou menos quase 200.000 habitantes essas cidades que são polos turísticos importantes.... aquela coisa toda... não tem Delegacia da Mulher aqui.... era uma das

Renata Garcia Senlle: não tem pra atender essas cidades todas que você citou?

Laura Muller: não tem... e onde tem mineração tem muito estupro porque os mineradores... enfim... é muito complicado... rola um coronelismo assim... essa parte... vou deixar... [risos]

Renata Garcia Senlle: dá uma outra pesquisa até, né? nossa

Laura Muller: dá um doutorado.... enfim... acho que esses foram os principais que eu lembro... tive um AVC ano passado, então tem muita coisa que minha memória apagou

Renata Garcia Senlle: sim

Laura Muller: fico devendo algumas coisas

Renata Garcia Senlle: tá ótimo... qual é o principal... acho que na sua fala tem tudo, mas você consegue elaborar exatamente nessa pergunta qual é o motivo principal de você estar numa candidatura política pelo viés da maternidade ativista?

Laura Muller: porque eu acredito que a gente precisa de não só mães, mas mulheres na política... por exemplo, aqui em Mariana, nós somos a maioria de eleitoras, né? quem elege aqui em Mariana são as mulheres... 54% de mulheres votantes e a gente tem uma vereadora... na verdade, hoje a gente não tem nenhuma... então a gente tem o prefeito, um vice e o resto tudo é homem, tudo, tudo... isso já me incomodava há muito tempo... mas, quem plantou a sementinha do mal na minha cabeça foi a Raquel Marques [risos]

Renata Garcia Senlle: de se candidatar?

Laura Muller: eu nunca tinha pensado em me candidatar, assim... Foi em 2018, então acho que em 2016 encontrei ela em São Paulo e ela falou: e aí, vamos se candidatar? Foi mais ou menos assim, bem sutil... ela me falou que ela tava pensando em movimentar as mulheres, mesma coisa que eu tô te falando, essa incomodação... tava me incomodando, mas a gente não conversava sobre isso... aí a gente foi vendo “e é mesmo, se a gente não fizer eles vão fazer, a gente precisa fazer então”, nem que seja só pra incomodar, pra dizer: olha, a gente tá aqui

Renata Garcia Senlle: então ela que plantou essa ideia?

Laura Muller: ela foi a semeadora, agradeço muito

Renata Garcia Senlle: aí de onde veio... não sei se você vai se lembrar, você me falou, da onde veio a ideia desse post da bancada... a origem, como que foi a organização especificamente

Laura Muller: não lembro

Renata Garcia Senlle: não?

Laura Muller: não, quando eu vi eu já tava no meio... porque assim... em 2018 foi muito louco, 2018 foi uma montanha russa sem cinto de segurança, sabe? a gente ia se segurando mesmo, como dava e fazendo o que dava, do jeito que dava e quando via tava feito

Renata Garcia Senlle: vocês tinham um grupo de WhatsApp, né? só dessas

Laura Muller: isso, exatamente...na verdade, era só isso que a gente tinha

Renata Garcia Senlle: quem criou esse grupo? Você lembra?

Laura Muller: também não lembro, mas posso ver aqui depois

Renata Garcia Senlle: pode ser, quero...

Laura Muller: acho que foi a Raquel ou a Anne, acho

Renata Garcia Senlle: e qual foi a importância das redes sociais para a bancada de mães ativistas? Essas onze integrantes

Laura Muller: muitas de nós já nos conhecíamos justamente pelas redes sociais porque a maternidade e o parto humanizado unia... acho que o parto humanizado, na verdade, era o ponto comum entre todas nós, então nas redes sociais a gente já se comunicava em relação a isso, né? aí quando viu todas foram indo pra política, né? é isso, bora lá

Renata Garcia Senlle: tá... aí você acha que as redes sociais ajudaram em que? Pra vocês existirem, assim

Laura Muller: ajudou acho que na comunicação, né? não sei se entendi tua pergunta

Renata Garcia Senlle: não, de que forma as redes sociais ajudara na criação da bancada de mães ativistas, assim

Laura Muller: acho que facilitou o fato da gente já ter se conhecido... os pontos em comum que a gente tinha, acabou que todas nós escolhemos o mesmo partido, né? não foi algo incitado por ninguém, foi uma coincidência mesmo

Renata Garcia Senlle: ah é? Não foi uma

Laura Muller: não conversado antes “vamos nos candidatar” tá, beleza “vou pra qual partido?” não! Foi indo, foi surgindo... tanto que quando eu fui escolher um partido, eu fiquei entre dois partidos... o que me fez escolher pelo PSOL foi justamente o fato deles tem 50/50, né? na questão das mulheres e homens... ou tem 50% mulheres ou não tem

Renata Garcia Senlle: sim

Laura Muller: ou não tem... pra mim isso foi crucial.... aí eu escolhi o PSOL... aí quando eu vi a Raquel já era do PSOL, eu não sabia... depois a Ligia se filiou ao PSOL, pra depois surgir a Bancada de Mães Ativistas

Renata Garcia Senlle: bacana... aí, qual você acha que é a importância de existir uma bancada de mães ativistas na política?

Laura Muller: ah, representatividade, né? você vê a sua voz ali sendo representada é muito importante... eu, por exemplo, não fui eleita, né? mas teve outras mulheres, por exemplo a Andrea Jesus que não é da Bancada Ativista e a Aurea que também não era da Bancada de Mães ativistas, hoje ela é mãe, né? as duas foram eleitas e eu me sinto totalmente representada... não é só uma questão de mãe, é uma questão de mulheridade, né? de dororidade.... você sabe que elas compreendem as suas dores também como mulher talvez não como mãe, mas como mulher elas compreendem, né? que existe algo muito forte que une nessa luta... eu não fui eleita, mas outras foram e me senti totalmente representada... acredito que qualquer uma de nós que fossemos eleitas... acredito eu que a gente conseguiria representar muitas outras mulheres

Renata Garcia Senlle: aí por último...

Laura Muller: o fato de que aqui em Minas foram duas mulheres negras eleitas pelo PSOL, né? acho que isso tem um peso enorme, enorme... a Andrea de Jesus era empregada doméstica, sabe? virar deputada, gente? Assim... olha, foi mágico... eu tenho certeza que nas próximas eleições vai ter uma maioria de mulheres, mais mulheres... tanto se candidatando quanto sendo eleitas porquê... acho que nunca se discutiu tanto a política como hoje em dia, né? o mal de antes eram aquelas frases naturalizantes de que “política não se discute”... a gente chegou onde a gente chegou por isso, né? política é assunto de mulher, de mãe... assunto de conversar com os filhos sim... política devia fazer parte da vida como um todo... educação sexual, política.... nossa, evitaria e salvaria tantas coisas

Renata Garcia Senlle: aí por último, então, pra esse ano... você vai se candidatar novamente?

Laura Muller: pretendo... já sou pré-candidata, né?

Renata Garcia Senlle: ah é?

Laura Muller: já... já sou pré-candidata a vereadora em Mariana

Renata Garcia Senlle: com essa mesma agenda de pautas, assim?

Laura Muller: mesma coisa... só que daí reduzida pra uma cidade, né? não pra um estado, aí tem coisas mais específicas da cidade também que devem entrar... Mariana sofreu bastante, né? com o crime da SAMARCO, tem umas questões bem fortes aqui

Renata Garcia Senlle: bacana... tem mais alguma coisa que você acha importante dizer desse movimento da Bancada? Do seu envolvimento com maternidade?

Laura Muller: eu acho que só agradecer pela força que foi a união que surgiu... porque surgiu... brotou, assim, sabe?

Renata Garcia Senlle: sim

Laura Muller: acho que isso foi muito bonito, pra quem tava lá dentro e pra quem via de fora... eu, se eu não tivesse lá, eu ia gostar muito de ver isso acontecer: caramba, gente, elas tão se mexendo, elas tão ali, elas tão querendo fazer barulho, fazer alguma coisa... porque eu acho que um gatilho pra todas nós de fazer tudo isso em 2018 foi a morte da Marielle, né? eu lembro que quando mataram a Marielle eu ainda não tava filiada ao PSOL... já conhecia um pouco dela, eu lembro que eu fiquei incomodada mas eu não conseguia explicar o porquê... aí no outro dia eu consegui elaborar o que eu tava sentindo, uma raiva, uma coisa assim... porque a sensação que eu tinha era tipo: eu já era ativista, era feminista, já falava pra caramba sobre essas coisas e colocava a cara a tapa... a sensação era que: mano, cala a boca ou a gente vai matar você... nem a pau, elas vão vir pra cima... eu lembro que eu procurei um amigo meu, quando eu decidi que queria ir pelo PSOL, procurei um amigo meu e falei assim que queria me filiar, mas eu quero ser candidata... eu nem sabia que no PSOL não é assim “quero ser candidata”, tem que, né? instruir isso, é um processo.... na hora ele falou: era tudo que a gente precisava, não sei o que... já foi, sabe? foi tudo muito rápido, mas a Marielle foi o fato determinante nisso, assim... sementes da Marielle e é isso, sabe? acho que vai brotar muito mais, eu espero que brote muito mais

Renata Garcia Senlle: era isso, Laura, conseguimos! Te agradeço muito

Laura Muller: desculpa mesmo por ter demorado tanto pra te responder, mas as coisas tavam bem complicadas aqui em casa mesmo... minha saúde tava bem debilitada, agora as coisas tão começando a ficar... ainda não resolvemos nada, mas como estamos em quarentena... parece que o que não tem remédio... não tem o que fazer, então é isso... segue o baile, literalmente isso

Renata Garcia Senlle: exatamente... muito bom, super obrigada... se você puder dizer pra mim essa história do WhatsApp, da onde veio te agradeço demais

Laura Muller: tá

Renata Garcia Senlle: era isso, qualquer outra coisa, tiver uma coisa ou outra pontual... te mando depois o termo de consentimento

Laura Muller: tá bom, obrigada, viu? Bom trabalho

Renata Garcia Senlle: agradeço muito... obrigada, pra você também

ANEXO H – Ludmila Suaid

27/04/20

Ludmila Suaid - Parte 1 (2:06) - <https://youtu.be/dtQ0J09gp44>

Ludmila Suaid - Parte 2 (1:19:12) - <https://youtu.be/MStMbAo8TK0>

Ludmila Suaid:

Renata Garcia Senlle: Agora sim estamos gravando... então, partindo pras questões sociodemográficas da pesquisa, preciso que você me fale nome... são questões autodeclaradas e você pode, inclusive, não responder, tá? Se você não quiser

Ludmila Suaid: o ser humaninho acordou

Renata Garcia Senlle: você quer?

Ludmila Suaid: [inaudível]

Renata Garcia Senlle: é? Você me fala...

Ludmila Suaid: é... peraí, só um pouquinho [Ludmila fala com filha] quer mamar! [risos] então, peraí, só vou me ajeitar aqui

Renata Garcia Senlle: sem problemas

Ludmila Suaid: ela ainda quer dormir mais, então melhor dar o peito

Renata Garcia Senlle: sim

Ludmila Suaid: [Ludmila pega a filha no colo e amamenta] ela quer que eu deite... falei que eu vou dar sentada... dá oi pra amiga da mamãe [Ludmila mostra a filha à Renata]

Renata Garcia Senlle: [Renata acena] oi! Ah, meu deus... fica tranquila, se quiser fazer depois, a gente faz

Ludmila Suaid: mulher, vou dar esse peito aqui rapidinho

Renata Garcia Senlle: fica tranquila...

Ludmila Suaid: acho que uns cinco minutinhos a gente consegue aqui voltar a dormir, beijo

Renata Garcia Senlle: beijo! Vou te mandar outro link

Ludmila Suaid: beijo! [novo vídeo começa] na UnB tem a Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, mas Ciências Humanas é outro... por isso que eu fiquei na dúvida...

Renata Garcia Senlle: é, comunicação fica ali num campo meio híbrido, né? então, as vezes, também fico em dúvida de qual é o melhor lugar... então, a gente já tá aqui no ar gravando... primeiro eu queria começar com as questões sócio-demográficas... então, que você falasse seu nome, idade, cidade, estado e país

Ludmila Suaid: nome completo?

Renata Garcia Senlle: não, pode ser só o nome e um sobrenome

Ludmila Suaid: Ludmila Suaid, idade: 40 anos, que mais?

Renata Garcia Senlle: cidade...

Ludmila Suaid: Brasília

Renata Garcia Senlle: gênero? autodeclarado

Ludmila Suaid: mulher...

Renata Garcia Senlle: classe social?

Ludmila Suaid: classe média

Renata Garcia Senlle: orientação sexual?

Ludmila Suaid: heterossexual

Renata Garcia Senlle: estado civil?

Ludmila Suaid: união estável

Renata Garcia Senlle: cor/raça?

Ludmila Suaid: negra

Renata Garcia Senlle: você é mãe de quantos filhos?

Ludmila Suaid: duas... Yasmin com dois anos, Maria Flor com... olha lá [risos] Yasmin com oito anos, Maria Flor com dois.... Já tô igual minha mãe confundindo

Renata Garcia Senlle: enquanto eu não chamar o nome do cachorro com o filho, trocar, tá tudo certo

Ludmila Suaid: [risos] ai ai

Renata Garcia Senlle: agora já entrando nas perguntas relacionadas ao uso das redes sociais, ativismo, feminismo e maternidade.... que são os grandes temas da minha pesquisa.... você já havia sido candidata antes das eleições de 2018?

Ludmila Suaid: não

Renata Garcia Senlle: foi a primeira vez?

Ludmila Suaid: [balança a cabeça positivamente]

Renata Garcia Senlle: quando você começou a usar as redes sociais? Você se lembra?

Ludmila Suaid: época de Orkut... eu tava no [áudio trava]

Renata Garcia Senlle: Orkut... você lembra ano mais ou menos?

Ludmila Suaid: 2004

Renata Garcia Senlle: hoje você usa quais?

Ludmila Suaid: eu uso Facebook e Instagram

Renata Garcia Senlle: e WhatsApp?

Ludmila Suaid: isso... diz o Twitter que eu tenho uma conta lá... mas eu não lembro a senha

Renata Garcia Senlle: muito comum as pessoas terem Twitter e não estar em uso, assim... você é ativista de quais causas?

Ludmila Suaid: feminista, feminismo em geral, né? parto... maternidade e movimento negro e serviço social também... acho que é um dos primeiros

Renata Garcia Senlle: um dos primeiros é serviço social?

Ludmila Suaid: da época de estudante, também fui do movimento estudantil...

Renata Garcia Senlle: tô anotando aqui... o seu ativismo começou antes das redes sociais?

Ludmila Suaid: sim... há muito tempo

Renata Garcia Senlle: quando ele começa?

Ludmila Suaid: ele começa na UnB... eu entrei na Universidade de Brasília em 1999, o FHC tava no poder... quando eu entrei ele tinha a ideia de privatizar as universidades, né? então, eu lembro que logo a gente foi pras ruas... nossa, a gente fazia muita manifestação, saía andando da UnB até chegar na explanada, no MEC, na porta do Congresso Nacional... a gente tomou banho naquele laguinho lá muitos anos, quando inventaram ele, né? desde a época de antes de ter o laguinho... nem lembro qual era o presidente da Câmara que pois o laguinho lá na frente do Congresso Nacional que era pra gente não chegar tão perto, mas a gente vivia lá

Renata Garcia Senlle: era esse intuito, então?

Ludmila Suaid: era... e é um presidente famoso da Câmara, depois eu descobro... aí eu lembro que uma vez a gente nadou no laguinho... nossa... muito engraçado... a gente levou pizza, era uma CPI e a gente levou uma pizza enorme... a CPI que ia acabar em pizza... fizemos uma pizza enorme de papelão, linda! Com tomate, amarelo do queijo, vermelho do tomate... a gente entrou com ela dentro do laguinho... a polícia veio... tenho essa foto, cara... uma vez alguém compartilhou essa foto, a gente falou: nossa, que incrível... aí tem as fotos lá dos policiais na... depois do laguinho, né? pessoal vigiando a gente e a gente aqui... por fim com a pizza no laguinho

Renata Garcia Senlle: maravilhoso

Ludmila Suaid: muito bom... então, era uma luta contra a privatização, né? era uma luta muito *Fora Fhc, Fora FMI, Educação não é mercadoria*, então a gente fazia... tinha muitas bandeiras, né? porque era complicado, muito complicado

Renata Garcia Senlle: ainda continuamos nessa luta inclusive, né? nessa e outras

Ludmila Suaid: tá pior agora, eu acho

Renata Garcia Senlle: fazendo uma relação das redes sociais com sua maternidade... você sente algum impacto nas redes sociais em relação aos temas da maternidade pra você ou até pro seu exercício de maternidade? Você consegue fazer esse link?

Ludmila Suaid: sim... eu lembro que quando eu engravidei da Yasmin em 2011... eu já entrei no grupo de gestante do HUB... antigamente a gente usava muito grupos do Google, né? Yahoo grupos, tinha muita, muita troca de informação sobre amamentação, sobre

parto... então, aquilo já me fortalecia muito... conhecer pediatras, o Carlos Gonzales, pediatra muito massa... conheci um pessoal muito bom... a Melanie... então, naquela época já era um espaço pra descobrir quem era os bons obstetras do Brasil, aqui não dava nem pra encher a mão, nem cinco..., então, eu lembro desses espaços... aí começou o Facebook... em 2011 lembro que procurei a Adele pelo Facebook... aí, assim... uso muito, sempre usei... sempre gostei da Ligia, da cientista que virou mãe, né? há mil anos, desde o início... então, sempre segui a mulherada... aí compartilhei também coisas... tem uma amiga do trabalho que fala: ai, Lud... ela ficou muito mal, ela tem três filhos e dois grandes.... tipo, 18 anos e 12 e tem uma nenemzinha... ela falou: ai, Lud, o que você escreve me aflagava assim... de pensar que o puerpério é difícil, é difícil pra todo mundo e vai passar... as dificuldades da amamentação, o que acontece, acontece.... respira e vai

Renata Garcia Senlle: isso você escrevia onde?

Ludmila Suaid: no Facebook

Renata Garcia Senlle: no seu Facebook pessoal? Eram relatos?

Ludmila Suaid: eu tenho um Facebook também que é Ludmila Suaid Doula do Serrado... então, lá eu compartilhava mais também essa parte...

Renata Garcia Senlle: você já teve blog, alguma coisa assim além dessa página voltada pro seu trabalho como doula?

Ludmila Suaid: não, nunca fui boa de criar blog não... eu tinha quando era professora na católica... mas não de criar um blog mesmo...

Renata Garcia Senlle: essa página ainda tá ativa? Essa do FB?

Ludmila Suaid: tá... aí, é muito interessante, deixa eu te contar

Renata Garcia Senlle: conta

Ludmila Suaid: eu tinha minha página, meu perfil no Facebook, Lumila Suaid só que aí, em 2014 ou 15, a gente montou um grupo no Facebook: Doulas de Brasília... a gente tirou uma foto linda, a gente tinha uma foto linda que era de gestante com roupas coloridas, um arco-íris, aí a gente fez a proposta lá de também fazer essa foto em Brasília... marcamos, você vai ver nesse perfil... tem as fotos das meninas aqui, acho que umas dez mulheres... tiramos essa foto, eu achei uma amiga fotografa, tinha uma que tinha um sogro fotografo também... a gente fez esse ensaio bem lindo.... era uma época, cara, acho que era 2015... já tava um negócio muito feio, assim, a política tava complexa... Eduardo Cunha, aí tinha algumas mulheres que eu não conhecia, algumas eu conhecia... aí, naquele momento, eu criei esse perfil que era pra separar um pouco... pra que aquelas mulheres que ainda não me conheciam, pra não se assustarem direto no meu perfil, pra elas primeiro conhecerem, me adicionarem naquele perfil que eu ia adicionar as fotos... nesse perfil... depois que a gente se tornasse amigas e tal... aí eu adicionaria elas em outro espaço, né? no meu outro perfil...

Renata Garcia Senlle: pessoal?

Ludmila Suaid: é... aí é uma coisa interessante que assim, 2016, na época do golpe, eu lembro que eu atendi... fui doula de uma menina, uma das poucas que eu atendi que tinha dinheiro, que me pagou, sabe? geralmente eu faço trabalho voluntário... mas, essa menina eu lembro que... não, foi muito incrível essa história... ela tem uma cunhada, do Maranhão, que teve parto com uma doula... essa cunhada falou assim... ela ligou pra

cunhada e falou: pergunta pra sua doula se ela conhece alguém em Brasília pra ser minha doula... aí, quem foi a doula dela? Minha amiga, assistente social do Ministério Público que estudou comigo, mas foi embora pro Maranhão... aí minha amiga me indicou... aí ela perguntou pra minha amiga: amiga, você conhece alguém que é doula? Aí essa amiga que trabalha na CAPES achou minha amiga do segundo grau que também falou: olha, indico minha amiga Ludmila... aí ela falou: nossa, se duas pessoas tão diferentes indicaram essa tal de Ludmila, ela deve ser boa... eu ri tanto. Aí, tá bom. Ela me contratou, aí pagou, né? aí, na época que eu fazia os atendimentos a ela... ela tinha tido um parto super violento, um ano e pouquinho antes... ela é fisioterapeuta, o médico dela que é um médico massa em Brasília falou assim: você precisa de uma doula, você ainda tá com muito medo de sofrer... aí ela falou: ah, tenho um monte de amiga doula fisioterapeuta... aí ele falou: você não precisa de uma doula fisioterapeuta, precisa de uma doula que vá trabalhar com você as questões emocionais do medo que você tá, né? enfim, me encontrava com ela... ela me contou essa história de como que ela me achou... aí, depois que o bebê nasceu... no meu carro tinha um adesivo *Não Vai ter Golpe*... aí o marido dela... sempre subia lá no apartamento, Zona Sul, lugar caro de Brasília e ninguém nunca viu meu carro e eu, né? postura porque... pra mim não importa, nunca importou... eu, como assistente social, como uma pessoa que já foi do Conselho Regional de Assistência Social, já foi professora de Serviço Social... eu sou uma pessoa muito ética... então, pra mim, tô de forma alguma... qual partido da outra pessoa, qual a religião... não importa. Eu, como assistente social, sempre atendi pessoas... trabalhei um ano no presídio, sim... atuava com profissional de saúde, atendia os caras... trabalhei em Centro de Saúde, trabalhei no Ministério da Saúde com populações vulneráveis... tem que atender... políticas públicas, né? pra prostituta, pra militares jovens pra um monte... então, aí essa diferenciação que eu conversei com várias amigas que assim... eu, Ludmila, se aquela grávida vota no PSDB, no PT, no PSOL... não importa... tô atendendo aquela mulher grávida que precisa de mim como doula... só que as vezes a outra pessoa tem preconceito... eu sou espírita, o que é uma religião que sofre preconceito de algumas pessoas... eu, gente... não importa a religiosidade dos outros, eu atendo, eu respeito, eu acolho. Aí, eu lembro que depois que o bebê já tinha nascido... uma vez o marido dela foi comigo no carro carregar alguma coisa, aí ele viu o adesivo, até fiquei tensa, sabe? aí eu: eita, ele vai ver meu carro, cheio de adesivo... aí ele foi e falou assim: legal seu adesivo... e eu: ufa! Hoje a gente é amiga... na manifestação agora que a gente fez, do 8M a mãe dela tava, a mãe dela é professora... eu falei: oi, cadê a Tati? Ela falou: tá em casa com os dois meninos.. falei: vamos tirar uma selfie aqui... aí eu mandei e ela falou: minha mãe é ótima, então, enfim... naquele momento, eu lembro que criei o perfil por causa desse ensaio fotográfico... também pra divulgar meu trabalho como doula... porque começou a bagaceira no país na época, né? e, Ludmila bicha bruta, bicha bruta... então, escrevia muito, com muito ódio, muita raiva... fui pra manifestação e infelizmente as pessoas tem dúvida da minha

Renata Garcia Senlle: capacidade de separar, né?

Ludmila Suaid: isso

Renata Garcia Senlle: manifestar num lugar que faz sentido manifestar isso, né?

Ludmila Suaid: e também assim... da minha grande capacidade de separar as coisas de ser braba, forte, assertiva na hora que eu tenho que ser... mas, eu sou doce, eu sou humilde, sou aquela que ajuda, aquela que acolhe, sou aquela serva da gestante, entendeu? Eu sou ótima doula, mas vai que a pessoa não entende isso?

Renata Garcia Senlle: então o perfil que você criou pra fazer essa separação foi esse do ensaio fotográfico?

Ludmila Suaid: Doula do Serrado....

Renata Garcia Senlle: entendi... pra ficar ali aquele lugar... numa forma que resguarda as manifestações políticas e fala mais a respeito do trabalho como doula?

Ludmila Suaid: isso até 2018... porque aí em 2018...

Renata Garcia Senlle: não tem como dividir mais nada, tá tudo misturado.... [risos]

Ludmila Suaid: tudo, né?

Renata Garcia Senlle: você se declara feminista?

Ludmila Suaid: sim

Renata Garcia Senlle: qual o impacto das redes sociais pro seu feminismo?

Ludmila Suaid: não, sou feminista desde a adolescência... não tinha rede social não... sou de uma família de quatro filhos e eu... minha mãe cuidando sozinha da gente, então... no início... Yasmin tá aqui perguntando cadê o resto dos filhos... é porque depois que a tia Camila nasceu, depois que a tia Elsa nasceu... então, assim, no início eram só 4... eu no meio daquele tanto de menino, ver as desigualdades, questionar as desigualdades... em casa também... sofri violência por parte deles, assim, sabe? de, uma vez, numa briga de irmãos... minha mãe tava viajando... meu irmão, idiota, colou a janela... você nem sabe, bolsominion hoje, né? pulou a janela, entrou no meu quarto, pegou um som e me chutou na perna... aí eu liguei pra polícia, a polícia foi lá em casa... polícia levou a gente de viatura... aí ligaram correndo pra minha mãe... minha mãe voltou... ela tava perto, sabe? não sei se Goiânia, algum lugar perto... numa época antes da Lei Maria da Penha... aí eu lembro da delegada falando assim: olha, se você continuar com esse BO isso vai ser ruim pra você num concurso público [vídeo trava] aí eu falei: gente, que palhaçada... ela dizendo "olha, como se tivesse sido agredida", então, reagi, né? só pra ele não puxar lá o som... ela falou: vou conversar com ele... ela foi, conversou com ele... acho que eu tinha 20, ele tinha 18, sabe? [Ludmilla dá tchau a alguém] aí ela foi: não, então tá, eu vou conversar com ele, aí insistiu, ela ali fragilizada, não tinha dinheiro pra voltar pra casa... você conhece Brasília?

Renata Garcia Senlle: fui duas vezes só...

Ludmila Suaid: era lá na Asa Sul... sabe Asa Sul e Asa Norte?

Renata Garcia Senlle: não consigo me localizar

Ludmila Suaid: é a parte principal de Brasília, sabe? o avião... aí era lá na Asa Sul, nem tinha dinheiro pra voltar... até a viatura me deixou de volta em casa... mas aí ela conversou e eu falei: ok, deixa pra lá...sou de Brasília, concurseira, passar em concurso, passar em concurso... aí falei: vai que isso me prejudica, né? nem sabia o que essa mulher queria dizer, né? mas, enfim... desde muito pequena... é difícil demais ser mulher, né?

Renata Garcia Senlle: é

Ludmila Suaid: ser mulher com bunda e com peito é pior... desde os 14, 15 anos que as desgraças dos homens mexiam comigo na rua... quando tava de dia eu falava: vai se foder, cala a boca, né? aí os caras: que foi? Que foi? Falei nada... aquelas merdas que eles falam... então, tudo muito antes, né mulher? De Facebook, Orkut

Renata Garcia Senlle: você conseguiria dizer, não sei se já pensou a respeito, o que seria uma maternidade feminista? Se é que você acha que dá pra dizer também...

Ludmila Suaid: ah, eu acho lindo o livro da Chimamanda: como educar crianças feministas... a Yasmin tá de gracinha aqui [Yasmin, filha de Ludmila, aparece atrás dela]... fala oi! [Yasmin dá oi à Renata]

Renata Garcia Senlle: tudo bom?

Ludmila Suaid: ela fica só pulando... dá licença, senhora... dá um lugar pra eu sentar... deixa eu sentar aqui... então, acho um livro maravilhoso.... eu faço aqui em casa desde pequena... tava vendo umas fotos lindas da Yasmin.... tava arrumando umas fotos hoje... sempre preguei igualdade em casa, sempre mostrei pra ela... como é a pergunta mesmo?

Renata Garcia Senlle: o que seria, pra você, uma maternidade feminista?

Ludmila Suaid: educar para a igualdade, educar exigindo também que o pai da criança, se tiver um pai, né? que esse pai seja responsável... porque pode ser duas mães, né? igual minhas amigas que fizeram inseminação... então, que o pai da criança seja responsável igualmente, né? pelos cuidados com a criança... que a criança saiba da importância do estudo, da importância do trabalho, dos direitos das mulheres... não sei se você conhece a MC Sofia?

Renata Garcia Senlle: não ouvi, assim, só de ouvir falar

Ludmila Suaid: fofa demais... outro dia eu apresentei pra Maria Flor, a Yasmin já conhece há anos... a MC Sofia tá grande, já deve ter uns quinze anos, conheci quando tinha dez.... aí ela fala assim na música dela: aqui inimiga não vai rolar, não vai rolar... aí ela fala que “minha rainha, minha boneca que é a rainha deusa africana é de tranças”, é muito massa a música. Aí, há mil anos eu explico pra Yasmin: Yasmin, por que que ela fala isso? Porque dizem que as mulheres são inimigas, não se ajudam... mas nós sim nos ajudamos... ela sempre foi comigo cuidar de grávida, fazer escalda-pés comigo nas grávidas, ficar de... pintar barriga no HUB, ela é minha doulinha... então, ela sabe da importância de nós mulheres nos cuidarmos... ela sabe de como é bom... de que a gente é amiga sim, inventaram que a gente é inimiga... cara, ela é muito inteligente... deixa eu te contar uma só pra você rir... quando o Temer tomou o poder da Dilma, a Yasmin falou assim... e a gente vivia gritando: machistas, racistas não passarão... aí o que que a Yasmin falou: mãe, se o Temer é machista, por que ele casou com uma mulher? [risos]

Renata Garcia Senlle: né?

Ludmila Suaid: ai eu falei: presta atenção no tipo de mulher que ele casou: é uma mulher que parece a barbie, não é? Alta, magra, loira.... ela tem um perfil... você pensa: ele tá casado com uma mulher baixinha? Negra? Gordinha? Não tá... ele tá casado com uma mulher que vai dar status pra ele..

Renata Garcia Senlle: mais nova

Ludmila Suaid: ela entra nas lojas... imagina se a Dilma namorasse um cara de trinta anos, né? imagina se ela não ia ser escoraçada... essa coisa de entender e perceber essas, desigualdades, essas nuances... machismo mesmo, o racismo... ela é muito esperta, desde muito pequena, assim... eu lembro uma vez uma mãe de uma amiguinha falando: nossa, ela vai ter todas as roupas de princesa porque a minha filha tem... aí eu falei: não, não vai ter não, ela só tem a da Jasmine... aí: ah, mas ela vai pedir e você vai comprar... aí falei: não, não vou comprar [risos]

Renata Garcia Senlle: não vai rolar

Ludmila Suaid: então, assim, pelo exemplo, pelo conhecimento, pelos livros, pela apresentação de desenhos, levar a criança comigo... eu sempre levei... as amigas ficavam: Lud, você é muito guerreira, você sai e você leva... eu falava: gente,

Renata Garcia Senlle: não faz nada, né?

Ludmila Suaid: a gente tem que ocupar os espaços, né?

Renata Garcia Senlle: exatamente

Ludmila Suaid: com as crianças... porque é muito injusto o mundo, né? quando o espaço não aceita crianças, né? não nos aceitam

Renata Garcia Senlle: exatamente, isso que ia falar... não acolhe crianças, não acolhe as mães, as mulheres... daí, como foi o uso das redes sociais, em especial o Facebook, na sua campanha como candidata? Em 2018?

Ludmila Suaid: foi muito importante, eu deveria ter usado mais se eu tivesse uma assessoria, né? se eu tivesse dinheiro para tanto

Renata Garcia Senlle: você tinha post patrocinado ou era orgânico?

Ludmila Suaid: eu tinha o que?

Renata Garcia Senlle: posts patrocinados ou era tudo postagem orgânica espontânea mesmo?

Ludmila Suaid: algumas eu patrocinei... eu ganhei 4.000 e alguma coisa do fundo partidário... aqui no PSOL-DF a prioridade foi pra mulheres [Yasmin aparece atrás da mãe] pras candidatas... então, aí foi definido um critério de prioridades... aí eu fiquei lá, né? dentro dos critérios tinha a Manu que era uma candidata antiga, deputada federal pelo PSOL há muitos anos, construiu o PSOL, ela era uma prioridade... recebi esse valor, fiz financiamento de campanha, criei o site, né? não lembro se chegou a uns 3.000 reais, coisa assim... posso te mandar por escrito depois, eu fiz prestação de contar... perfeita, perfeita

Renata Garcia Senlle: importante não deixar passar...

Ludmila Suaid: é, porque eles só correm atrás da gente... justiça eleitoral é terrível... minha amiga, minha amiga do PSOL, em 2014 doou 500 reais pro PSOL e ela era do Ministério, em 2013 ela não era concursada, ela não tinha emprego... acredita que foram atrás dela e atrás do PSOL porque, pela lei, você só pode doar 5% da sua renda do ano passado, algo assim... aí no ano anterior ela não tinha emprego, aí porque ela doou naquele ano que ela era concursada 500 reais... foram atrás dela investigar, foram atrás do PSOL saber que dinheiro foi esse... olha isso! 2014, muita cara de pau, né? correr atrás de quem financiou... PT e PSDB [risos] mas, enfim... fiz os patrocinados, né? tinha lá o CNPJ direitinho... muito difícil fazer isso, mulher... você não tem noção... a gente brigava dentro do partido pra ter uma assessoria de comunicação que nos ajudasse porque era muito difícil ter que cuidar disso... aí achei um cara muito legal que me ajudou a fazer as artes e cobrou um preço massa que dava pra pagar... porque assim... eu resolvi me candidatar em abril... logo depois do assassinato da Marielle, a gente teve uma reunião das Mulheres de Brasília do PSOL, né? aí eu vi ali mulheres muito massa... a gente falando sobre eleição e a mulherada se colocando, se candidatando... falei: olha, tô a disposição pra colaborar com o partido...

Renata Garcia Senlle: você já era filiada? No PSOL?

Ludmila Suaid: já, há uns cinco anos... seis... na reunião em abril eu falei: olha, tô a disposição, se o PSOL quiser eu posso me candidatar, eu posso me colocar, eu posso fazer campanha... eu tô de licença maternidade, a Maria Flor tinha quatro meses ou cinco meses... foi no dia que ela sentou... primeiro dia que ela sentou na mesa... uma foto bem bonitinha... compartilhei e falei: olha, Maria Flor sentou... ficou sentadinha... só pra ver as mulheres do PSOL... aí eu falei: olha, tô aí... inclusive já até discuti com meu irmão bolsominion, né? aí ele falando assim: fiz campanha pra você, mas não votei em você não porque nós somos diferentes e bla bla bla, pensei: não esperava seu voto mesmo... aí eu falei: meu querido, e é a verdade, né? eu não fiz campanha pra ganhar e não é pra ganhar a qualquer custo, sabe? até parece que eu te pedi pra sair com meu adesivo no seu uber por aí com adesivo do lado do Bolsonaro, mulher? Tu acha que eu ia querer? Só pra fazer campanha? Eu me candidatei por acreditar em mulheres candidatas, porque o assassinato da Marielle foi terrível, foi foda, foi desesperador... na noite que ela foi assassinada a gente começou a conversar com mulheres do PSOL, na hora a mulherada já começou... uma companheira mais antiga falou: gente, parece que mataram a Marielle, peraí a gente tá esperando notícias, peraí, PSOL tá indo lá... aí eu deitava na cama daquele jeito, amamentando Maria Flor “não, gente, não”... foi muito desesperador... foi um tiro mesmo, mesmo, na gente... cara, esse povo quer tirar a gente, esse povo quer matar mesmo e matou uma vereadora, cara, a gente chorava, eu e minhas amigas choravam de ódio, esperando notícia, muita, muita raiva... aí, a minha ideia foi: aí quando a gente se reuniu... lembro que fui de uber com a Maria Flor pra reunião lá na Asa Norte, na casa de uma amiga, foi uma reunião tão gostosa, domingo de manhã, umas mulheres novas se colocando... era do Ministério da Saúde que trabalhava comigo, falava dos militares, pra dar camisinha pra eles... falei: que lindo, gente, a Rita vai se candidatar... nossa, que legal essa Evelin... tava amiga do PT que tinha um marido canalha, sabe? filho da mãe... ela também se candidatando, sabe? falei: gente, tanta mulher maravilhosa, né? falei: vai, Ludmila... vamos fazer! Vamos sair do discurso, né? e realiza-lo, né? nos colocar, né? na reunião... há mil anos que a gente estuda que mulher é colocada no ambiente privado, homem é colocado no ambiente público e que quando vai pro ambiente público quem tem destaque é o homem, né? vide os cozinheiros famosos que são homens... enfim, toda essa teorização sobre gênero que a gente faz a vida inteira, né? então, eu falei: cara, coragem, Ludmila... me ofereci... então, foi muito perto da eleição, né? não foi uma candidatura construída de um ano, dois anos

Renata Garcia Senlle: foi quanto tempo antes da eleição?

Ludmila Suaid: então, abril

Renata Garcia Senlle: foi bem de abril mesmo? Depois do assassinato da Marielle já começou a articular isso....

Ludmila Suaid: sim... essa divulgação toda, essa preparação pras redes sociais foi ali até o dia que a gente podia começar... acho que era 30 de junho quando teve a convenção eleitoral, né? acho que foi 26, 27 que teve a convenção do PSOL-DF aí que a gente poderia começar nas redes sociais, então fiquei aí esses meses... fiquei maio e junho me preparando, primeiramente divulguei no Facebook e falei: pré-candidata, né? tem que usar o pré-candidata... falei: galera, tenho uma notícia, sou candidata! Diante de tudo que já vivi, de tudo que já lutei pela Universidade Pública, pela educação, como assistente social, pelas políticas sociais, por tudo que lutei pela democracia... por tudo que lutei em diversos momentos da minha vida, fui passando... sou uma pessoa que adora datas, adora

momentos.... então, assim, fiz um textinho falando um pouco tudo que eu fiz e que agora nesse momento eu tava me colocando.... nossa, muita gente compartilhando, enlouqueceram “Lud, vou te ajudar, nossa que lindo, lindo”. Depois eu te conto uma história duma amiga... aí, foi isso, me coloquei como pré-candidata, chamei algumas pessoas que fosse um núcleo que poderia me ajudar, né? aí começou

Renata Garcia Senlle: era um núcleo de ajuda voluntária, assim? De pessoas que você conhecia

Ludmila Suaid: sim, sim

Renata Garcia Senlle: você criou uma página específica pra divulgar a sua campanha?

Ludmila Suaid: sim

Renata Garcia Senlle: uma página no Facebook específica?

Ludmila Suaid: isso

Renata Garcia Senlle: daí, então, qual foi a importância das redes sociais pra sua campanha política que você fez?

Ludmila Suaid: cara, foi muito bom porque assim... pessoas que não me conheciam passaram a me conhecer... pessoas que conheciam só um lado meu só como assistente social, como professora... passaram a conhecer um lado meu como doula, como feminista... como uma mulher do PSOL que acredita na importância de nós mulheres participarmos da política... gritava só lá do meu perfil de doula, mulheres, homens, mães, pais... começaram a ver quais era os meus posicionamentos, posicionamentos de crítica ao governo, crítica ao golpe... proposições, o que eu propunha de políticas públicas para as mulheres, o que eu penso sobre toda a violência e toda a falta de serviços, né? faço parte da rede social de Ceilândia, ontem eu até compartilhei uma imagem bem legal de lá, escrevi: que saudade da nossa democracia porque um pouco antes da Yasmin nascer, em fevereiro de 2012, a gente fez um ato em Ceilândia contra o fechamento do SESI, o governo aqui queria fechar o SESI, vender pro Paulo Otávio que já foi um ex-governador bandido pra construir mais um prédio chique... a gente fez um ato... tem a foto lá eu super grávida na manifestação... a gente conseguiu que essa estrutura do SESI virasse uma escola parque... aqui em Brasília tem isso... escola parque era assim: ficava segunda, terça e quarta e quinta na escola classe, escola mesmo... na sexta a gente ia pra escola parque, tinha aula de gibí, de música, natação, a coisa mais linda, sabe? isso é parte do projeto de Brasília, né? então a cada quatro quadras tem uma escola parque... então, essa foi a primeira escola parque dentro da Asa Sul, fora do plano piloto, a partir da nossa luta da Rede Social da Ceilândia... então, nós somos assim, servidores públicos ou não, moradores de Ceilândia, o padre de lá, o povo da Associação do Meio Ambiente... todo mundo... a gente se reúne uma vez por mês em algum lugar da Ceilândia na última quinta-feira do mês, sempre às 9h da manhã em algum lugar... na reunião desse mês a gente decidiu onde vai ser a reunião do mês que vem, então a gente circula pela Ceilândia, vai conhecendo os serviços, vai se ajudando... o que tinha acontecido um mês antes? Uma mãe avisou pra um de nós: olha, fui fazer a matrícula do meu filho no SESI e falaram que vai fechar, a gente falou: o que? Aí na última quinta de janeiro, a gente fez a reunião e falou: não, vamos fazer um ato, vamos fazer um ato, vamos chamar a população, a gente não vai perder aquele terreno pro Paulo Otávio, ele não vai transformar aquilo num condomínio de luxo, aí foi que a gente fez esse ato, entendeu? Então, pessoas da Ceilândia que me conheciam do Tribunal, faz parte da Rede e tal puderam me conhecer como uma mulher feminista, doula, negra, lutadora que luta por partos e é de esquerda... lá eu não

falava de PSOL, ali eu era servidora do TJ que ia pra reuniões, né? que lutava por... melhorias para a cidade, então, diferentes pessoas que me conhecem de diferentes espaços... sou uma geminiana muito boa, sou multifacetada [risos] então... a página até se você olhar no link: doula, parto, rede social de Ceilândia, creche, assistência social, né?

Renata Garcia Senlle: bacana... quais eram suas propostas e objetivos pra campanha?

Ludmila Suaid: ah, achei meu cartãozinho que tava ali em cima da cama

Renata Garcia Senlle: depois se você quiser me passar a foto do cartão sem problema, mas só relembrando quais eram as principais

Ludmila Suaid: uma das principais era por partos respeitosos, né? pra que a gente conseguisse um atendimento respeitoso pra todas as mulheres aqui no Distrito Federal porque é muito justo que só quem tenha dinheiro, sete mil reais, pra pagar um obstetra bom ou pra pagar uma equipe de enfermeiras boas, pra ter o parto em casa, né? tenha um parto respeitoso... então, isso é muito injusto.... eu já atendi um monte de mulher, como plantonista, né? em emergências.... então, respira e vai... aí, tem que contar com a sorte... mas, as vezes, não dá pra contar só com a sorte... vai com a doula, vai com a doula.... bem posicionada, diplomática, inteligente que dá pra argumentar.... vai conseguir coibir... tentar ao máximo, né? prevenir ali a violência, então é muito injusto, né? que só quem tenha dinheiro tenha partos respeitosos, sendo que o Ministério da Saúde já tinha mandado muito dinheiro aqui pro DF pra construção dos Centros de Parto e o Rolemberg nunca construiu... e pra Associação de Doulas também.... mas foi pra algum lugar aí... aí a associação de doulas luta muito, né? essa é uma das pautas pra gente ter esse serviço de parto.... aqui em Brasília só tem uma casa de parto que fica lá em São Sebastião que é muito longe, é depois do lago.... então, já fui quase que motorista de ambulância, já saí correndo com uma grávida pra lá... e é uma grávida que mora pra lá, no Recanto das Emas e que sofreu violência no Hospital das Samambaias, dois anos antes... ela passava mal só de pensar que ela ia ter que ir pro Hospital da Samambaias de novo. Mulher, o hospital da Samambaia tá sendo investigado pelo Ministério Público pela quantidade de violência obstétrica que eles cometem lá

Renata Garcia Senlle: nossa...

Ludmila Suaid: tem uma investigação, depois se você quiser eu acho pra você... então, ela passava mal... ela conseguiu uma enfermeira voluntária, eu também me voluntariei... a gente era de um grupo maravilhoso que chama Mulheres Empoderadas... nesse grupo que eu conheci elas... mil mães que a gente trocava ideia, trocava ideia... me ofereci pra ser doula dela... na hora a enfermeira chegou lá e falou: 7 de dilatação, vamos embora... vamos correr... quando a gente foi correr a enfermeira: acho que você vai ter que ir pro Hospital da Samambaia “não, hospital da Samambaia não”, dirigindo meu carro, enfermeira no banco de trás... aí eu olhei e falei: Lis, dá pra chegar em São Sebastião

? Se tu correr... mulher, pensa na Ludmila motorista, corri muito... chegamos lá e tu não acredita não... a hora que a gente entra... a enfermeira e o enfermeiro: senta aqui na triagem... tinha uma senhora idosa, eu falei: moça, acho que não dá tempo... aí ela: vamos colocar ela lá pra dentro logo? Aí fomos, quando a gente entre o enfermeiro fala: vocês tão vindo da onde? Onde você mora? Aí ela em contração: Recanto das Emas... “o que? Como que você veio do Recanto das Emas?” é muito longe... 30km de distância, 40... aí ela na contração, né? e ele: mas pra que que vocês vieram do Recanto? Aí eu pensando: pra que que o cara tá fazendo essa pergunta, velho?

Renata Garcia Senlle: que importa

Ludmila Suaid: até que ele olha pra mim e fala: pra que que vocês vieram pra cá? Aí eu falei: porque ela não queria ir pro Hospital da Samambaia... “mas, meu deus do céu”... cara, deu um pouquinho e o bebê nasceu, gente... deixa a mulher em paz, deixa, enfim... então, assim, é muito injusto que as mulheres não tenham Centro de Parto pelo SUS pra terem seus bebês, né? outra pauta minha era pra uma vida sem violência porque aqui em Brasília a gente só tem essa única delegacia da mulher que foi a que eu usei quando tinha 20 anos... então, fica na Asa Sul que é no Centro de Brasília do Distrito Federal... e é terrível pras mulheres que moram em qualquer outro lugar e que tão sofrendo violência e não tem um carro, não tem dinheiro porque fugiram sem a bolsa... uma vez nesse grupo mesmo, *Mulheres empoderadas*, uma amiga escreveu: gente, tem uma amiga minha que tá na Ceilândia e que não tem dinheiro pra ir na DEAM e que ela chegou na delegacia e policial homem disse que não tem viatura pra levar ela pra DEAM e ela não tem como ir [vídeo de Ludmila trava]

Renata Garcia Senlle: Ludmila? [Ludmila sai da chamada e retorna após alguns minutos] tô te vendo e ouvindo...

Ludmila Suaid: a pessoa empolgada, o celular morreu, ele tava ali avisando, mas aí eu fui falando, falando

Renata Garcia Senlle: às 18h eu vou ter que sair, eu tenho uma outra reunião... mas conseguimos terminar...

Ludmila Suaid: eu achei meu cartão, ele é muito lindo, olha o desenho que uma artista de Brasília fez pra mim, coisa mais linda

Renata Garcia Senlle: lindo mesmo

Ludmila Suaid: aí a gente fez.... mais mulheres na política, mais políticas para as mulheres... aí eu coloquei, né? por serviços de proteção às mulheres e seus filhos... uma das pautas também era a questão das creches porque aqui em Brasília é terrível o déficit de creches... os critérios pra incluir a mulherada também é muito complicado, se você tá desempregada você tem um ponto, se seu filho tem deficiência nutricional outro ponto, aí, mas se você arranja um emprego... só que você precisa da creche pra ter um emprego, né? pra pegar aquele emprego que você tá correndo atrás... então, na época da Dilma se construiu muita creche aqui em Brasília, depois nunca mais... então, também, pela igualdade entre homens e mulheres eu coloquei... coloquei como a terceira pauta aqui porque sem esses espaços não há essa igualdade, né? aqui é um local de muito concurso público, mas a gente sempre discute que os cargos de chefia eles muitas vezes.. a gente entra, né? no concurso... então, eu e meus colegas das redes sociais somos nomeados... mas na hora de conseguir o cargo de chefia há uma prioridade pra homens, né?

Renata Garcia Senlle: exato.... qual o principal motivo, acho que você até já falou, na verdade quando você contou do porque se candidatou... mas, qual o principal motivo de se lançar na candidatura política pelo viés da maternidade ativista? Se é que se pode dizer assim

Ludmila Suaid: porque ser mãe é uma tarefa digna e muito difícil, né? e o mundo não tá preparado, ele não nos entende, nos julga, ele só elogia os homens, os pais legazinhos, né? então, assim, destacar a importância de nós mulheres, mães, ocuparmos os espaços, ter serviços para as crianças, para... de lazer, de cultura... a Yasmin, desde pequena, ia pra tudo comigo, assim, teatro, reunião, um monte de coisa... aí quando eu voltei, na época

da campanha... aí a Maria Flor, socorro, cara, julho... tava entrando de férias... sorte que tinha as salas vazias... porque a UnB continua sem fraldário, então assim... lá na época que eu estudei, meninas jovens... uma amiga só que teve filho, mas assim... a gente não se toca, né? que os espaços não são preparados pra todas, né? aí, então, essa questão de ter espaço pras mulheres, ter fraldários, reconhecer as pautas das mulheres... não sei se você conhece a Flávia Birolli

Renata Garcia Senlle: sim

Ludmila Suaid: professora de Ciência Política... maravilhosa, gente

Renata Garcia Senlle: ela vai estar na minha dissertação, com certeza

Ludmila Suaid: nossa, maravilhosa... é muito linda a teorização que ela faz sobre o cuidado, né? eu como assistente social sempre pensei sobre isso de que assim... quem é que cuida dos idosos? São as mulheres, quem é que cuida das pessoas com deficiência? São as mulheres. Quem é que cuida das crianças? As mulheres... quando a gente não tem na assistência social política pra quem cuida dos idosos, das pessoas com deficiência, creches... são as mães que são sobrecarregadas, aí eu como mãe, eu como mulher feminista, eu vendo esse país atacado e desmoronado... falei: gente, eu vou entrar, vou ter coragem, vou trabalhar só no ESIC e vou... as amigas empolgadas, então bora... então, coloquei essa pauta... porque como a Flavia Birolli fala... mulher, presta atenção, José Sarney, quem que cuidava dos filhos dele? Renan Calheiros? Nunca se importou de saber quem é que tava mandando ele deixar o cabelo cortado, quem tava cuidando dos filhos, quem que cuidava da logística dos canalhas todos... sempre teve mulher por trás, né? eles nunca se preocuparam com isso... os homens... eu e minhas amigas panfletamos muito na frente da católica, da Universidade católica e falava: vai que tem algum ex-aluno... aí eu falo: oi, tudo bem? Sou professora da Universidade, sou candidata, posso te dar meu panfleto? Minha pauta é essa... e a mulherada e os homens, né? “minha irmã teve um parto violento, nossa, minha tia teve um parto violento... nossa, minha mãe conta que quando eu nasci na barriga dela” todo mundo

Renata Garcia Senlle: tem uma história

Ludmila Suaid: todo mundo... e os homens mesmo sabem... daí, no 7 de setembro a gente tava lá no grito dos excluídos... falando pelo microfone eu conversei... as minhas pautas não são só pelas mulheres porque nenhum homem quer que a sua mulher sofra durante o parto... todo homem sabe o que é uma violência, desrespeito médico que o homem tá fazendo... todo homem sabe a importância de uma creche pro seu filho... então, os homens mais sensíveis tão percebendo que isso é importante e que essa é uma pauta que eles podem e devem se encontrar, né? ir junto com namoradas, companheiras, irmãs e mães

Renata Garcia Senlle: e de onde veio a ideia de um post, não sei se você vai se lembrar dele, era um post da Bancada de Mães Ativistas... você se lembra como é que veio essa ideia e como vocês organizaram isso

Ludmila Suaid: cara, a gente ainda tem um grupo no Facebook e no WhatsApp de nós, mães ativistas, não sei se foi a Ligia ou alguma dessas mais antenadas, sabe? que deu a ideia... uma coisa que a gente pensava aqui no PSOL-UDF era também pensar como foi a campanha da Marielle com outras candidatas... um faria pro outro, né? vote nela, vote nela... então, a gente pensou aqui em Brasília também não deu certo, mas a gente vai avançar... a Talita fez, algumas pessoas fizeram, fizeram essas dobradinhas... isso foi uma coisa que me ajudou, assim... a Manu tinha mais dinheiro, era candidatura priorizada,

então... Lud, faz comigo... pra senador também... carimbinho, aquele papel pequenininho assim, foto minha e foto dele... enfim, então a ideia era a gente se divulgar e se mostrar coletivamente... porque a mulherada tá em tudo que é grupo, assim... tá no grupo *Doulas de Brasília*, tá no grupo *Parir com respeito, Pediatria Radical*... tem uns grupos assim... meu deus, 200.000 mulheres... então, a galera vai se conhecendo, vai se divulgando... assim como ano passado, sei lá, eleição pra Conselho Tutelar, algumas amigas vieram, né? “Lud, você conhece Ceilândia, conhece Taquaritinga, você conhece algum conselheiro tutelar bom pra me indicar?” então, acaba que assim... as pessoas veem que a gente conhece, atua, né? ah, não... você deixa eu contar a história da velhinha? A história dela é muito boa [risos] as pessoas pedem a indicação

Renata Garcia Senlle: só me diz uma coisa... esse grupo do WhatsApp chamava Bancada de Mães Ativistas?

Ludmila Suaid: é

Renata Garcia Senlle: ah, tá..

Ludmila Suaid: aí, volte e meia aparece alguma coisa aqui também, mulherada escreve... a Ligia saiu porque ela tava mal ano passado, né?

Renata Garcia Senlle: pois é, eu não consigo falar com ela, sabia?

Ludmila Suaid: sério?

Renata Garcia Senlle: seríssimo

Ludmila Suaid: Candidatas Mães Ativistas.... [cita nome de mulheres muito rapidamente] Andrea, Raquel, Polly... deixa eu te contar rapidinho da velha... ela era assistente social lá do Tribunal, foi minha chefe uma época... ela conta assim que quando ela viu meu post falou: nossa, Lud, que ótimo, adorei, sucesso! Depois ela se tocou e pensou: gente, como assim, eu conheço a Ludmila, trabalhei com ela.... oxe vou votar nela, né? ela sempre votou no PT, aí votou em mim... de repente, ela trabalhou no Conselho Regional de Saúde... a Fátima foi nossa candidata a governadora... aí ela falou: a Fátima? Eu amo a Fátima, meu deus, vou votar nela... depois de um tempo: meu deus, o [hipótese] Marivaldo é maravilhoso, eu vou votar no Marivaldo pra senador... votou governador, senador... aí “Lud, eu gosto muito da Érica” e eu: tudo bem, mulher, sempre votei a vida inteira na Érica, 2000, 2006, 2010 que foi pro PSOL... já fui ficando com raivinha do PT, né? aí ela: vou votar na Érica Kokay... a gente comentou assim, né? aí quando chegou bem perto da eleição, ela fala assim: ai, Lud, vou votar na Fátima, em você... só tô na dúvida pra deputado federal... falei: mulher, não tem problema não, vota na Érica... ela: não Lud, tô na dúvida entre a [hipótese] Thais e Evenir, falei: meu deus! Qualquer uma, qualquer uma vai ajudar o PSOL porque a gente precisava superar a clausula de barreira, né? precisava ter muitos votos também... tipo PCdoB não teve, né? isso era um impacto muito grande porque assim, vários candidatos... esses quatro mil, não tem, não tem... isso muda muito porque assim... essas coisas até que não são caras, dá pra fazer um monte disso [apontando pro cartão], mas se a pessoa não tem isso... e vai ser no PSDB, DEM que vai ganhar sempre, né?

Renata Garcia Senlle: até pra falar...esse material de campanha é muito importante ainda?

Ludmila Suaid: sim, sim... então, o voto em qualquer deputado, candidato a deputado federal, sendo um voto do PSOL, seria maravilhoso pra nós, como foi... superamos, né?

então, adoro essa história... até escrevi ela no Facebook pra falar assim: um dos meus objetivos me candidatando foi apresentar o PSOL para as pessoas, para as pessoas conhecerem o PSOL, as bandeiras do PSOL... compreender que o PSOL não é o PT, PSOL não é um partido radical que vai destruir o país, que vai matar os bebês, abortistas, maconheiros... então, as pessoas ficam com esse tipo de discurso tão simplório, triste e fraco, né? eu gosto de gente, né? não à toa sou assistente social... então, pensei: muito menos que ganhar, claro que ficaria muito feliz de ganhar, de levar nossas pautas pra câmara legislativa, garantir partos pra mulherada, partos respeitosos, formar melhor, mais equipes de saúde... eu trabalhei na Secretaria de Saúde e era muito massa os cursos que a gente dava sobre abuso sexual, violência, pros profissionais ficarem antenados... lembro que tinha uma dentista que falava assim depois de um curso desse: “quantas crianças passaram pela minha cadeira e eu não sabia, nossa, isso mudou minha vida” aqueles cursos assim que tipo... isso é uma marca que alguém enfiou o garfo na criança, isso é uma marca de que enfiou a mão dela na água quente, sabe? o que é uma criança com medo, criança que tá com medo do pai, da mãe que tá ali com ele no dentista, enfim, né? isso é muito importante... esses cursos, essas formações.... enfim, claro que minha dedicação, minha posição era de se for eleita, faria um ótimo trabalho, estaria ali... mas também um dos meus objetivos, já que era minha primeira candidatura, com pouco tempo de divulgação... fiquei muito feliz, ganhei 1850 votos, fiquei super feliz, assim... galera ajudou muito... a ter a cadeira na Câmara Legislativa aqui, Fábio Felix tá lá, né? Max também, é da Rede Social da Ceilândia, é o suplente.... nossa bancada é muito boa, nosso grupo é muito bom.... então, fico muito feliz da gente ter conseguido... a Fátima ficou em segundo lugar aqui em Brasília, ficou na frene do PT, então, assim, a gente conseguiu mostrar, né? nossos projetos

Renata Garcia Senlle: qual foi a importância das redes sociais pra criação da Bancada de Mães Ativistas? Você já conhecia as outras integrantes? Que tavam nesse grupo?

Ludmila Suaid: sim, mas conhecia mais principalmente de anos atrás pelo Facebook mesmo... pela página *A cientista que virou mãe*, da Ligia, mas também depois de eventos em Brasília, audiência na Câmara, evento tipo a ALESP que a Ligia veio aqui também... no caso da Adelir também que a mulherada veio pra cá... então, assim, em vários momentos a gente vai se conhecendo, né?

Renata Garcia Senlle: como que foi o uso das redes sociais especificamente pra esse post, essa campanha da bancada de mães ativistas?

Ludmila Suaid: lembro da mulherada falando assim... como eu tinha falado antes, essa ideia de uma divulgar a outra, da gente falar: olha, lá em Goiânia vota nessa, em Santa Catarina vota nessa, São Paulo tem essa... a gente se fortalecer como uma pauta que vem crescendo nos últimos anos, né? lá em 2011 quando eu tava grávida não era, não tinha tão grande assim esse debate do parto humanizado... em 2012 a gente já começou fazer uma marcha... nossa, a Yasmin era muito pequena e a gente fez já uma marcha aqui pelo parto em casa, o CRM ou o CFM tinha proibido os médicos de atenderem parto, né? então, fui com a Yasmin bebezinha pra essa marcha, foi a primeira que eu fui de parto... então, assim... as redes sociais são fundamentais, como eu disse: não tinha muito dinheiro, deveria ter feito mais lives, mais coisas desse tipo assim ao vivo.... acaba que algumas reuniões que nós fizemos foram pouquíssimas pessoas, depois que algumas pessoas falaram assim: Lud, você devia ter feito muita live no Instagram, Instagram... saco porque sou novata no Instagram, não sabia muito não, era muita correria, Maria Flor pequena... também aconteceu que ela ficou doente em agosto eu acho... fiquei uns dez dias, doze parada, cuidando da cria... àquela hora que só o peito, salva, né? ah, tem uma raiva que

eu fiquei um dia, forma fazer uma filmagem do PSOL às 6h da manhã, de todos os candidatos, na noite anterior eu fiquei assim... gente: vai ser às 6h da manhã mesmo? Não sei... gente, alguém me confirma? “fulana, não sei, pergunta pro fulano” vai ser? Ninguém me confirmava... quando deu umas 5h30, acordei, me arrumei... eu sei que cheguei lá nessa merda umas 6h15 e aí o povo da asa sul escreveu assim, 6h05min “bora, gente, chega logo... tão atrasados!” quando eu chego lá, um homem velho do PSOL fala assim, quando eu cheguei eles tavam acabando a filmagem, assim, aí o diretor do vídeo queria aquele nascer do sol, luz de não sei o que, do congresso... aí o pessoal: Lud, Fátima, aí que pena... você perdeu... esse homem: nossa, você devia ter chegado mais cedo... gente, eu só pensei assim no Arruda, no José Sarney, no ACM... pensei: homens, né? homens velhos brancos... cara, o cara sabe que eu tenho uma bebê... mas não tem noção... essas desigualdades, né? a gente vê em tudo que é canto

Renata Garcia Senlle: minha última pergunta: pra você qual seria, qual você acha que é a importância de existir uma bancada de mães ativistas na política?

Ludmila Suaid: nossa. acho que continua sendo necessária, acho que é muito importante o empoderamento, o engajamento, a articulação entre as mulheres... porque quando a gente faz campanhas juntas, a gente trabalhou muito isso aqui... nos momentos que teve treta, nos momentos que a gente teve dificuldade aqui entre as mulheres... a Talita é uma ótima... não sei se você conhece, ela trabalhava com o Jean Willys, ela falava: gente, mulheres, não vamos repetir a lógica dos homens, não vamos repetir a lógica da competitividade, vamos juntas, vamos nos divulgar juntas, vamos levar nossas propostas juntas, vamos panfletar juntas... nós não somos rivais... nós somos candidatas, companheiras, temos que estar juntas nas ruas... se a gente se mostra juntas a gente se fortalece... a gente não tem a grana que eles tem pra contratar pessoas pra sair panfletando.. contratar pessoas, ajudaram pessoas que não são do partido que acreditam na causa, né? ela fala assim: vamos juntas... assim como no espaço local, na nossa cidade, dentro do partido, no município, aqui no Distrito Federal, é importante essa atuação política conjunta das mulheres, né? mas também a nível nacional... porque acredito que a gente pautar tudo porque quem cuida do orçamento é o Ministério da Saúde, da rede de saúde dos estados, é o Ministério... a gente precisa continuar colocando isso... a gente precisa dessa flexibilidade pra gente pressionar CFM, pra gente pressionar Conselho de Enfermagem, pra gente conseguir que as coisas funcionem... porque se não for pelas mulheres os homens não vão votar, não vão... por mais que fulaninho seja um homem legal, mas a gente que sabe a dor na alma de ter um parto violento... esse parto dessa menina, fisioterapeuta, foi muito bonito... as mulheres amigas dela, achei lindo o que o marido dela falou assim: eu queria pedir desculpas a você porque eu não entendia a dor que você sofreu no parto anterior... mulher, ela tinha pagado 5.000 reais pra uma médica cara de pau que fez tudo de ruim, subiu na barriga... dezembro quando o bebê nasceu, perto do natal... cara de pau, né? deixa eu fazer um toque aqui, aí fez um descolamento... sangrou... aí o bebê começou a nascer, né? enfim, achei muito legal que esse marido falou assim: quero pedir desculpa porque eu não entendia, falava: nosso filho tá bem, nosso filho tá bem, por que você tá reclamando? Nasceu... aí agora que ela engravidou, há menos de um ano e meio... logo ela tava grávida de novo e ele não entendia porque ela queria aquela médica, porque tava insistindo com a médica...aí ele pediu desculpas e falou: olha, sei que é nossa obrigação criar homens responsáveis, homens respeitosos, homens que não sejam machistas... fico muito feliz de ter esse grupo cheio de mulheres aqui, aprendo muito com vocês... muito legal, né? mas nós mulheres temos que tocar a política, né? uma coisa, só pra finalizar, assim... qualquer um pode se candidatar depois

dos 18 anos, né? uma das coisas que me motivou a ser... é ser espelho, motivação pra outras mulheres... porque assim como a Érica Kokay... você conhece ela, né?

Renata Garcia Senlle: sim

Ludmila Suaid: ela lá em 98, mulher, quando eu fui votar a primeira vez... eu fiquei averiguando em quem eu ia votar... foi muito engraçado, decidi o seguinte: vou votar no PT e em uma mulher, vai ter que ser mulher... aí fiquei pesquisando, pesquisando... psicóloga, do sindicato dos bancários... falei: nossa, gente, gostei dessa mulher... votei nela por anos... foi deputada distrital, foi do Distrito Federal... então, assim... eu pessoa jovem, eu via uma mulher e como ela era boa deputada, então, assim... ela é a única que salva aqui na bancada do DF hoje, né? a gente precisa de mulheres no poder... mesmo mulheres que só sejam candidatas, já é lindo... pra que mulheres de vinte anos, de dezoito elas vejam que elas podem sim pegar o microfone, falar, ocupar o espaço público, né?

Renata Garcia Senlle: exato... era isso, então... super obrigada Ludmila...

Ludmila Suaid: desculpa a demora

Renata Garcia Senlle: imagina, te agradeço muito... vou encerrar aqui meio correndo porque vou ter que ir pra outra, mas super, super obrigada... qualquer coisa vou te procurando, a gente volta a se falar...Fico a vontade se precisar de alguma coisa, tá bom?

Ludmila Suaid: depois... não sei se você viu no Instagram, já deve ter sumido... o vídeo que eu coloquei sobre o Congresso Brasileiro dos Assistentes Sociais? Que não tinha espaços pras mães... ih, minha filha...peguei o microfone e falei lá... na frente de cinco mil pessoas, com muita raiva [risos] depois e te conto... depois a gente se fala...

Renata Garcia Senlle: tá bom, quero ver... beijo, obrigada

Ludmila Suaid: prazer, beijo... deixa eu ver onde sai...

ANEXO I - Transcrição – Polly do Amaral

02/05/20 - (1:42:32)- <https://youtu.be/pSKKo0z1jgs>

Renata Garcia Senlle: Então, já estamos gravando, Polly. Começando, como eu te falei pelas questões sóciodemográficas que eu preciso saber: nome, idade, cidade e estado e país.

Polly do Amaral: Polly do Amaral, 41 anos, moro em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Renata Garcia Senlle: vou te fazer perguntas que são autodeclaradas, se quiser não precisa responder: gênero?

Polly do Amaral: mulher

Renata Garcia Senlle: classe social?

Polly do Amaral: classe social é um negócio difícil, né? [risos] acho que oscilo muito entre pobre e classe média... porque como oscila a condição, por exemplo, de empregabilidade, tanto minha e do meu marido... então, acho que até 2018, era mais classe média, mas depois fiquei desempregada. Agora eu tô empregada, mas depois vou ter que sair pra me candidatar outra vez... meu marido tá desempregado há muito tempo. Então, a gente tem uma série de acessos a muitas coisas... algumas coisas que a gente construiu que dá uma retaguarda pra gente, mas a renda imediata oscila muito.

Renata Garcia Senlle: tá. Orientação sexual?

Polly do Amaral: sou heterossexual

Renata Garcia Senlle: estado civil?

Polly do Amaral: casada

Renata Garcia Senlle: cor/raça?

Polly do Amaral: branca

Renata Garcia Senlle: você é mãe?

Polly do Amaral: sou mãe de três meninas

Renata Garcia Senlle: três meninas! que idade?

Polly do Amaral: 13, 11 e 5. Maiara, Kiara e Laira

Renata Garcia Senlle: então, agora já subindo para as questões quali... específicas... que nem eu te falei, do uso das redes sociais... ativismos, feminismos e atividade política. Você já tinha sido candidata em 2016, né?

Polly do Amaral: sim

Renata Garcia Senlle: qual a sua trajetória de candidatura, assim? Na política

Polly do Amaral: então, na verdade a questão mais partidária, né? começou em 2016 mesmo... foi bem de repente. Eu sou ativista, né? contra a violência obstétrica desde 2007,

participe, né? de todos os grupos. Não sei se você tem alguma relação com essa pauta, se você é mãe

Renata Garcia Senlle: sim! Só estou fazendo essa dissertação porque sou mãe [risos]

Polly do Amaral: então, essa questão pra mim, assim, nacional, começou muito no grupo parto nosso... era um grupo do Yahoo. Lá que eu descobri que minha cesárea tinha sido desnecessária, era minha primeira cesárea, né? começou toda luta, me tornei doula, participando dos grupos... fundamos o ICHITA que é um grupo que tá presente em vários lugares do Brasil... sou também do 'Parto do Princípio', que é uma rede nacional e em 2014 a gente apresentou um projeto de lei na Câmara Municipal pra permissão da doula

Renata Garcia Senlle: aí em BH?

Polly do Amaral: é. Uma amiga minha que é advogada, a Gabi, ela conhecia um assessor de um vereador, a gente pegou o Projeto de Lei de São Paulo, fizemos algumas alterações e pedimos pra ele apresentar. Esse projeto de lei tramitou por dois anos, foi aprovado em primeiro e segundo turno, só que quando foi pro prefeito sancionar ele vetou. Aí que a gente foi falar: ué, como assim vetou, né? foi aí que a gente entendeu o que mais de político partidário tinha a ver... até então a gente tava muito atento às questões corporativistas, né? da classe médica, sabiam que poderia ter muita resistência... principalmente na parte do... a gente participou das audiências públicas, de denúncias, né? tanto no Ministério Público... a Parto do Princípio foi responsável pela ação pública de cesarianas, né? colocou a OMS como ré, a parte mais da relação com o executivo, com a execução das políticas... a dificuldade, a gente tava bem intima... mas, foi a primeira vez, assim, que eu e muitas mulheres ativistas aqui tivemos contato com o legislativo de uma forma mais intensa... aí que a gente foi... eu, principalmente, me debrucei muito pra entender o que significava isso, o veto de um projeto de lei, fui ler Lei Orgânica do Município, Regimento Interno da Câmara Municipal... fui entender que projeto voltava pra Câmara, institui uma Comissão Especial, ia ter um relator... fui, assim, estudando isso pra pensar como que a gente poderia reverter e fui me apaixonando, assim... ao mesmo tempo me apaixonando por essa questão do processo legislativo e também notando a importância da gente tá representado nesse espaço, né? nesse momento a gente tinha 41 vereadores, sendo que só uma era mulher... ela não tinha muita ligação nem com o feminismo e muito menos com as questões de maternidades e infâncias, né? esse vereador que apresentou o projeto de lei até se aproximou muito, né? da pauta... apoiou em vários outros momentos, apoia ainda em vários outros momentos, mas é um homem. Então, assim, por mais que ele se esforce, que ele tenha essa boa intenção, ele não fala desse lugar, né? que a gente conhece cotidianamente... isso não é, assim, uma prioridade na vida dele, não tem como, a gente vai aprendendo isso, partindo das relações mesmo que não tem como, né? também era só um, né? nós precisamos de ter muita gente. Aí que eu fui entendendo, 41 vereadores, a gente precisava de 21 votos pra derrubar o veto e como que a gente ia conseguir isso, né? era praticamente impossível... a gente tava no final de 2015, pra 2016... era o final da legislatura, haveria uma nova eleição... até então pouquíssimos votos tinham... pouquíssimos vetos tinham sido derrubados porque o prefeito, em geral, tem a base.... aí depois eu fui descobrir que isso é corriqueiro, assim, vários projetos de lei são aprovados na câmara, mas 90% são vetados e depois quando ele volta pra Câmara Municipal, o mesmos vereadores que aprovaram esses projetos não derrubam os vetos... então, fica assim um jogo de faz de conta, né? eles ficam fazendo de conta que tão aprovando coisas pra população, mas se o prefeito não quer, eles fazem exatamente o que o prefeito quer porque tem um conflito de interesses ali, né? só que a gente conseguiu,

assim, um feito maravilhoso... porque nós começamos a fazer uma campanha tanto nas redes sociais, na época era mais Facebook, né? a gente expandia loucamente no Facebook

Renata Garcia Senlle: isso você tá falando de 2014, né?

Polly do Amaral: 2015, 2016... escrevia loucamente nas redes sociais dos vereadores... a gente ia lá na Câmara Municipal, batia de porta em porta dos gabinetes, muitos não recebiam, alguns foram bem indelicados, fiquei chocada... eu não conhecia, até então, os vereadores da cidade

Renata Garcia Senlle: medo, né?

Polly do Amaral: filha, a mamãe tá numa reunião, tá amor? [falando com uma das filhas, a criança fica ao fundo do cômodo brincando] e eu fiquei chocada com o nível de representatividade era praticamente zero, aí quando foi o projeto pro plenário, a gente conseguiu a derrubada do veto por unanimidade.... foi bem bacana, assim... teve dois fatos curiosos [filha da Polly cochicha algo no ouvido da mãe] que a única mulher [filha de Polly conversa com Polly] depois a gente vê isso, tá bem? Mamãe tá numa reunião importante [filha de Polly fala novamente]

Renata Garcia Senlle: tenho que colocar uma parte na minha dissertação... de todas as entrevistas não teve uma... é maravilhoso, maravilhoso

Polly do Amaral: é o mistério na nossa casa.. [risos] ah meu deus

Renata Garcia Senlle: maravilhoso[risos]

Polly do Amaral: lindeza demais [para filha] [filha de Polly brinca com o rosto e cabelo da mãe] deixa a mamãe conversar aqui, depois a gente resolve isso? Teve dois fatos interessantes nessa votação, a única vereadora não compareceu, ela tinha

Renata Garcia Senlle: nossa

Polly do Amaral: [filha de Polly fala ao microfone] amor, por favor [para filha] a única vereadora se comprometeu com a gente não compareceu, ela justifica que teve um outro compromisso e tal... que era em março inclusive, né? então, acho que tinha alguma coisa de dia internacional da mulher, mas a gente não perdoa

Renata Garcia Senlle: não mesmo

Polly do Amaral: a única mulher não ter ido... o vereador que é o único que é ginecologista... eu não sei se ele é obstetra ou se ele é só ginecologista, ele tratou a gente super mal no dia que a gente foi conversar com ele, ele não registrou o voto... ele tava presente, mas ele não registrou o voto, nem contra nem a favor... ele não quis ser contra porque ia ser feio, mas não quis ser a favor de um projeto contra um projeto de lei sobre doulas... mas ele também não teve a cara de ir contra a classe médica, né? então, ele não registrou voto... mas, assim, foi uma vitória sensacional... foi, assim, o quarto veto derrubado nos últimos quatro anos... foi uma coisa assim: gente, como conseguimos? Ao mesmo tempo, assim, que me senti fortalecida... também fiquei pensando como que uma coisa que é tão importante pras mulheres, a gente precisa lutar tanto pra conseguir aprovar uma lei que a gente sabe que, as vezes, na prática, a mudança acontece muito devagar... a aplicação dessa lei inclusive... é uma luta até hoje

Renata Garcia Senlle: constante

Polly do Amaral: mas, assim, a gente se sentiu muito forte com essa virada e muito com esse chamado também de contribuir... aí algumas pessoas que vinham falando desde então, desde um pouco antes que eu tinha que ser vereadora, que eu tinha que ser vereadora, que a gente precisava de alguém, né? quando a gente começou a discutir o projeto lá... “Polly, esse povo não entende nada que a gente tá falando. Doula? Parto? Mulher? Gravidez?” então, assim, precisamos ter alguém aqui que represente, que coloque esse tema em discussão... aí, com essa vitória isso ficou mais pulsante, assim... precisamos... era dez de março, mais ou menos

Renata Garcia Senlle: sabe o número do Projeto de Lei? Não sei como que se diz... o termo relativo a essa causa... vocês conseguiram?

Polly do Amaral: ah, eu posso te passar, até olhei ele esses dias, agora é uma lei mesmo, né? eu te passo... a gente inclusive fez uma recomendação com a Defensoria Pública que eles publicaram essa semana, ficou muito boa, assim... sobre os direitos, né? das gestantes, das mulheres, bebês... as leis que regem esses direitos e a luta pra não perder esses direitos, ainda mais em tempo de pandemia, né? porque isso tem sido muito usado... a recomendação ficou muito bacana, se você quiser ler...

Renata Garcia Senlle: quero

Polly do Amaral: lei da doula e várias outras políticas mesmo, né? várias iniciativas, né? que deveriam ser tomadas pra melhorar a assistência ao parto e nascimento. Eu contribuí ativamente na formulação dessa recomendação, foi um trabalho muito legal com as defensoras públicas aqui de Minas Gerais

Renata Garcia Senlle: bacana

Polly do Amaral: isso era em março e tinha até dia 2 de abril pra poder filiar, pra poder concorrer à eleição daquele ano... então, foi uma coisa bem louca... eu nunca tinha participado de nada de partido

Renata Garcia Senlle: um mês?

Polly do Amaral: menos de um mês, nunca tinha participado de nada disso, não sabia nada... só sabia assim, né? que nas últimas eleições eu tinha votado no PSOL... eu tinha esse alinhamento progressista, de esquerda, feminista... mas, eu não sabia nada, assim como que isso acontecia na prática... também fui estudar o que que precisava e, gente, é muito engraçado... ninguém, assim, das mães também tinha essa experiência... todo mundo mãe, doula, ativista

Renata Garcia Senlle: chegando... caindo de paraquedas, né?

Polly do Amaral: aí eu falei assim: tem duas opções, uma é esse partido que apresentou o projeto, que é PCdoB que era legal e tal... e tinha o PSOL que era o partido que eu tinha votado nas últimas eleições, que eu tinha mais afinidade e eu tava, assim, com um propósito fixo de eleger mais mulheres... isso virou, assim, uma questão pra mim porque não tem como... precisa ter mais mulher naquele lugar, não adianta. Aí eu fui numa reunião, eu olhei mais ou menos... sou uma pessoa muito assim... sou metódica... sou formada em Ciências da Computação... sou meio racional, assim... tenho muita essa coisa de pegar as coisas, ler, estudar, levantar dados

Renata Garcia Senlle: sim

Polly do Amaral: aí fui ver como que tinha sido as últimas eleições, como que tinha sido as votações das mulheres nesses partidos e tal... o PSOL em BH ele era muito fraco, assim... não tinha nenhum vereador até então... na última eleição tinha conseguido 11.000 votos e precisava de, mais ou menos, 32.000 pra eleger uma pessoa... e o PCdoB tinha esse vereador... aí eu fui ver como que tinha sido o histórico de votação na eleição anterior... tipo, as oito primeiras pessoas mais votadas todas eram homens... aí eu falei: gente, não tem como entrar nesse partido por que, assim... a chance de eu ser eleita é mínima, logo de primeira... sem dinheiro, sem apoio, sem apadrinhamento, sem nada, né? a ideia é mesmo fazer a discussão da pauta, falar que a gente existe e ver o que acontece no futuro, né? provavelmente eu vou ajudar a eleger alguém com os meus votos, né? e eu quero que esse alguém seja uma mulher... aí eu conheci As Muitas, também tavam começando, me marcaram numa reunião... a reunião chamava: as candidaturas que queremos, aí eu fui nessa reunião, foi super simbólico porque foi numa ocupação essa reunião... e numa ocupação que se transformou na casa de referência Tina Martins hoje, que é uma casa de referência independente que acolhe mulheres em situação de violência... então, esse coletivo que é o Olga Benário ocupou esse lugar que tinha sido há muito tempo atrás um prédio da Universidade Federal de Minas Gerais... tava fazendo esse acolhimento dessas mulheres na marra assim, né? sem apoio político e essa reunião foi lá, então foi super simbólico... cheguei, sentei do lado da Áurea Carolina

Renata Garcia Senlle: nossa...

Polly do Amaral: sem conhecer ela...

Renata Garcia Senlle: ela é contagiante, né?

Polly do Amaral: fiquei, assim, babando... falei: gente! Que lugar que é esse? Que povo que é esse? [risos] falando, assim, tudo que eu acredito... não porque chega, esse negócio das eleições a gente chega e começa a pensar quais são os candidatos que apoiam as nossas causas, dessa vez chegou a hora da gente mesmo ocupar esses lugares... porque ninguém mais defende essas causas, somos nós mesmos... então, nós precisamos eleger pessoas ativistas, é o povo que precisa estar lá e quais são as candidaturas que queremos, né? tava fazendo esse levantamento porque em abril já ia fechar a filiação, nem era filiada e tava nesse processo compartilhado, vai ser suprapartidário, como é que vai ser e tal... aí eu contei essa história da Lei da Doula, todo mundo achou maravilhoso e eu falei: gente, mas não é maravilhoso mesmo? Não, cê tem que contar isso pra mais pessoas, como assim vocês derrubaram um veto e tal, tal... olha, que legal, né? negócio foi legal mesmo

Renata Garcia Senlle: incrível

Polly do Amaral: ai foi fortalecendo isso... aí eu fui numa reunião do PSOL também que foi bem atribulada, na verdade eu saí da reunião bem desanimada, assim... tipo, gente... acho que eu não vou mexer com esse negócio não... partido é meio complexo... vou continuar sendo só ativista mesmo, nesse mesmo dia dessa reunião... era tipo assim... 28 de março, tinha que decidir dali três dias... nesse mesmo dia a Márcia Tiburi tava aqui em BH fazendo uma palestra e eu deixei de ir na palestra dela pra ir nessa reunião... por que, gente, como eu vou me filiar num partido sem nunca ter ido numa reunião? Era a única

Renata Garcia Senlle: possível

Polly do Amaral: a única reunião que tinha... saí de lá e falei: não, eu não vou... desisto desse negócio, não vai dar certo... aí eu falei: gente, será que a palestra da Marcia acabou? Vamos lá... aí fui lá, eu e uma amiga minha... tava no finalzinho, foi a maior sorte a gente conseguir entrar, foi tudo encaixado... quando eu cheguei lá e eu vi a Márcia, eu tive

certeza, não tem jeito, é democracia feminista, isso tá me chamando, eu tenho que fazer alguma coisa, aí eu decidi: não, vai ser no PSOL mesmo... nós vamos fazer essa luta no PSOL também, vamos fazer o que, né? sociedade tá toda precisando, nenhum lugar tá a salvo

Renata Garcia Senlle: totalmente...

Polly do Amaral: e vi que no PSOL também teria chances de eleger mulheres, né? a gente fez um levantamento, assim... mais ou menos metade das candidaturas eram mulheres... falei: ah, pelo menos isso, né? vamos ter que fazer uma revolução porque tem que pelo menos triplicar o número de votos pra eleger uma pessoa e tomara que essa pessoa seja uma mulher, aí fui participando Das Muitas, um processo muito legal, assim, super coletivo, né? a gente fez aquele vídeo que é histórico, né? uma pedindo voto pra outra, votou em uma, votou em todas

Renata Garcia Senlle: isso contagiou muitas outras pessoas ao redor do país, né?

Polly do Amaral: sim... e, assim, a pauta mesmo da maternidade, parto, infância, ela é muito invisível, em todos os lugares

Renata Garcia Senlle: todos os lugares, na academia também

Polly do Amaral: até hoje, assim, né? a minha presença mesmo tentando reforçar... a sensação que eu tenho é que é sempre uma questão supérflua

Renata Garcia Senlle: é

Polly do Amaral: sabe? que tem outras coisas mais importantes pra ser tratadas do que ficar falando de mãe, de criança, dessa sobrecarga, dessa invisibilidade, dessa solidão mesmo... ainda é assim... hoje eu integro a equipe da Gabinetona que foi, depois da eleição de 2018, em 2016 depois que a Aurea e a Cida foram eleitas, eu tinha um emprego, então eu não fui no mandato, mas em 2018 eu fui e tá fazendo mais de um ano, né? faz muita diferença eu estar lá, né? levantando questões... porque a pauta prioritária da Cida que eu tô mais ligado é mais cultura, educação e coma constituição da Comissão de Mulheres Municipal a questão das mulheres também... é muito forte... são muitas mulheridades... uma comissão inclusive assim que abraça toda essa diversidade, mas também a questão da maternidade é mais uma delas

Renata Garcia Senlle: não é a única, não é a mais prioritária... Polly, me fala uma coisa quando você começou a usar redes sociais? Você se lembra?

Polly do Amaral: tem muito tempo, desde o Orkut

Renata Garcia Senlle: desde o Orkut?

Polly do Amaral: acho que fui uma das primeiras pessoas a ter Orkut porque como eu trabalhava na área de tecnologia, dentro de uma universidade que o setor onde eu trabalhava era praticamente.. era o provedor de internet das instituições públicas, de ensino e pesquisa.... a gente que administrava, né? como se fosse um provedor mesmo de internet da rede acadêmica... então, assim, quando chegou gmail, quando chegou yahoo, a gente era os primeiros a saber... desde o iniciozinho mesmo

Renata Garcia Senlle: hoje você usa quais?

Polly do Amaral: Facebook, Instagram, Twitter, Youtube, WhatsApp, Signal, Telegram

Renata Garcia Senlle: Signal? Signal eu não conheço... então vamos lá, Fb, Instagram, Twitter você falou?

Polly do Amaral: é porque assim... rede social mesmo é Instagram, Twitter e Facebook... WhatsApp não era pra ser rede social, mas ele virou... é um aplicativo de troca de mensagens, né?

Renata Garcia Senlle: instantânea...

Polly do Amaral: não é uma rede social

Renata Garcia Senlle: agora virou

Polly do Amaral: só que é onde as pessoas mais se relacionam

Renata Garcia Senlle: essa coisa de criar grupo também... O Signal é como se fosse um WhatsApp?

Polly do Amaral: tá... É um aplicativo similar que tem um cuidado maior com a questão da segurança... das informações... o telegram também...

Renata Garcia Senlle: o que você falou?

Polly do Amaral: Youtube também... Youtube também não é rede social, né?

Renata Garcia Senlle: ele é rede social também porque agrega comunidade

Polly do Amaral: mas eu digo assim... porque do jeito que a coisa foi concebida... porque... igual por exemplo... o primeiro, né? que foi Orkut, o objetivo dele era esse, né? você se apresenta com um perfil, fica ali disponível pras pessoas te encontrarem e se relacionarem com você, fazendo aquela rede de amigos e tal...

Renata Garcia Senlle: e de grupos específicos, né? grupos temáticos... que até hoje tem no Facebook... você disse que você é ativista contra a violência obstétrica, você se diz ativista de quais causas? Ou essa é a sua causa?

Polly do Amaral: não... começou a violência obstétrica... parto humanizado, depois foi ampliando... hoje é muito forte tanto a questão das maternidades e infâncias como educação pública e SUS porque tá tudo relacionado, né? não tem como, eu fico louca, sabe? porque todas essas pautas são muito densas, né? educação, por exemplo, dá pano pra manga, toda hora o mundo tá caindo... SUS também... feminismo também... só que não tem como porque quando você é mãe, as políticas que você mais conta são as de educação e saúde, né? que também tá muito relacionado a questão do parto... ficou muito forte pra mim também por isso da assistência ao parto e tal, então eu não sei nem dizer, assim... eu tenho muita dificuldade, inclusive, em me descrever... porque vai ficando um negócio desse tamanho

Renata Garcia Senlle: eu entendo a dificuldade

Polly do Amaral: pessoal fala assim: escolhe três hashtags... três? [risos]

Renata Garcia Senlle: e quais você escolhe normalmente?

Polly do Amaral: nem lembro mais, viu... acabou ficando assim, a principal da campanha foi #MãesPorDireitos

Renata Garcia Senlle: #MãesPorDireitos? Bom saber porque tô coletando algumas hashtags de... relacionadas às narrativas das mães... especificamente pra dissertação

Polly do Amaral: a primeira, de 2016, tinha sido #HumanizaBH.... e quando eu pensei nessa hashtag eu pensei fazendo... uma relação, claro, com o parto humanizado... mas, assim, extrapolando no sentido de, né? o que é um parto humanizado? É a mulher protagonista do processo, com assistência baseada em evidências e tal... as pessoas entendem humanizado como respeitoso, musiquinha... pra mim essa questão do protagonismo da mulher é muito forte, assim.... pra mim o cerne da questão é esse... aí eu fiz um paralelo desse valor com relação a todas políticas públicas... então, usuário do SUS como protagonista do processo, os estudantes como protagonistas do processo de educação, mulheres como protagonistas de todo processo de políticas, de mulheres... cidadãs e cidadãos como protagonistas de políticas públicas de cidadania e tudo e me colocando um pouco, assim, na candidatura como uma doula, uma fortalecedora do processo de protagonismo da população, das mulheres, das crianças, dos estudantes, dos usuários do SUS na cidade, né? essa era minha proposta, assim... só que isso não sobressaiu, esse #HumanizaBH as pessoas liam mesmo mais como uma questão do parto, então consegui fazer amplitude da pauta não... aí na segunda vez que eu falei: não... não é humaniza, porque humaniza pra mim tem um significado muito amplo que as pessoas não tem e aí o pessoal pensou em MãesPorDireitos e eu achei bem legal, porque pegou mais o público também que é com quem eu me relaciono diretamente... que são as mães, né? que mesmo na questão tanto do SUS quanto na educação o meu público são as mães, né? o fato de eu ser mãe de escola pública e de estar nos espaços da construção da política pública como mãe de estudante é algo muito raro, a maioria das pessoas se chocam quando eu falo que tô numa reunião de conselho, numa conferência... você dá aula onde? [risos] mãe? Mas, como assim? Você é formada em pedagogia?

Renata Garcia Senlle: não, só mãe

Polly do Amaral: [risos]

Renata Garcia Senlle: Polly, seu ativismo começou quando?

Polly do Amaral: foi 2007, minha primeira filha nasceu em 2006, aí foi 2007 que eu comecei nessa.... mais o ativismo do parto, né? me tornando doula e tal tal, na educação acho que foi dois mil e.... desde que minhas filhas entraram, elas frequentam escola desde bebezinhas, né? oito meses, seis meses e cinco meses em escola pública... então, assim, desde que elas entraram... foi 2007, quando a primeira entrou... que eu participava dessas discussões, mas mais no âmbito mais local, dentro da própria escola... querendo fazer parte de conselho de escola e essas coisas... reivindicando e tal, mas aí quando eu fui pra um âmbito mais municipal foi quando eles fizeram... em 2015, quando eles quiseram mudar o corte etário aqui em Minas, o que faria com que crianças de 5 anos fosse pro Ensino Fundamental... aí foi quando eu comecei a participar do Fórum Mineiro de Educação Infantil aqui... tivemos reunião com Ministério Público e essas coisas assim... aí, a partir disso as conferências que tem eu participo, saio como delegada, já fui em conferência nacional de educação, muito legal

Renata Garcia Senlle: essas eram as duas causas, mais como você falou, né? parto humanizado, saúde pública e educação

Polly do Amaral: isso

Renata Garcia Senlle: e o seu ativismo mudou com as redes sociais? Ou ele... de que forma as redes sociais beneficiam ou não os seus ativismos?

Polly do Amaral: acho que é um ciclo, né? uma simbiose... tanto eu como ativista me benefico das redes sociais quanto o próprio ativismo se beneficia, né? porque eu lembro

em 2007 quando eu comecei a participar das rodas e tudo quase não se usava nenhuma ferramenta tecnológica, né? então, tinha esse grupo Parto Nosso.... aliás, essa era uma rede social, né? grupos do Yahoo [risos]

Renata Garcia Senlle: grupos do Yahoo! Exato... vou até colocar.... você participava, né?

Polly do Amaral: participava...

Renata Garcia Senlle: em 2007...

Polly do Amaral: participava, era uma interação mais entre pessoas que não se conheciam presencialmente, as pessoas que se conheciam presencialmente, elas não interagiam por essas plataformas.... elas interagiam só presencialmente... aí quando eu entrei nessa roda, eu sempre tive essa ânsia de manter as pessoas conectadas o tempo todo... porque tudo que precisa pra mobilizar tem que conectar as pessoas... uma forma de fortalecer mesmo... de você ter acesso, das pessoas estarem a postos... porque a nossa principal fraqueza é essa, a gente tá fragmentado... então, tudo que a gente precisa lutar, todos os direitos que a gente precisa conquistar, tudo de justiça que a gente precisa enfrentar, a gente não consegue porque a gente tá fragmentado... as redes sociais trazem essa oportunidade, né? da gente se juntar, ver o que tem em comum e fortalecer até as nossas próprias crenças e convicções, né? Isso a gente fazia em âmbito individual, né? tanto pra construção do processo de parto individual de cada uma, isso pra mim as rodas de conversa... que até então eu sabia, eu achava que roda de conversa era só coisa de parto, não sabia que era uma tecnologia [risos] inclusive, assim, né? Paulo Freire na veia, né? educação popular e tal, só vim descobrir depois.... é muito legal, assim. É uma troca horizontal, maravilhoso... como a gente não se conhece, a gente usava rede social... só que as pessoas se perdiam, você ia numa roda e depois não sabia quando era a próxima... foi aí que... existia um grupo Yahoo que eu meio que ressuscitei ele e potencializei o grupo, tipo assim, comecei a moderar e conversar muito... como eu passava a maior parte do meu dia em frente ao computador que era meu trabalho, né? eu interagi muito...

Renata Garcia Senlle: qual era o nome do grupo?

Polly do Amaral: Parto Ativo BH... esse grupo foi crescendo e as rodas foram crescendo, na época a Roda Bem Nascia que era um ONG que tinha desde os anos 2000, eu acho.... aí as rodas começaram, assim, a bombar... tinha 70, 80 pessoas e muito por causa do grupo porque essas pessoas iam na roda, colocavam no grupo, continuavam a discussão no grupo e a gente ia discutindo...

Renata Garcia Senlle: rodas presenciais e rodas on-line? As duas?

Polly do Amaral: era discussão dos tópicos lá do grupo, só que de forma muito profunda... a gente trazia outros textos, discutia... pessoal até me achava assim radical, sabe? eu sou radical mesmo, vou lá nas raízes

Renata Garcia Senlle: na raiz do problema, eu falo sempre isso... se ser radical é você ir na raiz do problema... eu acho que sim [risos]

Polly do Amaral: aí, né? encontrava na roda presencial, muita gente falava: não, Polly... você é tão doce, você é tão alegre... não parece... pois é... a rede social tem esse problema da gente se comunicar por escrito e não tem entonação da forma que a gente tá falando. Então, é uma comunicação incompleta, né? só verbal e a gente se comunica de várias formas, né? então, o presencial é muito importante, é fundamental

Renata Garcia Senlle: sim

Polly do Amaral: então, assim, aumentou muito o engajamento das mães, das mulheres.... depois teve grupo... acho que a gente não chegou a ter grupo no Orkut sobre isso não, eram mais grupos nacionais que eu participava na época, o local mesmo foi nesse Yahoo e depois a gente criou no Facebook, mas eu acho que quando entrou nas redes sociais mesmo, assim, que saiu do e-mail eu acho que perdeu um pouco a profundidade das discussões, sabe?

Renata Garcia Senlle: ele era um grupo de discussão do Yahoo que ficava migrando entre esses fóruns de discussão de e-mail e as rodas presenciais? Certo?

Polly do Amaral: é... e, no e-mail você escreve e é textão toda hora, né? é outra dinâmica... achei que quando ficou mais forte no Facebook, achei que a gente perdeu um pouco, assim... a gente alcançou muito mais pessoas, muitas pessoas, né? tem acesso à informação, à discussão e tudo, mas com menor profundidade

Renata Garcia Senlle: vocês migraram mesmo? Pro grupo de lá? Como um grupo no Facebook?

Polly do Amaral: ainda existe grupo de e-mail, né? mas ele foi deixado de ser usado, acho que por uma própria demanda das pessoas, né? elas acabam não aprofundando tanto... hoje eu acho que no Facebook tem muitas discussões mais profundas, né? do que nas outras redes, principalmente em grupos... não chega a ser como no e-mail, mas... igual, por exemplo... com essa limitação de caracteres, por exemplo, do Twitter é um negócio que assim... não dá pra você falar nada, né?

Renata Garcia Senlle: não

Polly do Amaral: então, assim, tudo é muito superficial... você vê agora, não sabe mais onde tá... WhatsApp então é um negócio, então...

Renata Garcia Senlle: não tem histórico, né? sempre o que vem primeiro... ou, melhor, até tem histórico.... mas o que prevalece

Polly do Amaral: as pessoas não têm espaço no celular, apagam tudo.... eu sou totalmente neurada, fico fazendo backup de tudo

Renata Garcia Senlle: somos duas.... tenho altos backups... você sente algum impacto das redes sociais pra sua maternidade ou de como você lida com ela, você consegue essa conexão?

Polly do Amaral: olha, a minha terceira maternidade... eu achei que foi muito mais leve por causa das redes sociais... assim, foi um processo pessoal super conturbado porque eu tive uma complicação no pós-parto, precisei ficar internada, precisei ficar longe da neném.... então, assim, questões emocionais bem fortes também, né? decorrentes disso... ao mesmo tempo que tinha as coisas que me fortaleciam, né? que foi o fato de eu ter conseguido ter um parto natural depois de duas cesarianas, então, assim... isso também me fortalecia muito, ter essa experiência positiva... mas, o puerpério é um trem doido demais, né? então você acha que você já tá sabendo tudo, mas vem novas surpresas [risos] eu achei que ter um celular a mão me fazia sentir menos sozinha, sabe? então, assim, das outras duas que foi 2006 e 2008 eu nem sei se a gente tinha no celular essa possibilidade de ficar conversando assim.... eu acho que não... a terceira que foi em 2014 já era WhatsApp... então, assim, entra no Facebook... então, assim, direto de madrugada, você tá amamentando... aí neném tá naquela dorme e não dorme ali no peito, você dorme o

celular e começa a ler, né? trocar experiência com outras mães... eu achei, nesse sentido, bom... mas, ao mesmo tempo, eu tenho esse questionamento comigo... não sei se ele faz sentido ou não, aliás eu nunca conversei sobre isso com ninguém que eu acho que também... eu não sei até que ponto isso também pode ter roubado um pouco da minha atenção com a neném, sabe? na nossa conexão... porque acho também que essa questão externa tem esse papel, né? da gente não estar sozinha, da gente estar com outras pessoas... mas, ao mesmo tempo também interfere... eu não sei, assim, medir isso, sabe?

Renata Garcia Senlle: qual a dose disso, né?

Polly do Amaral: a gente como mães, eternas culpadas, arruma alguma coisa pra falar: eu não fiz isso certo, deve ser isso... [risos]

Renata Garcia Senlle: difícil se livrar disso, né?

Polly do Amaral: mas eu faço uma avaliação de uma forma bem leve, bem tranquila... alias, eu sou essa pessoa, né? que faz essas autocríticas também, de forma muito leve, assim, sem muito peso... não no sentido de me colocar como culpada das coisas... mas, assim, sabendo a minha responsabilidade das coisas, buscando identificar o que não foi muito legal e pensando o que pode ser melhor, principalmente pras outras pessoas, né? porque, as vezes, eu não vou ter oportunidade mais... mas as pessoas tem as mais diversas oportunidades todos os dias, né?

Renata Garcia Senlle: exato

Polly do Amaral: então, pensar como esses aprendizados... as vezes pessoais, eles podem ser uteis coletivamente... nisso eu acho que as redes sociais contribuem muito, né? a gente só tem que tomar cuidado pra não deixar deturpar, né? porque o fato da gente escrever uma coisa e muitas vezes ser mal interpretada e aquilo virar... praticamente vira uma fake News, né?

Renata Garcia Senlle: é desesperador

Polly do Amaral: isso eu vejo também... que as pessoas ao mesmo tempo que se sentem muito encorajadas a falar muitas coisas em redes sociais que a pessoa perde totalmente o constrangimento... outras procuram até se silenciando um pouco pra não correr o risco de ser mal interpretada, então... é muito importante a gente continuar com esse contato um a um, né? não perder dimensão humana das pessoas [risos]

Renata Garcia Senlle: exato... você se declara feminista?

Polly do Amaral: me declaro feminista, aprendi isso com a luta do parto... na verdade quando essa ficha minha caiu, eu notei que eu sempre fui feminista. Mas tinha um, como que fala? Essa palavra é muitas vezes... ela é usada de forma muito equivocada, né? então, por exemplo, eu já fui xingada de feminista quando as pessoas, quando falavam que eu era muito radical e tal... um dos xingamentos que vinha era: você é muito feminista [risos] e eu: não, não sou não [risos] aí depois que eu falei: não, é exatamente isso... não mentiu... aliás, esse é um pouco, assim, uma coisa que a gente precisa amadurecer tanto no movimento feminista quanto no movimento de humanização do parto de que as duas coisas se tratam da mesma coisa... ainda tem uma... a pauta da maternidade, ela é muito complexa nesse sentido ainda, né? as pessoas confundem, né? achar que você tá lutando pela maternidade, você tá lutando pra que todas as mulheres sejam mães. Toda hora a gente tem que demarcar isso que essa luta, na verdade, ela é muito feminista... a gente... pelo menos eu, né? na minha luta assim... eu enalteço sim a maternidade como uma

potência de transformação porque a gente já faz isso, né? só que é invisível, a maternidade tem sido usada como um instrumento do patriarcado pra oprimir as mulheres, mas, na verdade, ela é transformadora e ela pode ser uma potência... assim, na minha experiência pessoal... claro, né? ciente e consciente de todos os acessos que eu tive de escolaridade, de não ser mãe sozinha de ter podido, na medida do possível, planejado minhas gestações... pra mim a maternidade foi muito isso, assim... foi através da maternidade que eu descobri mesmo o meu poder, assim... digamos, né? meu feminismo nasceu por conta da maternidade, meu ativismo nasceu pela maternidade, minha cidadania nasceu pela maternidade... então, foi ela que me mostrou o quão potente isso poderia ser... essa questão também que eu acho muito linda que é a questão da solidariedade, da coletividade que pra mim traz valores mesmo, assim, democráticos, sabe? então, assim, quando você tá numa roda de conversa horizontal... você tá praticando isso, assim... é como eu acho que deveria ser nas escolas, né? a educação deveria ser isso, começar assim, né?

Renata Garcia Senlle: concordo demais com essa visão de que você tem, assim, de...

Polly do Amaral: tirar essas carteiras enfileiradas, pelo amor de deus

Renata Garcia Senlle: amarras, né? espaços que foram cooptados mesmo e podem ser muito transformadores, eu concordo muito com você... que é o da educação, é o da maternidade...

Polly do Amaral: a gente tem muitos desafios... porque tem toda a questão de financiamento... as próprias professoras também que são precarizadas, muitas delas mães que tem que dar conta de várias crianças, jovens, numa mesma sala... também não tem essa oportunidade, né? a nossa própria maternidade também é assim, né? a gente poderia ser... potencializar mais ainda o espaço doméstico, familiar, o exercício da nossa maternidade, questão de comunicação não-violenta, disciplina positiva, a gente ainda não consegue, né? nem nós com as nossas poucas crianças dentro de casa, imagina nossa sala de aula, onde a professora traz diversas outras questões, né?

Renata Garcia Senlle: anteriores

Polly do Amaral: questões trabalhistas também.... então, é tudo junto e misturado, muito complexo [risos]

Renata Garcia Senlle: muito complexo

Polly do Amaral: a gente vai tentando, assim, com boas ideias, iniciativas... tentando fortalecer pra ampliar

Renata Garcia Senlle: você consegue dizer a importância das redes sociais pro desenvolvimento pro seu feminismo que você diz que surgiu muito a partir da luta pelo parto humanizado, né? não sei se você consegue fazer essa associação, assim...

Polly do Amaral: pergunta de novo, por favor

Renata Garcia Senlle: importância das redes sociais pro desenvolvimento do seu feminismo

Polly do Amaral: acho que mais como fonte de leitura e pontos de vista mesmo, assim, né? porque muitas pensadoras, né? feministas não precisaria ser pela rede social poderia ser, por exemplo, sites e tal... mas acaba que na rede social que essas coisas são difundidas... então, assim, todas essas problematizações, esses conflitos, né? que toda causa, toda pauta tem, eu sou muito espectadora delas na rede social... problematizando

aqui na minha cabeça, aqui uma fala, outra fala... eu acho que até mais que o feminismo pra mim.... hoje o que tem saltado muito é a questão racial, sabe? é uma pauta que as redes sociais tem contribuído bastante assim porque... tem muita gente discutindo isso e eu fico o tempo todo me questionando, né? pra tentar eliminar o racismo que existe em mim... as redes sociais contribuem muito pra isso porque pra mim acaba sendo um espaço mais de escuta do que de fala

Renata Garcia Senlle: eu não sei se você já pensou nisso, no que seria pra você uma maternidade feminista, assim, se é que é possível isso

Polly do Amaral: então, acho que é mais ou menos o que eu falei antes, né? é uma maternidade, primeira coisa, por escolha, primeiro ponto.... mulher ter autonomia pra escolher se ela quer ou não ser mãe, né? e mais do que o poder de decidir, sim ou não, se tem educação sexual, acesso a métodos contraceptivos... opção de fazer um aborto ou não... é uma escolha subjetiva mesmo... acho que esse é o nosso maior desafio que é cultural... por mais que a gente tenha todos esses acessos formais de poder escolher ou não ser mãe, a escolha subjetiva ainda é imposta, né? por mais que as mulheres ainda possam decidir... algumas, né? não todas... mas, as mulheres que podem decidir ainda tem essa oportunidade de decidir: não, eu quero ser, quero ser em tal momento, vou planejar assim e assim... ainda existe essa carga que pra mulher ser completa precisa ser mãe... então, de forma subjetiva a gente ainda é obrigada a ser mãe e isso é muito forte... então, acho que primeira coisa é se livrar disso, assim, é conseguir existir, pensar, agir, sem ter essa obrigação de achar que pode ou não ser mãe, aí essas questões mais da autonomia sobre o corpo, né? elas vem como consequência disso porque se você é livre mentalmente, na sua cabeça, na sua alma, nas suas decisões, você vai ser livre com relação as suas escolhas do corpo também... depois que você decide ser mãe, é mãe... a própria construção desse parto, dessa gestação... acho que é um ato muito feminista que é pra mim onde tudo nasceu, né? pra mim não tem coisa mais fantástica do que poder exercer todo o poder do seu corpo no momento que tá recebendo seu neném, sabe? é uma coisa transcendental, ainda bem que eu passei por isso a muito custo [risos] foi muito transformador ter um parto feminista [risos]

Renata Garcia Senlle: aí falando especificamente

Polly do Amaral: e a maternidade em si, né?

Renata Garcia Senlle: desculpa

Polly do Amaral: que é muito desafiador também, que é muito cultural, que é o dia a dia, né? vai desde a amamentação até os cuidados com as crianças, com a casa... o próprio relacionamento que você tem com as pessoas em casa, né? seja uma relação que você tem com o companheiro ou com a companheira, até se você é mãe solo, mas mora com outras pessoas, uma irmã, uma mãe, uma vó, uma tia... essa sobrecarga na mulher... então, assim, acho que uma maternidade feminista é a gente, na medida do possível, conseguir se livrar um pouco disso, né? compartilhar os cuidados, questão da parentalidade...

Renata Garcia Senlle: tem muito tema mesmo

Polly do Amaral: [risos] dá pra fazer entrevista de cada um

Renata Garcia Senlle: não, dá pra fazer muita coisa... muita, eu vou ouvindo você falando e pensando: tem muitos caminhos, assim, pra pesquisa... muitos... daí o uso das redes sociais em especial ao Facebook na sua campanha de 2018, como é que foi? Posts patrocinados ou só orgânicos?

Polly do Amaral: eu não sei te dizer, assim, qual que foi o resultado disso... eu não fiz essa avaliação, na verdade... em 2016 o Facebook tava bombando, né? então, acho que em 2016 do Facebook a gente se beneficiou muito

[Renata pede um minuto]

Renata Garcia Senlle: não, foi

[filha de Polly pede pra passar atrás da mãe]

Polly do Amaral: pode falar?

Renata Garcia Senlle: pode...

Polly do Amaral: em 2016 o Facebook tava bombando, então a campanha tanto minha, como Das Muitas, né? se beneficiou muito do Facebook, foi tudo orgânico, a gente não usou nenhum centavo, assim. A gente postava as coisas e realmente tinha alcance, curtida, compartilhamento, comentário, número de seguidores foi crescendo... em 2018 Facebook não tinha isso mais, já tava morto já... aí eu acho que não impulsionei post no Facebook não, foi só no Instagram

Renata Garcia Senlle: a página, a fanpage que você tinha no Facebook era desde de 2016? Ou você criou nova?

Polly do Amaral: era

Renata Garcia Senlle: ah

Polly do Amaral: criei em 2016

Renata Garcia Senlle: você continua usando ela até agora? Além dessas

Polly do Amaral: uso, mas, assim... não fico muito focada... meu foco tá mais no instagram... mas dizem que agora o Facebook tá voltando, né? não sei

Renata Garcia Senlle: eu escolhi o Facebook... na verdade não foi nem uma escolha inicial, assim... pra pesquisa... foi pelo fato de que todas vocês tinham ao menos o Facebook, então eu consegui olhar pra um lugar comum, assim

Polly do Amaral: é porque em 2018, o que aconteceu? Ainda tinha esse legado de antes... que antes disso o Facebook era muito bom pra divulgar as coisas e meio que em 2018 que a gente foi compreendendo que não tava mais daquele jeito... foi meio que trocando pneu, passando a investir mais no Instagram enquanto a coisa já tava rolando... eu acho que por essa questão de você poder integrar as duas redes, né? hoje mesmo ainda faço isso, muita coisa que eu posto no Instagram vai direto pro Facebook, apesar de saber que não é o ideal, assim... são duas linguagens diferentes, só que é tipo assim... a gente não consegue fazer tudo e fala assim: ué..

Renata Garcia Senlle: você tinha equipe? Ou você fazia tudo sozinha?

Polly do Amaral: durante a campanha eu tinha algumas pessoas que me ajudavam de vez em quando, mas não era, assim uma... como que se diz? Uma tarefa delegada pra outra pessoa cuidar integralmente não... basicamente era eu quem fazia tudo mesmo...

Renata Garcia Senlle: essas pessoas eram remuneradas? Ou não

Polly do Amaral: não, tudo voluntário... pessoal me deu o apelido de polivalente

Renata Garcia Senlle: pauleira, né? nossa... aí qual foi a importância das redes sociais pra essa candidatura de 2018, assim? De que forma você usou, o que você ganhou de resultado com elas?

Polly do Amaral: então, isso é uma coisa que a gente precisa fazer, inclusive, né? analisar melhor isso porque... na verdade a gente não sabe exatamente de onde que vem, né? principalmente os votos, né? que é nosso objetivo final. Na primeira, de 2016, eu fazia muito essa relação, não sei se era equivocado ou não que eu tive 1.500 votos na primeira eleição e eu tinha 1.500 seguidores no Facebook

Renata Garcia Senlle: nossa

Polly do Amaral: coincidência ou não, foi o que aconteceu... só que isso não aconteceu em 2018 porque eu recebi muito mais voto do que o que eu tinha de seguidores... aliás, esses dias comemorei que eu consegui um número de seguidores no instagram que foi o número de votos que eu tive [risos] 8.888

Renata Garcia Senlle: é, então, não dá nem pra saber

Polly do Amaral: eu não sei... eu acho assim que as pessoas interagem bem menos do que elas poderiam, inclusive, assim... as apoiadoras, sabe? eu tenho um pouco de cobrança, assim... gente, vocês tão apoiando ou não tão? Pelo amor de Deus, uai... comenta, curte, compartilha, ajuda aí

Renata Garcia Senlle: tem uma certa passividade, não é passividade... uma certa apatia no comportamento, né?

Polly do Amaral: piorou muito

Renata Garcia Senlle: eu percebo isso assim em geral

Polly do Amaral: em 2016 as pessoas eram mais engajadas... não sei se elas ficam achando que isso não adianta

Renata Garcia Senlle: você viu essa mudança de 2016 pra 2018?

Polly do Amaral: eu acho

Renata Garcia Senlle: é? Que engraçado, né, muda tão rápido...

Polly do Amaral: acho que as eleições de 2018 foram muito desestimulantes nesse sentido... a gente ficou assim meio com a sensação que parece que não vai adiantar não...

Renata Garcia Senlle: é

Polly do Amaral: é isso... porque em 2016 a nossa campanha... eu não sei também porque a gente fica falando dentro das nossas bolhas, né? não sei você tá fazendo uma avaliação só do seu entorno ou se você realmente tá fazendo uma avaliação do todo, mas a pegada da campanha Das Muitas, em 2016, pra mim, ela foi revolucionária, assim... porque muita gente que tava assim apática, já tinha sido militante partidário há muito tempo que tinha, sabe? se envolvido completamente com política, tava desanimado, desestimulado e a campanha das muitas foi meio que um encantamento, então isso apareceu nas redes também... em 2018 meio que voltou aquele negócio: gente, tamo aqui lutando e não tá adiantando nada... povo tá disseminando o fascismo numa forma tão fácil que tá todo mundo caindo nessa... fica parecendo que você tá dando murro em ponta de faca. Então, eu não sei se é um fenômeno das redes sociais ou se ela tá espelhando o que tá acontecendo na realidade... e no mundo, né? foi uma ascensão grande pelo mundo

Renata Garcia Senlle: completamente

Polly do Amaral: mas, ao mesmo tempo que iniciativas populares, pontuais também tavam despontando, né? ano passado eu participei dum evento do ocupa política no Recife, aí tinha umas mulheres da Colômbia lá que eu achei fenomenal, o movimento delas chama: [hipótese] Estamos Lista, tipo, estamos prontas, né? que é um movimento feminista, foi uma candidatura coletiva e elas conseguiram, depois desse encontro que eu tive lá, acabaram conseguindo eleger uma pra Câmara de vereadores, agora eu esqueci a cidade... confundo as cidades da Colômbia, não sei se é Bogotá, acho que é uma outra cidade... enfim, mas nessa questão, né? de ativar redes, ativar territórios, apoiar candidaturas coletivas. Então, acho que a gente tem que se apegar nisso, assim... porque as pessoas só vão acreditar que elas realmente podem contribuir pra mudar alguma coisa se elas de fato se sentirem parte disso... não tem mais esse negócio de representatividades, sabe? esses dias tava vendo uma live [entrevista trava]

Renata Garcia Senlle: Polly? Travou...

Polly do Amaral: oi?

Renata Garcia Senlle: voltou agora

Polly do Amaral: continuei ouvindo, só não tava vendo [risos] tava falando isso, não adianta esse negócio de representatividade, achar que você vai eleger uma mulher e que essa mulher vai representar todas as outras, não vai. A gente precisa mesmo é

Renata Garcia Senlle: participação

Polly do Amaral: é de fato criar estratégia de estar todo mundo lá... por outro lado isso é um grande desafio

Renata Garcia Senlle: nossa... pra representar já é difícil, imagina

Polly do Amaral: não, e as pessoas não tem como, né? elas tão vivendo uma vida de opressão... então, assim... as pessoas mesmo que andam comigo, me apoiam e tudo... elas não conseguem... participar das coisas... então, tipo assim... tem uma audiência pública que é num horário que mãe

Renata Garcia Senlle: nunca vai conseguir ir

Polly do Amaral: trabalhador já não consegue, se for mãe então... “ah, mas de noite?” não, de noite mãe também não consegue [risos] então eu não sei, tem que inventar um jeito... porque a gente tem muita coisa pra oferecer, né? nesse sentido acho que as redes sociais podem ajudar... nessa época de pandemia agora isso fez aproximar essas potencialidades também, né? porque coisas que a gente achava, até dois meses atrás, que era impensável fazer sem presencialmente, tão acontecendo... é uma coisa assim que pra mim eu já sabia que era possível, já fazia e tal, mas que grande parte da população não fazia

Renata Garcia Senlle: sim

Polly do Amaral: então, a gente precisa pensar em formas de fazer isso se efetivar... porque, assim, é um ciclo, né? as pessoas não participam porque elas acham que o fato delas participarem não vai resolver, aí quando elas participam, que elas tentam arriscar, o sistema não tá preparado pra essa participação... aí essa participação é frustrada, aí a pessoa fala assim: tá vendo? Não sei pra que que eu fui... não adianta... tem que... tô topando esse desafio aí... [risos]

Renata Garcia Senlle: qual foi... acho que você já falou um pouco durante essa conversa toda, mas não sei se tem alguma coisa mais direta do motivo principal pra se lançar numa candidatura política pelo viés da maternidade e infância, maternidade ativista?

Polly do Amaral: então, né? as mães são, acho que, 46 milhões no Brasil... são mães....nos lugares onde as decisões que impactam a vida dessas mães, não tem nenhuma mãe... até tem uma mãe, né? mas ela não tá com esse olhar de... então, assim, não é só eu que preciso me eleger não... preciso eleger várias que tenham esse olhar e esse... que problematize isso, né? porque assim... no parlamento a gente não tem muito poder não, principalmente se a gente é minoria... [conexão cai brevemente] desculpa, alguém ligou aqui.... tá me ouvindo?

Renata Garcia Senlle: eu tô te ouvindo agora...

Polly do Amaral: eu não tô te ouvindo....

Renata Garcia Senlle: tá sem som?

Polly do Amaral: eu acho que quando alguém liga acontece isso... como que eu vou fazer? Será que tem como eu sair e entrar de novo?

[Renata faz positivo com a mão] [Polly sai da chamada e volta] oi!

Renata Garcia Senlle: oi

Polly do Amaral: deixa eu lembrar o que eu tava falando

Renata Garcia Senlle: você tava falando que no parlamento a gente tem

Polly do Amaral: ah, a gente não tem poder, assim, de mudar grandes coisas.... as pessoas... esse é um desafio também que eu acho da candidatura porque pra você conquistar o voto das pessoas, elas tem uma ideia de que vereadoras e vereadores tem certos poderes que, na verdade, eles não tem... a gente não pode e não deve criar muitas expectativas, né? então, essa é uma dificuldade, as vezes, assim que eu tenho porque a gente tá competindo com pessoas que não tem nenhum escrúpulo, que prometem mundos e fundos, né? e eu não vou fazer isso... aí fica parecendo que eu não tô propondo nada, né? [risos] aí a pessoa fala: mas qual é seu plano de governo? Fico pensando: plano de governo quem tem é o executivo, mas quem usa esse discurso tá concorrendo comigo. Então, promete um monte de coisa, tipo assim... eu vou melhorar o salário dos professores, amigo, vereador não consegue fazer isso.... então, a gente precisa deixar bem nítido o que que é realmente... o que a gente pode fazer, que diferença a gente pode fazer

Renata Garcia Senlle: dentro do quadro...

Polly do Amaral: a diferença que a gente pode fazer é essa: suscitar o debate e meio que tá de olho em tudo que tá tramitando ali, o que que aquilo indiretamente afeta a vida da gente pra poder ter condição de fazer esse enfrentamento, acionar os movimentos, acionar as pessoas pra participarem desse enfrentamento também... porque, por exemplo, igual o projeto que tramitou aqui em BH foi aprovado em primeiro turno... o Escola Sem Partido... tem toda uma questão dos movimentos LGBTs que apoia... os movimentos feministas, mas ninguém tá atento as questões de maternidade desse projeto, sabe? aí isso pode ser uma chave que você consegue virar até pra despertar a importância dessa pauta pra mais pessoas, pra ter outros aliados.... porque ninguém fala, por exemplo, que quando você tá impedindo de ter uma discussão sobre educação sexual na escola, na verdade você tá sobrecarregando as mães e tá impondo que adolescente se torne mãe precocemente...

ninguém vê que existe uma discussão de maternidade e adolescência nessa pauta... quando você tá lá pra poder falar: opa, peraí, onde que isso afeta a gente? Já liga um outro canal de discussão que muitas vezes pode ser até mais conciliador do que essa polarização que toma as coisas, né?

Renata Garcia Senlle: sim

Polly do Amaral: então, acho que a nossa pauta tem esse viés, assim de conseguir ver por vários lados os problemas e tentar achar os consensos, porque é uma pauta assim... de vida, de cotidiano e que metade das pessoas estão vivendo... então, elas sabem bem do que a gente tá falando, só que a gente não fala nessa linguagem quando tá nos espaços de poder e decisão

Renata Garcia Senlle: muito bom

Polly do Amaral: eu ainda sou uma otimista [risos]

Renata Garcia Senlle: eu também... tem os dias mais agoniantes, um pouco mais melancólicos... mas não tem outro jeito, não tem outro jeito... pessimista e anestesiado, não leva pra lugar nenhum... a certeza de que não vai dar certo, então só restar ser otimista e fazer alguma coisa por que, né? não tem como... Polly, aí como eu te falei... quando eu comecei a fazer essa pesquisa eu tinha só as quatro candidatas e fazendo a investigação dos posts delas nas redes eu encontrei esse card que era uma foto, uma montagem, com as onze candidatas e tinha bancada de mães ativistas espalhadas pelo Brasil e todas vocês, né?

Polly do Amaral: sim

Renata Garcia Senlle: aí queria saber se você se lembra de onde veio essa ideia de organizar esse post e como é que foi essa construção de articular uma bancada de mães ativistas ainda que não fosse... eu percebi... uma coisa muito estruturada, assim... foi um post, uma ideia de uma apoiar as outras, mas eu queria ouvir de você, se você se lembra como foi essa construção

Polly do Amaral: então, em 2016, começou a ideia na verdade, né? acho que a Raquel Marques fez um post no Facebook dela falando assim: gente, nós precisamos de eleger vereadoras das nossas pautas e eu assim... conheço Raquel, Anne há década desde o movimento mesmo de... Raquel do Parto do Princípio, desde 2007 e a Anne por causa do Mamatraca, a gente já se relacionava nesses grupos de mães no Facebook, acho que no Orkut também, a gente chegou a se esbarrar... Parto Nosso também, talvez, tinha uma comunidade também... Geo Baseada em Evidencias, tinha Pediatria Radical também, acho que hoje tá no Facebook, mas nesses lugares aí... acho que principalmente elas, a Laura eu conheci um pouco depois, a Laura também é doula, mora aqui em Mariana, pertinho de mim, mas ela é do sul se não me engano, Rio Grande do Sul... eu conheci ela das redes, depois que ela veio pra cá que eu conheci pessoalmente, a Andrea eu conheci em 2018, eu acho... algumas pessoas já falavam dela pra mim, por causa da questão autista, né? tenho grandes amigas que são ativistas dessa causa, então, assim... a gente tinha esse contato... que mais? As outras meninas acho que eu conheci todas na campanha, a gente foi identificando, né? gente... quem que tem né? aí veio muita gente dessa questão do parto mesmo, acho que foi a origem, assim... dessa bancada... a Andrea e a Anne que acho que não tem tão forte essa questão do parto, mas acabou fazendo parte da luta delas por maternidade, mas em 2016 a Raquel fez esse post, eu já tava como pré-candidata e, na verdade, de todas acho que eu fui a única que já tinha... em 2016 eu fui a única

Renata Garcia Senlle: acho que teve a Thais, teve mais alguém... que já tinha sido antes, já até te falo... foi a Lana

Polly do Amaral: é porque a Lana eu não conhecia, conheci nesse momento... em 2018, mas as outras... que já eram mais assim, companheira, né? de ativismo... nenhuma tinha sido candidata, teve a Ligia também, né? a Ligia eu já conhecia por conta do Cientista que virou Mãe, a gente também era do Parto do Princípio, há muitos anos.... lembro quando ela teve a cesárea dela, que ela fez o relato... é muito doido isso... conhecer a pessoa tão intimamente e depois vira figura pública

Renata Garcia Senlle: é isso que é muito doido que motiva a minha pesquisa, entendeu? Porque eu acho impressionante o poder que isso tem, eu acho que realmente move...

Polly do Amaral: aí todo mundo: não, não, não... quem sabe na próxima...aí eu falei assim: não, eu sou pré-candidata e tal, justamente por essa questão da gente precisar ter ativistas da maternidade, do parto, no parlamento... aí nós criamos um grupo no Facebook, em 2016... entraram algumas pessoas, deve ter umas 30 pessoas...

Renata Garcia Senlle: como que é chamado esse grupo?

Polly do Amaral: ah, não sei não... sei que rapidinho, assim que eu entrei eu coloquei assim: pré-candidatas

Renata Garcia Senlle: era específico pra candidatas mães?

Polly do Amaral: não... mas ninguém era... na verdade, era pra ser como se fosse um grupo pra gente se despertar pro assunto e quem sabe se lançar nesse desafio, né? mais uma questão, assim, de fortalecer essa iniciativa... depois que posso olhar pro'cê como que chamava o grupo

Renata Garcia Senlle: ah, eu quero

Polly do Amaral: porque eu entrei e já fui mudando o nome dele [risos] eu sei que hoje ele deve chamar... não sei, mas ele mudou algumas vezes

Renata Garcia Senlle: quem criou esse grupo também foi a Raquel?

Polly do Amaral: eu não sei se foi eu ou a Raquel, acho que foi a Raquel... ou ela criou o post e eu criei o grupo, não sei... posso olhar tudo pro'cê depois. Aí entrou e tal, mas aí algumas animadas, mas no final só eu que fui... ficou meio aquela, ficou meio adormecido o grupo, né? aí em 2018 eu demorei um pouco pra decidir que eu ia ser candidata de novo, na verdade em 2016, bem na hora que acabou a eleição eu tinha certeza que nunca mais eu ia mexer com isso [filhas de Polly entram no cômodo e se despedem da mãe]... tão indo passar uma temporada na casa da vó, minha mãe tá sozinha e todo mundo de quarentena há mais de 40 dias

Renata Garcia Senlle: bom pra todo mundo

Polly do Amaral: nós aqui e ela lá, aí eu falei assim

Renata Garcia Senlle: melhor coisa

Polly do Amaral: ficar um pouquinho com minha mãe porque tá todo mundo em quarentena mesmo, mas, assim... eu fico morrendo de medo, né? por exemplo, delas tarem levando alguma coisa pra minha mãe

Renata Garcia Senlle: não, sim...

Polly do Amaral: só que como a gente tá isolado aqui há mais de 40 dias, eu falei: vai lá um pouquinho, minha mãe vai fazer aniversário essa semana...

Renata Garcia Senlle: dá uma animada?

Polly do Amaral: é... aí o que aconteceu, em 2018 eu demorei a decidir que eu ia ser candidata porque em 2016 acabou a eleição e eu tava esgotada, fiquei super feliz de ter elegido a Aurea, melhor impossível.... cumpri meu objetivo [risos] mas eu fiquei, assim, esgotada, é muito solitário esse negócio de candidatura, pega tudo que é difícil de ser mãe, de ser trabalhadora, ativista, pega todas essas dificuldades e multiplica [risos] e a gente enfrenta uma série de julgamentos, uma coisa, assim, horrorosa... ela tomou contornos muito pejorativos... então, todo mundo questiona sua honestidade o tempo todo, suas intenções... a gente tem que estar com o coração bem forte pra poder entrar, mais ainda pra poder continuar, né? tem até várias pesquisas sobre isso de... as vezes as mulheres até conseguem se eleger, mas elas não conseguem permanecer porque assim... 10.000x mais opressor estar num parlamento do que do lado de fora, então, assim, eu falei: não vou mexer com isso não, isso não é pra mim. Aí em 2018 aconteceu várias coisas, né? duas que me marcou muito foi o fato da Marielle ter sido assassinada e o fato de eu ter perdido meu emprego de anos, décadas... aí eu fui falar: gente, pra que que eu tô nesse mundo, devo ter alguma missão aqui... ou eu vou procurar outro emprego que eu não me via, trabalhando numa empresa privada.... trabalhei a vida toda na UFMG e amava, amava minha profissão... mas, assim, é um mercado bom de trabalho, né? só que eu não me imaginava trabalhando em empresa privada de jeito nenhum ou eu vou pro lado das gestantes de vez, firmar a questão de ser doula, de repente até consultora nessa área, alguma coisa assim com as gestantes que também amo, amo muito ou então vou fincar o pé na política de vez e aí os caminhos me levaram e eu fui, decidi me candidatar de novo. Aí eu demorei um pouco, assim.... aí quando eu decidi, eu voltei lá nesse grupo, falei: gente, e aí? Como que nós vamos... aí eu vi que várias mulheres tinham animado, achei super legal.... falei assim: minhas musas inspiradoras todas vão candidatar... entre 2016 e 2018 eu fiquei falando na cabeça da Raquel e da Anne pra elas participarem da partida, não sei se você já ouviu falar da partida

Renata Garcia Senlle: já

Polly do Amaral: falando Das Muitas... aí elas falaram que tinham visto, aí eu falei: que bacana....depois a Ligia animou também... vamo ver quem mais também, porque tem deputado estadual e federal, aí a Andrea e as meninas foram chegando. Aí, por causa, eu acho... eu acho que foi um pouco A Partida, não sei quem teve a ideia, assim, no final... porque essas ideias vão sendo... cada uma vai dando uma ideia... eu não sei, assim, exatamente quem foi, se fui eu... mas eu lembro que se não fui eu, quando alguém deu a ideia, eu associei muito com a questão da Partida mesmo porque na Partida, em 2018 teve um portal que chamou: meu voto será feminista que reuniu candidatura feministas de alguns estados, aí eu falei assim: ué, gente e se a gente fizesse alguma coisa de candidaturas de mães de luta? Porque também se você fala que é só mãe, o pessoal acha que pode ser mãe de direita, tem sempre esse

Renata Garcia Senlle: vários ‘poréns’

Polly do Amaral: conflito de como nomear isso... ainda não sei qual é a resposta melhor... inclusive depois que a gente lançou esse cardzinho com nós todas, Bancada... como que é? Esqueci...

Renata Garcia Senlle: Bancada de mães ativistas

Polly do Amaral: Bancada de mães ativistas, muita gente veio reivindicar... não, eu também sou mãe ativista, também tinha que estar aí, por que não me chamou? Falei: não, não é bem isso... isso aqui tem um histórico [risos]

Renata Garcia Senlle: na verdade não eram todas candidatas do PSOL, né?

Polly do Amaral: coincidiu, né? esse ano eu já não sei, acho que teve gente que mudou de partido...

Renata Garcia Senlle: eu não vi...

Polly do Amaral: mas, a ideia era a gente, de preferência fazer meio que uma plataforma de propostas, construir juntas pra gente defender essas propostas nos nossos estados, fazer mesmo uma campanha, um pouco também inspirada, eu acho, Nas Muitas, sabe? Somos candidatas da mesma plataforma, assim... só que a gente não conseguiu... viabilizar isso, assim pela dificuldade mesmo de estarmos todas, cada uma na sua muito sozinha, de não ter apoio, partido... apoio de outras pessoas que conseguissem trabalhar mesmo, né? com mais exclusividade, acho que essa é a principal dificuldade nossa... porque todas as mulheres maravilhosas que me ajudaram na campanha, teve uma que foi a Carol, que foi mais assim, a gente chama de braço esquerdo [risos], não é braço direito, é braço esquerdo que ficou mais o tempo todo comigo, mas a maioria não dá... porque é mãe solo, mãe de criança pequena, escola, trabalho, coisas de casa... problema com o marido, com ex-marido, com pai, é aquela confusão, né? eterna que a gente vive. Então, assim, as pessoas não conseguem se envolver muito... aí cada uma de nós ficou nessa dificuldade, algumas foram conseguindo soluções específicas, né? acho que Ligia conseguiu reunir uma equipe boa, a Thaís também conseguiu envolver mais pessoas... a Raquel e a Anne tinham mais uma retaguarda da bancada ativista, né?

Renata Garcia Senlle: da bancada

Polly do Amaral: eu Das Muitas.... então, a gente fazia as nossas campanhas coletivas nos nossos locais, tentando ressaltar a questão da maternidade.... aí o tempo passa rápido demais, a gente acabou fazendo só uma live, a gente fez uma live no Youtube e foi bem legal, mas, tipo, a gente marcou mil vezes pra conseguir fazer uma

Renata Garcia Senlle: eu sei

Polly do Amaral: essa hora tem que buscar menino na escola, essa hora tem que fazer almoço, essa hora não sei que.... porque, assim, a gente era candidata, mas a gente continuava sendo mãe....

Renata Garcia Senlle: normal, né?

Polly do Amaral: vai adicionando questão, né? então, assim, foi muito legal esse dia... falei: ah, tem que assistir de novo e fazer uma dessa toda semana independente de candidatura é muito bom a gente poder compartilhar mesmo, né? trocar impressões, desabafar, ver que tem outras pessoas passando pelo que a gente tá passando... isso é muito bom, fortalece muito... e o quanto, as vezes, as conquistas que a gente tem que pra gente parece tão pequenas, quando a gente vai compartilhando com outras... como que isso pode ser tão significativo, né? e motiva muito. A gente fez esse card, teve essa live, as propostas a gente não conseguiu evoluir muito, a gente tinha a ideia de fazer essas lives uma vez por semana, não fizemos, fizemos só uma... e no mais, assim, a gente fazia campanha uma pra outra... quando conhecia alguém entrava nas redes e falava: ia votar

em você, mas você não tá no meu estado, a gente indicava outra e tal... eu não sei quantificar

Renata Garcia Senlle: não tem nem necessidade mesmo, assim... de quantificar

Polly do Amaral: por mais que talvez, em termos numéricos e objetivos isso não tenha sido muito efetivo, acho que pelo menos pra mim, assim... emocionalmente foi muito importante

Renata Garcia Senlle: era a próxima pergunta... qual foi a importância da criação da bancada de mães ativistas, né? nesse sentido... foi a partir das redes que você acha que ela surgiu e qual a importância pessoal delas pra você?

Polly do Amaral: deu um outro tom, né? porque igual eu te falei, eu me sinto muito sozinha na pauta, localmente... saber que tem outras mulheres, em outros lugares, também com essas mesmas dificuldades... então, assim.... ah, teve um grupo de WhatsApp também que aí a gente chorava todas as pitangas, né? briga de relacionamento, briga de filho, problema de escola [risos] então, assim, gente... vou surtar, vou largar esse negócio agora, não quero saber... aí vinha as outras: não, é assim mesmo, vai melhorar ou não... mas a gente tem que lidar... aí quando terminou 2018 foi o contrário, quando acabou 2018 eu tinha certeza que em 2020 eu ia me candidatar de novo [risos] porque eu falei: não, tem que continuar, gente, não tem outra, não tem saída... é muito ruim porque a gente entra em contato com as piores coisas da sociedade quando a gente entra nesse negócio. Ligia mesmo eu acho que a última vez que eu conversei com ela, ela falava que nunca mais ia se candidatar... não sei, talvez...

Renata Garcia Senlle: falhou... sim

Polly do Amaral: depois que acontece isso, a pessoa não quer ter relacionamento com nada que lembra aquilo pra ela, sabe?

Renata Garcia Senlle: forte assim

Polly do Amaral: eu tive essa sensação, assim... também pode ser uma coisa comigo, né? que eu não sei... mas eu tendo a não levar por um lado pessoal, eu acho que as pessoas tem outras motivações que não é necessariamente comigo... mas eu fiquei com essa sensação, assim... eu gosto dela demais, gosto dela demais

Renata Garcia Senlle: eu tenho várias pessoas em comum que eu já falei pra ela, todas as mensagens que eu já mandei, pergunta... não vou insistir em nada

Polly do Amaral: eu não tenho coragem de perguntar [risos] já adiantando

Renata Garcia Senlle: eu vou insistir até o final, porque acho que é meu papel, mas sem nenhuma forma tentar ultrapassar o limite do saudável também... não é minha intenção, mas é nesse sentido... ainda não terminei... se quiser falar, tô super a disposição, não terminei.... já conversei com todas as outras, só falta você... acho que isso também vai pegando, faltam mais duas só..

Polly do Amaral: pra ela foi muito forte porque lá no sul a questão do fascismo foi muito pesada, sabe?

Renata Garcia Senlle: nem posso imaginar

Polly do Amaral: ela teve problemas de todas as ordens

Renata Garcia Senlle: eu não posso imaginar mesmo... por último, Polly, porque eu preciso ir logo mais

Polly do Amaral: se deixar eu fico aqui falando a tarde toda.. [risos] conto minha vida toda

Renata Garcia Senlle: eu adoro, sou desse mesmo estilo, também gosto de ouvir muito... qual é a importância de uma bancada de mães ativistas na política?

Polly do Amaral: importância de fortalecer e dar visibilidade, né? para as pautas... porque individualmente é muito difícil, tudo que é pauta de mulher e criança fica pra último plano, não é menos importante... isso é intrínseco porque a gente vive num sistema, numa sociedade, patriarcal.... então, é isso mesmo... romper com isso você tá rompendo em várias outras instancias também. Quando você começa a dar mais visibilidade pra isso, você tá afetando também o cotidiano das pessoas

Renata Garcia Senlle: sim

Polly do Amaral: é um projeto, né? um projeto invisibilizar isso justamente pra manter as pessoas reféns, pra manter as mesmas estruturas de poder, assim, isso é muito nítido pra mim... é exatamente por isso que a gente precisa romper, porque a gente quer felicidade, alegria, liberdade, né? pra todas as pessoas...

Renata Garcia Senlle: sim... maravilha, Polly. Era isso. Era apenas tudo isso

Polly do Amaral: adorei, Renata, conversar com você

Renata Garcia Senlle: eu também, muito bom.... eu realmente me contagio conversando com vocês, acho que a gente tem que tirar da invisibilidade todos os campos mesmo... percebo isso na minha área, a comunicação, a narrativa das mães é um nada, um pinguinho, assim.... queria minimamente contribuir, é o que a gente tem que fazer, né? cada um no seu lugar, tem que fortalecer essa pauta mesmo. Então, super obrigada, se você tiver esses nomes de grupos pra me passar, tudo isso é material, não é uma necessidade, mas me ajuda... qualquer outra dúvida eu entro em contato, a gente vai se falando

Polly do Amaral: se você quiser perguntar também algum detalhe, pode perguntar

Renata Garcia Senlle: esse ano você sair candidata como?

Polly do Amaral: vereadora, né? [risos]

Renata Garcia Senlle: PSOL?

Polly do Amaral: e esse ano eu vou ser eleita [risos]

Renata Garcia Senlle: muito bom.... e pelo PSOL?

Polly do Amaral: PSOL

Renata Garcia Senlle: tá

Polly do Amaral: oh, te falar que as melhores, os maiores desafios, as maiores coisas que aconteceram na minha vida sempre foram na terceira tentativa: passei no vestibular de terceira,

Renata Garcia Senlle: então agora vai

Polly do Amaral: tirei carteira de terceira, pari na terceira, agora eu vou ser eleita [risos]

Renata Garcia Senlle: muito bom! Vamos mantendo contato então, Polly... muita sorte, muita fé

Polly do Amaral: tamo junta! Valeu demais, Renata. Sucesso no seu trabalho.

Renata Garcia Senlle: obrigada, pra você também

Polly do Amaral: um beijo

Renata Garcia Senlle: tchau!

ANEXO J – Transcrição: Raquel Marques

16/4/20 - (49:16) - <https://youtu.be/PNYE8BguoEY>

Renata Garcia Senlle: Então, bora lá. Primeiro as questões sociodemográficas da pesquisa, então, preciso que você me diga nome, idade e cidade/estado/país

Raquel Marques: eu sou Raquel de Almeida Marques, tenho 42 anos, nasci em Santos, São Paulo.

Renata Garcia Senlle: mora em São Paulo hoje?

Raquel Marques: moro na cidade de São Paulo

Renata Garcia Senlle: vou fazer as perguntas que você pode se autodeclarar ou não responder se você quiser. Gênero? Como você define?

Raquel Marques: mulher, gênero feminino

Renata Garcia Senlle: classe social?

Raquel Marques: não sei, acho que as vezes me confundo... classe média, classe média alta... depende do quanto pra baixo a gente olha

Renata Garcia Senlle: sim... orientação sexual?

Raquel Marques: bissexual

Renata Garcia Senlle: estado civil?

Raquel Marques: solteira

Renata Garcia Senlle: cor/raça?

Raquel Marques: parda

Renata Garcia Senlle: mãe de quantos filhos?

Raquel Marques: dois

Renata Garcia Senlle: então, agora indo pras questões especificamente de uso de redes sociais e as relações com ativismo, feminismo, maternidade e política. Em 2018 – que é pra onde eu tô olhando – foi a primeira vez que você foi candidata?

Raquel Marques: [balança cabeça positivamente]

Renata Garcia Senlle: você nunca tinha sido candidata a nenhum cargo público?

Raquel Marques: [balança cabeça negativamente] nunca...

Renata Garcia Senlle: você se lembra quando você começou a usar redes sociais?

Raquel Marques: foi no Orkut, com certeza 2005 ou antes... antes... 2005 eu já tava grávida e já tinha grupos que carrego até hoje, inclusive

Renata Garcia Senlle: lembra quais os grupos?

Raquel Marques: então, tinha uns que era “bebes de maio e junho”, por isso que eu lembro.... esse já era 2005, a “pediatria radical” também era um... aí tinha... não vou saber os nomes se mudaram... “parto normal”, “cesárea? Não, obrigada”, não sei se já vem do Orkut... mas tinham essas organizações, mas era bem ligado à maternidade e parto... todos eles...

Renata Garcia Senlle: até hoje eles mantem contato com as pessoas ou esse grupo migrou de redes sociais?

Raquel Marques: o de pediatria radical ele migrou, eu participo dele hoje ainda... esse “bebes de maio e junho” ele migrou... mas a gente migrou de novo pro WhatsApp, mudou pro Face, né? o de parto... eu me afastei dos grupos de parto especificamente, mas eu mantive contato com a rede... porque os grupos de parto tinha mais uma questão de assistência às gestantes.... ficou um pouquinho difícil pra mim continuar nesses temas

Renata Garcia Senlle: depois que passa, né? passa da fase

Raquel Marques: depois que a gente passa e dá assistência pra alguns milhares, aí você fala: esse tema, pra mim, já esgotou

Renata Garcia Senlle: já deu

Raquel Marques: sim

Renata Garcia Senlle: e o “Pediatria radical” continua onde que você falou?

Raquel Marques: continua no Facebook... eu não acompanho tanto, mas uma ou duas vezes por dia aparece algum post na minha frente... eu tenho muito carinho pela Doutora Helva, a fundadora e a moderadora... a gente se vê por lá...

Renata Garcia Senlle: que redes você usa hoje?

Raquel Marques: hoje eu sou essencialmente uma rata de Facebook... pensando em rede mesmo, assim, pública... eu tenho dificuldade de me associar a outras... experimento o Twitter, Insta, mas é mais por obrigação do que por me sentir presente, ativa, confortável ali, acho que o formato do Facebook me contempla muito...

Renata Garcia Senlle: Facebook, Instagram e Twitter

Raquel Marques: tenho... e o WhatsApp embora ele não seja uma rede, quando ele... tem uma coisa de grupo, então em alguns momentos se comporta como uma... aí também é bem forte

Renata Garcia Senlle: é, ele tem até os stories também, né? as pessoas usam também... e você é ativista de quais causas?

Raquel Marques: olha, eu sou ativista originalmente da questão do parto, né? parto, maternidade, parto... isso me leva, mais pra frente, a conhecer outras pessoas de outros movimentos que questionam todo um modo de viver na cidade, consumismo, consumo de industrializados, alimentação, infância... aí durante um tempo, eu me vinculei com o Movimento Infância Livre de Consumismo, o MILC, que existe até hoje.... Anne também fez parte dele, nos conhecemos lá, a Claudia Visoni que está comigo na bancada também fez parte dele e outras pessoas queridas, a Debora... enfim. A vida andou, eu fundei uma ONG em 2013 e a relação com a política institucional começa a andar bastante... a política institucional começa a fazer mais parte do meu cotidiano, das minhas críticas, da

minha reflexão... aí eu também me envolvo um pouco com as questões de democracia, mas assim... nunca num nível de intensidade que foi especificamente direitos reprodutivos, parto, maternidade

Renata Garcia Senlle: a ONG é a Artemis? 2013?

Raquel Marques: Artemis, 13...

Renata Garcia Senlle: e hoje se você tivesse que dizer que você é ativista de quais causas, quais seriam? Você consegue?

Raquel Marques: parto humanizado, acho que é a que mais... a que me estrutura no mundo. As coisas também andaram bastante pra saúde pública, também... é muito forte...

Renata Garcia Senlle: tá muito ligado, né?

Raquel Marques: talvez eu dissesse que um segundo ativismo fosse pelo SUS e pela saúde pública, assim... é capaz que no tempo a questão do parto seja diluída pela saúde de maneira maior....

Renata Garcia Senlle: sim... o seu ativismo começou antes ou depois da maternidade ou por conta da maternidade?

Raquel Marques: antes, bem antes... sempre conto essa história que em 2001, eu tava recém-casada e eu fui fazer uma pesquisa sobre parto, eu queria muito engravidar, meu ex-marido não queria filhos, a internet era muito diferente do que a gente conhece hoje.... eu chego lá no diretório de buscas e encontro um site chamado AmigasDoParto.com.br que é um site que existe até hoje do jeitinho que eu conheci em 2001, tá congelado... um site fundado por quatro mulheres, Ana Cris, Andreia, Angelina e Adriana que me trouxe um mundo muito louco, assim... porque era um site raro com fotos, aquela época foto era uma coisa muito incomum na internet, os nossos modems não aguentavam tudo isso e as imagens de fotos de parto... de todas aquelas a que eu me lembro com mais frescor é o parto da Simone Diniz, professora de Saúde Pública com o seu colar de penas, parindo a sua filha e toda a história da gestação... aquilo me fisgou muito fortemente porque me relacionou a sonhos que eu tive na adolescência... na adolescência eu tive dois sonhos: um aos quinze anos e um aos dezoito anos... eu não sabia o nome do que tava acontecendo, mas hoje eu sei... eu tive dois partos domiciliares desassistidos nos sonhos. Então, aos quinze anos eu pari uma menina durante um sonho, um sonho sinestésico muito forte, muito marcante

Renata Garcia Senlle: gente

Raquel Marques: a Barbara... e aos 18 anos eu pari um segundo menino, aonde eu morava no quarto da casa dos meus pais, na minha cama, chamado Bruno... foram duas experiências tão fortes e eu acordei tão tocada por aquilo... falei: puta, que sonho, que sonho.... mas isso não existe porque os partos são nos hospitais, isso não existe, foi só um sonho... um sonho maluco. Quando eu tava ali com 21, 22 anos... mais... 23, 24 anos que eu caio no site delas eu falo: ual, isso existe... existe. Aquilo me fisga pro ativismo desde o primeiro momento, existia o site, os contatos remetiam ao grupo do Yahoo Groups que nem lembro o nome naquela época, era Amigas do Parto, depois deu pau, bloqueou... não sei em que ano da sua vida você se envolve nessa estrada, mas enfim, era Amigas do parto no Yahoo e era umas 300 pessoas do Brasil inteiro, Roxanne, Cris, Angelina, Ricardo... eram também pessoas que vinham da REUNA que é um movimento mais antigo que reúne profissionais... aí lá no Amigas do Parto, começam a se conectar com mulheres

usuárias, começam a aparecer as mulheres usuárias... aí com trinta anos de delay do que aconteceu na Inglaterra, o Brasil começa a organizar um movimento de mulheres usuárias de serviços e saúde questionando a assistência oferecida no parto

Renata Garcia Senlle: daí que você começa a se envolver mais fortemente nesse tipo de ativismo?

Raquel Marques: me envolvi muitos anos sem gravidez, sem filhos... isso era 2001... eu vou engravidar em 2005 e pari em 2006, tive aí uns cinco anos de ativismo sem coisa, sem filho

Renata Garcia Senlle: ativismo sem filho

Raquel Marques: isso

[Avó de Renata chama e interrompe a entrevista. Renata se ausenta momentaneamente da entrevista para atender alguém]

Renata Garcia Senlle: desculpa, Raquel

Raquel Marques: imagina... estou congelada pra você? Eu acho que você congelou pra mim

Renata Garcia Senlle: não.... pra mim tá normal

Raquel Marques: engraçado, seu áudio tá normal e seu vídeo... andou, andou, bora! Tá com a vovó?

Renata Garcia Senlle: então [risos] tô nessa fase, assim, melhor momento, né? depois disso tudo, incrível, mas enfim... as redes sociais pro seu ativismo... você consegue perceber o impacto do maior uso de redes sociais? Nesse processo... no seu ativismo?

Raquel Marques: meu ativismo sempre foi virtual, nunca foi presencial... acho que isso eu tenho de comum com a Anne, acho que mesmo a Claudia Visoni vai bem por aí, Ligia vai bem por aí... então, nosso ativismo já nasce digital... então, nem sei o que comentar nesse sentido... começo dentro de grupos do Yahoo, depois Orkut, depois Facebook e é um meio de conexão, troca, cuidado, afeto, organização, mobilização entre pessoas que muitas vezes não se conhecem... tenho várias amigas de 20 anos com quem eu nunca estive presencialmente, algumas a gente não sabe o nome... sempre usou o apelido, aí descubro o nome... nossa, seu nome é esse? Não fazia ideia, as vezes a gente não sabe o rosto... tem gente que é estranha, coloca foto... bizarras.... uma imagem só de... a gente se acostuma, parece que aquilo não é dela... depois de um tempão a gente reconhece e fala: nossa, é você? É muito louco, nunca ouviu a voz... então ouve a voz e fala: nossa, esse sotaque é tão diferente, é muito engraçado... mesmo assim construído com muita confiança porque tem essa coisa, né? da relação contínua, noturna, nas madrugadas, nos finais de semana, nos dias de semana, através dos anos... as estações do ano, os filhos crescem, então é uma relação com muita concretude, solidez apesar de aparentemente descartável....

Renata Garcia Senlle: tá muito ligado uma coisa na outra, na verdade, né?

Raquel Marques: muito

Renata Garcia Senlle: aí a próxima pergunta pra você nem vai fazer sentido diante de tudo que você me falou... qual o impacto das redes na maternidade ou na sua maternidade? Não tem...

Raquel Marques: chega antes, né? chega tudo antes e eu acho que eu posso supor que me tornou uma mãe muito mais autônoma, confiante, autodidata... eu nunca fui uma pessoa de buscar... nunca liguei pra pediatra fora de consulta pra perguntar nada... sempre tive... meus filhos chegam num contexto em que há uma comunidade, apesar de eu ser uma mulher urbana, de uma família que não tinha muitas crianças... meu filho foi o primeiro a nascer da nossa geração... já tinha se desconectado muito das tradições... eu não perdi esse sentimento de vila, de saber cuidar de uma criança, trocar experiência de comadre porque eu tinha isso, né? como eu acompanhava esses grupos de mães cinco anos antes de engravidar e parir, então eu já tava muito acostumada a ouvir os sintomas, como é a vida de um recém nascido, coisas de amamentação... lógico, viver são outros 500, mas aquelas narrativas não me assustavam, já meio que sabia que ia passar por tudo aquilo... que eu podia passar por tudo aquilo, o que era problema, o que não era... então, isso me tornou uma mãe mais confiante assim... sem contar que a própria escolha de um parto domiciliar e as próprias escolhas que eu fiz foi uma escolha de muita confiança na natureza... então, isso vai dando...

Renata Garcia Senlle: uma acalmada?

Raquel Marques: é... critica a tecnologia, intervenção

Renata Garcia Senlle: você se declara feminista?

Raquel Marques: ah, sim

Renata Garcia Senlle: e qual foi a importância das redes sociais pro feminismo? Se houve essa importância, se tem uma relação também...

Raquel Marques: uma relação dialética, né? porque ao mesmo tempo que a gente forma, informa, tá na arena da opinião pública, influenciando essa opinião pública, a gente é influenciada por ela, então eu acho que qualquer uma de nós vai perceber... ainda mais com esse recurso que o Facebook traz de lembrança dos últimos anos, né? o quanto nós transformamos e somos transformadas por essa ágora, por esse espaço de troca que nós temos virtualmente. Sem dúvida fui influenciada, também há quem diga muito que eu influenciei... porque depende de quem você encontra, em que momento da vida X... então, vai ter pessoas que eu encontro em determinado momento... porque lá atrás, o feminismo era bem... era um feminismo do corpo, dos direitos reprodutivos... porque tem a ver com o parto... aí depois, com o nascimento das crianças, aí a concretude disso me trouxe o questionamento dos papéis de gênero, aí mais tarde o próprio feminismo de internet vai amadurecendo e a gente começa a ter umas bifurcações ali... as questões raciais, negras começam a aparecer... porque as raciais-índigenas eu vou conhecer só na bancada e as raciais e étnicas-ciganas eu vou conhecer porque eu fui atrás...então quando a gente fala: ah, as questões raciais, como se fosse uma coisa dada... não é bem dado... eu tô construindo aqui um texto crítico sobre o perfil das pessoas bi-raciais que é o meu caso, eu não deixo de me dizer parda... “ai, pardo é papel”, é a minha identidade, não tira isso de mim... a menos que a gente evolua pra um bi-racial, multirracial, alguma coisa assim... vou escrever um livro sobre isso

Renata Garcia Senlle: nossa quero muito ler isso... eu tenho muitas questões também sobre isso... mas pessoais também

Raquel Marques: é, eu acho um desafio com a minha história e os meus antepassados você dizer o que eu sou e o que eu não sou, só cabe a mim dizer o que eu sou e o que eu não sou... voltei à questão étnica, depois tem uma questão que é muito legal pra mim... o pessoal xinga muito, mas que é o feminismo radical que é o feminismo materialista, ele

pra mim faz profundo sentido.... pra criticar essa realidade.... e o feminismo interseccional, queer e tal que também tem o seu papel nesse mundo, embora eu ache ele muito liberal... aí tem outra, né? classista, marxista que eu acho bastante limitado... todo mundo começa lá no feminismo liberal, achando só que o “meu corpo, minhas regras” é o suficiente, aí vai evoluindo, enfim... feminismo é uma relação muito dialética, assim... como eu falo com muita gente na internet, não tenho medo de adicionar muita gente, de estar em diálogo com muita gente, então é muito frenético esse fluxo de informação...

Renata Garcia Senlle: uma coisa alimenta a outra na verdade, né? o fato de você estar exposta a redes, faz você ficar em contato com vários tipos de feminismo que vão te moldando e você falando pra alguém que é moldado também pelo que você fala? Acho que é um pouco por aí assim, né?

Raquel Marques: total

Renata Garcia Senlle: eu não sei se você já pensou nisso, se você tem como dizer, o que seria pra você uma maternidade feminista?

Raquel Marques: ai, eu não sei se eu divido as coisas exatamente nesse sentido.... não, não saberia dizer o que é uma maternidade feminista, não

Renata Garcia Senlle: aí especialmente durante a campanha como é que foi o uso das redes sociais em especial o Facebook? Eu tô focando no Facebook já que todas vocês tinham pelo menos essa plataforma em comum... e como você usou ele na sua campanha como candidata?

Raquel Marques: foi uma candidatura coletiva e isso é muito diferente de uma candidatura avulsa... o que eu procurei fazer foi pessoalmente manter um diálogo com as pessoas, eu resisto e tenho preconceito com um discurso figura pública que fica estéril, esterilizado politicamente correto... eu gosto muito de manter o coloquial, a humanidade, o cotidiano no discurso, como sempre foi... então eu meio que enfiei o pé nisso, mas eu acredito que nesse sentido o que existiu de movimento na gente e nas pessoas de mais impactante foi o próprio formato da candidatura coletiva... o formato da candidatura, ela em si foi a grande questão pra impactar as pessoas... eu lembro que eu lancei um marcadorzinho no Facebook dizendo que eu era pré-candidata à deputada estadual e a Anne lançou no mesmo dia ou um dia antes... aí a rede ficou meio assustada.... “nossa, a gente nunca teve candidata, agora nós temos duas... agora a gente vota na Anne ou na Raquel? O que a gente faz?” depois a gente apresentou que ia fazer numa mesma candidatura, isso por si só gerou muito entusiasmo e muita torcida das pessoas... isso foi e eu acredito que a gente teve muito mais retorno... sabe aquelas coisas? Da hora certa? Eu diria que a candidatura era quase fluiu sozinha porque havia um desejo, uma carência, um vazio por aquele tipo de representação específica que uma vez que as pessoas ficaram sabendo, pelo menos nas nossas redes... elas mesmas sem muito esforço, autonomamente foram levando isso a diante.... então, eu acho que foi uma candidatura muito lastreada na legitimidade, naquele instante porque ela não demandou tanto esforço, né? pra chegar onde chegou que não é nada pouco significativo, então é isso, assim.... o que que a gente fez? foi o próprio formato da candidatura que acho que nos empurrou e o momento... mais que a estratégia...

Renata Garcia Senlle: e você tinha tanto no Facebook a fanpage da Bancada Ativista, mas você também criou o perfil da Raquel Bancada especificamente pra esse momento?

Raquel Marques: criei, mas tipo... eu tenho uma dificuldade... quando você vai pra um perfil de página o que é inspirado ali é um lugar institucional e eu resisto, eu Raquel, ao

CPF 262765 a me institucionalizar, então é um diálogo muito tenso pra mim... hoje eu tô com uma assessora de imprensa que eu fico só falando minhas bostas, minhas piadas e falando até grosseria no meu perfil e ela filtra alguma coisa e coloca na página institucional, formata... pra não deixar ela morrer, aquilo não tem pulso, aquilo não tem verdade e eu não sei como solucionar isso não...

Renata Garcia Senlle: então, na verdade você também... o que eu entendo do que você tá me dizendo é que além desses dois canais institucionais, ainda continuou fazendo campanha no seu perfil pessoal ou falando mais...

Raquel Marques: pra mim funcionou... é, é, é, é... pra mim é o lugar principal... no momento da eleição da bancada... sem dúvida, a página da bancada tinha subsídios ali que animavam as pessoas, mas o vínculo com o eleitor não era na institucionalidade, era na amizade... eram as pessoas que tinham dormido comigo no chão do Largo São Francisco, sabe? tinha andado na Paulista, isso aí...

Renata Garcia Senlle: nem era o vínculo de eleitor, era uma outra coisa também, né?

Raquel Marques: sim, é uma tribo... um outro sentimento...

Renata Garcia Senlle: aí na bancada ativista, nem vou falar desse perfil... quando eu tô pensando no perfil institucional, falo da sua campanha, esse do Raquel Bancada mesmo... você chegou a usar post patrocinado ou era só orgânico?

Raquel Marques: na bancada ativista sim, no Raquel Bancada acho que não, acho que não

Renata Garcia Senlle: tinha outras redes além do Facebook que você pessoalmente como candidata, como co-candidata, usava ou foi bem direcionado pro Facebook?

Raquel Marques: eu lembro que eu usei muito o WhatsApp, muito, muito, muito... stories de WhatsApp e distribuição de coisas via WhatsApp porque é isso, assim... é onde eu acho que as pessoas pra quem eu falo estão, embora muita gente esteja no instagram também, eu não sei me comunicar tão bem por imagens, sei lá, é por aí...

Renata Garcia Senlle: aí, não sei se você consegue destacar qual foi a importância das redes sociais pra candidatura política em 2018, embora a sua candidatura seja diferente por ser compartilhada, né?

Raquel Marques: foi completamente essencial, nós tivemos votos em 95% dos municípios de São Paulo, municípios com 2.000 habitantes, tínhamos um votinho lá... isso pode ter algumas hipóteses, uma hipótese é que tivemos uma boa cobertura de jornal do PSOL... a mídia surpreendeu conosco e deu uma boa cobertura o que chamou a atenção de pessoas que estavam mais longe, a segunda hipótese é que São Paulo é uma metrópole e concentra pessoas do estado inteiro que depois voltam pra votar nas suas cidades, isso também deve ter ajudado nessa pulverização, mas se isso fosse completamente verdadeiro... praticamente todo candidato da capital teria bastante penetração no interior, né? e a terceira questão é o digital, né? que eu boto um bom peso nisso aí que são esses vínculos e tal que a gente vai locando e são pessoas muito entusiasmadas, acho que quem se entusiasmou pela candidatura se entusiasmou de verdade e depois sai convencendo os amigos, os parentes – mesmo os que moram longe – a votar

Renata Garcia Senlle: as candidatas todas tinham uma presença digital bem relevante, né? a maior parte deles?

Raquel Marques: [balança a cabeça em sinal negativo]

Renata Garcia Senlle: quem que tinha mais?

Raquel Marques: eu e a Cláudia e Anne

Renata Garcia Senlle: vocês três?

Raquel Marques: os outros não... tinha uma presença territorial, local... Fernanda especificamente Capão Redondo... Paula especificamente

Renata Garcia Senlle: Mônica?

Raquel Marques: Mônica, Itu... Érica, Itu... Shirlei, tribos indígenas... tribos não... comunidades indígenas, acho que é assim que se fala... tribo não se usa mais. É isso...

Renata Garcia Senlle: quais foram as suas propostas e objetivos pra campanha?

Raquel Marques: minhas propostas... a gente fez quase um esquiteamento dos temas vigentes e meu tema que eu trago é saúde, direitos reprodutivos e mulheres

Renata Garcia Senlle: especificamente sobre a bancada de mães ativistas, qual foi a importância das redes sociais pra criação da Bancada de Mães Ativistas?

Raquel Marques: então, a bancada de mães ativistas eu acho que é uma coisa que nasce um pouco a partir do meu empurrão, depois o empurrão da Anne... porque desde quando a Artemis foi fundada, eu falo: a gente tem que sair, a gente tem que ocupar... isso tá no histórico meu de discussão e da própria Artemis e aí eu falo: meu objetivo é: uma mulher mãe ativista em cada um dos 5.5000 municípios do Brasil... aí eu venho desde até antes, talvez 2014... eu já começo uma mobilização de: vocês tem que saírem candidatas, começou a chamar uma, a outra... 2014 não virou nada... aliás, virou, algumas pessoas saíram, mas deu uma boa flopada... algumas pessoas já saíram em 2014... aí teve 2014, 2015, 2016 que é um simpósio que se encontram várias pessoas no movimento do parto...todas as pessoas que eu conhecia lá e tal, que eu gostava: você que tá aí em Mariana, Minas Gerais, tem que sair candidata... você e tal... ficava enfiando essas coisas, aí em 2018 algumas toparam... especialmente depois que viu que a gente ia e tal... aí entraram nisso. A minha ideia era que a gente conseguisse entrar num partido e eventualmente ter o mesmo número todo mundo e fazer uma campanha que atravessasse, sabe? que falasse: se você votar XXX999 você certamente estará votando em qualquer lugar do brasil, mesmo que você não conheça a pessoa... em alguém que tem a mesma plataforma, é da nossa rede, é de confiança... então você pode falar pra sua irmã que tá no Pará votar nesse número que ela vai ter uma pessoa que vai estar nessa pauta... não conseguimos chegar nesse lugar, os partidos políticos são muito complicados... o PSOL especificamente onde a gente tava é um capítulo completamente a parte, mas... a cara dela [risos] mas, rolou alguma coisinha aí, vamos ver

Renata Garcia Senlle: tem uma semente de algum modo, né? começou

Raquel Marques: uhum...

Renata Garcia Senlle: aí disso tudo, dessa organização as redes sociais foram necessárias ou importantes pra que especificamente?

Raquel Marques: pra tudo, pra delimitação da ideia, confirmação de que esse era um caminho legal... captação de recurso... a gente teve 80.000 de crowdfunding e se a gente for pensando em presença digital sou eu, Anne e Claudia e o resto era zero à esquerda e

a própria bancada... a própria bancada como se fosse o décimo elemento dessa candidatura porque é um movimento de pessoas, classe média alta, de Pinheiros, Vila Madalena que já tinha também essa pegada digital... tem um movimento bancada aí que é o décimo co-candidato e que também trouxe bastante dinheiro, eu, Anne e Claudia e o movimento bancada... a gente deu esse lastro e 80.000, embora a gente pense “nem é coisa de outro mundo”, é maior inclusive do que o presidente da república... alguns lançaram e tiveram desempenho pior, então foi bastante significativo... os candidatos ficaram preocupados... começaram a colocar dinheiro no seu crowdfunding pra não parecer tão flopado esses novatos... foi uma bela provocação o que a gente fez, foi bem legal

Renata Garcia Senlle: aí você conhecia todas as outras integrantes da bancada ativista? Como foi essa articulação?

Raquel Marques: me repete os nomes...

Renata Garcia Senlle: é, deixa eu pegar todas... pra não faltar ninguém... Thais Ferreira, Polly do Amaral

Raquel Marques: não conhecia...

Renata Garcia Senlle: Lana Luna...

Raquel Marques: sim

Renata Garcia Senlle: A Ilka

Raquel Marques: opa

Renata Garcia Senlle: Alessandra

Raquel Marques: sim

Renata Garcia Senlle: Andrea Werner, a Anne

Raquel Marques: sim

Renata Garcia Senlle: e a Ludmilla

Raquel Marques: a Ludmilla? Sim... conhecia, bem de leve... a única que eu não conhecia mesmo era a Thais Ferreira

Renata Garcia Senlle: Thais? tá

Raquel Marques: conheci ela no gabinete da Helou

Renata Garcia Senlle: sim... e como foi pra criar esse título da Bancada de Ativista e montar esse grupo, ao menos nesse momento... uma foto que eu encontrei nessa pesquisa em que vocês tão todas reunidas, se autointitulando Bancada de Ativistas? Você lembra disso?

Raquel Marques: nem lembro disso

Renata Garcia Senlle: eu compartilho aqui pra você ver

Raquel Marques: tem todas mesmo

Renata Garcia Senlle: tem, é linda a foto

Raquel Marques: deve ter sido então... até a Ilka?

Renata Garcia Senlle: todas... foi daí que eu fechei o objeto de estudo... foi daí.. vou te mandar depois... se você quiser que eu compartilhe aqui ou mando já

Raquel Marques: eu quero... vou ver o cenário ver se eu lembro desse dia

Renata Garcia Senlle: tem todas e é isso, no dia 29 de agosto que a maior parte de vocês...

Raquel Marques: ah, ok, uma montagem... você quer me matar do coração, é uma montagem, ah tá

Renata Garcia Senlle: o que que você tinha entendido?

Raquel Marques: pensei: nossa, estive com todas elas e não lembro... pensei que era uma foto com todas nós juntas... falei: onde nós estávamos? Teve algumas coisas, por exemplo... teve o lançamento de candidaturas de uma frente chamada: Ocupa Política que foi aqui no Teatro Oficina e vieram pessoas... algumas vieram aqui mesmo não sendo de São Paulo, né? mas eu não lembro de ter tido todas... a Ilka acho que se filiou no último dia

Renata Garcia Senlle: super em cima...

Raquel Marques: mas ok... mas praticamente todas, tirando eu acho Ludmilla, Thais que eu não conhecia e a Andrea Werner... elas certamente foram xavecadas por mim também... não sei se eu posso dizer que eu influenciei na decisão delas, mas eu já havia dito pra elas que elas deviam estar na política, então eu já vinha nessa construção com elas... algumas... talvez a Lana, a Alessandra talvez tivesse concorrido antes, inclusive...

Renata Garcia Senlle: a Lana já, em 2016

Raquel Marques: então é isso, essa construção... como a gente tava com a Anne e a bancada já tava andando... a Anne tem muito esse recorte dessa coisa de mãe... aí ela acrescentou mais algumas pessoas e tal

Renata Garcia Senlle: puxou essa organização

Raquel Marques: eu tenho algum recorte mais específico sabe... é uma mãe do movimento do parto, eu não me sinto da identidade com qualquer mãe.... não me sinto da identidade com a Andrea Werner, por exemplo... tem um link que tenho com algumas e não tenho com outras.... de experiências compartilhadas mesmo, sabe? isso faz mais sentido

Renata Garcia Senlle: de conectar mais integrantes que tem conexão maior com o movimento do parto humanizado do que com outras pautas da maternidade e infância, talvez? É por esse caminho?

Raquel Marques: é porque me parece que essa coisa do parto... e esse compromisso do parto, ele influencia mais coisas, sabe? numa visão de mundo, assim... ele é mais solidário, mais sensível a outras questões... quando eu vejo a Andrea, por exemplo eu vejo ela pouco solidária a outras questões ali... ela bate no martelo da criança... não vejo nem que ela lide com maternidades, né? nem com gestação, nem com... é especificamente a pauta das crianças com autismo.... e é muito válido, mas eu não sinto essa fluidez, um jeito de pensar o mundo, sabe? pode ser preconceito meu, mas eu não me sinto compartilhando valores muito com ela...

Renata Garcia Senlle: tipo uma coisa mais holística assim, de visão de mundo... aí, por último, qual a importância que você enxerga em existir uma bancada de mães ativistas na política?

Raquel Marques: mais que uma bancada de mães simplesmente... é porque a gente teve bancada do batom, das mulheres... não basta ter mulheres na política, não basta ter mães na política... então, isso é muito importante... precisamos de pessoas que estejam... numa acessibilidade da minha perspectiva, de uma generosidade com o mundo, um cuidado com o mundo, isso atravessa todo mundo, sabe? o preto, o branco, o indígena, o morador de rua... é olhar pro morador de rua e ver que ele já foi uma criança... então passa por esse lugar de cuidar... uma postura... a Anne traz muito isso, essa atividade, esse cuidado, essa generosidade de mãe... se fosse falar em bancadas de Mães, com M, num sentido meio arquetípico do que é ser mãe, eu ficaria um pouco mais sossegada... eu acho que quem tá nessa pegada ou do estereotipo ou do arquetipo de Mãe, com M, do que cuida, do que regenera, do que zela, que cura... acho que o mundo precisa disso... quando você olha pra primeira ministra da Austrália, da Nova Zelândia, na verdade e como ela se dirige as pessoas daquele país, as palavras que ela usa, as decisões que ela toma é de zelo... é de proteção, é de inclusão... é isso que a gente faz dentro de casa... como feminista fico um pouco, as vezes, conflitante pensar: não tô aqui viajando em papéis de gênero meio estereotipados? Mas, eu não tô muito preocupada, nesse instante, nisso... tanto que eu nem faço um recorte: temos que ter uma bancada de mães, porque como eu acabei de te dizer... é um perfil que eu não consigo necessariamente colocar em palavras e tô colocando exemplos e metáforas que talvez sejam imprecisas, inadequadas, mas é isso... essas pessoas que tiveram essas experiências... ter um filho e falar: cara, eu me doo, sinto dor por qualquer criança que passa fome porque eu olho pra ela e vejo meu filho, sabe? quem consegue sentir isso, eu percebo, por mais legal que sejam as pessoas, tendo não só essa vivência de maneira integral não consegue sentir como eu sentia antes de ser mãe... então, esse click que deu na minha cabeça, deu na cabeça de muitas... de cuidar de uma vida, de zelar e amar incondicionalmente aquelas vidinhas, né? talvez eu não consiga traduzir em palavras, mas tenta entender aí... me ajuda

Renata Garcia Senlle: não, eu tô pensando... a minha dissertação tá muito nesse caminho que eu ainda não consegui aterrissar, assim, sabe? aterrar... eu entendo essa coisa meio nebulosa e acho que de algum modo estamos parindo isso, sabe? isso está vindo...

Raquel Marques: é, uma energia aí que...

Renata Garcia Senlle: isso está vindo, assim... eu acho que a gente tá num grande puerpério social, coletivo e vai vim, não sei

Raquel Marques: essa ideia do pai que castra, vingador que seu pai vai chegar e vai bater em você... “quando seu pai chegar, eu conto pra ele”, né? que vem botar a coisa em ordem, é bem estilo Bolsonaro, né? a prisão, a morte, a cadeia, a vingança

Renata Garcia Senlle: a punição

Raquel Marques: o castigo, já deu o que tinha que dar, sabe?

Renata Garcia Senlle: já deu... já deu de ficar sugando

Raquel Marques: a gente precisa de mais água no feijão... que faça bolinho de chuva no fim da noite

Renata Garcia Senlle: que acolha mesmo, né? isso que você falou do zelo, de saber cuidar, nutrir... não precisa ser só mulher, não precisam ser só as mães, nem só as mulheres, né? é um modo de ser.... o maternal precisa deixar de ser só feminino

Raquel Marques: sim

Renata Garcia Senlle: muito bom... era isso, Raquel. Conseguimos...

Raquel Marques: Aê! Que bom

Renata Garcia Senlle: então, muito obrigada, mais uma vez pelo seu tempo, pela...

Raquel Marques: tá bom... acho que não rolou nada assim mais delicado

Renata Garcia Senlle: não, né? fechado, super obrigada, beijo. Tchau, tchau

Raquel Marques: tchau!

ANEXO K - Thais Ferreira

18/03/20 - (51:24) - : <https://youtu.be/r9-Gs2P5oGc>

[Thais encontra-se sem vídeo disponível]

Renata Garcia Senlle: Começamos a gravar a entrevista com a Thais Ferreira... Thais, queria que você me dissesse seu nome... como você prefere que eu use?

Thais Ferreira: eu sou Thais Ferreira mesmo

Renata Garcia Senlle: Idade?

Thais Ferreira: tenho 31 anos

Renata Garcia Senlle: cidade?

Thais Ferreira: sou do Rio de Janeiro, morando em São Paulo

Renata Garcia Senlle: ah, você mora em São Paulo agora? Tá...

Thais Ferreira: é, até junho...

Renata Garcia Senlle: aí vou fazer perguntas de autodeclaração... fica à vontade se você não quiser responder...

Thais Ferreira: ok

Renata Garcia Senlle: gênero?

Thais Ferreira: sou do gênero feminino, né? mulher cis

Renata Garcia Senlle: classe social?

Thais Ferreira: classe C

Renata Garcia Senlle: orientação sexual?

Thais Ferreira: heterossexual...

Renata Garcia Senlle: estado civil?

Thais Ferreira: solteira, em união estável, né?

Renata Garcia Senlle: tá... cor/raça? Como você se autodeclara?

Thais Ferreira: preta

Renata Garcia Senlle: você é mãe de quantos filhos?

Thais Ferreira: sou mãe de três filhos, dois vivos

Renata Garcia Senlle: você foi candidata, em 2018, pela primeira vez ou já havia sido candidata antes...

Thais Ferreira: não, fui candidata pela primeira vez

Renata Garcia Senlle: agora já entrando nas questões relacionadas ao uso de redes sociais, ativismos, feminismos e maternidade... quando que você começou a usar as redes sociais? Você se lembra?

Thais Ferreira: olha, eu uso redes sociais desde 2001, na verdade... comecei em fórum de internet, passei pelo MSN, ICQ, Orkut.... já fazia gestão de comunidade ainda na minha adolescência, né? então, em 2005 eu tinha a maior comunidade que falava de cabelos crespos no Orkut, fazia parte também da moderação da maior comunidade de pessoas pretas também

Renata Garcia Senlle: que máximo

Thais Ferreira: minha vida com rede social começou bem cedo

Renata Garcia Senlle: começou antes do Orkut... 2001?

Thais Ferreira: 2001, comecei bem adolescente... fórum de internet começou em 2005.... 2001 eu tava pré-adolescente na verdade, né? 2005 eu já tava mais ativa, fazendo um ativismo nas redes... na questão de empoderamento de pessoas pretas e questão de combate ao racismo mesmo em redes sociais e proteção pras pessoas pretas...

Renata Garcia Senlle: já vou entrar um pouco mais fundo na parte do ativismo, mas ainda em uso de redes sociais... hoje você usa quais redes?

Thais Ferreira: hoje eu uso Instagram, Twitter e o Facebook.... acho que são perfis de uso bem diferentes...

Renata Garcia Senlle: você se diz ativista de quais causas hoje?

Thais Ferreira: olha, eu essencialmente sou ativista do combate ao racismo, né? então, essas causas de negritudes, é uma causa pra mim que é uma causa raiz... todas as outras são desdobramentos dela... questão da primeira infância que é muito forte pra mim... é a única forma que a gente tem de corrigir as desigualdades de raça, gênero... começam quando a gente é criança... então, essencialmente uma ativista da questão da negritudes.... depois vem primeira infância e maternidades

Renata Garcia Senlle: seriam as três que você se declara? Negritudes, primeira infância e maternidade... quando você fala negritudes no plural, o que você tá abarcando com isso?

Thais Ferreira: porque a gente fala tanto do povo preto periférico que mora nas favelas, quanto os povos de comunidades tradicionais, quilombola... a gente fala também das pessoas que tão fazendo ativismo e empoderamento econômico... do black Money, né? afro-empresendedores, até o ativismo de mulheres negras.... que aí a gente pode dividir entre várias vertentes... feminismo negro interseccional, questão do mulherismo africano, mulherismo afro-americano, né? que são as mulheres latino americanas... da diáspora¹⁰⁰.... então falo negritudes porque o movimento é muito diverso em si e não existe uma universalidade negra, né?

Renata Garcia Senlle: sim

¹⁰⁰ “O termo diáspora expressa as experiências de pessoas que, em razão da escravidão, do colonialismo, do imperialismo e da imigração, foram forçadas a deixar sua terra natal”. (COLLINS, 2019. p.73)

Thais Ferreira: a gente comete esse erro de afirmar essa universalidade, mas ela não existe... então, a gente fala dum conceito mais pluriversal mesmo, por isso que eu coloco esse *s* no final

Renata Garcia Senlle: e a mesma coisa com

Thais Ferreira: primeira infância, maternidades... sempre com essa questão pra poder abarcar a pluralidade que existe

Renata Garcia Senlle: bacana... tá... seu ativismo começou antes ou depois das redes sociais ou por causa das redes sociais?

Thais Ferreira: eu acho que começou antes das redes sociais, né? antes de qualquer coisa... eu venho de uma família monorracial, meu pai e minha mãe são pessoas negras de pele retinta... então, antes de nascer a criança já sabia que ela era preta, que ela era periférica e que ela era pobre... depois que veio a ser menina, menina e mulher... então essas questões sempre atravessaram a minha existência e a minha família teve um papel muito forte... eram pessoas que participavam ativamente da comunidade... então, essa percepção da consciência, da pessoa preta, pobre, periférica do Rio de Janeiro.... depois menina negra na escola... são situações sociais que a gente vai vivendo... então, a internet surgiu pra mim como uma ferramenta pra convocar essa voz, esses pensamentos no mundo e ganhar alcance... começou antes e eu usei a internet como uma ferramenta pra chegar mais longe, né?

Renata Garcia Senlle: aí quando você começou a usar a internet como ferramenta pros seus ativismos, como que foi isso?

Thais Ferreira: então, como eu falei, comecei a usar a internet muito cedo... estive conectada à internet quando tinha doze anos de idade... da minha escola, da minha turma, era a única pessoa que tinha esse acesso... então, prover acesso a outras pessoas que eram, as vezes, da minha idade... não era comum, por isso que decidi fazer... por isso que eu considero um ativismo... minhas amigas entraram na internet pela primeira vez na vida na minha casa... a gente usava esse acesso pra fazer pesquisa, ter acesso a outros conteúdos que nos eram negado... ninguém tinha dinheiro pra revista, pra consumir conteúdo... então, a gente usava a internet naquela época já pra isso... aí foi uma coisa que eu fui amadurecendo... fui entendendo como eu queria incidir, né? depois de dar acesso a essa ferramenta... ia mudar o mundo de todo mundo... experienciei aquele bug do milênio já com computador, essa virada... então, dar aquele acesso ali foi uma coisa que já considero um ativismo... depois foi uma questão de estética mesmo, porque fui crescendo, fui virar adulta entendendo onde essa minha beleza se encaixava, onde não se encaixava.... porque em alguns lugares era moda ser preto, ter cabelo black... e em outros sofria vários preconceitos... a internet foi virando essa ferramenta pra visibilizar essas problemáticas e discutir sobre elas também...

Renata Garcia Senlle: quando começou esse ativismo online foi no Orkut? Por conta dessas comunidades que você citou?

Thais Ferreira: isso, nos fóruns a gente discutia isso... mas aí eu vou te falar, eu era bem novinha, então as discussões eram muito incipientes... no Orkut, lá pelos anos 2005... a gente conseguiu... falo a gente porque eram pessoas que estavam buscando esse tipo de movimento, né? então, no Orkut a gente conseguiu mobilizar mais pessoas... a *Crespíssimos* na época tinha sei lá 5.000... nem lembro como a gente falava, mas 5.000 pessoas na comunidade... e a *Negros RJ* tinha 60.000 pessoas na comunidade... então, ali a gente levantava discussões sobre preconceito racial, a gente levantava questões sobre

empregabilidade pra juventude, acesso à universidade... porque era quando tava acontecendo o boom, né? movimentos de cotas.... então, foi muito acontecendo a medida que a gente foi crescendo e amadurecendo.... as discussões também... disputava as narrativas de cultura sobre funk, sobre hip-hop... foi mais ou menos assim...

Renata Garcia Senlle: sim...

Thais Ferreira: sexualidade também, né? sexualidade sempre foi uma discussão bastante presente... pra mim que venho de escola pública... aí com treze anos as meninas começaram a engravidar, a gente já trazia essa discussão sobre como era essa gravidez na adolescência pras meninas da periferia, maior parte meninas negras também... como era esse relacionamento com o corpo, isso era discutido também na internet... através dessas comunidades

Renata Garcia Senlle: aí vocês faziam alguns encontros presenciais? Como você falou, né?

Thais Ferreira: sim... antigamente era muito famoso o Orkontro, né? nome feio pra uma prática muito comum... então, a gente fazia nos finais de semana os Orkontros pra discutir essas questões de cabelo... os encontros eram mais em balada mesmo.... tinha uma coisa de sentar e ir numa praça de alimentação do shopping, rodizio, tudo mais.... mas o que fazia parte era mais voltado pra cultura black do Rio de Janeiro... tinha o viaduto que é o espaço Rio Charme, no Rio, que era onde os encontros do *Negros RJ* aconteciam em sua maioria.... o outro não... o da *Crespíssimos* eu fazia um encontro quinzenal, aí movimentava bastante gente do Rio de Janeiro todo, era bem legal

Renata Garcia Senlle: aí... pensando assim qual a importância das redes sociais pro seu ativismo? Pro desenvolvimento do seu ativismo

Thais Ferreira: então, acredito que desde aquela época, né? acompanhei o desenvolvimento das redes, cresci usando essa ferramenta de comunicação... foi importante pra ganhar escala, alcançar mais pessoas, conhecer outras vivências... porque na *Crespíssimos*, numa época onde poucas pessoas discutiam sobre empoderamento estético das mulheres negras, eu tinha acesso a conversar com mulheres negras que estavam nos Estados Unidos discutindo isso de forma mais avançada, trazendo informações sobre cronograma capilar, sobre as dificuldades de cabelo ondulado, né? a internet era um lugar de quebrar essas fronteiras, eu nunca conseguiria conversar com essas mulheres lá nos Estados Unidos, mas com a internet eu tinha acesso, trocava informações em comunidades, né? e ganhava alcance... porque aqui no Brasil a gente pensava que não ia chegar... na comunidade tinha pessoas do Brasil inteiro... a internet, pra mim, sempre foi esse lugar de amplificar as vozes pra ganhar alcance e que essa mentalidade fosse disseminada...

Renata Garcia Senlle: sim, tá.... em relação a rede social com maternidade, qual foi o impacto da rede social pros temas da maternidade, das maternidades, na verdade, e pra sua maternidade?

Thais Ferreira: então, eu vivenciei essa questão de cuidar de crianças de forma integral na primeira infância quando eu era adolescente... não engravidei, mas a minha prima e o meu irmão tiveram filhos bem jovens.... meu irmão com 17 anos e a minha prima com 23 anos, os dois no mesmo período e eu fui a pessoa ali, tinha meus 16 anos, 15 que cuidava dessas pessoas que nasceram... buscava muita informação sobre o desenvolvimento das crianças... aí naquela época eu gostava bastante de internet nesse período aí... tinham um fórum que era muito famoso que era o e-female, né? muito famoso, ainda existe... e-

famele.net que era onde a gente buscava informação e também uma comunidade de famílias de mulheres, de pais que queriam ser mães e cuidadoras também sobre essa questão de maternidade..... não era maternidade que eu não era mãe, mas da maternagem que eu vivencio desde a adolescência... depois, eu e meu companheiro quisemos ter filhos relativamente jovens, né? a gente buscou bastante informação, virei tentante... já conheci esse caminho... de troca e tudo mais, foi muito importante pra mim essa decisão de ser tentante, de ter contato com conteúdo de qualidade, conteúdo seguro, troca de experiências... me ajudou bastante porque ninguém incentivava muito nossa decisão de ter filho cedo, ter filho com 23, 24 anos....

Renata Garcia Senlle: nossa

Thais Ferreira: então a internet foi uma rede bacana com a gente... aí usei bastante pra buscar informação e até pra conversar mesmo com a minha família, que também deveria ser a minha rede de apoio... pra entenderem que a nossa decisão era amparada em evidencia, baseada em certeza do que a gente queria e tudo mais.... depois, minha primeira gestação, meu filho foi natimorto, perdi meu filho com 34 semanas e por estar nos grupos de internet, já sabia que era uma gestação de alto-risco, sabia das chances de ter um aborto sem explicação, até trambofilia, no SUS não tem exame de rastreio obrigatório.... então a internet, as redes sociais, o ativismo, acabou me auxiliando bastante a saber pra onde ir, então foi no grupo de mulheres mães que perderam seus filhos sem explicação que buscavam diagnostico que eu descobri a especialista que fechou meu diagnostico, foi nesse grupo que eu descobri quais eram os exames possíveis, o que era a trambofilia... então, foi uma troca importante num período que eu tava vivendo um luto também... então, essa questão do luto materno, sete meses depois... engravidei.... em tão pouco tempo... meu primeiro parto foi uma cesariana, né? aí fomos discutir sobre parto vaginal pós cesariana, foram os grupos e fóruns que me proporcionaram entender que era possível e também me munir de conteúdo pra discutir e debater com os médicos que iam me atender... então, assim, total a minha vivência tá super colada a essa oportunidade que eu tive de vivenciar comunidade na internet, de encontrar nessa comunidade apoio, entrar nessa comunidade conteúdo... as vezes não tão saudável, né? porque tem isso também... a gente tem que saber, passei por esse período quando tava grávida pela segunda vez... falei: nossa, dá trambofilia tem muitas pessoas que creditam o sucesso das gravidezes ao tratamento médico, é uma coisa que eu sou contra, né? remédio ajuda, mas ele não é tudo... uma coisa bem mórbida, tirar foto de criança rodeada com injeção que a gente tem que tomar... uma injeção de anticoagulante, né? mas o conteúdo tóxico também já tinha ferramenta pra me afastar dele... então, pra mim foi mais tranquilo, coisas que existem e que eu ignorei, assim... passei por esse período e depois já com meus filhos vivos eu continuei entendendo que mais do que nunca... nem continuei a entender, eu vi que foi materializado essa necessidade de ser ativista mesmo, ser entusiasta da primeira infância que é o período essencial, período que reverbera pra nossa vida toda, né?

Renata Garcia Senlle: sim

Thais Ferreira: comecei a me mobilizar e mobilizar outras pessoas também pra não só verem a importância dessa causa, mas pra de fato causar mudança.... porque quando a gente fala em mobilização, tem que falar de deslocamento social, né? então, como que a gente tem que sair desse lugar de achar que aquela criança é só um lugar pra explorar a criança como uma oportunidade de desenvolvimento e de avanço pra toda humanidade, pra toda sociedade... e foi a internet!

Renata Garcia Senlle: nossa, incrível... só voltando no nome do grupo que você falou, eu sei que tá gravado, mas também tô anotando aqui pra não perder o rumo do pensamento depois, é *Grupo de mulheres mães que perderam filhos sem explicação?*

Thais Ferreira: é... tinha vários grupos, mas geralmente quando você procura por aborto sem explicação nesses fóruns, você encontra alguns grupos focados nisso... o diagnóstico é realmente muito vazio, ainda mais quando é a primeira perda, quando a mulher é saudável aparentemente... o médico sempre fala: você é jovem, não tem explicação, você vai tentar de novo e a criança é perfeita.... aí a gente fica nesses grupos buscando bases pra encontrar um diagnóstico... alguma coisa tem que ter acontecido de errado no nosso corpo, né?

Renata Garcia Senlle: sim

Thais Ferreira: isso é muito comum

Renata Garcia Senlle: eram fóruns não era Orkut?

Thais Ferreira: não, aí já tava no e-female.net, já tinha saído do Orkut... minha primeira gravidez foi em 2011, em 2012 eu perdi meu filho, 23 de junho... engravidei no final de 2011, perdi o bebê, foi óbito fetal, em junho de 2012... já tava no Facebook, tava em vários grupos do Facebook, mas mantive esse grupo do e-female porque é um fórum que eu considero bacana... tem muito acumulo ali, né?

Renata Garcia Senlle: sim... vou até procurar mais sobre ele porque não apareceu em nenhuma das respostas e faz parte também

Thais Ferreira: tem uma galera reaçã, uns grupos meio esquisitos, tem que filtrar, mas tem coisa boa lá

Renata Garcia Senlle: vou fuçar sim... agora em relação ao feminismo... você se declara feminista?

Thais Ferreira: não, na verdade não... eu construo essa minha perspectiva de mulheridade mesmo, leio muito mais sobre a questão das bases africanas, respeito o trabalho das feministas negras, sempre... mas me vejo mais numa perspectiva afro-diaspórica mesmo, uma gestão matriarcal que vem das mulheres africanas... entre o feminismo e o mulherismo africano, eu tenderia mais ao mulherismo, mas tô bem tentada a querer contar a minha história, né? a gente acaba se reduzindo a um movimento... gosto de contar essa minha história sobre ser mulher, mulher preta em primeira pessoa.... então, bebo dessas fontes, leio mulheres... esse é um compromisso que eu tenho... mas não gosto desses rótulos, acho que preciso encontrar uma palavra melhor pra definir, principalmente quando a gente fala de mulheres negras

Renata Garcia Senlle: você consegue descrever pra mim o que seria o mulherismo africano e por que ele te contempla mais?

Thais Ferreira: porque o mulherismo africano traz essa reflexão do matriarcado africano, né? falam dessas grandes nações que existiram em África e como a gente se percebe africano em diáspora, né? a gente não é daqui, a gente veio a partir de sequestro... a gente percebe que a gente não pode apenas falar dessa questão de gênero, a gente precisa falar dessa questão de restituir a humanidade não só a partir do gênero, mas a partir de todo um povo... então, eu não posso deixar de falar... trazer a questão do homem negro, do menino negro... sou mãe de dois meninos negros, sou companheira de um homem negro há 16 anos, sou filha de um homem negro também... então, essa perspectiva de

povo... de projeto de poder pra um povo, projeto de equidade e humanidade pra um povo, rehumanização é onde o mulherismo me contempla mais

Renata Garcia Senlle: tá, tô aqui anotando.... depois vou até... não faz parte diretamente dessa minha pesquisa porque eu tenho que reduzir infelizmente, mas eu tô super interessada em autoras que vão nessa linha... então, se você puder me sugerir...

Thais Ferreira: te passo referencias... sou amiga de duas grandes estudiosas do tema aqui no Brasil, [nomes incompreensíveis 20min15s] posso te passar artigos delas

Renata Garcia Senlle: quero muito, quero muito... aí, houve importância das redes sociais para o seu encontro com o mulherismo africano?

Thais Ferreira: sim, sim... dessa busca por mulheres negras, a gente sempre acaba encontrando e desencontrando esse movimento de mulheres... quando eu conheci essas pessoas que hoje são minhas amigas... a gente estuda, lê e cresce junto... foi também através da internet... e através da internet a gente tem acesso a muito conteúdo que não tá na biblioteca, não tá na referência bibliográfica quando a gente tá na academia, na faculdade... então, a internet tem o seu papel importante no acesso a esse tipo de conhecimento... seja ele traduzido ou não... muitas vezes a gente tem que ter o trabalho de fazer tradução de alguns conceitos, mas conhecer intelectuais negras africanas também aconteceu por conta desse acesso à internet em grupos que discutiam esses assuntos

Renata Garcia Senlle: você falou do matriarcado... eu não sei se você consegue saber qual foi o impacto dessa filosofia, posso dizer? É uma filosofia?

Thais Ferreira: sim... é gestão matriarcal, chama de ge-mater

Renata Garcia Senlle: qual é o impacto dela na sua própria maternidade hoje, o que muda em relação a comportamento e atitude?

Thais Ferreira: muda bastante coisa porque na gestão matriarcal a gente em o principio de que a gente gera e gerencia vidas, né? mulheres... então, essa maternidade da história da África não é um lugar de subalternidade, é realeza, poder, lugar de possibilidade de estruturar e formar caráter... uma coisa que é muito bonito que a gente aprende é que maternar pra questão matriarcal é acender o sol do outro, né?

Renata Garcia Senlle: ah, que lindo

Thais Ferreira: é bem bonito.... então, ter essa perspectiva me livrou de bastante culpa, uma culpa que é cristã, católica que vem desse lugar eurocêntrico

Renata Garcia Senlle: sim, totalmente...

Thais Ferreira: maternidade compulsória, muitas vezes não é desejada e acontece... sempre tive essa coisa da maternidade ser muito desejada por mim e não queria que ela virasse esse lugar de culpa, né? então, o contato com o ge-marter africano me fez ver que era possível ser uma grande Iaba, uma grande mãe, né? que essa mãe tenha uma oportunidade que não é uma sobrecarga, é uma coisa que é que te dignifica, sabe? é uma perspectiva de maternagem que valoriza mais a mulher, valoriza mais esse trabalho e não coloca ele num lugar de

Renata Garcia Senlle: opressão

Thais Ferreira: lugar de opressão, exatamente... na verdade liberta

Renata Garcia Senlle: sim, eu acho maravilhoso isso porque meu desconforto com o feminismo era como sempre enxergava a maternidade como o lugar da opressão e eu tô muito nessa linha, me interessa muito... tô começando a me interessar muito por esses autores porquê de fato enxergam um valor e um poder, uma potência que eu também encontro na minha vivência....eu não vejo isso na teoria, não vejo isso em outras filosofias de vida

Thais Ferreira: é, na filosofia africana você vai encontrar muito a maternidade como esse lugar, aí, de fato, é uma coisa que é muito libertadora, assim... você entende melhor o papel da rede de apoio.... pelo menos eu hoje aceito e peço ajuda de uma forma que não é humilhante, de uma forma que, sim, a gente tem essa interdependência, é bem interessante... bem interessante mesmo

Renata Garcia Senlle: maravilhoso mesmo... empolgante só de ouvir você falar... daí, em especial pra candidatura política: como é que foi o uso das redes sociais, em especial do Facebook na campanha de 2018?

Thais Ferreira: na campanha de 2018 as redes sociais fizeram toda diferença, a gente tinha uma campanha que era muito... uma campanha de baixo custo... PSOL não tinha muito recurso financeiro, então ter montado uma boa comunicação nas redes, saber com quem a gente queria falar, pra quem a gente tava falando... aí isso veio muito nessa minha trajetória, já sabia muito bem com quem eu conversava na internet... já tinha o micro target bem afinadinho... de quem eram aquelas mulheres, mulheres mães, mulheres negras, homens negros... sabia que não existia lugar do homem branco na minha comunicação e tava tudo bem com isso.... a gente usou internet pra ser bem assertivo.... então, nossas mensagens eram muito claras, funcionavam pro público que tinha que funcionar... aí fez toda diferença... começou uma página do zero, só falando de política, em 2018 mesmo... a gente começou a página acho que em abril de 2018, só falando de política... apontando muitas questões do racismo... muito dos embates, né? raça e classe, atravessamento nesse corpo periférico que são maioria, a gente conseguiu bastante sucesso porque converteu... se a gente for falar em quantos likes e quantos votos, a gente praticamente dobrou o número de likes em votos... a gente tinha uma página com 13.000 curtidas, nosso Instagram era bem pequeno... a gente fez 24.759 votos

Renata Garcia Senlle: caramba

Thais Ferreira: então, a gente acredita muito isso à comunicação digital... conseguiu... e a não ter medo... porque a gente percebeu é que na movimentação quando a gente falava em candidaturas negras, a gente queria meio que romper... ou você tinha aquele lugar de imprimir uma figura, uma persona que naturalizava e glamourizava a pobreza, trazia aquele estereótipo da mulher negra humilde e pobre... mais apagado, né? aquela coisa meio Marina Silva quando começou... depois a gente tinha uma questão de precisar da validação do homem branco... a gente se inspirou na campanha da Marielle Franco, né? pra frente, trazendo aquela mulher negra debaixo do braço e falando: olha, essa daqui eu valido, essa daqui vocês podem confiar... a gente queria fugir um pouco disso, a gente tava tendo uma onda muito de criação e afirmação positiva da estética negra... pra que embranquecer? Pra que colocar um terninho? Uma roupa mais social, por que vou embranquecer o meu discurso? Falar de forma acadêmica pra falar de forma qualificada quando o povo que eu tenho que atingir são pessoas que falam com a gente, por mais que tenham passado pela academia, são pessoas que ainda moram nas periferias, nas favelas... são mulheres que hoje querem usar seu turbante, colocar sua roupa colorida, seu cabelo black... hoje elas entendem que elas podem e devem fazer isso... sendo mulher da

periferia, a gente vê que a maior parte dos lares são chefiados por mulheres, são mães que dão conta da tripla jornada e que também vão pro samba no final de semana... então, como a gente sabia disso tudo, a gente não se preocupou em criar uma persona distante que fosse: ah, vou apresentar agora a solução... a gente falou: não, nossos problemas, nossas soluções... trazendo essas pessoas pro centro porque nós éramos essas pessoas que tavam na margem que tinham que ir pro centro.... essa coisa entre candidata e público alvo.... a gente até buscou fazer isso, mas a gente tem que falar com a gente mesmo... campanha era feita por mulheres negras.... então tinha que falar com a gente... o que os políticos tão fazendo é justamente o contrário, a gente quer gente como a gente... aí quando a gente colocou esse... a gente tirou esse lugar do recorte, a gente conseguiu ser muito assertivo e acho que foi aí que a gente acertou na comunicação mesmo, né? nas redes sociais... o Facebook foi nosso principal aliado... política é tratar, discutir... é mais pra Facebook, né?

Renata Garcia Senlle: é

Thais Ferreira: então, a gente tinha uma interação.... tinha um conteúdo que era responsável e uma equipe que era bastante responsiva... então, a gente tinha uma interação muito boa... a estratégia de comunicação que a gente aderiu.... eu tinha disponibilidade pra poder responder, ver os comentários, compartilhar... fazer real, né? que tava se tratando de mim e elas... então, foi um acerto que a gente teve, assim... totalmente possibilitado pelo Facebook como ferramenta de comunicação... aí depois foi o Instagram

Renata Garcia Senlle: Facebook e Instagram, né?

Thais Ferreira: é, mas como você falou mais de Facebook... Instagram não investiu tanto nele nem no Twitter na época... e, como eu falei são perfis de usos totalmente diferentes, né? eu mantenho perfis de uso muito diferentes.... Instagram foi onde a gente se dedicou a construir mais diálogo com as pessoas... Facebook, na verdade... onde a gente começou a construir mais diálogo... o Twitter era mais pra gente ver o que tava acontecendo, mas a gente entendeu que nosso público não tava lá... aí a gente não investiu no Twitter... no Instagram a gente começou a se posicionar por conta da imagem mesmo que era mais fácil de disseminar e tinha interação nos stories que foi uma coisa que pra gente mudou bem também... mas, a gente não chegou a crescer tanto... Facebook a gente cresceu bastante... pra você ter noção a gente cresceu no Instagram depois da campanha...

Renata Garcia Senlle: nossa

Thais Ferreira: é, fiquei usando aquele Instagram como Instagram pessoal e foi crescendo, assim... pessoas gostam de saber da nossa vida, né.... aí foi crescendo, tá crescendo aos pouquinhos

Renata Garcia Senlle: bacana... uma coisa que eu esqueci de perguntar é se você teve blog a respeito de maternidade

Thais Ferreira: não, na época que eu tive blog... tive blog adolescente de poema, depois eu tive um blog só sobre a questão estética mesmo, né? aí encerrei essa minha vida de blog precocemente e não fiz mais blog não... nem blog nem canal no Youtube

Renata Garcia Senlle: tá, bacana.... durante a campanha você trabalhou com posts patrocinados dentro do Facebook? Ou foi tudo orgânico?

Thais Ferreira: então, a gente só começou a patrocinar 15 dias antes das campanhas porque em 2018 foi bem complexo, né? patrocinar posts... todo mundo tava meio que aprendendo, era uma novidade ainda. aí a gente só conseguiu patrocinar 15 dias antes da

campanha, deu um resultado legal no nosso conteúdo.... foi uma campanha que no final das contas teve um bom desempenho orgânico... foi também depois com o patrocínio... a gente teve mais de três milhões de interações nas redes sociais... aí uma boa parte delas no Facebook, a gente usou tecnologia pra analisar... a gente chegou num número bem grande de interações que vieram... se eu for falar pra você... como a gente usou nos últimos quinze dias, 70% do nosso conteúdo teve bom desempenho orgânico e 30% que usamos patrocínio, na reta final

Renata Garcia Senlle: tá... aí qual foi o principal motivo de você se lançar numa candidatura com esse viés de maternidades, primeira infância e negritudes?

Thais Ferreira: então, logo depois que eu perdi esse primeiro filho... eu tive que fazer essa corrida louca pra entender o diagnóstico e quando eu engravidei novamente fui me tratar no SUS... eu nunca tinha estado no SUS, porque apesar de ser da periferia, pobre e tal... minha mãe sempre teve plano de saúde... era funcionária pública de baixo escalão, né? então, sempre tive plano de saúde e tinha uma assistência digna, sempre precisar de saúde pública... mas, eu decidi, na época, me tratar na saúde pública porque tinha um ambulatório especializado em trombofilia em gestação, quando eu cheguei nesse ambulatório lá no Rio, todas as mulheres eram iguais a mim: negras da periferia... mas tinha uma diferença muito gritante: sempre tive acesso à informação e maior parte delas não tinha acesso à informação e não conseguiam entender nada que a médica tava falando

Renata Garcia Senlle: que desespero

Thais Ferreira: era desesperador... era assim: lugar não tinha papel higiênico, não tinha água... não tinha espaço pra ficar com criança... falei: gente, que isso que tá acontecendo? Onde é que eu tava, né?

Renata Garcia Senlle: sim

Thais Ferreira: aí eu falei: puts, vou ter que fazer alguma coisa aqui... aí falei: seria legal procriar com essas mulheres num atendimento de saúde que fosse respeitoso pra todo mundo, inclusive pra pessoas como nós... eu na gravidez tava tendo uma assistência particular.... tinha água, tinha suco, biscoito... tinha uma mulher que limpava banheiro a cada 28 minutos e ali na realidade do SUS era tudo sujo, tudo feio... a questão da amamentação era tratada de forma ruim, assim... os pôsteres que tinham era de 1987... quando inaugurou o espaço lá, a unidade materno fetal deles.... tinham coisas muito velhas, falei: nossa, que horror... comecei a conversar com as mulheres, comecei a me conectar com elas... elas toparam contar a história delas pra mim, toparam contar as dificuldades pros profissionais de saúde também... aí eu prototipei um projeto que funcionava como um negócio social onde eu fazia educação e saúde nas comunidades... educação e saúde já voltada pra mulher-mãe de todas as idades porque a gente tinha desde mulher com 11 anos de idade sendo grávidas de alto risco até mulheres de 45 anos, já na sexta perda e tudo mais e as crianças sempre tiveram ali... aí a gente protipou isso de educação e saúde pra mulher-mãe da comunidade e crianças de 0 a 6 anos.... por entender já a importância da primeira infância... aí sempre que eu conversava com as pessoas falavam: ah, você vai fazer uma ONG? Vai fazer política? Porque o projeto que eu desenhei, já estudava sobre inovação social e inovação política... o projeto que eu pautei era muito inspirado nos círculos de políticas públicas, né? aí eu falei: bom, pode ser um caminho.... entendendo esse caminho, vendo que as coisas funcionaram comigo, com algumas mulheres que eu pude apoiar com os meus filhos... a política tem que ser esse lugar social.... primeiro que eu não consigo patrocínio porque eu tô dando uma solução que não interessa ao mercado.... mercado realmente prefere que a gente fica nesse lugar

da ausência.... segundo: tem que virar política pública pra todo mundo ter acesso... tem o SUS que é bacana no papel, mas como que a gente transforma ele na prática? Como que a gente combate o racismo estrutural? Institucional? Como que a gente combate toda essa desigualdade na prática, usando a saúde pública pra isso.... aí eu vi que era uma boa plataforma de política e resolvi, muito inspirada nessa história minha de ter dois filhos no hospital público, parto normal... essa luta pra ter acesso à doulagem, uma luta também pra fazer doulagem coletiva em outras mulheres, questão de acompanhamento a mulher e adolescente.... descobri que tinha uma plataforma política que era muito potente ali e que a gente podia explorar... em 2018 eu resolvi, por conta disso tudo, me candidatar e fui....

Renata Garcia Senlle: aí foi via PSOL, você que foi pro-ativamente levantar essa candidatura?

Thais Ferreira: sim, eu não tinha nenhum grande vínculo com o partido... eu conhecia a Marielle Franco que na época fiz uma reunião na minha casa e ela foi e me convidou pra poder filiar.... só que a Marielle me convidou no final de 2017... tava lançando um projeto do PSOL que era *Mulheres na política*, aí no início de 2018 a gente se encontrou de novo, rolou essa reunião... depois em março, no 8M ela falou: e aí, vai fazer sua candidatura ou não vai? Falei: ah, vou... tinha decidido 6 de março, encontrei com ela no 8... dia 14 ela foi executada... então, eu falei: bom, se eu chego num lugar que ninguém me conhece, né? sou ativista da margem, não sou ativista institucionalizada, não tinha grandes relações institucionais com movimento nenhum... porque é isso, tava num movimento de margem... se eu chego num lugar e falo: olha, Marielle me mandou aqui... a mulher tá morta, não podia fazer nada...então ia ser interpretado como oportunismo e eu falei: não, vou fazer isso sozinha.... sabia que não era sozinha... tinha pessoas que me apoiariam... vou fazer isso sozinha, sem nenhum padrinho ou madrinha institucional, mas vou fazer isso levantando a minha rede... fui e me filiei sozinha mesmo e pleiteei a candidatura que na época foi aprovado, a gente conseguiu fazer... tinha o apoio do partido, era militância orgânica, sem dinheiro, sem fundo, nada.... mas o número e a legenda teve em 2018, foi o que a gente conseguiu

Renata Garcia Senlle: tá, beleza... eu encontrei nessa pesquisa das mães ativistas, as candidatas um post específico que tem essa Bancada de Mães Ativistas... não sei se você se lembra desse post...

Thais Ferreira: lembro

Renata Garcia Senlle: tinha onze mulheres mães espalhadas pelo Brasil... aí eu queria saber se você lembra da onde surgiu a ideia desse post, como ele foi criado?

Thais Ferreira: então, a gente tinha uma conexão já desse ativismo Brasil... tinha uma conexão também que todas tavam se lançando pelo PSOL

Renata Garcia Senlle: é

Thais Ferreira: aí na época, a Ligia, a Andrea, a Raquel Marques... todo mundo falou: por que a gente não faz uma bancada e lança uma candidatura coletiva... aí quem podia na hora e tinha gente disponível... manda foto aqui e vamos lançar, foi uma coisa meio assim... vamos aproveitar que a gente tá na mesma legenda, mesma pauta pra lançar uma Bancada de Mães Ativistas que estão no Brasil... pra gente conseguir, com nossas redes, impulsionar umas às outras, que eu me lembre foi isso... a gente tem um grupo, mandei a minha foto no WhatsApp...

Renata Garcia Senlle: dessas onze mulheres?

Thais Ferreira: isso, a gente trocava sobre essas angustias, essa coisa de ser mulher-mãe, dificuldades com partido, com família.... foi um grupo de apoio importante

Renata Garcia Senlle: lógico... até porque era inédito isso, né? de mulheres mães ativistas, se lançando a uma candidatura política, né?

Thais Ferreira: sim, e a gente muitas vezes não sabia, assim, nem o que tava fazendo... se tivesse até mais estratégia na época... mais tempo também, né? não é fácil conciliar tudo que a gente tava fazendo... acho que a gente conseguiria fazer um movimento muito mais resistente e grande mesmo, né? com mais alcance

Renata Garcia Senlle: tudo muito rápido também, né? lançamento da campanha, poder falar até a eleição, muito rápido....

Thais Ferreira: sim, eram campanhas totalmente diferentes, né? estrutura todo mundo pouquíssima estrutura... mas na questão de relacionar mesmo com essa questão de estar candidata, né?

Renata Garcia Senlle: sim... você conseguiria dizer qual a importância das redes sociais pra criação da bancada de mães ativistas?

Thais Ferreira: então, a principal importância foi conseguir conectar essas mulheres... se não fosse a internet talvez a gente não se conhecesse, né? uma já via o trabalho da outra, já conhecia de alguns grupos, já vinha de ativismo materno... então a gente podia se referenciar a partir dos lugares e posições que a gente se encontrava no ativismo digital

Renata Garcia Senlle: por fim, última pergunta, qual importância você acha que tem ter uma bancada de mães ativistas na política?

Thais Ferreira: olha, acho que é super importante essa questão da disputa de narrativas, né? tem a bancada da bala, bancada do boi, bancada evangélica.... e, a bancada de mães né? colocando as mulheres mães como socializadoras iniciais e do povo como um todo, da sociedade, é super importante... porque por essas mulheres, por nós mulheres-mães... nesse lugar de nutridora, lugar de motivação, lugar de regeneração coletiva, lugar de complementariedade quando a gente vai falar de homens e mulheres, lugar de equilíbrio, né? quando a gente fala dessa participação de mulheres-mães na política, acho de extrema importância... acho que é uma movimentação que precisa ganhar cada vez mais força... muito embora a maioria dessas mulheres mães estejam presas a esse estereótipo nesse lugar social desse lugar-mãe e isso cause um cansaço e muitas delas desistem e ficam traumatizadas, acho que é um movimento que merecia ganhar força por ele ser de fato o pilar central da construção do que a gente chama de sociedade... se a gente for colocar a mulher no lugar de centro, nessa perspectiva que eu trouxe da questão de agência africana e tudo mais... a gente consegue de fato falar de emancipação do povo, né? quando a gente constrói a gente vai na tri-potência, não tem exclusividade de gênero que tem uma centralidade que é na família... cidadão de bem que se preocupa com a família, né? aí a gente fala dos ancestrais e dos que ainda virão a nascer.... então, é super importante, assim... sou entusiasta desse movimento, acho que ele deve ganhar mais corpo de uma forma bem ampla pra poder caber todas essas diferenças, pra gente poder falar a vontade que o feminismo não é rival do mulherismo... que as questões das problemáticas de raça precisam ser discutidas por todo mundo, não é uma coisa que cabe só o lugar de fala de preto... porque só preto pode falar, racismo é inerente a realidade de qualquer pessoa, né? então acho que a partir da maternidade a gente fica muito mais sensível a tudo isso porque

a gente tá falando de criar novas pessoas que viveram o futuro... então, acho que nada mais importante que isso... problema é que a gente não recebe financiamento, sofre com descrédito, né? uma coisa que eu penso bastante é que tipo, um dos grandes problemas do Brasil é a descrença social na palavra da mulher... a palavra da mulher que é mãe, então, meu deus do céu, né?

Renata Garcia Senlle: me fale mais sobre isso que eu quero te ouvir... qual a visibilidade que a mãe tem na política?

Thais Ferreira: então... se você for ver a questão de violência política você encontra muito mais situações de mulheres mães quando a gente vai falar de vivência política... eu acho que esse lugar da maternidade, como instrumento pra fazer violência política as mulheres “você tá fazendo política então não tá dentro de casa, não vai estar presente na vida dos seus filhos, não vai dar atenção ao seu marido”... então, esse lugar da mãe que na verdade é bruxa, que na verdade é vaca, né? esse lugar da animalização, da demonização da mulher-mãe é muito comum, muito mais comum do que da valorização... então, na política acho que a questão da maternidade ainda é muito utilizada pra praticar violência... a gente precisa ressignificar esse lugar, né? como que a gente traz essa consciência, a autoconsciência pra mulher, né? de que ela é o centro ali, ela é formadora inicial da socialização das pessoas.... consequentemente de toda sociedade, de que é nutridora, motivação... como que a gente faz com que a mulher entenda que a política é pra ela participar quando, no contexto que a gente vive, essa maternidade e essa maternagem são usadas, na verdade, como instrumento pra praticar violência... então, é muito violento o que acontece com a gente, enquanto mulher na política.... a visibilidade que a gente ganha é, na verdade, na questão de diminuição, de reducionismo... não tô deixando você animada, né?

Renata Garcia Senlle: acho esse tema sensacional... por isso que eu tô tão empolgada em falar com todas porquê... a Anne fala isso do efeito mãezinha, né? você é anulada.... a maternidade não é vista como uma potência, é um apagamento completo... quando deveria ser o oposto...

Thais Ferreira: volta pra casa você tá grávida, volta pra casa se tá amamentando, volta pra casa porque seu filho tá te esperando

Renata Garcia Senlle: exato

Thais Ferreira: volta pra casa se ele ficou doente, é sempre a mãe... sempre a mãe quem vai marcar, então.... você não tem espaço naquele lugar onde os problemas são muito mais importantes do que seu filho, é o que dizem pra gente, né?

Renata Garcia Senlle: exato...

Thais Ferreira: não pode participar porque, enfim... tem que ir lá fazer comida se não a criança vai ficar com fome... não pode participar porque tem que sair pra dar mamar... o que a gente tem tentado fazer.... eu acho que essas mulheres que tavam na época da plataforma e outras que se candidataram que hoje exercem cargos públicos e que tão exibindo suas barrigas no plenário, tão amamentando seus filhos durante as sessões e tudo mais é falar que não... isso aqui sempre aconteceu, isso é normal, a gente precisa também desse espaço... são vocês que tão jogando a gente pra margem, né? agora a gente não aceita mais ser empurrada pra esse lugar... muito embora sejamos minoria, né? as mulheres quando respondem pesquisas sobre política... tem algumas pesquisas que eu posso te indicar que falam: eu não tenho perfil de política, né? porque eu não tenho

personalidade, porque eu tenho filhos, porque eu não vou saber falar alto... porque eu não vou saber ser homem, é logico...

Renata Garcia Senlle: exato

Thais Ferreira: você é mãe e não é pra você ser homem, é uma outra política que a gente propõe, né? repensar tudo isso é uma mudança cultural muito grande que vai doer em todo mundo... acaba doendo primeiro na gente porque a gente já tem essa culpa muito normalizada, né?

Renata Garcia Senlle: sim

Thais Ferreira: a gente sai com culpa, a gente volta com culpa.... não falo nem de mim, falo a gente em geral porque não sou só eu não [risos]

Renata Garcia Senlle: maravilhosos

Thais Ferreira: saio, deixo eles, confio no meu companheiro, ele cuida tão bem quanto eu, vai com minha mãe também.... se for diferente vai ser diferente... a gente tem tanta coisa pra fazer que não dá pra ficar se alimentando dessa culpa... essa culpa, na verdade, a gente fica alimentando na gente mesma, né? arrancando um pedaço daqui, vai ficando vazia

Renata Garcia Senlle: e é paralisante mesmo

Thais Ferreira: exatamente, imobiliza total... um lugar que é bem importante, até você falou que o mulherismo te interessou... é o lugar da autodeterminação

Renata Garcia Senlle: sim

Thais Ferreira: então, esse lugar da autodeterminação é uma coisa que salva assim filosoficamente, né? que você pode se autodeterminar... então, hoje eu me autodetermino... me autodeterminei política, mulher-mãe, preta... nessa potência, com essa capacidade toda me deixa muito mais confortável... não vou dizer que sou uma pessoa 100% segura em todos os meus atos não... tem hora que você faz cagada e pensa: meu deus do céu, sou péssima... mas com essas ferramentas eu acho que me deixaram mais a vontade pra entender né? esse papel que não é só de sobrevivência e permanência, é de continuidade, né? vivencia mesmo

Renata Garcia Senlle: curioso você falar da autodeterminação porque o mais próximo que eu cheguei desse pensamento são com as feministas negras e uma que mudou bastante o rumo de como eu pretendo escrever é a Patrícia Rio [hipótese] Colis, ela fala um pouco disso né?

Thais Ferreira: ah, maravilhosa...

Renata Garcia Senlle: maravilhosa... isso me pegou de um jeito... ela conseguiu articular coisas que eu não conseguia verbalizar e eu precisava, sabe? então, é um pouco nessa linha que eu acredito que as onze candidatas acabam fazendo sem se autodeterminar, sabe?

Thais Ferreira: só que assim... quando a gente fala da gente, né? dessa vivência... nesse grupo acho que só tinha eu de mulher negra... essa nossa vivencia a gente tá desafiando um paradigma civilizatório, né? então, é ser e estar no mundo, como que a gente retorna, como que a gente faz... eu me vejo muito mais à vontade em me autodeterminar porque se eu não fizer isso, nossa... é humilhação pura, é racismo.... a outra alternativa é

apagamento, silenciamento... até no parto de mulheres brancas também, a gente não vai falar que mulher branca é boazinha só porque ela é mulher... mulher branca, muitas vezes, reproduz tanto racismo quanto um homem branco

Renata Garcia Senlle: completamente

Thais Ferreira: entendendo a lógica das opressões beleza... mas, na hora que precisa ela vai reproduzir o racismo e você vai estar ali ainda nesse lugar de subalternidade... então, esse lugar da autodeterminação é super, super importante... acho que todas as mulheres, não só as negras, mas as mulheres brancas deveriam se apropriar disso porque de fato é uma coisa que fortalece a caminhada, principalmente enquanto mãe, né?

Renata Garcia Senlle: sim... eu acho fantástico, assim... realmente é uma coisa que estrutura o modo como a gente age

Thais Ferreira: sim

Renata Garcia Senlle: eu acho que foi tudo, Thais, não sei se você quer complementar com alguma coisa que você acha importante dizer a respeito dessa jornada toda que você falou

Thais Ferreira: acho que uma coisa é importante... sobre quando eu falo que não sou feminista, sou mais mulherista é entender que não tem riscos uma política feminista, acho que é só uma lucidez de entender de entender que as agências são antagônicas, né? falo de empoderamento de raça enquanto povo, né? e não só enquanto mulher, acho que é importante deixar isso claro... muitas vezes falam: ah, mulherismo tem rixa com feminismo... não, a gente não tá nesse lugar de se colocar um contra o outro... é só uma questão de bases filosóficas diferentes... até porque o único opressor possível vai continuar sendo o homem branco

Renata Garcia Senlle: exato

Thais Ferreira: então, a coisa acho que é legal de falar

Renata Garcia Senlle: ótimo você reforçar

Thais Ferreira: acho que de política já falei a questão da violência, né? que a maternidade parece um lugar muito violento, acho que não queria deixar de falar isso

Renata Garcia Senlle: não, muito bom... ninguém tinha citado, assim... a maternidade acaba sendo um instrumento de violência como você disse, né? achei muito bom

Thais Ferreira: eu senti pelo menos isso, assim... me condenaram só por estar tentando e desafiando um sistema louco que... nossa, você vai virar, seus filhos não vão mais te ver, vai virar uma péssima mãe... enquanto homens tão fazendo isso o tempo todo e continuam sendo pais pra caramba, né? da boca pra fora... pra mim não fazia muito sentido

Renata Garcia Senlle: sim

Thais Ferreira: acho que era mais sobre isso

Renata Garcia Senlle: perfeito... queria te agradecer muito então... se você precisar adicionar qualquer outra coisa você me fala e é isso, depois vou te mandar esse formulário que eu falei a respeito da autorização de uso da nossa conversa aqui

Thais Ferreira: tá legal, se tiver outra dúvida também só me chamar

Renata Garcia Senlle: pode deixar

Thais Ferreira: tchau, tchau, um abraço

Renata Garcia Senlle: obrigada, um abraço, Thais, tchau!